

Eddie Van Feu

Alcateia

Prateada



Ilustrações de Carolina Mylius



Alcateia

Prateada

Por Eddie Van Feu

Alcateia - Prateada

Copyright © 2009 Eddie Van Feu

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma, ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto em casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

Direitos reservados

Editora Linhas Tortas

Rua Engenheiro Adel, 83/102

Rio de Janeiro - CEP: 20260-210

Tel: (21) 3872-4971

Endereço Eletrônico: *linhastortas@alcateia.com*

Site: *www.linhastortas.com*

Conselho Editorial:

Renato Rodrigues

Luciana Werneck

Ricky Nobre

Revisão: Josephine Samuelle

Direção de arte (capa e miolo): Carolina Mylius

Visite nosso endereço no outro plano (o virtual): ***www.linhastortas.com***

Sumário

Agradecimentos:

Prefácio

Capítulo 1

Numa noite de Lua Cheia

Capítulo 2

Sapatos velhos para pés cansados

Capítulo 3

Um homem perigoso

Capítulo 4

A Moeda de Ouro

Capítulo 5

O Dia Seguinte

Capítulo 6

Umas simples garrafas de vinho

Capítulo 7

A Flor e o Desespero

Capítulo 8

A Fuga

Capítulo 9

Caça e Caçador

Capítulo 10

Caçadores

Capítulo 11

A Transformação

Capítulo 12

Mudanças no Inverno

Capítulo 13

A Festa das Fadas

Capítulo 14

Uma esperança na Alvorada

Capítulo 15

Lágrimas e Sangue

Capítulo 16

Um sábio conselho

Capítulo 17

Por ela

Capítulo 18

Um Baile numa Noite de Verão

Do Livro Queimado da Bruxa de Gévaudan

Sobre a Iniciação das feiticeiras dos bosques

Sobre os povos encantados e suas cidades secretas

Sobre a Guerra dos Seres Encantados

Sobre como fazer a verdade aparecer

Sobre métodos de induzir alguém a fazer o que queremos

Sobre como ganhar a simpatia de pessoas importantes

Sobre a maior força da magia e do Universo

A Magia para acalmar o coração e afastar o desespero

Sobre como ficar invisível aos inimigos

Sobre os poderes das sílfides e como obter seus favores

O homem que tudo sabia e nunca morria

Sobre os segredos da vida, da alquimia e da verdadeira transformação

Sobre o como as palavras se elevam aos céus e descem ao submundo, chegando a todos os mundos inferiores e superiores

Sobre o mundo das fadas, seus favores e perigos

Sobre como atrair a boa sorte e espantar a má

Sobre os estranhos casos de possessão e como curar doenças

Da importância da Sabedoria para se ter tudo que se deseja

Sobre como mudar e se transformar em outra pessoa

A Autora:

A Ilustradora:

Dedico este livro à Marcelo Luís de Oliveira Matos, um bom amigo e parceiro de muitas aventuras no mundo dos quadrinhos.

Quando Alcateia era ainda quadrinho, Marcelo Matos montou uma pequena gráfica e trabalhou muito para baratear os custos e levar Alcateia ao público. Até que ele grampeou o próprio dedo e quase o perdeu. Assim, podemos dizer que essa história tem um dedo do Marcelo e não podemos negar que ele deu seu sangue para que ela fosse contada.

Mas não é por isso que dedico este livro a ele. Marcelo acompanhou Alcateia desde o começo e sempre acreditou nela, dando opiniões, críticas e sugestões que fizeram a obra crescer. Seu amor pela obra, seu carinho pelos personagens, sua visão da real mensagem que ela contém e seu apoio constante são o real motivo para essa dedicatória.

Agradecimentos:

A história que você vai ler é um mundo que não existiria com tanta riqueza se não fosse por algumas pessoas.

Gostaria de agradecer à Carolina Mylius, que abraçou a obra com o coração e não a abandonou, mesmo quando percebeu que este filho daria muito trabalho.

À Áxia Stowe, uma grande desenhista cuja mente ferve de ideias e imagens fantásticas, deu muita alma à Alcateia e muitas de nossas conversas, que atravessavam a noite, me ajudaram a compreender melhor os personagens e suas ações. Áxia desenhou o primeiro álbum de Alcateia em quadrinhos e parte do segundo, nos acompanhou a eventos, foi uma boa amiga e terá para sempre minha gratidão, assim como seus pais, que sempre nos deram toda a força possível nessa aventura.

Impossível não agradecer a toda Equipe Frente!, que ralou e apostou nessa história, varando noites colocando balões, letras e viajando para eventos de anime e mangá. Ricky Nobre, Luciana Werneck e Patrícia Balan sempre estiveram prontos para ler e fazer suas críticas, boas e ruins, o que gerou discussões e tornou esta uma obra muito mais rica.

Agradeço também a Richard Diegues, um excelente escritor e também editor da Tarja Editorial, que sempre me deu ótimas dicas sobre o mundo da ficção e dos livros de histórias assombrosas, ajudando a trazer Alcateia do mundo dos quadrinhos para o mundo das palavras.

E, finalmente, não posso deixar de agradecer aos leitores de Alcateia, que cobraram, pediram e exigiram ver o restante da história! De certa forma, vocês foram uma grande inspiração pra mim também!

Espero que o resultado esteja à altura da ajuda que recebi, dos amigos que tive ao lado nesses tempos e da expectativa dos que esperaram para conhecer o mundo do Château das Vertentes e ouvir as palavras de uma bruxa que viveu em Gévaudan.

Prefácio

No mundo dos homens, ela foi um paradoxo. Apaixonou-se, brigou, fugiu, riu alto e ficou meio bêbada em bares. Também falou baixo e soube ser discreta, cultivou boas maneiras e amizades importantes. Isso explica porque ela sobreviveu tanto tempo, pois o mundo dos homens era implacável quando uma mulher se comportava como um deles.

Ela não tem nome. Não por enquanto. Na verdade, também não tem idade. Sabia-se que tinha cabelos de fogo e olhos da cor de esmeraldas. Alguns, no entanto, diziam que ela tinha uma farta cabeleira negra e olhos da cor do abismo mais profundo. Todos concordavam numa coisa. Ela era uma bruxa.

Andou por vários países da Europa, mas foi na França que tudo começou e terminou. Como, não é importante agora. Ninguém sabe exatamente de onde ela veio e quando lhe perguntavam, ela dizia que vinha de Gévaudan. Verdade ou mentira – porque nunca se sabia o que seu sorriso queria dizer – foi assim que ficou mais conhecida: A Bruxa de Gévaudan.

Não era uma bruxa muito discreta e sempre tinha que sair batida da cidade pra não ir parar numa fogueira ou numa forca, pois ainda eram os tempos da Inquisição, e a Bruxa de Gévaudan irritava muita gente com sua língua afiada e senso de humor cínico (além de ser uma bruxa, claro, o que certamente a tornava uma boa candidata ao churrasquinho na praça no domingo, depois da missa). Com o tempo, tentou ser mais discreta. Não adiantou. Cedo ou tarde, os olhos recaíam sobre ela. Para o bem ou para o mal. Geralmente, para o mal. Aí, ela, que não era uma bruxa burra, percebia que seu gato sumia e entendia rapidamente o sinal. Corria no meio da noite. Diziam que as cidades que deixava penavam anos de infortúnio, creditados a uma maldição que ela e suas ancestrais jogavam sobre os homens. Mas você não deve acreditar em tudo que ouve. As pessoas dizem muitas coisas!

A última vez que a Bruxa de Gévaudan foi vista foi durante a Revolução Francesa. Nessa época, ela já tinha aprendido uma importante lição sobre a vida. Se quer parecer mais magro, ande com uma pessoa mais gorda que você. Se quer parecer mais bonita, ande com amigas feias. Se quer ser discreta, mas é contra sua natureza, ande com alguém tão escandaloso que atraia para si toda a atenção.

Esse alguém se chamara, no passado, Marie Gouze, mas em pleno turbilhão da Revolução, era conhecida por Olympe de Gouges. Se a questão era indiscrição, a Bruxa não podia ter escolhido ninguém melhor!

Filha de uma família pobre, pai açougueiro e mãe empregada doméstica, Olympe ainda era Marie quando casou-se, muito jovem, com um providencial

marido rico que a tirou da pobreza a que estava fadada. Providencialmente, ele também fez-lhe o favor de morrer logo, deixando a bela viúva com dinheiro o bastante para fazer o que queria. E ela fez! Foi para Paris, onde assumiu o nome Olympe de Gouges.

Sua beleza e inteligência logo lhe abriram portas para a nobreza e para os salões dos intelectuais. Olympe era, sim, bonita e tinha uma bela cabeça pensante. Infelizmente, essa cabeça pensante também tinha uma boca que parecia ter vida própria.

Olympe e a Bruxa eram amigas. Ao menos, era o que diziam. A Bruxa aparecia eventualmente, com seu olhar observador e sorriso ingênuo. Os homens queriam saber quem era ela, mas Olympe logo os afastava. Sua amiga não estava disponível. Olympe já tinha seus problemas em afastar os homens de si mesma. A imagem que passava confundia os homens da época. Acharam que ela era uma pistoleira em busca de um marido rico, mas ela provou estarem todos errados quando recusou a proposta de casamento do seu então amante Jacques Biatrix de Rozière. Então, acharam que era uma mulher da vida, o que também não era verdade. Quando o Duque de Orleães (que, segundo as más línguas, tinha um trelelê com a Rainha, Maria Antonieta), convidou-a para jantar e mandou entregar em sua casa uma baixela de prata, ela jogou o presente porta afora aos gritos de “Não sou uma cortesã!”. Isso inibiu outras tentativas.

Todos suspeitavam da amiga misteriosa de Olympe. À boca pequena, diziam que era uma feiticeira que dava à Olympe elixires da juventude em forma de banhos (era a única explicação para que ela cultivasse o hábito bizarro de tomar banho todos os dias!). E, pelo jeito, o feitiço funcionava. Ela estava sempre bela e jovial. Olympe não gostava de dizer sua data de nascimento. Uma vez disse que nascera em 1755, mas dizia-se que nascera em 1745 ou 1748. Era um mistério, como todo o passado de Olympe, que ela tentou apagar.

Frequentadora dos cafés da moda, Olympe era uma libertária e tinha uma afiada mente política. Participou ativamente da Revolução, redigindo panfletos e manifestos. Era, apesar da educação precária, uma escritora compulsiva, produzindo mais de 30 peças em menos de 25 anos. E foi a primeira feminista da História. Para ela, se uma mulher podia subir ao cadafalso, também podia subir à tribuna. Era, definitivamente, uma mulher à frente do seu tempo. Com coragem, defendia o fim da escravidão, o divórcio, direitos para mães solteiras e filhos nascidos fora do casamento e igualdade civil entre homens e mulheres.

Claro que ela se uniu de corpo e alma aos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Com palavras, inspirou os cidadãos a apoiarem a causa. E deu o exemplo, doando a quarta parte de seus bens para a Revolução. A amiga Bruxa também abraçou a causa, abrindo mão de sua discrição para pegar em armas e lutar

bravamente. Nenhum braço armado, mesmo o de uma mulher, era recusado pela Revolução. E a Bruxa de Gévaudan mostrou saber o que estava fazendo.

No entanto, foi no auge da luta armada que ela desapareceu. Não se sabe se partiu para outra cidade, pois a Bruxa assim fazia: chegava, pouco ficava e logo partia. O que se sabe é que numa das pilhas de livros retirados das casas nobres e impiedosamente incendiados, encontrou-se um livro assinado pela Bruxa de Gévaudan. Retirado às pressas antes de ser totalmente consumido pelas chamas, o livro se tornou um achado para os estudiosos de magia, contando em detalhes suas experiências místicas, suas receitas de elixires e poções, seus rituais e sua visão do mundo, contados através dos eventos, encontros e conversas que teve com pessoas de toda sorte, como um diário secreto de alguém muito especial. Roubado, escondido, descoberto, disputado, o Livro Queimado da Bruxa de Gévaudan se tornou um item de valor incalculável!

Voltando à Revolução... Bom, deu tudo errado. O que era pra ser uma grande mudança para melhor, uma promessa bonita de igualdade e fraternidade, se transformou em Terror, um banho de sangue e um festival de traições. Olympe era civilizada demais para aceitar o caminho que as coisas estavam tomando. Logo percebeu que as coisas não haviam mudado como prometido. Ao menos, não para as mulheres. Sua Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã foi um tapa na cara do novo regime, uma acusação de mentira e de traição. Em 1792, seus amigos intelectuais já tinham fugido, mas Olympe ficou para lutar pelo que acreditava.

Contra a pena de morte por princípio, defendeu abertamente o Rei Luís XVI, o que levou uma multidão enfurecida a bater na sua porta com gritos de “Traidora!”. Ela não se escondeu. Saiu e enfrentou a multidão de peito aberto (como muitos homens não fariam). Um provocador a tomou pelos cabelos e encostou a lâmina de seu sabre em seu pescoço, dizendo:

– Vinte soldos pela cabeça de Mme. Gouges! Alguém dá mais?

Ao que a própria Olympe respondeu:

– Ofereço uma moeda de 30 soldos e peço a preferência!

As gargalhadas da turba desarmaram o agressor, que, sem graça, libertou a moça.

Olympe não se dava por vencida. Durante cinco anos, depois da Queda da Bastilha, gastou tudo o que tinha com impressão de panfletos, cartazes e produzindo suas peças, todas de cunho político, o que a transformou num incômodo. Ela superou essa categoria ao fazer mais um manifesto: um grande cartaz vermelho chamado As Três Urnas, onde conclamava o povo a escolher a forma de governo pelo voto direto. Isso era vanguarda demais para 1793! E podia colocar o novo regime em situação perigosa. Olympe já tinha tudo planejado.

Fugiria para Toulon, onde viveria numa casa com o filho (e o resto das suas economias), enquanto se recuperava para um novo ataque. Traída pelo homem que apregoou os cartazes, ela não teve tempo. Foi presa e julgada sem um advogado. Em 3 de novembro, a França perdeu essa bela cabeça pensante, que rolou sob a lâmina da guilhotina.

Nos dias seguintes os jornais alertavam as mulheres para que tivessem cuidado! Quando comesçassem a pensar em direitos iguais, em política, em fazer parte do mundo dos homens, lembrassem de Olympe de Gouges e seu fim trágico! Mulheres, temei! E fiquem em seus lugares!

E tudo teria dado certo no mundo dos homens...

...Se as mulheres tivessem ouvido...

Capítulo 1

Numa noite de Lua Cheia

Cerca de 200 anos antes de Olympe de Gouges perder a cabeça e da Bruxa de Gévaudan desaparecer na maior Revolução social da História, as coisas não eram tão diferentes na França. Hoje, cinco anos fazem uma enorme diferença na vida de alguém. Hoje, há quem pense que celular e Internet sempre existiram, pois não se pode imaginar a vida sem eles. Naquela época, porém, as coisas andavam devagar. Bem devagar. Séculos passavam e pouca coisa mudava. Especialmente para as pessoas comuns.

Era 1618, mas ninguém sabia. Quer dizer, alguém sabia, mas não ali. Quando o Papa Gregório instituiu o calendário oficial cristão em 1582, a medida foi sendo implantada aos poucos. Assim, em cidades afastadas ou entre o povo mais simples, ninguém sabia que era 1618. Mas isso não fazia muita diferença. O tempo corria para eles como sempre correu e as estações marcavam o ritmo da vida. O Sol se levantava e se deitava, a Lua reinava e partia, os ventos mudavam de direção e os festejos lembravam os dias mais longos e as noites mais curtas, geralmente em volta de uma fogueira.

O fato é que era 1618 e, embora ninguém na pequena cidade soubesse ao certo o que isso significava, todos sentiam o passar do tempo. Bastava ver os cabelos dos velhos perderem a cor e refletirem o prateado da Lua Cheia e as crianças trocarem suas brincadeiras pueris por olhares prolongados para um possível par. Nesses momentos, podia-se ver claramente o ritmo natural das coisas. A morte dando lugar à vida, e as estações se renovando numa ciranda interminável, o tempo marcando seu passo certo.

Havia então 15 primaveras que Philippe Du Noige vivia no lugar conhecido como o Château das Vertentes. Não chegara sozinho, mas sozinho acabara ficando depois que a jovem mãe partiu num dia de Sol. E sozinho estava desde então, e isso já tinha sete anos. Para Philippe, o tempo era lento e esses sete anos lhe pareciam sete vezes sete. Os dias era longos e o verão parecia nunca chegar, os anos se arrastavam e a areia da ampulheta parecia congelar no ar. O tempo parecia lhe pregar uma peça.

Naquela noite, porém, o tempo parecia lhe sorrir com um sinal de que a longa espera estava terminando... Pela primeira vez, sentia que estava mais próximo da vida com que sonhara e que o tempo voltava a correr a seu favor.

Tornar-se o que sempre quis ser, ser o que sempre sonhou, renascer e começar de novo, para ele, sempre foi uma questão de tempo. Naquela noite, as folhas balançavam e algumas caíam, cobrindo a relva verde, enquanto ouvia seu próprio coração marcar o ritmo do relógio. Seu momento estava, finalmente, chegando.

Tambores eram ouvidos e a noite estava quente. As estrelas cobriam o céu limpo e negro onde uma Lua Cheia majestosa estendia seu manto nacarado sobre as pessoas que dançavam e comemoravam com brindes barulhentos que derramavam vinho pelo chão. A dança era alegre e as pessoas marcavam o ritmo em saltos e giros, enquanto outros preferiam assistir e divertir-se com o espetáculo contagiante. No meio deles, uma fogueira iluminava os rostos alegres e, se pudesse olhar bem dentro dela, poderia-se ver as salamandras saltando e dançando como crianças travessas.

Philippe estava bem no meio da festa. Dançava e saltava com a graciosidade e fúria dos ciganos, atraía os olhares das moças e a admiração dos adultos. Tinha roupas bonitas, com um cordão de ouro como enfeite do gibão e os sapatos eram negros e brilhavam com o reflexo da fogueira.

Era o que ele via (não subestime jamais o poder da imaginação, ela pode nos salvar de vidas estúpidas e mortes por desistência). Oculto por uma árvore a uma certa distância, Philippe observava curioso, transportando-se em imaginação para o meio da festa. Não tinha sapatos brilhantes, muito menos uma roupa nova e bonita. Trajava uma velha camisa surrada cheia de remendos que os ricos usariam como pano de chão sem pensar duas vezes e tinha os cabelos longos mal penteados presos nas pontas num rabo de cavalo com uma fita que há muito já perdera a cor. Mas quando olhava para o festejo, sorria. Em sua mente juvenil, estava lá também, rindo e se divertindo como todo mundo.

Viu os rapazes derramando cerveja em Jacques numa brincadeira juvenil ligeiramente baderneira. Jacques era o centro das atenções. Toda aquela festa era para ele, pois, naquela noite, era selada sua entrada oficial no clã dos Lobos Brancos. Era a sua noite.

Os olhos de Philippe pousaram calidamente em Celine. Era estranho ver aquelas pessoas que sempre andavam de nariz empinado agindo de forma tão despojada. Por alguns momentos, dava para esquecer a forma grosseira como sempre o tratavam. Naquele momento, quando sua imaginação o lançava em vestes bonitas para o meio deles, preferia ver o lado gentil de cada um, mesmo que tivesse que usar a imaginação para isso também.

Celine sorria animada, levando as mãos pequenas diante do rosto. Graciosa, ela jamais perdia a elegância de princesa. Isso sempre o encantou. Provavelmente, sempre o encantaria... Ela estava tão bonita!... Os olhos do rapaz, escondido pela noite e pelas árvores, suas cúmplices, se encheram de um amor de longa data,

daqueles que guardamos no coração para a menina de fita no cabelo de nossa infância, para o garoto que sentava na carteira ao lado nos primeiros anos de escola, para a moça que mora ao lado e penteia os cabelos longos com a janela aberta. É um tipo de amor diferente, imaculado, intocado, posto que, como nunca se realiza, torna-se um amor para sempre. Eterno, pois não morre nem parte, já que o levamos conosco para o túmulo e para a outra vida. Perpétuo, pois é também uma prisão sem chaves, sem grades e sem paredes. Somos presos pela fita no cabelo, pelo sorriso gentil e pela lembrança de quem éramos quando ainda tínhamos esse olhar no rosto... Era isso que Celine era para ele: um amor para sempre.

Ela levantou-se e dançou, não de forma despojada e espontânea, mas com graça e charme conquistado na rara e cara educação de duquesa. Quando sorriu, duas covinhas apareceram e seus olhos brilharam como esmeraldas ao Sol. Teve a impressão de que ela o vira. Escondeu-se rapidamente, o coração aos saltos. Voltou a olhar e ela continuava a dançar, rodopiando docemente, girando o vestido de babados de renda. Não, ela não o vira.

Quando a Lua atingiu seu ponto mais alto no céu negro pontilhado por pequenas luzes brilhantes, fez-se o silêncio. Os instrumentos foram deixados cuidadosamente de lado. Sob a lua branca e cheia que reinava majestosa sobre eles, despiram-se. Philippe já vira este ritual várias vezes, sempre escondido sob o verde escuro das folhagens. Mesmo conhecendo os passos que se seguiriam, jamais deixava de exibir um certo ar de espanto. Seus olhos iluminavam-se e ele podia sentir a magia acontecendo, fluindo e penetrando tudo a sua volta. O coração acelerou-se.

Jacques surgira então no meio deles. Completamente nu e de olhos vendados, estava de pé e de cabeça erguida no meio do círculo formado pelas pessoas silenciosas cobertas com mantos cor de sangue que lhes encobria os rostos. Jean Lamayer, o Duque das Vertentes, coberto com um manto vermelho, aproximou-se de Jacques. Sua voz era imponente e grave e seus cabelos loiros e claros emolduravam o rosto quadrado. As árvores farfalhavam em murmúrio enquanto uma brisa fresca acariciava as figuras em círculo e o corpo nu do jovem ao centro.

Percebendo o silêncio, Jacques dá o primeiro passo.

– Quem vem lá nesse caminho de viajantes, de perigos e ciladas, de amor e traição?

O jovem respondeu, o nervosismo aparente na voz que falhava:

– Sou eu, um filho da floresta que pede guarida.

Deu então um segundo passo.

– E o que procuras, filho das matas? – torna Lamayer.

– Procuro a coragem de lutar a boa luta sem jamais esquecer quem sou!

Decidido, o rapaz deu seu terceiro passo, mas encontrou a ponta de uma espada em seu peito.

– E o que você oferece?

– Nada tenho, senão a magia de ser o que sou.



Há uma pausa. O vento aumenta e Jacques estremece ligeiramente. Então, a voz grave de Lamayer é novamente ouvida.

– Pois se há coragem e honradez em teu coração, isso basta para que recebas a proteção e guarida entre os seus.

Jacques dá mais um passo e a espada é retirada de seu caminho. Não há mais nenhum empecilho em sua estrada de aprendizado.

O Duque guarda a espada na bainha e retira um punhal ricamente decorado. Então, faz um corte em sua própria mão e, com o sangue que verte do ferimento, traça um desenho na testa de Jacques. Depois, desenhou em suas faces. O cabelo fino e loiro era penteado, ora para trás, ora para os lados, pelo vento. Pegou a mão do rapaz e fez-lhe um corte com a mesma faca de cabo dourado. Ergueu o punho cerrado de Jacques e todos viram o sangue escorrer.

– Que o sangue que você doa à Terra hoje seja teu presente à Grande Mãe e que Ela jamais permita que teu sangue seja vertido injustamente. Mas se o for... Que seja uma boa luta!

O sangue pingou na terra e o silêncio era absoluto. Não se ouvia nenhum ruído, nem mesmo um coaxar de sapos ou o cantarolar de grilos. Até as árvores estavam quietas e Philippe controlou a própria respiração com medo de ser ouvido em meio ao silêncio absoluto. Uma segunda gota rubra manchou a terra.

A fogueira quebrou o silêncio num trepidar, enquanto as chamas se tornaram azuladas. Quando as chamas assumiam essa cor, todos sabiam que antepassados estavam presentes para o nascimento de mais um membro do Clã. Numa noite feliz, aquele era um momento de pesar silencioso. Na gota rubra e na chama azul foram lembrados todos os que verteram seu sangue e perderam suas vidas. Pais, maridos, esposas, filhas que não completaram seu ciclo, graças à intolerância e ignorância que levou os povos encantados a uma triste guerra sem fronteiras.



Quando a terceira gota caiu, ouviu-se um farfalhar de asas e o pio de uma coruja que sobrevoou as cabeças. Para simples humanos, seria um sinal de mau agouro, mas eles não eram simples humanos e, para eles, qualquer sinal da natureza era bem-vindo como o conselho de uma mãe. A voz de Lamayer reverberou pela floresta num alto brado:

– À BOA LUTA!!!

E todos responderam em vozes unidas que se elevaram às copas das árvores e às estrelas:

– À BOA LUTA!!!

E nesse momento o milagre aconteceu. O Duque retirou a venda do jovem e as pessoas encobertas pelos mantos pareceram cair de joelhos. Lamayer se afastou e permaneceu de pé por alguns segundos, sendo o último a inclinar-se para o rapaz. Jacques olhou para a Lua. Era sua transição de filhote à adulto. Naquela noite, comandaria uma caçada em sua nova forma. Deixou-se invadir pela magia da Lua e fechou os olhos. Seus ouvidos ouviram pequenos passos de animais, corações das pessoas presentes, o bater de asas de morcegos distantes. Quando abriu os olhos, a Lua estava azul e sentiu a terra puxá-lo para baixo, como uma mãe que puxa um filho pela mão. Seus dedos entortaram-se e transformaram-se em patas brancas. Sentiu seu rosto afinar-se e pêlos crescendo pelo corpo. O mundo a sua volta tornou-se diferente, coberto por uma estranha e bela luz azul e seu coração acelerado batia como um tambor. Suas orelhas esticaram-se como se estivessem sendo puxadas por um espírito brincalhão e o nariz tornou-se frio, gelado de fato, ao mesmo tempo em que sentiu o cheiro de suor, bebidas doces, perfumes de mulher, terra molhada e água de riacho.

E quando tentou gritar num instinto incontrollável, percebeu que uivava para a Lua. À sua volta, lobos brancos de todos os tipos e tamanhos saindo de debaixo dos mantos o acompanharam numa sinfonia que se estendeu pela floresta e pelas montanhas.

Neste momento, Philippe se levantou. Conhecia os passos do ritual e sabia quando se retirar.

— Vamos, Prateada!

A loba branca que se tornara sua inseparável companheira nos últimos meses seguiu-o alegremente. Philippe deixou os uivos atrás de si e adiantou-se. Sabia que não deveria estar ali. Quando ainda era um menino, ficou mais tempo do que deveria e terminou sendo caçado pelos enormes lobos que, em Lua Cheia, podiam se transformar em algo ainda maior e mais feroz, algo que ele nunca tinha visto até então. Lembrou-se de que ficou tão aterrorizado que levou semanas até sair de casa à noite novamente. Nesse tempo, ainda não sabia que não poderiam matá-lo, pois, mesmo mestiço, ainda tinha o mesmo sangue em suas veias. Claro que isso nunca os impediu de machucá-lo e, por isso mesmo, mantinha-se a uma distância segura. Enquanto dava largos passos sobre pedras através de pequenos riachos e vertentes, pensava consigo mesmo: “Não será assim pra sempre... Logo, serei um deles...”

Sorriu imaginando que sua transformação estava próxima. Tinha provavelmente a mesma idade de Jacques, logo, não precisaria esperar muito. E eles veriam que ele era também um deles e o tratariam decentemente.

Philippe parou de repente. Os uivos haviam parado. Arregalou os grandes olhos azuis e sentiu os ossos gelarem. Então, disparou numa correria alucinada.

Saltou sobre pedras e esquivou-se de galhos, correu como se tivesse o demônio atrás de si. Quando os uivos param, é a hora da caçada e, definitivamente, não era bom para nenhum ser sem garras e presas afiadas estar à solta naquele momento. Não o matariam. Sabia disso. Mas o feririam. Sabia disso também.

De súbito, parou, derrapando na terra úmida. Amparou-se numa árvore próxima para não cair enquanto olhava para o enorme lobo branco cujas presas refletiam o branco da Lua e cujos olhos pareciam duas lanternas verdes acesas lado a lado numa floresta sombria.

O animal rosnou e deu um passo a frente. Philippe deu um passo atrás, sem desviar seus olhos dos da fera. Fios da franja longa e negra colaram na fronte suada. Sentiu o momento que precede o ataque da fera, em que o tempo parece suspenso. Engoliu em seco, sem se mover, enquanto a fera deu outro passo, as orelhas puxadas para trás, os dentes à mostra num rosnado assustador.

Subitamente, outro lobo tomou a sua frente num salto, mostrando os dentes para o rival.

– Prateada! – murmurou Philippe, tendo dificuldade em reconhecer o dócil animal com quem passava os dias.

Com os pelos brancos arrepiados em volta do pescoço e por toda a coluna, as presas pontiagudas e brancas à mostra e um rosnar que parecia um rugido monstruoso, Prateada fixava os olhos castanhos-dourados injetados no inimigo, num quadro tenebroso.

Os lobos se rodearam e Philippe saiu da linha de ataque. O coração ainda disparado revelava o medo de que algo acontecesse à amiga de quatro patas. Quando acreditou que veria sangue derramado, no entanto, o outro lobo baixou a cabeça e desfez a carranca de iminente briga. Desarmou o ataque e partiu em outra direção, sumindo na escuridão.

O rapaz, ainda escorado na árvore ao seu lado, suspirou, fechando os olhos em alívio. Prateada meteu o focinho em sua mão, voltando a ser o animal gentil e companheiro de que se lembrava. Acariciou a loba, agradecendo-lhe a fidelidade que mais de uma vez salvara sua pele, e voltou a correr.

Logo avistou a casa, uma cabana em mal estado de conservação. Correu até ela e entrou, fechando a porta atrás de si e respirando aliviado. Estava em casa. Estava seguro...

As coisas são diferentes conforme os olhos que as olham. Para Philippe, ele chegara em casa, onde estava seguro. Na verdade, era um casebre com furos no teto e grandes frestas nas janelas por onde ventos cortantes o faziam passar por maus bocados nos invernos rigorosos. Dentro da casa, um pequeno fogão à lenha pouco usado, uma mesa de madeira com duas cadeiras e uma cama torta eram toda sua mobília. Havia ainda um baú grande onde sua mãe guardava roupas e

cobertores e, lá no fundo, seus tesouros preciosos: livros de capa de couro com os quais ensinara o filho a ler e a compreender melhor as coisas do mundo. Depois que ela morrera, Philippe não costumava mais mexer muito ali. Já havia lido os livros e, vez por outra, voltava a reler para enganar a solidão e acelerar o tempo. Nesses casos, deixava o livro sob o travesseiro, até que se cansasse dele. O baú, por sua vez, ficava sempre fechado. Sempre que o abria, sentia o cheiro de Elle. A saudade enchia seu peito e todos os cantos da casa.

A sensação de segurança de Philippe era totalmente ilusória. A casa não oferecia segurança a ninguém, nem do frio, nem de pessoas. As portas eram frágeis e qualquer um poderia entrar, se quisesse. Os trincos das janelas apodreceram e não funcionavam mais há anos. Era um barraco caindo aos pedaços, mas, para Philippe, nada disso realmente importava. Para ele, era seu lar. Era pra lá que ia todas as noites depois de um dia duro de trabalho, era lá que descansava o corpo moído e, quando a vontade de sonhar era mais forte que o cansaço, deixava a mente vagar por um futuro melhor. Este era um desses momentos.

Estava calor. Tirou a camisa e os sapatos puídos e ficou só com a roupa de baixo, ceroulas brancas com alguns remendos que iam até as canelas. Deixou-se cair na cama de colchão de palha e deu um longo suspiro enquanto, pela janela aberta olhava a Lua que lhe sorria promessas de dias melhores. Prateada deitou-se no chão ao seu lado, como sempre fazia em noites de calor.

Imaginou como seria sua primeira transformação. O que sentiria? Onde aconteceria? Estaria só ou cercado de pessoas? E, mais importante do que tudo, como seria sua vida depois disso? Sonhava com o dia em que seria ele a fazer juramentos solenes à Mãe Terra (mesmo tendo sido ensinado por sua mãe a amar um único Deus, não via problemas morais em saudar a divindade que sustentava toda a vida no planeta). Seria respeitado e não seria mais rejeitado, um pobre infeliz que vivia a ser enxotado de todos os lugares. Talvez, Celine olhasse pra ele com novos olhos. Ou os antigos olhos, de quando não sabia que ele era um renegado. Bem, na verdade, já se contentaria se Celine simplesmente olhasse pra ele...

E foi sonhando com a transformação, com os olhos de uma princesa e com a vida de cavaleiro que nem percebeu que adormecera. Fechou os olhos e sorriu, o corpo iluminado pela Lua, as estrelas brilhando em seu rosto, o mundo inteiro a abrir-lhe os braços no sonho de um menino que sonhava em fazer parte de uma festa sob a Lua Cheia, de uma dança de saltos e giros, de uma canção de feitos heróicos e do coração de alguém.



Capítulo 2

Sapatos velhos para pés cansados

Remexeu-se na cama com um leve gemido de contrariedade. À sua porta, Constance a chamava para o café. Celine ameaçou dormir de novo, mas um novo chamado da ama espantou de vez seu sono, apagando os últimos rastros coloridos do último sonho. Saiu da cama e colocou o roupão. Nas montanhas onde viviam, mesmo dias quentes ainda eram frios pela manhã. Abriu a janela e viu a neblina cobrir as árvores distantes. Espreguiçou-se e pensou que seria um ótimo dia para um passeio a cavalo.

Minutos depois, Celine desceu e encontrou o pai e o Capitão Diderot no grande salão. Eles falavam com Gerard. Celine torceu o nariz. Mal vestido e rude, nunca gostara muito daquele homem e não gostava de vê-lo em sua casa.

– Henry e Noisette chegarão amanhã pela manhã – dizia seu pai. – Decerto, estarão cansados e famintos e quero lhes dar a merecida recepção. Por isso toda a colheita de frutas deve ser feita hoje, sem falta.

– Sim, senhor – respondeu Gerard. – Não precisa se preocupar, cuidarei disso pessoalmente.

Com um movimento de cabeça, Lamayer o dispensou. Enquanto Gerard saía, Celine se aproximou do pai e do Capitão. Saíra de uma noite bem dormida e tinha aquele frescor invejável de quem parece ter acabado de sair de um banho.

– Bom dia, papai! – disse, com um beijo em seu rosto. – Bom dia, Capitão!

O Capitão lhe respondeu com um sorriso e um cumprimento de cabeça. Seu pai a afagou.

– Bom dia, minha querida. Seu café a espera. Vá indo, eu a encontro na mesa.

Celine saiu e Lamayer caminhou alguns passos com Diderot.

– Caçaremos alguns animais hoje, não se preocupe. A mesa de amanhã será farta e bela, não ficará devendo em nada para o Château das Flores.

– Assim espero – comentou Lamayer. – Henry e Noisette sempre foram esnobes, mesmo quando crianças. Não acredito que tenham melhorado agora que cresceram.

Despediram-se brevemente e Lamayer foi tomar seu café da manhã. Seria um dia cheio, com certeza.

Gerard tinha bebido muito. Ficara até tarde no Presas de Prata e perdera muito dinheiro no jogo. Não tinha nada contra perder, afinal, jogo é jogo. Mas perder para os garotos ricos do Château lhe tirava qualquer traço vago de bom

humor. Sabia que aquele dinheiro não era nada para eles e que, por isso mesmo, se divertiam em tirá-lo dele. Acordara com uma tremenda dor de cabeça e com um gosto de fracasso na boca. Morava sozinho e a dispensa vazia foi um soco no estômago. Quando saiu da casa de Lamayer, pegou o cavalo e saiu a galope. Sabia exatamente o que tinha que fazer: um trabalho tão bom que fosse digno de uma recompensa.

O Sol cobriu seu rosto como um lençol amarelado e quente. Remexeu-se na cama de colchão de palha querendo dormir um pouco mais, só um pouco. Ter ido dormir tão tarde agora cobrava seu preço. A imagem da floresta sob a noite, da Lua no céu, de Celine sorrindo enquanto batia palmas e de si mesmo sendo honrado pelo clã voltou a sua mente sonolenta. Sorriu, sentindo o corpo amolecer e a consciência partir docemente.

Saltou da cama de súbito ao ouvir os latidos de Prateada. Ela latia para o som de tropéis na entrada. Torceu para ser Diderot, mas sabia que não era. Vestiu rapidamente as calças e correu até a porta. Ao abri-la, topou com a presença sempre carrancuda e antipática de Gerard, o capataz.

– Já deveria saber que estava dormindo... Mestiço preguiçoso...

Prateada latia insistentemente para o homem no cavalo. Gerard era o responsável pelo trabalho nas plantações e vivia a gritar com camponeses e criados comuns que trabalhavam para o sustento do castelo. Philippe não trabalhava com os outros. Assumira os trabalhos da mãe em pedaços de terra bem cultivados e passava os dias em uma rotina de campo. Houve uma época em que cuidou das ovelhas, quando Gerard precisou fazer uma longa viagem. Gostou muito mais daquele trabalho, mas, infelizmente, quando o capataz retornou, não aceitou cedê-lo para Bianchon, responsável pelo trato com os animais. Bianchon chegou a lhe oferecer dinheiro, pois gostava do garoto e ele era cuidadoso com as ovelhas, que o adoravam e o seguiam alegremente.

Gerard era um homem grande, o rosto queimado pelo sol e mãos calejadas que denunciavam a vida difícil. Nunca dirigira à Philippe uma palavra que não fosse uma ordem ou um insulto e cobrava as falhas do menino com mão pesada. Era claro para Philippe que Gerard não gostava dele e não compreendeu porque o homem recusou o pedido de Bianchon. Assim, quando o capataz voltou, deu adeus às ovelhas e voltou ao trabalho com a terra, bem mais pesado do que se lembrava. No primeiro erro, uma coisa tola que qualquer um cometeria, a mão de Gerard baixou sobre ele de novo e, dessa vez, mais pesada do que nunca.

– Mande este animal calar a boca!!! – gritou o capataz.

Com voz mansa, Philippe chamou Prateada e ela prontamente se colocou ao seu lado, em silêncio, deixando que a mão do rapaz tocasse sua cabeça, sem, no entanto, tirar os olhos do homem à porta.

– Há muito trabalho hoje e ele não será feito sozinho! – continuou Gerard.
– Você vai colher todas as frutas e verduras e separar as melhores até o anoitecer! Se eu o pegar vadiando, juro que arranco a sua pele a chibatadas! Você já sabe como é isso, não?

Philippe o olhou nos olhos e respondeu calmamente.

– Sim, senhor.

As palavras do homem ofenderam o rapaz. Lembrar de sua maior humilhação era uma forma muito cruel de colocá-lo em seu lugar. Gerard montou no cavalo e partiu, acreditando que o garoto faria seu trabalho. Via nele muitos defeitos, mas sabia que não era burro. Não deixaria de cumprir ordens tão claras, arriscando-se a levar uma surra. Philippe também sabia disso. Suspirou e entrou, resignado.

– Cretino...

Houve um tempo em que era a vítima favorita do temperamento terrível de Gerard. Já o conhecia antes, mas ele não o importunava enquanto sua mãe era viva. Depois da morte dela, quando tinha doze anos, aprendeu na pele o que era a rudeza e grosseria. Jamais fora poupado de trabalhos pesados ou desagradáveis, muito menos das punições severas quando cometia erros comuns a qualquer criança.



Vestiu a velha camisa maior do que ele e colocou os sapatos rotos. Gerard não batia nele há mais de um ano, desde que o Capitão fizera clara sua amizade com o rapaz. Graças ao bom amigo, Gerard nunca mais o incomodou. Saiu de casa, batendo a porta e passando a mão dos cabelos negros, prendendo-os pelas pontas no constante rabo de cavalo. No caminho, passando pelo riacho, molhou o rosto para afastar de vez o sono. Em passos rápidos, seguiu para seu lote de plantação, onde sempre trabalhava sozinho. O Sol já estava alto e teria que ser rápido para terminar o serviço.

Comeu uma maçã quando a fome apertou e trabalhou o mais rápido que pôde. Anos de violência ainda o deixavam amedrontado ao ouvir ameaças. Estava carregando uma cesta cheia de maçãs quando tropeçou em sua pressa e estatelou-se no chão. As frutas se espalharam diante dele. Prateada correu e roubou uma maçã. Provavelmente não iria comê-la, mas correr com ela por aí até largá-la babada em algum lugar. Philippe levantou-se procurando o que o derrubara. Uma raiz semi-enterrada laçara seu sapato, que sorria um sorriso debochado. A sola estava quase que totalmente aberta.

Tirou o sapato e tentou remendar, mas não tinha como fazer isso. Calçou-o de novo e prosseguiu no trabalho, achando que, se tivesse cuidado, conseguiria terminar aquele dia. Duas horas e seis tropeções depois, arrancou o sapato e jogou-o contra uma árvore, num ataque de fúria inútil. Prateada entendeu isso como um convite à brincadeira, pegou o sapato e correu aos saltos. Philippe, sentado no chão sob o sol de verão, não parecia animado. Baixou a cabeça olhando em volta. Ainda havia muito trabalho. Não conseguiria terminar a tempo caindo como fruta madura o tempo inteiro. O solo cheio de cascalhos, pedras e gravetos o impedia de tentar trabalhar descalço e um par extra em casa era um luxo que pobres não tinham. Foi então que teve uma ideia.

Poderia ir em casa e pegar o dinheiro ganho de pequenos serviços nas casas dos nobres e burgueses da cidade e ir até o Château. Era um dinheiro que guardava para uma emergência, mas se aquilo não era uma, não sabia o que seria. Na cidade, havia um sapateiro que com certeza faria o serviço e logo estaria de volta. Com sapatos decentes, terminaria o serviço em muito menos tempo.

Levantou-se determinado e correu atrás de Prateada, que continuava correndo com o sapato na boca.

Tão ligeiro quanto seus pés mal calçados permitiram, correu e em pouco mais que um quarto de hora estava no centro do Château das Vertentes. Como as pessoas se habituaram a tratá-lo tão mal, ele se habituara a evitá-las. Assim, não costumava visitar com frequência a cidade, embora gostasse, de vez em quando, de ir e observar. Por vezes, tinha uma carroça com novidades de Marselha e tecidos de Versailles. A cada três meses, um cigano levava ao povo do Château roupas, tecidos, joias e temperos, todos caríssimos, claro. Além disso, tinham no domingo uma feira onde vendiam-se hortaliças, porcos, galinhas e frutas. Em dias comuns, o comércio limitava-se a uma padaria, ao ferreiro Horace, a uma mercearia e ao sapateiro Guidolet. À noite, a Taverna Presas Brancas recebia os soldados, os nobres e os burgueses com bebidas e carne de javali no pão preto. Em volta, casas de todos os estilos observavam com seus janelões o movimento da praça e dos jardins que floresciam de tempos em tempos.

Na praça, não havia nada demais. Era um lugar de pedra e chão batido por onde as pessoas passavam. Em seu centro, apenas um tronco com correntes vazias advertindo aos incautos que a Lei ali era implacável e seria aplicada. Philippe lançou um longo olhar para o palco de sua vergonha, lembrando do dia em que ficara claro para ele que tinha todos os deveres e nenhum direito enquanto não fosse um deles. O olhar o levou longe, mais longe do que gostaria ir. O rosto endureceu, revelando a desesperança e o rancor que ficara, juntamente com as marcas da chibata em suas costas.

Em sua distração, uma mulher esbarrou nele e sua sacola com compras foi ao chão. Ele abaixou-se prontamente para ajudá-la, recolhendo as frutas e devolvendo-lhe. A mulher, uma senhora de cabelos mal presos e marcas do tempo no rosto, olhou-o desconfiada e conferiu o conteúdo da bolsa. Ela devolveu a gentileza com desconfiança e despediu-se com um olhar de desdém. E então Philippe se lembrou porque não gostava de ir ao vilarejo.

O dia estava movimentado, com pessoas andando apressadas pra lá e pra cá, parecendo muito ocupadas. Notou que a praça estava mais bonita, mais bem cuidada. Todo esse movimento cercava o grande castelo de Lamayer, com grandes jardins e uma fonte de mármore.

Adiantou o passo e entrou na sapataria, onde Guidolet e seu filho magricela martelavam sapatos. O homem de fartos bigodes negros o olhou sem interesse. Philippe colocou seus sapatos sobre o balcão sujo.

– Pode consertar pra mim, por favor? – pediu o rapaz.

O homem voltou a fazer o que estava fazendo.

– Não trabalho de graça, moleque...

Philippe meteu a mão nos bolsos.

– Eu não pediria isso, senhor – respondeu o rapaz. – Veja. Isso dá?

Colocou duas moedas sobre o balcão.

O homem esticou a cabeça e pegou as moedas, voltando logo após às botas de mulher que estava lustrando.

– Passe aqui amanhã.

– Não posso passar amanhã! – disse Philippe, num leve desespero. – Preciso desses sapatos pra hoje! Pra agora, na verdade! Não posso trabalhar descalço e ainda tenho muito trabalho pra fazer.

Guidolet continuou o trabalho sem se importar. Philippe respirou fundo. Sabia que não podia exigir que o homem parasse tudo para atendê-lo. Ergueu os olhos e pediu novamente.

– Senhor... Sei que está ocupado... Mas se não me ajudar, estou perdido.

O homem olhou longamente o rapaz. Levantou-se e analisou os sapatos. Fitou novamente o rapaz diante dele. Parecia meio desesperado.

– Para um trabalho de emergência, o preço é maior... – disse.

Philippe hesitou. Não tinha muita noção de preço para roupas e sapatos. Na verdade, as duas moedas que deixara sobre o balcão lhe pagariam um par de sapatos novos em folha. Mas ele não sabia. Era o que esperava gastar no concerto. Tinha pego todo o dinheiro da velha caixinha de música que pertencera à sua mãe e pretendia usar o que sobrara para comprar algo para comer, talvez um pedaço de pão fresco com queijo. Colocou mais algumas moedas sobre o balcão. O homem pegou as moedas e os sapatos.

– Volte daqui a uma hora.

– Uma hora?! Tudo isso? Não pode ser antes?

O bigodudo apenas o olhou e Philippe entendeu o recado. Saiu da loja e olhou em volta. A padaria ficava perto e seguiu pela rua, decepcionado em perder num dia as economias de tanto tempo. O trabalho no campo não lhe pagava. O que ganhava era o direito de morar ali. Ganhava tostões aqui e ali em pequenos serviços nas casas, quando não lhe pagavam com coisas velhas que não tinham mais uso ou mesmo comida. Alguns tinham a falta de senso de pagá-lo com hortaliças ou frutas passadas, mesmo sabendo que ele tinha acesso a frutas frescas o dia inteiro.

Mais a frente, entre as pessoas, reconheceu três indivíduos que fizeram o coração pular e suas pernas se moverem num rápido salto para uma viela. Encostado na parede, ouviu os três rapazes passarem entre risos e conversa. Ravin, Jacques e Carlo eram três jovens bem-vestidos cujo passatempo fora, por muito tempo, perseguir o mestiço em brincadeiras cruéis. Desde criança, Philippe aprendera a se esconder quando eles se aproximassem. Depois que eles passaram e quando teve certeza de que iam longe, retomou seu caminho.

Quando Prateada cresceu e mostrou os enormes dentes brancos aos seus agressores, Philippe não fora mais importunado. Como não podiam tocar nela, não podiam chegar a ele. Logo, o deixaram em paz. No entanto, na cidade estava sozinho e preferia não dar nenhuma oportunidade a quem só esperava por ela. Entrou na padaria.

– Olá! – disse, sorrindo, à Flora, a dona do lugar, para quem já limpava diversas vezes a chaminé.

– Oh, lamento, rapaz! – disse ela, atarefada. – Não tenho nenhum serviço pra você hoje.

– Tudo bem – respondeu o garoto. – Eu posso pagar.

Ele colocou as últimas moedas sobre o balcão. A mulher olhou espantada.

– Onde conseguiu isso? Você não andou roubando por aí, não é?

A pergunta fez Philippe fechar o rosto.

– Senhora, eu nunca roubo.

Ela olhou pra ele e deu de ombros. Que importa de onde veio o dinheiro, contanto que aporte no bolso dela? Minutos depois, Philippe saiu com um belo pão. Infelizmente, o dinheiro não dera para o queijo, mas tudo bem pra ele. Poder comer um delicioso pão fresco já era muito. Geralmente, Flora lhe fazia o pão de ontem mais barato. Dessa vez, preferira gastar tudo e ter um pão fresco, com o qual andava satisfeito pelas ruas, como se fosse um grande prêmio.

Apesar das coisas terem começado meio esquisitas naquele dia, tudo corria como planejado. Sentou-se num banco de madeira perto do sapateiro e comeu seu pão com satisfação, dividindo com Prateada que ainda tinha algumas lições de boa educação a aprender.

Enquanto se deleitava em seu almoço, Philippe observava o movimento. Tilete, uma juvenzinha de cabelos claros, estava crescendo e já olhava para o jovem Louis, filho do ferreiro, com olhos apaixonados. Madame Couteaux tinha engordado e continuava com o hábito de usar chapéus engraçados com muitos adereços. Via pessoas bem vestidas e outras nem tanto, comprando, conversando, convivendo. Apesar da vida difícil, não havia melancolia nos olhos do rapaz, que sorria feliz em ver a vida acontecendo e se desenrolando a sua frente, como as histórias que sua mãe lhe contava. Príncipes e princesas que se encontravam, aventureiros que procuravam tesouros, guerreiros que venciam batalhas. Via tudo isso nos camponeses que se apaixonavam entre uma estação e outra, nos jovens que buscavam suas próprias conquistas e nos trabalhadores que venciam as dificuldades de cada dia.



Uma menina de laços no cabelo chegou correndo e parou diante dele. Ela lhe abriu um sorriso, talvez pelo mesmo motivo que as flores desabrocham. Philippe não esperava por isso, como ninguém espera ver uma flor desabrochar bem diante de seus olhos, mas sorriu de volta. O que encantou a pequenina e a fez lhe abrir aquele sorriso foi o belo rapaz de cabelos longos negros e olhos azuis profundos. Contava até então quatro anos incompletos de coisas vistas na vida e ainda encontrava nas simples cores uma grande novidade. Ela, gentilmente, encantada por algo que só seus olhos eram capazes de ver, tocou no rosto moreno do rapaz. Philippe fechou os olhos por alguns segundos, ligeiramente surpreso. Fazia muito tempo que não era tocado de forma gentil. A menina de laços que pareciam borboletas muito disciplinadas sorriu de novo, maravilhada com o rosto de traços finos, os olhos azuis profundos que se mesclavam com um belo violeta, rodeados por cílios cheios e curvos, os cabelos finos e fartos da cor do negrume da noite. Encantou-se porque, como alma infantil, ainda podia olhar além dos andrajos

rotos de cotovelos remendados, dos pés descalços e sujos e dos nomes e títulos que a sociedade lhe conferia. Encantou-se porque ele era belo e ela era livre.

– Qual o seu nome? – perguntou ele.

– Ana.

– Bonito nome... – disse. – Quer um pedaço?

A menina concordou com a cabeça e um sorriso e Philippe lhe deu um pequeno pedaço de seu pão. Nesse instante, alguém chegou bruscamente e puxou a menina pelo braço.

– Já lhe disse pra não falar com esse aí!

O pedaço de pão ofertado caiu e ficou no chão, enquanto a menina era puxada pela rua. Philippe pegou o pedaço do chão e ficou a observar Ana partir. Ela se virou e lhe deu um sorriso e um adeusinho com ar de “te vejo de novo”. O desapontamento no rosto de Philippe deu lugar a um sorriso e ele acenou de volta para ela. Olhou para o pedaço de pão e o guardou no bolso. Prateada gostaria.

Por vezes, Philippe era insuportável. Muito do que apanhara foi por não saber se comportar com quem tinha mais poder do que ele. Respondia e exigia direitos que, afinal, não tinha e, sempre que podia, alfinetava quem quer que fosse com seu sarcasmo, sua única defesa e principal condenação. Porém, não era assim sempre. Bastava um adejar de asas de pássaro para fazê-lo despertar a delicadeza coberta pelos dias difíceis. Olhou para o pão, levando mais um pedaço à boca. Lembrar de sua própria alma gentil o entristeceu. Viu que estava se tornando tão duro quanto as pessoas que o cercavam. Temeu um dia não se reconhecer mais no espelho... Se tivesse um. Em casa, só tinha um pedaço quebrado e manchado. Riu de si mesmo por um instante. De repente, achou sua pobreza meio ridícula.

Pouco depois, entrou na loja escura e mal cheirosa em busca de seus sapatos. Durante todo esse tempo, andara descalço e seus pés estavam imundos. Suas roupas lhe causavam vergonha e, embora ele não soubesse, seu rosto estava sujo de terra.

– Está pronto? – perguntou no balcão.

Guidolet estava sentado lendo um folhetim e olhou-o de soslaio.

– Já disse que estará pronto amanhã.

Philippe ficou um instante parado e então sacudiu a cabeça num movimento rápido.

– Mas o senhor disse que se eu pagasse mais, poderia consertar em uma hora!

– Você é surdo ou burro? – gritou o homem, levantando-se. – Saia daqui e volte amanhã!

Philippe o encarou por um momento, pressentindo a ameaça implícita no tamanho do homem.

– Está bem – respondeu o rapaz sem desviar os olhos. – Esperarei então. Ficarei até amanhã na frente da sua loja, afastando todos os seus fregueses, se é o que deseja...Philippe saiu e sentou-se no banco perto da entrada. O coração estava acelerado e temia que em poucos segundos aquele homem enorme cujos bigodes pareciam uma grande ratazana preta a tentar entrar-lhe pelas narinas apareceria munido de um pedaço de pau e o colocaria para correr. Olhava nervoso para a rua. O que faria sem sapatos? Como terminaria o serviço? Se o sapateiro não o matasse, Gerard o faria.

Uniu as mãos diante da boca que murmurava incessantemente a mesma pergunta: O que eu faço, o que eu faço?... Não sentiu o tempo passar e só percebeu que havia alguém ao seu lado quando a sombra o cobriu. O garoto magricela lhe estendia os sapatos.

– Tome! – disse o rapazola. – Meu pai disse pra você sumir agora!

Philippe, incrédulo, pegou os sapatos que lhe eram estendidos. Não estavam mais sorrindo. Feliz, calçou-os rapidamente e pisou para senti-los. Virou-se para o homem de bigode e agradeceu mais de uma vez. Mal ouvia a si mesmo agradecendo tantas vezes, dada sua ansiedade. Pôs-se a correr até o local da colheita.

Quando chegou, parou numa árvore para retomar fôlego. Seus pés doíam e achou que pudesse ter alguma pedra dentro. Abaixou-se para verificar, mas foi bruscamente puxado pelos cabelos e seu rosto batido contra uma árvore. Gerard virou-o para si e encostou-o na árvore, segurando-o pelo pescoço.

– Preguiçoso de uma figa, está querendo me encrencar??! Por que não esta fazendo o trabalho que eu mandei??!

Philippe balbuciou uma explicação, mas levou uma bofetada e calou-se. O bafo de bebida de Gerard entregava seu vício e sabia que não adiantaria falar com ele.

– Cale-se! Você vai fazer o que eu mandei agora e só vai parar quando terminar, entendeu?! Vou ficar aqui pra ver de perto! Você entendeu??!

– S-sim, senhor!

– Não brinque comigo, garoto! Ou ninguém, nem mesmo seu amiguinho, o Capitão, vai me impedir de arrancar sua pele, você me ouviu?!

Antes de Philippe responder, Gerard gritou de dor e largou Philippe, que compreendeu o que acontecera assim que o homem se virou. Prateada estava grudada em seu traseiro numa mordida bem dada. Philippe se controlou para não rir e deixou que Gerard se debatesse um pouco antes de chamá-la de volta.

– Desgraçado! – praguejou o capataz. – Se não fosse a Lei, eu mesmo mataria esse bicho e faria um tapete pra mim! Não fique aí parado, seu inútil! Vá trabalhar!

O Sol não deu muita trégua durante aquele dia, mas fez uma despedida pomposa com nuvens coloridas cobrindo as montanhas. Diderot foi verificar, a pedido de Lamayer, se a carroça já estava carregada e se tudo estava correndo como o planejado. Quando chegou, viu Gerard gritando ordens com Philippe. Nenhuma novidade. A carroça estava quase pronta. Philippe sequer olhou para o Capitão, tal era sua concentração. Diderot notou que ele parecia andar com dificuldade e percebeu Prateada amarrada a uma árvore.

– O que houve? – perguntou.

– Ah, nada! O maldito animal me mordeu e tive que prendê-lo.

Philippe colocara o último cesto. Parecia tenso.

– Senhor? Posso ir agora?

Gerard pôs-se a verificar a carroça.

– Está tudo aqui mesmo? Espere até que eu mesmo veja!

Diderot finalmente notou o que estava acontecendo ao ver o rapaz contorcer o rosto e se segurar na carroça, crispado as mãos na madeira.

– Está tudo bem, Philippe – disse o Capitão. – Pode ir.

– Obrigado, Senhor!

O rapaz correu para a floresta, enquanto Diderot olhava para Gerard com clara reprovação.

– Não acredito que não o deixou nem ir ao banheiro.

– O serviço está pronto, não está? O maldito moleque largou tudo pra ir passear na cidade! Me contaram e eu logo vim dar um jeito.

Gerard subiu na carroça e chicoteou o cavalo.

– Não se pode dar espaço pra essa gente... Senão eles abusam!

Diderot o viu se afastar para receber os méritos do trabalho alheio. Sabia que Gerard não fazia nada há muito tempo e sua única função era explorar o trabalho escravo de Philippe. O rapaz, voltando da floresta, desamarrava Prateada, que saiu a correr e pular com a liberdade. Philippe, andando devagar, recolhia alguns restos de frutas rejeitadas pelo padrão de qualidade do capataz. Diderot desceu do cavalo e foi até ele.

– Dia difícil? – perguntou, tentando animá-lo.

Philippe levantou as sobrancelhas num gesto de cabeça e num movimento de ombros.

– Eu não reclamaria se fosse só um pouquinho mais fácil...

Os dois se puseram a caminhar juntos, enquanto Philippe catava algumas sobras.

– Eu odeio o Gerard! – rosnou Philippe. – Ele está conseguindo se tornar ainda pior com o tempo.

– É a prática – respondeu o Capitão.

Com algumas frutas num tecido, Philippe amarrou uma sacola de tecido e caminhou com o amigo em direção ao riacho. Ele, Prateada e o cavalo precisavam de um pouco de água fresca.

– Por que levar tanta comida hoje à noite? – perguntou Philippe.

– Visitas esnobes amanhã...

– Ah...

Notando que o rapaz mancava, Diderot perguntou-lhe o que houve. O riacho, logo adiante, refletia pontos de luz dourada do Sol poente.

– Meu sapato abriu hoje – explicou Philippe. – Fui à cidade consertar, mas acho que entraram algumas pedras. Está doendo à beça!

– Por que não tirou pra ver?

– Porque Gerard estava determinado a me bater hoje e eu não quis lhe dar esse gostinho...

Chegaram no riacho, onde águas cristalinas acariciavam pedras roliças como coxas de moças. Diderot puxou Rayure delicadamente para que bebesse água, enquanto Prateada fazia o mesmo. Philippe sentou-se numa pedra à beira do rio e tirou o sapato. Quando Diderot olhou, não acreditou. O pé do rapaz estava pingando sangue.

– Minha nossa, Philippe! O que foi isso?

Philippe não acreditava no que estava vendo. Agora, parecia muito pior do que quando não podia ver nada.

– Eu não sei!

Diderot pegou o pé do rapaz e ajudou-o a colocá-lo na água corrente. Philippe sentiu dor e apertou o ombro do Capitão, trincando os dentes e abafando um gemido. O sangue foi levado pela correnteza e Diderot viu as fontes do ferimento, vários furos nas laterais dos pés, que continuavam sangrando. Recolocou o pé ferido na água e pegou o sapato ensanguentado. Colocou os dedos por dentro e confirmou as suspeitas.

– Os pregos não foram batidos.

– O quê? – Philippe achou que não tivesse entendido.

– Os pregos tinham que ter sido batidos, mas não foram.

Philippe olhou novamente para o pé na água, vendo o sangue ser levado. Meneou a cabeça com uma expressão de desapontamento que superava a dor.

– Mas eu paguei!... – murmurou, ressentido e surpreso. – Por que ele fez isso?!

Diderot sentou-se ao lado dele com expressão séria.

– Porque ele é um cretino.

Ficaram um pouco em silêncio. Prateada assustou-se com um peixe que pulou no seu focinho e, depois de um salto espontâneo, passou a olhar curiosa a vida sob a água, acreditando talvez serem aqueles seres incríveis fantasmas prateados indo a algum lugar com muita pressa.

– Como vou trabalhar amanhã assim?... – murmurou Philippe, mais falando para si mesmo do que com o amigo.

– Não se preocupe com isso. Conheço Gerard. Ele vai receber um bom pagamento pelo dia de hoje e bebê-lo inteirinho na Taverna durante a noite. Ele não levanta antes das duas horas da tarde amanhã. Tire o dia de folga. Quanto você pagou pelo conserto?

– Três moedas.

Diderot se levantou e deu a mão para o rapaz.

– Venha! Eu levo você pra casa.

Ajudou Philippe a montar e puxou as rédeas.

Era cedo quando Guidolet abriu sua loja. E o Capitão foi o primeiro a entrar.

– Capitão! – disse o homem sorridente. Quando o Capitão aparecia, costumava fazer boas compras.

A resposta foi um par de sapatos velhos sobre o balcão.

– O que é isso? – perguntou o homem.

– Me diga você – respondeu Diderot, encarando-o com uma tranquilidade que deixava qualquer um nervoso.

O homem olhou os sapatos como se nunca os tivesse visto.

– Parece material de segunda...

– Ora, vamos lá, Guidolet! Não passam tantos fregueses assim pela sua loja nem sua memória é tão fraca! O rapaz lhe pagou mais do que você merecia e você lhe faz esse serviço horrendo?!

– Ele tinha pressa! Eu disse que precisava de mais tempo, mas ele estava nervoso!

Diderot riu.

– Oh, claro! Desculpe, Guidolet! É que ele, como eu, deve ter pensado que, como trabalha numa loja de consertos, você saberia fazer isso! Você deveria nos avisar que esse trabalho é só um disfarce para sua verdadeira identidade...

– Não gosto do seu tom, Capitão.

Diderot parou de rir.

– E eu não gosto da sua desonestidade, Guidolet.

Ele pegou o sapato e mostrou-o para o homem.

– Está vendo isso? É sangue. Você deixou os pés do rapaz em carne viva com sua brincadeira de mau gosto.

O homem pareceu meio envergonhado, não do que fez, mas de ter sido descoberto.

– Está bem. Deixe aí que eu conserto novamente essa porcaria...

– Não quero que você conserte.

Guidolet o olhou sem entender.

– O que ele lhe deu paga mais que um conserto, paga um par de sapatos novos. Que tal aquele ali? Parecem ser do tamanho dele!

– Não, nem pensar! Estes são do filho de Durant! Já estão pagos!

– Claro que estão! Philippe pagou por eles ontem! Pode passá-los pra mim, por favor?

O homem hesitou e tentou argumentar, mas Diderot o puxou para perto de si.

– É isso ou levo o caso à julgamento. Lamayer não gosta de desonestos e ladrões e você sabe qual a punição para roubo. Seria meio patético um homem da sua idade ter as calças abaixadas em praça pública e ser surrado como uma criança, não acha?

E Guidolet lhe entregou os belos, novos e polidos sapatos.

Philippe dormira com um gosto amargo na boca. O dia lhe mostrara coisas muito ruins e seu corpo doía inteiro. O pé ferido estava enfaixado e o cansaço era tão grande que dormira pesadamente, apesar da dor. Quando acordou, o Sol estava alto e forte. Diderot tinha razão. Gerard devia estar bêbado como um gambá, babando em sua cama. Caminhou com dificuldade até a pequena mesa. Sobre a cadeira, um par de sapatos novinhos o aguardava. Pegou-os surpreso. Não lembrara de ter tido, desde que chegara com a mãe no Château, algo novo, algo seu. Sorriu e sentou-se à mesa, ficando a admirar seus novos sapatos, que experimentou no pé que não estava ferido.

– Que os passos que eu dê com você possam me levar mais longe... – sussurrou. – Bem longe...

Capítulo 3

Um homem perigoso

Enquanto vassourava a parede escura e a fuligem subia em nuvens, Philippe imaginava se havia algum tipo de fenômeno natural que fazia com que todas as chaminés do Château ficassem imundas ao mesmo tempo. E não era só ficarem imundas. Era atingirem um estágio crítico que, se passasse mais um dia, explodiriam a casa inteira e envolveriam a toda a cidade numa nuvem preta de pó e carvão. Nas últimas semanas, recebera dezenas de pedidos – na verdade, ordens diretas e pouco polidas – para limpar chaminés, um dos piores serviços para quem quer que fosse.

Não tinha particularmente nada contra limpar uma chaminé de vez em quando. Não gostava deste serviço, isso era fato. Mas executava-o com a mesma competência e empenho com que fazia todos os outros serviços. No final, era só mais um trabalho que os ricos não gostavam de fazer e a única ocasião em que alguém se lembrava de que um mestiço morava ali. Mesmo assim, não tinha nada contra limpar uma chaminé... Mas limpar várias já o deixava chateado. Além do esforço físico, tinha um problema de espaço... Já não era tão pequeno para passar com facilidade pelas paredes apertadas e cheias de pedras soltas. Uma vez, escorregara e caíra no meio da sala do Sr. Lacroux, enchendo o aposento de fuligem. O Sr. Lacroux o perseguiu rua acima balançando sua bengala e gritando nomes que ele nem conhecia. Naquele dia, não recebera nada, além de algumas bengaladas, mas ficou feliz de não precisar terminar o serviço.

De fato, não era o esforço físico que o aborrecia. Era a sujeira. Quando limpava uma chaminé, bastava algumas horas se esfregando no lago e estava novo. Mas quando eram várias, não havia banho que desse jeito. As unhas ficavam pretas e as roupas, imprestáveis. Seu rosto moreno adquiria por dias um aspecto encardido e por onde passasse deixava um rastro de borra. Perdeu a conta das vezes em que fora perseguido e xingado de imundo ou porco pelos garotos ricos da cidade. As palavras lhe doíam mais que qualquer coisa.

Depois de muito esfregar e um trabalho quase artístico de equilíbrio e contorcionismo – que ninguém viu, pois estava dentro de uma chaminé – Philippe finalmente terminara. Na cozinha, com o rosto imundo e as roupas quase negras de sujeira, esperava seu pagamento. Esticava o olho para um pão recém-saído do forno à lenha sentindo o aroma despertar-lhe a fome de meio-dia, quando a dona da casa entrou com seu rosto magro e sisudo. A Sra. Martiny era uma das mulheres mais ricas do Château e sua mansão era grande e suntuosa, com heras verde-escuras a subir pelas paredes e grandes janelas de madeira polida e vidraças

reluzentes. A cozinha estava sempre em movimento, com preparo de jantares e almoços que ela sempre oferecia aos amigos nobres. A mulher, de rico vestido negro e cabelo preso em um coque bufante, passou os olhos por ele com indiferença e não disse uma palavra aos criados que ali estavam, mesmo esses tendo lhe dito um discreto e hesitante “Bom dia, Madame”.

Philippe não entendia como alguém tão rico parecia estar sempre tão mal humorado. Se possuísse metade daquilo, viveria rindo. Na verdade, não era tão ambicioso. Se tivesse um pedaço daquele pão fresco e corado, já ficaria feliz. Ao menos, era o que pensava, enquanto a velha dama averiguava o serviço. Ele sabia que esfregara aquelas paredes até o último grão de sujeira desprender-se e que não haveria nenhuma reclamação.

A Sra. Martiny observou o trabalho com a expressão de quem estava vendo um prato cheio de minhocas. Então, certificando-se de que seu dedo saíra limpo, virou-se para o rapaz. Philippe era um rapaz de rara beleza, com cabelos longos, negros cheios e brilhantes, e um rosto oval de traços finos e harmoniosos. Infelizmente, não dava pra ver nada debaixo daquela sujeira toda, exceto aqueles olhos azuis e brilhantes que a Sra. Martiny achou extremamente desagradáveis, pois a encaravam de maneira audaciosa, como os olhos de ladrões de estrada que vasculham o que você mais teme para usar contra você na primeira curva deserta. Talvez por isso ela torceu o nariz como se sentisse um cheiro ruim e estendeu-lhe uma moeda pelo trabalho.

– Aqui está seu pagamento. Pode ir.

Philippe recebeu a mísera, minúscula, patética e insignificante moedinha na palma da mão, escura pela fuligem e ressecada pelo carvão. Se ele fosse dar uma esmola a um pedinte, seria mais do que aquilo, com certeza. Olhou para a Sra. Martiny incrédulo e desapontado. Ela empinou o rosto e virou-se para sair, quando o rapaz a chamou.

– Senhora? Tem certeza de que não vai lhe fazer falta?

A mulher se voltou para o rapaz com olhar surpreso. Achou que não tinha ouvido direito. Os criados presentes pararam o que estavam fazendo e olharam a velha dama o encarar com seus olhos arregalados. O rapaz continuou, olhando-a diretamente nos olhos e estendendo-lhe a moeda de volta.

– Imagino que sua situação esteja muito ruim para me pagar com essa miséria. Então, nesse caso, pode ficar que faço o trabalho de graça até que a Senhora se recupere...

A rua estava repleta de pessoas ocupadas em seus afazeres quando Philippe foi arremessado para fora da casa. A porta foi batida, cortando os insultos que eram

gritados lá de dentro. Rindo, Philippe se levantou e sacudiu a poeira da roupa. Pegou a moeda no chão ainda rindo, dando agora um pouco mais de valor a ela.

– Você eu nem vou gastar – disse, olhando para a moeda. – Vou guardá-la para lembrar que é sempre possível tirar umas boas risadas de quem parece não querer nada oferecer...

Jogou a moeda para cima, vendo-a brilhar contra o sol, e a acolheu de volta na mão, guardando-a no bolso em seguida. Lembrou da cara da Sra. Martiny, cuja cabeça parecia que ia explodir, e voltou a rir, enquanto fazia seu caminho em direção à próxima chaminé.

Do outro lado da rua, Carlo e Jacques viram Philippe ser jogado porta afora.

– Olha! O mestiço! Vamos nos divertir um pouco? – disse Jacques, que, desde que se transformara, estava sempre procurando uma confusão, papel que sempre coubera a Ravin.

– Adoraria... – disse Carlo, dando um suspiro de tédio. – Mas minha mãe pediu-me para estar em casa hoje para o lanche da tarde... Aposto que será mais uma daquelas visitas de uma amiga dela para me exhibir... Odeio isso! Sempre me sinto um idiota.

– Puxa! – Jacques acompanhou o amigo em passos lentos, rindo de sua situação.

– Não ria! – reclamou Carlo. – Você também tem mãe e aposto que ela faz a mesma coisa! Mães foram feitas para constranger os filhos. É uma espécie de... necessidade materna!

– Eu sei, e antes que essa sua praga pegue em mim, eu vou seguir meu caminho. Dê lembranças à amiga de sua mãe. Quanto a mim, eu tenho uma certa dama a visitar... Até mais!

Carlo viu o amigo correr e sumir por entre os jardins. Bateu-lhe uma leve inveja de Jacques. Sabia que o amigo era bonito e que não tinha dificuldades em se aproximar de uma donzela. Ravin, por sua vez, era forte e valente e seu jeito rústico provocava alguns suspiros. Quanto a ele, pobre Carlo!... Na idade de olhar para as garotas, percebia, frustrado, que nenhuma olhava pra ele. Ligeiramente acima do peso, um pouco estabonado e meio sem jeito com esportes, era desprovido de charme, assim como de qualquer talento cativante. Dono de um rosto redondo e comum, cercado por um cabelo preto, oleoso e ralo que o enquadrava como uma pequena janela de vista pouco interessante, Carlo sabia que as moças olhavam para seus dois amigos, mas jamais olhavam para ele. Às vezes,

não gostava muito de si mesmo... Suspirou, e pôs-se a caminho. Sua mãe devia estar esperando.

A casa de Carlo era bonita, como a maioria das casas ricas da cidade. Rosas bem cuidadas cercavam o jardim, onde, numa mesa ao ar livre, Carlo encontrou sua mãe e a Sra. Travelle tomando chá.

– Carlo, querido! Estávamos esperando você! – Madame Montaigne acenou alegremente para o filho enquanto a amiga apertava os olhos para ver melhor o jovem que chegava.

Carlo chegou sorrindo sem muito entusiasmo. Sua mãe o adorava e gostava de mostrá-lo para todos. Naquele momento em que não se sentia a pessoa mais interessante do mundo, não tinha certeza se queria aquele tipo de atenção. De que adiantava ser tão interessante para senhoras cujos anos de vida eram tantos que nem elas contavam mais?

– Sente-se um pouco conosco, meu jovem! – convidou a Sra. Travelle.

– Na verdade, estou um pouco ocupado... – desculpou-se Carlo. – Só passei para lhes dar meu alô.

– Está mesmo ocupado? – A Sra. Travelle o olhou com seus olhos miúdos, como se procurasse a verdade por trás das boas maneiras. – Ou só está fugindo de duas velhas bebedoras de chá?

Carlo não era muito esperto e também não era muito sutil. Corou na hora em que alguém apontou sua própria falsidade.

– Não, não é isso!... É que...

– Porque se for isso... – continuou a Sra. Travelle – ...ninguém iria culpá-lo! Acredite-me, meu jovem! Se meus anos fossem menos e minhas medidas menores, estaria por aí a correr e a viver cada minuto!

A Sra. Travelle riu, acompanhada por Madame Montaigne. Carlo já se sentia livre pra voltar à sua vida quando uma nova voz juntou-se à alegre conversa de comadres.

– Olá, mamãe! As rosas do lado de lá estão simplesmente maravilhosas!

– Que bom que voltou, meu anjo! Quase que perde a companhia de Carlo! Creio que se lembra de minha filha, Bernadete...

Carlo corou e demorou a responder e, quando o fez, gaguejou. Claro que se lembrava de Bernadete! A mocinha de formas arredondadas e sardas na bochecha que, sempre que lhe sorria, lhe acelerara o coração. Naturalmente, Carlo ficou no jardim, feliz em passar a tarde em companhia tão graciosa.

Bolachas e chá foram servidos enquanto o bolo ainda estava no forno. Algo que nunca faltara na casa de Madame Montaigne era boa comida. Carlo não estava

prestando atenção na conversa. De fato, estava perdido nos olhos da menina que não parava de lhe sorrir. Só ouviu quando o chamaram pela segunda vez.

– Carlo! A Sra. Travelle está lhe pedindo um favor! – ralhou a mãe.

– Hã? Desculpe, eu não ouvi!

– Quero que compre algumas peças de tecido, os mais belos que encontrar, quando Victor, o Cigano, vier novamente ao Château. Moro mais afastada do que vocês e quando chego, os melhores tecidos já se foram. Você, que é jovem, pode correr e comprar os melhores assim que aquela carroça colorida apontar no portão. Poderia fazer isso pra mim? Quero fazer uns vestidos para Bernadete. Ela está crescendo e precisando de umas roupas bonitas, não é, querida?

Carlo, animado, aceitou a tarefa imediatamente. Claro que faria esse favor! Seria mais uma desculpa para ver a moça de novo e ainda ganhar a confiança e simpatia de seus pais. A Sra. Travelle pegou sua pequena bolsa e retirou uma moeda dourada. Uma moeda de ouro era uma coisa que não se via todo dia. A mulher lhe entregou a moeda como quem entrega um pequeno tesouro.

– Tome... Guarde-a bem, pois dinheiro não dá em árvores. Contarei com seu bom gosto na escolha e poderá ficar com o troco. Que tal assim?

– Claro, Sra. Travelle! Pode contar comigo!

Madame Montaigne sorriu orgulhosa. Pressentia um casório se aproximando e gostava da Sra. Travelle – embora por vezes ela pudesse ser muito sovina.

– Oh, o bolo! – exclamou Madame Montaigne. – Já deve estar pronto! Aposto que Claudete, aquela serviçal distraída, esqueceu-se completamente!

Carlo se adiantou, levantando-se.

– Pode deixar que eu o trago, mamãe!

E então Carlo fez a coisa mais difícil que já fez na vida:

– Quer vir comigo, Bernadete?

Diante de um aceno permissivo da mãe, a juvenzinha acompanhou Carlo até a cozinha.

Assim que lá chegaram, encontraram um jovem maltrapilho negro.

– Oh! Um negro! Nunca tinha visto um! – exclamou a jovem.

– Não é um negro – explicou Carlo. – É o mestiço... Você está imundo!

Philippe estava realmente negro de fuligem. Terminara a última chaminé do dia e esperava seu pagamento. Olhou para o jovem que o chamava de imundo.

– Eu sei – respondeu. – Acontece com quem trabalha, mas você não deve saber disso...

– O que está fazendo na minha casa?

– Limpei a chaminé. Aguardo o pagamento.

Seus olhos pareciam lampiões acesos em noite escura e olhavam diretamente para os olhos de Carlo, que sentia-se desconfortável. Não gostava de ser encarado. Philippe, por sua vez, olhava nos olhos de todo mundo, mas não podia disfarçar o rancor ao olhar para Carlo. Não gostava dele – e tinha muitos motivos pra isso – nem dos amigos que o acompanhavam e seus olhos deixavam isso claro.

– Não gosto do jeito que olha pra mim! – reclamou Carlo.

– Então saia. Meus olhos não atravessam paredes.

Antes de Carlo explodir com tamanha audácia daquele mestiço sujo, Madame Montaigne entrou na cozinha.

– Carlo! Onde está o bolo? Já sentimos o cheiro de queimado!

A Madame correu ao forno de lenha e, com a ajuda de um pano, retirou o bolo, reclamando de Claudete e de como tinha que fazer tudo sozinha. Colocou-o sobre a grande mesa de madeira no centro da cozinha e somente então viu o jovem que parecia pintado de carvão.

– Ah, você... Terminou?

– Sim, senhora.

– Mas não está bem limpa! – disse Carlo. – O serviço está horrível, a chaminé ainda está imunda! Precisa fazer tudo de novo!

Philippe o olhou com espanto e quando ia dizer algo em sua defesa, Madame Montaigne lhe deu a ordem.

– Pois bem! Então faça tudo de novo! Não vou pagá-lo para fazer um serviço pela metade! Que audácia, tentar arrancar dinheiro de gente decente! Vamos! Comece, logo!

E todo o ressentimento que tinha contra Carlo subiu-lhe à garganta, pronto para sair em palavras rudes e ríspidas. Os olhos faiscaram e foi quando viu Carlo sorrir. Era exatamente o que ele esperava. Que Philippe perdesse a cabeça e desse motivos para um castigo qualquer. Então, o rapaz baixou os olhos.

– Sim, senhora...

Ela levou o bolo para fora e, enquanto eles tomavam chá ao sol, Philippe enfiava-se novamente na chaminé que acabara de limpar. Colocaram um empregado para ter certeza de que ele terminaria o trabalho dessa vez. O jovem esfregava a parede interna da chaminé, pensando em como sempre tivera problemas com alguns dos jovens do Château. De todos, três se destacavam, não só pela crueldade, mas pela persistência demoníaca com que o perseguiam. Aprendera

cedo que devia, como mestiço, ficar fora do caminho dos puros. Isso o pouparia de surras e coisas desagradáveis que crianças fazem com as outras. Mas ficar fora do caminho nunca ajudou com Jacques, Carlo e Ravin. Estes três faziam questão de encontrar novas maneiras de machucá-lo. E faziam isso muito bem.

Uma vez, quando ainda era ingênuo e sua esperança de ter amigos era maior do que seu bom senso, os três garotos o procuraram para lhe propor uma trégua. Ele desconfiou, mas a solidão faz coisas espantosas. Para um garoto de onze anos pareceu a oportunidade de fazer amigos e entrar para o grupo. Eles lhe ofereceram um cavalo, seu sonho. Mas disseram que não podiam dar o cavalo e não levar nada em troca, pois os pais bateriam neles. Claro que Philippe não tinha nada de valor, além de umas pedras bonitas que catara no riacho e que sempre levava consigo. Eles pediram algo mais e Philippe se lembrou de um colar que sua mãe tinha, de pedras redondas da cor da Lua. Ela nunca usava e achou que ela não ficaria brava se visse que ótimo negócio fizera e ficaria feliz ao vê-lo chegando montado no belo animal.

Assim, voltou para casa e pegou o colar. Levou-o feliz aos três garotos, todos um pouco mais velhos. Eles disseram que ainda não era o bastante, pois o cavalo era um puro sangue. O que mais Philippe poderia lhes dar? Não tinha mais nada, além das roupas do corpo.

– Isso está bom! – disse Ravin, o mais velho deles.

Então, Philippe lhes entregou suas roupas. Pediram tudo e, mesmo envergonhado, deu-lhes tudo e ficou nu em pêlo. Os garotos pediram-lhe para sentar-se um pouco, sem dar, no entanto, nenhuma razão para isto, mas Philippe queria levar seu cavalo, um belo animal castanho cujos pêlos brilhavam ao sol. Então eles o empurraram. Atrás dele, outro estava agachado, fazendo-o cair. Sua ingenuidade o fez demorar a entender que caíra num triste truque. Tentou se levantar quando sentiu picadas.

Ravin pisou em seu peito, impedindo-o. As picadas aumentaram e o garoto começou a se debater, tentando sair. Empurrou o pé que o prendia ao chão e saltou, o corpo coberto por formigas vermelhas fincando em sua carne suas presas raivosas pelo lar destruído. Philippe bateu em si mesmo, tentando se livrar dos insetos, saltando numa dança desesperada. Os garotos gargalhavam e divertiam-se. Ele tentou correr para o lago, a apenas alguns passos deles, mas os garotos barraram sua fuga e o empurraram de volta. Sem conseguir passar, Philippe virou-se e correu para o único lugar que poderia ir. Correu pela floresta gritando e chorando, o corpo coberto de um exército de formigas vermelhas. Foi assim que sua mãe o viu quando despontou no caminho do bosque.

Elle pegou a criança e levou-a aonde tinha baldes de água. O menino gritava e chorava com a dor do veneno que queimava sua pele e Elle, apavorada, lhe pedia calma. Com um pano molhado, retirou as formigas. O corpo cheio de picadas estava vermelho e Elle não conteve mais as lágrimas. Sabia que tinha sido mais uma maldade que fizeram ao seu filho, mas não podia deixar que ele visse que ela também sofria e odiava tudo aquilo ainda mais do que ele. Abraçou o garoto e levou-o para dentro de casa.

Philippe parou o serviço. Chegara ao teto da casa, de onde podia ver as montanhas que cercavam a pequena cidade secreta. Sentou-se no telhado por uns instantes. Procurava não pensar no que lhe fizeram. Era doloroso e deixava seu coração amargo. Não precisava disso. Mas aquela lembrança o entristecera. Não tinha sido a dor horrível que sentira, nem a humilhação que o fizeram passar. Mas lembrava de sua mãe ao seu lado pelos dias seguintes, quando o veneno lhe provocou uma febre que o colocou irremediavelmente na cama. Lembrava como ela cuidava dele, acariciava sua testa quente e segurava suas mãozinhas quando tremia e gemia de dor. Lembra que achou que ia morrer e confessou, chorando, que roubara o colar dela. Achou que ela ficaria desapontada, mas Elle apenas sorriu e disse que ele era a única joia de valor que ela possuía. Agora, conhecendo um pouco mais das coisas, sabia que o colar era realmente valioso, mas ela nunca mais tocou no assunto. Agora, também sabia que ter dias de folga eram raridade com Gerard e imaginava como ela teria conseguido que aquele homem horrível a deixasse ficar com o filho adoentado. Talvez, Gerard acreditasse também que ele fosse morrer. Ou talvez ele tivesse alguma humanidade dentro de si.

Olhou para o Sol, a caminho de seu descanso no horizonte. Seus olhos brilhavam. Estava com saudades desse toque de dedos delicados e daquele sorriso doce que dizia que tudo ia ficar bem. Fazia tempo que não visitava sua mãe. Decidiu que iria no dia seguinte e lhe levaria flores do campo, suas favoritas.

Levantou-se e retornou à cozinha, onde recebeu seu pagamento. Finalmente livre de suas tarefas do dia, foi para o lago. No caminho, encontrou Prateada que saltou e lhe fez festa como se não o visse há anos.

– Garota! Você voltou! O que andou fazendo por aí?

Prateada não gostava muito da cidade e preferia caçar esquilos e enfiar o focinho por aí. Philippe conversou com ela sobre seu dia até chegar no lago. Escondida numa moita estava uma trouxa com roupas limpas. Mergulhou, aproveitando o resto de Sol e tomou um belo banho. Esfregava-se com uma pedra porosa, retirando a sujeira mais difícil e o Sol já estava dourado quando um cavalo se aproximou.

– Mestiço! Venha cá!

Philippe reconheceu a voz e aproximou-se, sem sair da água.

– Sim, senhor.

– Por que não foi limpar minha chaminé? Esperei o dia inteiro, seu imbecil preguiçoso!

Gerard parecia não conseguir falar com Philippe sem ofendê-lo de alguma forma. O jovem gostava de pensar que essas palavras mentirosas não o atingiam, mas não era bem uma verdade.

– Desculpe, senhor, mas demorei mais do que...

– Não quero desculpas! Termine logo isso e venha agora!

– Agora?!

– Estarei esperando e nem pense em não aparecer!

Gerard esporou o cavalo e foi embora. Philippe, já totalmente limpo, não acreditou que iam colocá-lo novamente no meio da sujeira. Não entendia essa pressa súbita de Gerard. Poderia fazer isso no dia seguinte! Estapeou a água e saiu. Não adiantava protelar se essa era a ordem.

Vestiu-se com a roupa limpa e deixou o cabelo molhado solto. Pôs-se a caminho, quando lembrou que tinha dito à Diderot que passaria em sua casa ao fim da tarde para ajudar Emily com o jantar daquela noite. Estancou, percebendo-se longe da casa do Capitão. Estalou a língua e continuou o caminho até a casa do capataz. Explicaria para Diderot o que acontecera e sabia que ele não ia se importar. Não podia dizer o mesmo de Gerard.

Quando chegou à casa, já estava totalmente escuro. Ao contrário das outras casas em que estivera naquele dia, a casa de Gerard era simples e sem grandes atrativos. Longe do centro, era mal cuidada e vivia suja. Bateu na porta e o capataz abriu. O cheiro de bebida atingiu o rosto do rapaz.

– Ótimo! Entre e comece! Mas não quero este animal aqui dentro! Que espere aí fora!

Philippe virou-se para a loba branca que já mostrava os dentes para Gerard.

– Fique aí, garota. Eu já volto.

O rapaz entrou e Gerard fechou a porta.

Philippe não limpava a chaminé de Gerard há um par de anos. Quando olhou, percebeu que era bem menor do que se lembrava. Coçou a cabeça.

– Senhor? Não sei se poderei fazer esse serviço...

– Por que não?

– Está escuro e essa chaminé é pequena demais para alguém do meu tamanho...

Gerard estava sentado numa cadeira mal lapidada no meio da sala de poucos móveis. Via-se apenas uma tosca mesa de madeira, outras cadeiras e garrafas pelo chão.

– Você pensa que não sei o que está fazendo?...

Philippe o olhou sem entender.

– Não quer limpar minha chaminé porque acha que sou menos importante que os outros, não é? Acha que sou um pobretão que não merece seu serviço...

Gerard se levantou e caminhou para o rapaz, que continuava atônito.



– Pois se quer saber, dane-se! Você vai trabalhar pra mim exatamente como faz com os ricos! Eles não são melhores do que eu! E você não é melhor do que eu! Você é igualzinho a sua mãe...

Até então, Philippe estava confuso com o discurso do bêbado, mas quando sua mãe foi mencionada, seus olhos se apertaram e seu rosto endureceu.

– ...aquela vadia preguiçosa...

Philippe acertou um soco certo em Gerard, que deu vários passos pra trás e quase tropeçou na cadeira. Apoiando-se na parede, passou a mão no lábio e viu o sangue. Olhou surpreso para Philippe. Em três passos largos alcançou o rapaz e acertou-lhe três socos que o fizeram cair no chão cuspidando sangue. Ergueu-o pela camisa e jogou-o de bruços sobre a mesa, torcendo seu braço. Philippe gritou com a dor, sentindo o braço estalar.

Gerard bateu a cabeça do rapaz contra a mesa e forçou seu corpo pesado contra o dele, enquanto torcia ainda mais seu braço. Encostou o rosto nos cabelos negros ainda molhados e com cheiro do lago.

– Você é igualzinho a sua mãe... Ela também parecia uma gata brava, a desgraçada...

De repente, Gerard foi tirado de cima de Philippe e jogado contra a parede. Sem saber ainda o que acontecia, o homem recebeu uma série de socos. Quando conseguiu abrir os olhos, viu o Capitão segurando-o pela gola da camisa e imprensando-o contra um canto da sala.

– O que pensa que está fazendo!!! – rosnou o Capitão.

– Nada que importe a você, Capitão... – murmurou Gerard.

Diderot deu-lhe mais um soco que dessa vez quebrou-lhe o nariz.

– Escute bem, seu imbecil! Se pensar em algo assim de novo, eu mesmo levo você ao Conselho, entendeu?!

E o Capitão largou o homem sangrando no chão. Virou-se e ajudou Philippe, que caíra ao perder o apoio e tentava se levantar. Saíram da casa e o jovem massageava o braço torcido que doía terrivelmente.

– Você está bem?

Philippe demorou pra responder, não porque o braço doía, mas pelo que Gerard dissera sobre sua mãe.

– Ele disse que minha mãe... Disse que ela era...

– Ele está bêbado, Philippe! – cortou Diderot. – Só estava provocando você.

Diderot acompanhou o rapaz até em casa. Estiveram em silêncio e o Capitão sabia algo ia na mente do garoto. Deu-lhe o tempo necessário, mas ao chegar, Diderot o pressionou. Certos pássaros são agourentos e perigosos demais para sobrevoarem nossas cabeças e precisamos fazer de tudo para afastá-los, ou podem fazer um ninho sobre elas, fomentando sentimentos destrutivos.

– No que está pensando, Phillipe?

O juvenzinho demorou a responder. Olhou para o lado por alguns momentos e então reviveu o momento mais triste que sua memória guardava nas gavetas mais profundas. Lembrou-se de chegar animado para contar-lhe seu dia com Celine, da casa mergulhada no silêncio, da panela caída no chão e do pressentimento que gelou sua alma de criança.

– Um dia eu cheguei em casa e minha mãe estava morta. Ninguém se importou, como ninguém se importa comigo hoje. Gerard era o capataz, como ainda é hoje!

O rapaz virou-se para o amigo com olhos inquisidores.

– E se ele fez algo com ela, algo que a matou?

– Philippe...

– Ele é um homem ruim, Diderot! Você sabe! E se ele machucou minha mãe? E se ela morreu por causa dele? Se ele fez isso, eu mesmo vou matá-lo, não importa o que suas leis dizem!

– Philippe! – Diderot o segurou levemente pelo braço bom, apenas para obrigá-lo a olhar para ele. – Gerard é um idiota que tem inveja de todo mundo aqui, até mesmo de você, que tem a juventude que ele já perdeu e a beleza que ele nunca teve. Mas é só isso! Ele não é um assassino! Mesmo Gerard tem alguma honra! Ele jamais mataria uma mulher, humana ou não.

O garoto pareceu confuso e Diderot continuou.

– Filho, sua mãe estava doente... Ela tossia e emagrecia a cada dia... Você se lembra disso, não? Passamos um inverno muito rigoroso naquele ano e isso foi fatal para ela. Foi a doença que a matou...

Olhou nos olhos do Capitão por alguns segundos e viu a sinceridade. O jovem relaxou o rosto, parecendo convencido. Massageou o ombro dolorido e despediu-se de Diderot.

– Obrigado... Me salvou de uma surra feia... Nunca pensei que socaria Gerard e sairia vivo!

Quando o garoto já estava entrando, Diderot o chamou.

– Philippe!

O rapaz parou e esperou. O amigo se aproximou dele em alguns passos e disse muito seriamente.

– Quando sentir cheiro de bebida em Gerard, não fique perto dele. Não deixe que ele se aproxime demais de você e nunca, nunca, vá à casa dele de noite sozinho. Se ele lhe der uma ordem direta como essa de novo, quero que me avise, entendeu?

Philippe concordou com a cabeça, agradecido, mas estranhando a preocupação do Capitão. Não era a primeira vez que Gerard batia nele e não compreendeu a gravidade que via no olhar de Diderot.

O Capitão observou o rapaz e a loba entrarem no casebre. Seu rosto assumiu uma expressão ainda mais rigorosa. Podia estar enganado, mas achava que salvara Philippe de mais do que uma surra. Não confiava em Gerard e tudo o que dissera naquela noite sobre o capataz foi para tirar da cabeça de Philippe ideias perigosas. Sabia muito bem que Gerard poderia ter tido alguma responsabilidade na morte de Elle, mas Philippe jamais poderia suspeitar disso, ou faria uma loucura que acabaria irremediavelmente com sua vida. Diderot entrou na floresta e pegou seu caminho para casa, o cenho franzido. Gerard o preocupava.

Capítulo 4

A Moeda de Ouro

Foi com prazer que deu a última martelada na cerca de madeira. Os serviços na casa de Diderot e Emily sempre lhe davam satisfação. Gostava de ajudar o casal no que pudesse. Philippe acostumara-se a ser invisível para as pessoas do Château e, considerando a forma que o tratavam, era mesmo melhor ficar invisível. Há um par de anos, sofreu um castigo que lhe ficou na pele e na memória e que deixou clara qual a sua posição ali. Abatido, moral e fisicamente, não achou que alguém ali lhe estenderia a mão. Ficou surpreso quando viu estar errado. No meio da tempestade, reconheceu a mão amiga e esta fora a mesma que lhe aplicara o castigo. Desde então, a amizade entre o Capitão da Guarda e o jovem mestiço cresceu e se estendeu à mulher do militar. Receosa no começo, Emily se mostrava sorridente e prestativa com o rapaz, que estava sempre procurando uma oportunidade de retribuir a amizade que o casal lhe dedicava de tão bom coração.

O Sol batia na porta quando a jovem senhora de olhos esverdeados e sardas nas bochechas surgiu com uma caneca de água fresca nas mãos.

– Nossa! – surpreendeu-se Emily, aproximando-se. – Ficou ótimo! Nem parece que estava velha e quebrada!

– Obrigado! – disse Philippe, orgulhoso.

Ela lhe entregou a caneca e ele bebeu avidamente.

– É um jovem bastante habilidoso! – disse a senhora, sorrindo-lhe ao receber a caneca vazia.

O rapaz sorriu encabulado. Não estava acostumado a receber elogios.

– Bom, parece que você já terminou tudo! – disse ela esfregando as mãos no avental. – É hora de receber seu pagamento...

– Senhora, sabe que não precisa me pagar... – disse o jovem.

– Eu sei, meu jovem, mas eu quero! Você está sempre disponível para nos ajudar e merece um pagamento justo, coisa que sabemos que poucos fazem. E hoje, como é um dia especial, sua recompensa será especial também!

Emily entrou ao mesmo tempo em que trotes de cavalo anunciaram a chegada de seu marido. Philippe foi recebê-lo com evidente contentamento. Apegara-se muito ao Capitão nos últimos tempos.

– Olá, Capitão!

– Olá, Philippe! – Diderot desceu da montaria, enquanto Philippe tomava as rédeas do belo animal. – Como está? Muito trabalho?

– Não... É um dia tranquilo. Só preciso cortar e recolher lenha e estarei livre, se o chato do Gerard não me arrumar mais nada pra fazer...

Diderot brincou com Prateada que pulava sobre ele.

– Me avise se Gerard lhe der mais trabalho do que aguenta – disse o Capitão. – Aquele preguiçoso de uma figa está sempre pronto a se aproveitar do suor alheio...

Diderot olhou para Philippe que parecia um tanto inquieto.

– Quer que eu dê um banho em Rayure? – perguntou o rapaz.

– Não, tenho que acompanhar Celine num passeio hoje à tarde. Já que tem pouco trabalho hoje, por que não aproveita para descansar? Tem trabalhado muito ultimamente.

Philippe baixou a cabeça. Não queria descansar. Não naquele dia. Mas estava sem jeito de dizer. O nome de Celine também tocou um velho sino triste dentro dele. Houve um breve silêncio, enquanto o rapaz acariciava Rayure imerso em seus pensamentos e o Capitão o observava, esperando as palavras se encontrarem e emergirem de uma vez.

– Diderot?

– Sim?

O rapaz olhou pra ele, os olhos apertados contra o sol de meio-dia, a testa meio suja de suor e tinta.

– Acha que quando eu me transformar, Celine... – ele olhou para o chão de novo, como se precisasse pensar muito antes de dizer o que tinha em mente. – ...Celine e eu poderíamos ser amigos de novo?

– Ah, garoto... Você ainda não a esqueceu?...

Philippe baixou a cabeça, envergonhado. Sentiu-se ridículo em sequer cogitar que a filha do Duque Jean Lamayer pudesse ser amiga de um pobre coitado sem posses, sem linhagem e ainda por cima, mestiço. Mas as lembranças de quando eram crianças e coisas como títulos e sangue não se interpunham entre eles lhe deu coragem para continuar.

– É que... Lembra-se do baile? Quando ela descobriu que eu era um mestiço?

O Capitão balançou a cabeça. É claro que lembrava.

– No dia seguinte, ela me procurou e disse que podíamos continuar nos vendo... desde que ninguém nos visse juntos.

O rosto de Diderot mudou de compreensão compassiva para a surpresa curiosa.

– Ela disse isso?

– Disse... E eu a mandei embora... Não sei o que estava esperando ou no que estava pensando quando fiz isso... Mas às vezes gostaria de ter agido

diferente. Ela era minha amiga, nos divertíamos tanto juntos. Ríamos, conversávamos...

– Vocês eram apenas crianças, Philippe...

– Eu sei... Só gostaria de saber se poderíamos ser amigos de novo, quando eu me transformar...

– Bom – disse Diderot, – talvez se falar com ela, não precise esperar a transformação... Se sente falta dela, ela deve sentir falta de você também. Amigos de verdade não se esquecem assim.

Diderot bateu levemente em seu ombro e adiantou-se para a casa, quando foi chamado pelo rapaz. Virou-se e esperou curioso. Philippe hesitou e finalmente falou.

– Hoje é meu aniversário!

O Capitão sorriu surpreso.

– É mesmo?

Voltou e cumprimentou o rapaz que sorria feliz.

– Parabéns, garoto! Agora não falta muito! Tenho certeza de que a Grande Mãe logo sorrirá para você e lhe trará a transformação pela qual tanto espera! Por que não vem jantar conosco hoje? Poderemos comemorar!

– Sério?

– Claro! Venha ao entardecer!

Philippe sorriu num entusiasmo genuíno que raramente se via em seu rosto. Pensou em ir à cidade e ver o que podia comprar com suas poucas economias, pois não gostaria de se apresentar na casa do Capitão com seus velhos andrajos puídos e rotos. Na entrada, Diderot e Emily se encontraram e ela beijou carinhosamente o marido. Iluminados pelo Sol, Philippe admirou o brilho em seus olhos que deixavam aquela verdade transparente. Amavam-se. Eram felizes porque estavam juntos. Mesmo quando tinham que passar o dia inteiro longe um do outro, ou semanas, ou meses, quando o Capitão se ausentava a serviço do Duque, ainda estavam juntos, porque a distância não separa esse tipo de amor. Gostaria de saber como é viver no coração de alguém. Deve ser um lugar quente e seguro, um lugar pra onde voltar, um lar. Sentiu-se subitamente vazio e perdido. Um focinho se meteu sob sua mão com vigor, exigindo atenção imediata e irrestrita. Fez-lhe um agrado com um sorriso gentil.

– Eu sei, cara amiga... Sei que você sempre estará comigo... E isso é muito bom.

– O cigano chegou! – gritou Jacques.

Carlo colocou a cabeça para fora da janela, vendo o amigo que o chamara no jardim.

– Jacques! Suba aqui, rápido!

O juvenzinho de roupas finas entrou correndo e subiu as escadas da mansão em passos ligeiros. Encontrou Carlo em seu quarto. O rapaz estava pálido e os cabelos desgrehados grudavam-se na testa suada.

– Não encontro o dinheiro!

– O quê?!

– A moeda de ouro que Madame Travelle me deu!!! Sumiu!

– Onde você a guardou?

– Estava aqui!

Os dois garotos reviraram o quarto, estabanados. Abriram gavetas, reviraram bolsos e caixas decoradas, até que Jacques desistiu.

– Puxa, Carlo!!! – exclamou irritado. – Como você é burro! Como pôde perder algo tão valioso?!

– E o que vou dizer agora?

– Ué! – Jacques deu de ombros, não vendo muita solução para o impasse. – Diga a verdade!

– Não posso!! Esse dinheiro era da mãe da Bernadete! A Sra. Travelle em pessoa colocou a moeda sob meus cuidados! O que ela vai dizer se souber que eu perdi? Sei o que ela vai dizer! – Carlo imitou a voz da mulher com um dedo em riste balançando como uma vara. – “Se você não pôde tomar conta de uma moeda, como poderá tomar conta de minha filha! Seu inútil!”

– Então, o que vai fazer? – perguntou Jacques, de braços cruzados diante do amigo nervoso.

Antes que Carlo sequer pensasse na resposta, irrompeu no quarto sua mãe, segurando nervosa a barra do vestido e quase sem fôlego, dada a pressa com que subiu as escadas.

– Vamos, menino! O que está esperando? O cigano já está na cidade! Pegue o dinheiro e vá comprar as peças de tecido que a Sra. Travelle lhe pediu!

Carlo e Jacques se entreolharam. Era a hora da verdade.

Erguia o machado e o descia com precisão. Cortara bastante lenha e acreditava que já era o bastante. Porém, conhecia Gerard e seu mau humor constante e invencível. Achou melhor prevenir e reunir alguns gravetos e madeiras secos para juntar ao lote. Andou pela floresta e catou as madeiras secas e mortas

que encontrou no caminho. Numa trilha habitual, deu de cara com uma pequena aranha vermelha tentando construir sua teia entre uma árvore e outra, bem no meio do caminho. Deteve-se a um centímetro do inseto sem noção de planejamento urbano. Philippe ficou a observar a trabalhadeira tecendo seu lar. Sua cor era viva e bonita e os fios prateados que traçava refletiam a luz do sol que se intrometia por entre as folhas das árvores altas.

– Minha cara, você não está sendo muito esperta... – disse ele. – Vou explicar pra você... Isso aqui é um caminho de seres maiores do que você. Não é um bom lugar pra sua casa.

Pegou o pequeno inseto com um dos gravetos e colocou-a num lugar fora da passagem.

– Procure um outro lugar pra morar. Um em que as pessoas não te pisem só porque você estava no caminho. E quando encontrar, me chame!

Continuou seu trabalho e catou quantos gravetos pôde encontrar. Voltou satisfeito, acreditando que dessa vez, Gerard não teria do que reclamar. Estava tão ansioso pelo jantar com Diderot e Emily que não conseguia pensar em outra coisa. Seria bom fazer parte de uma família, mesmo que fosse por uma noite. Quando avistou a pilha de lenha que tinha deixado, viu o capataz à sua espera. Diminuiu o passo, pressentindo algo errado. Junto com Gerard, estavam Jacques, Carlo e sua mãe, a Sra. Montaigne. Philippe aproximou-se e colocou o feixe de gravetos secos na pilha.

– Algum problema, senhor?

– Tome. Prenda este animal.

O capataz, ainda com o rosto marcado pelo seu encontro inesperado com o Capitão, lhe jogou a corda com que geralmente prendia Prateada enquanto ele estava por perto, desde que ela o mordera. Philippe não conseguia se lembrar de ter feito nada errado e não via motivos para ter medo. Infelizmente, sabia que isso não era garantia de coisa nenhuma. Mesmo assim, obedeceu. Fosse o que fosse, enfrentaria sem medo, já que não possuía nenhuma culpa. Amarrou Prateada numa árvore próxima, prometendo-lhe que logo a soltaria. Voltou às pessoas que o aguardavam com expressão zangada. Foi quando viu que Gerard tinha nas mãos uma velha palmatória de madeira, conhecida sua de velhos tempos. Naquele momento, teve a constatação de que não importava mais o que dissesse. A sentença já estava dada.

– A Sra. Montaigne disse que você esteve na casa dela ontem, limpando a chaminé.

– É verdade... – concordou Philippe.

– E se aproveitou para roubar uma moeda de ouro do filho dela.

– O quê?!

– Minha moeda desapareceu depois que você esteve lá! – acusou-o Carlo – Você a roubou!

– Eu não roubei nada! – enfureceu-se Philippe.

– Cale-se! – gritou Gerard, dando um passo adiante. – Vou lhe dar uma chance de confessar e devolver o dinheiro longe dos olhos do povo da cidade. Aconselho-o a usar essa chance, pois não vai receber outra!

Philippe olhou bem nos olhos do capataz.

– Senhor, eu juro. Eu não roubei nada – disse, em voz baixa e olhar sincero.

Por um momento, não houve nada além de silêncio. Apenas as folhas das árvores eram ouvidas em seus sussurros alcoviteiros.

– Abaixе as calças e vire-se – ordenou o homem.

Philippe ficou parado, como se não tivesse entendido. Então olhou para Carlo, os olhos brilhando, a voz baixa e trêmula.

– Você sabe que eu não roubei nada.

Carlo hesitou diante do olhar do rapaz. Um breve momento de retidão de caráter o atingiu. Sabia que Philippe tinha razão e teve medo – não de ser injusto – mas de ser descoberto em sua mentira. Philippe não baixou o olhar que atingia Carlo com a verdade que ele queria esconder. Carlo moveu os lábios, mas não disse nada. Ao invés disso, foi a voz de sua mãe que foi ouvida, em alto e bom som.

– Seu mestiço nojento!! Está chamando meu filho de mentiroso? Dei-lhe um bom pagamento pelo serviço e é assim que me retribui? Me roubando e difamando minha casa?

E Carlo viu que não tinha mais volta. Cruzou os braços e voltou a encarar o rapaz acusado. Philippe o olhou com olhos sentidos. Ambos ali sabiam a verdade. Então virou-se e apoiou-se nos joelhos.

– As calças, moleque! – disse o capataz.

Philippe não imaginou que o homem chegaria a tanto. Não era mais criança, era humilhante ser punido como tal diante de estranhos que se divertiam com sua desgraça. Ergueu-se e, de cabeça baixa, obedeceu. Apoiou-se novamente e esperou a primeira pancada. E ela veio, impiedosa como achou que viria. A madeira estourou nas nádegas e quase o jogou para frente. Segurou-se, trincou os dentes e esperou a próxima. Os olhos brilhando de ódio, o rosto vermelho, a dor aumentando a cada golpe, nada o faria confessar algo que não fizera. Se queriam espancá-lo, que o fizessem. Ele sempre dissera a verdade e ao lado dela morreria, se assim fosse. Iriam moê-lo de pancadas, humilhá-lo, mas não o denegriariam, não permitiria que o rebaixassem a um ladrão.

Diderot andara pensando no que Philippe dissera sobre Celine. De fato, eventualmente ela perguntava sobre ele e o Capitão nunca entendera porque ela mesma não o procurava. Não via mal nenhum na amizade dos dois jovens, embora admitia que o preocupava a possibilidade de se apaixonarem. Isso, sim, seria um problema. Porém, a solidão do rapaz o comovia. Isso embotava suas noções de certo e errado e passava a não ver nenhum perigo em aproximá-lo de Celine. E foi isso que o levou a seguir um caminho diferente no passeio com a jovem filha de Jean Lamayer.

Celine gostava de passear com o Capitão. Ele era garboso e fazia boa figura. Sentia-se bem ao estar com ele – na verdade, talvez até sentisse uma ligeira atração juvenil pelo charmoso militar – e conversavam sobre amenidades enquanto ela exibia seu melhor porte ao cavalo. Naquela bela tarde, estava feliz em ver o Capitão Diderot tão solícito e simpático e menos paternal do que de costume.

Philippe sentia as pernas tremerem. As pancadas continuavam, cada vez mais fortes. Achou que não resistiria de pé por muito tempo e logo cairia. Gerard continuaria a bater nele, assim mesmo. Bateria até que confessasse o que não fez e entregasse o que não tinha. Deu um passo trôpego com a nova pancada, mas voltou a se equilibrar. Olhou para a frente e achou ter visto um movimento entre as árvores. Outra pancada o fez fechar os olhos e apertá-los com força. Olhou de novo, sem acreditar. Certificou-se do que via, e baixou a cabeça, enquanto outra pancada o atingia em cheio, o coração estourando de ódio pela injustiça e pela própria vulnerabilidade. Apertou os joelhos com as mãos, as unhas marcando a própria carne, um soluço mudo preso na garganta. Então, contra tudo o que prometera a si mesmo, fez o que queriam.

– Chega... – disse numa voz que saiu baixa e trêmula demais para ser ouvida.

Outra pancada o fez gritar mais alto.

– Chega!!!

Gerard deteve-se com a palmatória no ar, como se esperasse uma confirmação do que tinha ouvido.

– Eu confesso!... – disse o rapaz, esperando outra pancada.

Como esta não veio, ergueu-se e se vestiu, ainda trêmulo. Virou-se para seus acusadores sem encará-los, os cabelos encobrindo o rosto envergonhado.

– Fui eu. Eu roubei a moeda – disse, de cabeça baixa, diante de todos.

Carlo não disfarçou o espanto, embora não fosse surpresa nenhuma que alguém que estivesse apanhando tanto confessasse qualquer coisa.

– Ótimo! Já era tempo! – disse, abanando-se com um leque a Sra. Montaigne. – Agora, devolva logo o dinheiro! Não temos o dia todo!

– Aposto que já gastou tudo! – disse Carlo, supondo que Philippe não teria, naturalmente, uma moeda de ouro no bolso.

Para sua surpresa, Philippe enfiou a mão no bolso e entregou-lhe uma moeda dourada, brilhando como se tivesse sido cuidadosamente polida (e tinha mesmo).

Neste momento, Diderot se aproximou, acompanhado de Celine, que continuava a tagarelar sobre sua visita ao Château das Vinhas Vermelhas. O Capitão já desconfiara de algo errado quando viu Prateada amarrada, latindo e saltando como uma desesperada.

– O que está acontecendo? – perguntou, vendo Philippe entregar uma moeda de ouro para Carlo naquela estranha reunião.

– Nada! Já resolvemos! – disse Gerard, encerrando logo o caso para evitar a sempre inconveniente intromissão do Capitão.

– Obrigada, Monsieur! – disse a Sra. Montaigne. – Resolveu muito eficientemente a questão.

A mulher lhe deu umas moedas de cobre como recompensa e saiu reclamando sobre não poder confiar em ninguém, sobre como o mundo estava mudado e que em seu tempo isso jamais aconteceria. Carlo e Jacques, absolutamente surpresos, a seguiram. Diderot olhou para Philippe que, de cabeça baixa, passava a mão pela face vermelha, limpando uma lágrima delatora.

– O que está esperando, praga traiçoeira? – berrou Gerard – Volte ao trabalho!

Philippe virou-se e saiu sem sequer olhar para Diderot e sua bela acompanhante.

– Vamos continuar o passeio, Capitão?

Diderot percebeu que Celine prosseguira alguns metros e o chamava, alguns passos adiante. Retomaram o passeio em silêncio. Celine não mencionou o fato, como se nem mesmo tivesse visto alguma coisa. Quando falou algo, foi sobre o tempo. Diderot não resistiu e a interrompeu bruscamente, parando também o cavalo.

– Celine... Você e Philippe eram grandes amigos quando crianças. Não sente falta dessa amizade?

Celine riu, ligeiramente nervosa, embora tentasse aparentar uma naturalidade graciosa que nunca fora seu forte.

– Ah, Capitão!... Não me lembre disso! Éramos só crianças e eu não sabia que ele era um mestiço de origem duvidosa! Um bastardo, pela Deusa!

– Ter sabido teria mudado quem ele era pra você? Teria feito alguma diferença nos momentos que tiveram?

Celine pareceu confusa.

– Claro! Quer dizer, não. Não sei! Por que me pergunta isso?

Diderot olhou para a paisagem a sua frente.

– Porque acho uma pena que coisas bonitas tenham que morrer por causa do que os outros pensam. Se lhe dissessem que essa paisagem é feia, tacaria fogo nas árvores? Philippe é inteligente, gentil e uma excelente companhia, e isso não tem nada a ver com o sangue que corre em suas veias. Isso vem de dentro, Celine.

– É, eu sei... Mas ele ainda é um mestiço, Capitão... Não está no meu nível... E também não está no seu. Todos no Château acham que o senhor se rebaixa dando-lhe tanta atenção, e, se quer mesmo saber...

– Na verdade, Celine, não, eu não quero saber. Não me importo com o que os outros pensam, muito menos com o que dizem. Me espanta que você se importe, porque só pessoas muito pequenas deixam-se guiar por cabeças mais vazias que as suas próprias.

O rosto de Celine avermelhou-se. Subitamente, a companhia do Capitão não lhe pareceu mais agradável. Empinou o nariz e encarou-o.

– Isso, foi rude, Capitão! Exijo que se desculpe!

Diderot parou e observou a menina que, há anos que lhe pareciam tão poucos, mas já se juntavam numa década, sentava em seus joelhos pedindo-lhe que contasse histórias de heróis. Agora, Celine era uma bela moça em trajes novos e velhos preconceitos. Suspirou.

– Peço desculpas pelas palavras, Celine... Foram rudes...

A moça o olhou, ainda empertigada, e retomou o caminho de casa, quando ouviu novamente a voz do Capitão.

– ...Mas totalmente sinceras...



Emily preparara o jantar e esperava o convidado na bela sala de estar. Seu marido, no entanto, não parecia compartilhar da animação. Sentados em silêncio, Emily achou que ele estava apenas cansado do dia, embora seus quinze anos de casamento lhe dissessem o contrário.

– Philippe está demorando! Achei que ele estaria aqui assim que anoitecesse! – comentou ela, enquanto bordava um vestido para si mesma.

Diderot se levantou e foi até a janela. Sabia que esperavam em vão. O convidado não apareceria e sabia que o atraso não demoraria a se transformar em ausência. Olhou o céu enegrecido e a solidão se estendendo até onde a vista alcança.

– Ele não virá, Emily... – disse, enfim.

A esposa parou o bordado e olhou pra ele surpresa.

– Por que não? O que aconteceu?

Ele olhou para ela com expressão aborrecida. Era mais uma história que o fazia se envergonhar de seu clã e fazia-o sentir-se muito solitário em sua forma de pensar.

Sob o céu estrelado, o vento batia levemente as janelas do velho casebre numa cadência lenta. Diderot saltou do cavalo e viu a luz bruxuleante do lampião iluminando o interior da casa. Entrou com cuidado e viu Prateada deitada num velho tapete num canto da casa. O belo animal levantou a cabeça e as orelhas em atenção e voltou a deitar, como se preferisse manter silêncio a acordar seu dono. Carregando uma cesta, o Capitão caminhou até a mesa e pousou-a sobre ela, enquanto virava-se para o rapaz deitado na cama, no mesmo aposento. Philippe fez menção de levantar-se, mas parou a meio caminho e permaneceu apoiado no cotovelo.

– Diderot? – disse, com a voz embargada de quem acabara de acordar.

– Boa noite, garoto – o Capitão ficou de pé perto da mesa e falava com voz gentil. – Emily e eu o esperamos para jantar hoje...

Philippe baixou a cabeça. Claro que não tinha esquecido, mas depois do que passara com Gerard e Carlo, preferira ficar só. Era triste para ele abrir mão do jantar que lhe fora tão gentilmente oferecido, mas mal conseguia se sentar e lhe doeria demais dar explicações do que acontecera. Preferira levar o próprio corpo cansado e dolorido para casa e deitar até a dor passar e o sono lhe dar um alívio das lembranças do dia.

– Desculpe... Estava indisposto...

Diderot pegou uma cadeira e puxou-a para perto da cama, sentando-se.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou o militar.

Philippe mordeu os lábios, sem encará-lo e meneou a cabeça, dizendo que não.

– Pode pedir desculpas a D. Emily por mim? – perguntou o rapaz, voltando a deitar-se de lado.

– Claro... – disse o Capitão, percebendo com um sorriso que Philippe nunca conseguia mentir olhando nos olhos de alguém.

– Poderíamos jantar amanhã? – perguntou Philippe.

Diderot fitou um momento o rapaz. Estava tão abatido...

– Amanhã sairei para acompanhar a comitiva do Château das Flores de volta pra casa... Só estarei de volta em uma semana.

O desapontamento ficou estampado do rosto do jovem.

– Mas Emily lhe mandou um pouco da janta de hoje! – disse Diderot, levantando-se e caminhando até a cesta sobre a mesa, de onde retirou pratos e frutas. – Quer comer um pouco agora?

O rapaz não se moveu. Seus olhos brilharam e ele tentou sorrir.

– Não, obrigado... Não me sinto bem...

O Capitão o olhou, sabendo que ele não contaria a verdade.

– Não é pela comida, não é mesmo? – disse docemente Diderot, sabendo que Philippe, em sua solidão imposta pela linhagem e sangue, prezava toda oportunidade de estar com ele e Emily e com certeza lhe doera muito faltar à comemoração daquela noite.

– Não... – murmurou Philippe, olhando-o nos olhos. – Nunca foi...

– Façamos o seguinte então! – o Capitão voltou a sentar-se na cadeira e aproximou-se do rapaz com um sorriso amigável. – Quando eu voltar, faremos um jantar especialmente pra você. Até lá, tenho certeza de que já estará se sentindo bem melhor!

Philippe tentou sorrir, mas dessa vez não conseguiu. O desânimo o cobria como um manto escuro e a desesperança estava perto demais para deixá-lo ver que dias melhores se escondiam por trás de nuvens negras.

Diderot lamentou ver o rapaz que parecia nunca se abater tão derrotado. Levou a mão ao bolso e retirou algo que colocou na mão do garoto, fechando-a a seguir. Philippe sentiu algo gelado e, abrindo a mão, deixou que os olhos brilhassem de surpresa. Tentou evitar, mas sua própria transparência não permitiu e seus olhos cheios d'água o denunciaram. Olhou para o Capitão que lhe sorria gentilmente. Então, ele sabia o tempo todo... Em sua mão, pálida à luz da lamparina, brilhava uma moeda de ouro, dessas que não se vê todos os dias...

– Não precisa... – disse, estendendo a moeda de volta para o amigo.

Suavemente, Diderot voltou a fechar a mão do garoto com a moeda dentro.

– É sua – disse. – Emily me contou que lhe deu uma moeda de ouro por seu aniversário e por todo o trabalho que tem feito por nós. Você trabalhou por ela, ninguém tinha o direito de tirá-la de você.

O rapaz mordeu os lábios e olhou novamente a moeda. Apertou-a na mão e puxou-a para si.

– Não foi pelo dinheiro... – disse.

– Eu sei...

– Nunca foi pelo dinheiro... – murmurou, não conseguindo mais esconder a nascente das lágrimas.

A luz do lampião amarelava tudo dentro da casa e Prateada parecia observar e ouvir tudo com atenção.

– Tudo bem, deixe isso pra lá... – disse Diderot. – Vai passar, vão esquecer, não se preocupe com isso...

– Mesmo com a transformação, algumas coisas nunca vão mudar, não é mesmo?...

Ele olhou para o Capitão, as lágrimas rolando pelas faces.

– Mesmo que eu me transforme... Mesmo que eu prove que sou igual a vocês... Ela nunca vai olhar pra mim do jeito que eu sou... Para ela, serei sempre um mestiço sujo... Como viver sendo nada para alguém que é tudo pra você?...

Sua voz foi ficando cada vez mais baixa, até ser só um murmúrio distante, sobrepujada pelos murmúrios tristes das árvores ao vento da noite. Seus olhos se fecharam, as últimas lágrimas banharam o velho travesseiro de palha e macela e ele não se moveu mais. O Capitão sentiu o coração pesar. Gostaria que a Lei não fosse tão cruel e que as pessoas não fossem tão cegas. Se ao menos elas pudessem ver além de velhas tradições, de velhos preconceitos, além de suas próprias limitações, poderiam ver que Philippe, em sua simplicidade, era mais honrado e digno do que a maioria dos que portavam e exibiam grandes títulos de nobreza com tanto orgulho.

Suspirou, vendo o rapaz dormir profundamente, vencido pelo cansado e pelo dia, procurando refúgio nos caminhos da Lua. Philippe não tinha problemas desde que Prateada crescera e assumira o interessante e inesperado papel de guardiã daquele que cuidou do pobre filhote raquítico e doente. Mas agora as coisas estavam mudando. Por mais que a grande loba branca mantivesse sadistas como Ravin afastados, não havia muito o que pudesse fazer contra Gerard. O capataz, um pobre incompetente bêbado esquecido pelos ricos, estava sempre à procura de uma oportunidade de lambar as botas dos abastados e, assim, à sua estranha maneira, se sentir importante. Um bêbado contumaz e homem violento, Diderot não deixaria nem uma pedra aos cuidados de Gerard, que dirá alguém sem possibilidades de defesa. Gerard tornara-se um perigo iminente e requeria solução imediata, antes que causasse um mal irremediável.

O Capitão levantou-se e puxou a cobertura até os ombros de Philippe, cuja mão ainda apertava a moeda dada. Deixou a casa e montou em Rayure. Precisaria acordar bem cedo no dia seguinte. Tinha um problema a resolver.

Capítulo 5

O Dia Seguinte

O sol mal mostrara a ponta de sua brilhante testa e já havia movimento no castelo. Estavam todos prontos para se despedir de Lady Vanderlee e seus filhos Henry e Noisette. A estadia pretendia mostrar o melhor do Château das Vertentes aos seus vizinhos e uma despedida impecável fazia parte do pacote.

Celine não estava em seu melhor humor e tinha sérias dificuldades em disfarçar isso. Não tinha muita intimidade com Lady Vanderlee e, apesar de nutrir certa afeição por Henry e Noisette, passaram-se muitos anos desde que se viram pela última vez e a distância havia se estabelecido, especialmente quando se estabeleceu também a concorrência. Tanto ela quanto Henry eram candidatos na disputa pela coroa que aconteceria em alguns anos e Celine acreditava que isso já tinha sido o bastante para tornar o relacionamento deles mais cuidadoso. Polido, porém frio. Como filha do Duque das Vertentes, a Duquesa passara os últimos anos viajando pelos Châteaux se preparando para disputar a coroa e uma das coisas que aprendeu mais rapidamente foi que pessoas mudam quando suas ambições estão em jogo.

– Olá, Celine! Pensei que não fosse vê-la! – disse sorridente Henry enquanto descia as escadarias do castelo colocando suas luvas.

Celine o olhou sem muito interesse. Era um juvenzinho atraente, porém desprovido de charme. Parecia um pote bonito: bem pintado, belo de longe, mas totalmente vazio quando se olha mais de perto. Não se deu ao trabalho de sorrir.

– Pois é... – respondeu, sem ter muito o que dizer.

– Você parece cansada! – comentou ele. – Acaso não dormiu bem? Devem ser os mosquitos! Como tem mosquitos aqui! Zumbem e atacam impiedosamente a noite inteira!

Algumas pessoas são desagradáveis porque se esforçam. Outras o são naturalmente. Celine ainda não sabia qual era o caso de Henry. Tiveram o melhor tratamento, foram praticamente carregados no colo e o imbecil ainda tinha algo de que reclamar? A moça não estava com humor para choramingos e cortou logo a conversa.

– Não foram os mosquitos. A minha pele não deve ser tão sensível quanto a sua que se incomoda por tão pouco.

– Ora, não me leve a mal, minha cara! Acaso está precisando carregar peso pra ganhar músculos? Então porque essas quatro pedras na mão logo de manhã? Foi só um comentário inocente!

Celine não percebeu, mas torceu o nariz e apertou os olhos, o que a deixou parecida com uma fuinha zangada.

– Com licença – disse a moça irritada. – Vou ajudar sua irmã. Ela ainda não desceu, deve estar com dificuldades em saber qual sapato vai em que pé.

Ela subiu as escadas, deixando o jovem debochado rindo silenciosamente atrás de si. Henry tinha certeza absoluta de sua vitória – ninguém sabia muito bem porque, já que, cá entre nós, ele não tinha tantos motivos assim – e achava divertido implicar com a jovem concorrente.

Celine subia as escadas imaginando como seria bom se aquelas pessoas simplesmente sumissem. Não admitiria nunca para aquele idiota engomadinho, mas dormira realmente mal. Custara a pegar no sono e vira a cotovia piar. Quando fechou os olhos, Constance a acordou para a despedida. Colocara a culpa no jantar – no qual mal encostara – mas a verdade era que as palavras duras de Diderot caíram-lhe no estômago como pedras.

Enquanto isso, no grande salão, Lamayer dava as últimas ordens para os criados que deveriam checar a carruagem e dar água aos cavalos.

– A última coisa que eu quero é que algo aconteça e essa gente volte... – murmurou pra si mesmo quando o último homem deixou a sala.

Lamayer não gostava muito de receber visitas. Conhecera de muito perto a corte e sabia da rede de intrigas e fofocas dos Lobos e como coisas aparentemente tolas podiam degringolar em questões muito sérias, especialmente quando estavam se aproximando da escolha do novo rei ou rainha. Com certeza, sentiria-se mais receptivo a visitas se estas fossem sinceras e desprovidas de interesses e segundas intenções. E estas, infelizmente, eram raras. Deu um suspiro e preparava-se para sair quando Diderot surgiu na porta da sala.

– Senhor, posso lhe falar um instante?

– Capitão! Que prazer em vê-lo! Está pronto para a viagem?

– Sim, mas é sobre isso que eu quero lhe falar!

Lamayer cerrou as sobrancelhas grossas.

– Algum problema? Não me diga que algo resolveu dar errado justamente agora!

Diderot sorriu, tranquilizando o Duque.

– Não, senhor! Nada de errado! É que andei pensando e acho que deveria permitir que Gerard fosse comigo na comitiva para o Château das Flores.

Lamayer espantou-se e piscou algumas vezes.

– Gerard?! Por quê?

– Bom – Diderot aproximou-se, – ele anda bebendo um pouco demais e acho que uma missão fora do Château o ajudaria a esquecer um pouco a bebida. Além do mais, a vinicultura do Château das Flores é famosa por produzir o melhor

vinho de todos os clãs. Não seria ótimo se Gerard fosse e aprendesse alguns dos segredos deles para implantá-los aqui no Château das Vertentes?

Lamayer não precisou pensar muito. Eram bons argumentos.

– É uma boa ideia! Mas a comitiva já vai partir e nem pense em me pedir para adiar a partida deles. Vá correndo chamá-lo e informe-o do que tem que fazer. Você está no comando, Diderot! Leve essa gente de volta e certifique-se de que eles não voltem tão cedo!

– Sim, senhor! Não precisa pedir duas vezes!

Diderot saiu com um sorriso. A ideia de levar Gerard consigo não surgira tão tarde, mas deixou para mover suas peças em cima da hora de propósito. Não queria ninguém com tempo extra pra pensar.

Foi até a casa de Gerard. Precisou chamar duas vezes até que o homem, que encarava uma nítida ressaca, surgisse na porta com seus olhos miúdos e vermelhos e sua barba sem cuidados.

– O Duque ordenou que se apronte. Você vai seguir com a comitiva para o Château das Flores.

O homem coçou a cabeça, confuso.

– Eu?! Por quê?

– Não há tempo agora, a comitiva já está pronta! Eu lhe explico tudo no caminho! Vamos!

Naquela manhã, o Duque de Lamayer e sua filha se despediram da Condessa de Vanderlee e seus jovens filhos. A carruagem partiu com muitos acenos e a companhia de alguns criados e cavaleiros. Na escolta, o Capitão, dois soldados e o capataz responsável pelo cultivo de uma parte das terras do castelo, Gerard.



Perto da hora do almoço, Ravin ouvia interessado a história dos amigos na taverna Presas Brancas.

– Não acredito que eu perdi isso! – reclamou o jovem de cabelos ruivos e grossos com um largo sorriso. – Fizeram o mestiço levar a culpa e apanhar de Gerard na sua frente e nem me chamaram?! Que tipo de amigos vocês são?

– Não foi planejado, Ravin! – explicou Carlo.

– Não, mesmo! – contou Jacques. – Como sempre, Carlo não tinha a menor ideia do que fazia e foi improvisando!

– Nem acreditamos quando ele confessou e ainda nos entregou uma moeda de ouro! – continuou Carlo.

– Mas, se ele entregou uma moeda, então deve ter roubado mesmo! Onde mais conseguiria tanto dinheiro? – deduziu Ravin.

– Foi o que pensamos! – disse Jacques, rindo. – Até que voltamos pra casa e adivinha o que o Carlo achou dentro de um bolso?

Ravin não pôde evitar deixar o queixo cair.

– Não!...

– Pois acredite! – contou Jacques. – Este tonto encontrou a moeda da Sra. Travelle e ainda tirou uma moeda do mestiço!

– Mas você precisava ver como Gerard bateu nele! Foram mais de cinquenta palmadas no traseiro com a palmatória, não foi? – Carlo descrevia os detalhes.

– O estúpido não confessou até não aguentar mais! O traseiro dele já estava vermelho e ele tremia todo! Aposto que ele não vai sentar tão cedo!

Eles riram e Ravin comeu um pedaço de carne que estava sobre a mesa, quando teve uma ideia.

– Vocês sabem o quão injusto foi isso? Se tinha alguém para presenciar o mestiço levando uma surra, esse alguém tinha que ser eu! Proponho que a cena se repita e que, dessa vez, eu esteja presente. Que tal agora?

Os rapazes riram e saíram correndo da taberna, deixando umas moedas sobre a mesa.

Colhia hortalças sem muito entusiasmo. Prateada o chamara para brincar com um graveto. Ele continuou seu trabalho sem lhe dar atenção. O animal ressentiu-se e deixou cair o graveto no chão, perdendo o interesse. Deitou-se numa sombra e ficou a observar o dono.

Philippe passara por muitas coisas. Poucas o abateram. Essa foi uma delas. Passos o alertaram e levantou-se. Ravin, Jacques e Carlo riam e se aproximavam. Sentiu medo, mas não ia demonstrar. Se o fizesse, estaria nas mãos deles para sempre.

– Olá, mestiço! – riu Ravin. – Ouvi dizer que recebeu uma boa surra ontem! Como ninguém me avisou, acabei perdendo o espetáculo, mas imagino que não se importará de fazer uma nova apresentação para nós.

– Por que não vão todos para o inferno? – respondeu Philippe, com certa dificuldade em encará-los, pois travava uma luta feroz contra o desespero de ser para sempre o brinquedo daquelas pessoas cruéis.

Ravin e os outros pararam de rir.

– Você é idiota? Acha que pode alguma coisa contra nós?

Ravin deu um passo em sua direção e imediatamente um lobo se interpôs entre eles. Prateada arrepiou-se e mostrou os dentes, grandes e brancos como a

neve. Ravin retrocedeu.

Uma voz foi ouvida. Um jovem, uma década mais velho que eles, surgiu com expressão curiosa. Tinha cabelos castanhos encaracolados sob um chapéu que o protegia do sol e trazia nas mãos uma palmatória.

– Algum problema? – perguntou.

– Sim! – retrucou Ravin. – Estamos procurando Gerard!

O rapaz de chapéu riu discretamente, olhando para os sapatos. Então voltou a olhar para os rapazes.

– Então vão ter que procurar mais longe. Ele foi para o Château das Flores.

Por essa eles não esperavam. Entreolharam-se confusos.

– E quem está no lugar dele? – perguntou Carlo.

O jovem se aproximou ainda mais, deixando à vista o rosto quadrado e as sobrancelhas retas e grossas.

– Eu mesmo! Posso ajudar?

– Pode! Queremos fazer uma acusação! – disse Jacques. – Esse mestiço roubou algo de minha casa!

– É mesmo? O quê, exatamente? – perguntou o jovem, demonstrando interesse.

– Uma joia, de minha mãe.

– Que tipo de joia?

Jacques começou a ficar confuso. Não tinha planejado a mentira tão bem.

– Um broche! Puna-o e ele vai acabar confessando!

Philippe olhou surpreso para seu novo capataz, que estava acabando de conhecer. O capataz olhou para ele por um instante.

– Rapaz, você roubou alguma coisa? – perguntou.

– Por Deus, senhor! Eu juro que não! – respondeu Philippe.

O capataz voltou a olhar para os acusadores.

– Ele disse que não roubou nada.

– E o que importa o que ele disse? – esbravejou Ravin. – Nós estamos dizendo que ele roubou!

– Mas, se for mentira, terei que punir vocês! – o rapaz se aproximou ainda mais, ficando cara a cara com os três. – Eu vou simplificar. Ontem, vocês dois idiotas vieram aqui e acusaram o mestiço de um roubo. Tiraram dele uma moeda de ouro. Adivinhem só! Ontem mesmo, esses mesmos dois idiotas gastaram uma quantia considerável na carroça do cigano e pagaram não com uma, mas com duas moedas de ouro.

– E daí? Somos ricos! Temos dinheiro para comprarmos o que quisermos! – explicou-se Jacques, nervoso.

– Tem razão! – concluiu o jovem com mãos na cintura. Por isso mesmo, acho que devo perguntar diretamente para seus pais e levar o caso ao Duque.

Os garotos se entreolharam. Ravin olhou para os dois.

– Vocês são imbecis! Não sei porque ando com vocês! Virem-se sozinhos! Eu vou embora!

Deu as costas e saiu. O capataz olhou para os dois que ficaram.

– Parece que agora é só entre nós. Eu tenho uma proposta! Dou-lhes uma leve punição agora mesmo e esquecemos o assunto.

– Nem pensar! – gritou Jacques, dando um passo atrás e encarando Philippe que, surpreso, assistia a tudo de boca aberta.

– Tudo bem, então podemos ir agora ao Duque que saberá decidir se vocês merecem uns tabefes ou não.

Carlo virou-se para Jacques e pediu-lhe que reconsiderasse. Cochicharam por alguns segundos. O fato é que, sem a cumplicidade de Gerard, estavam em apuros. Carlo, que tinha mais a perder, implorou ao amigo que aceitasse os termos do novo capataz. Jacques, por sua vez, sabia que não sairia impune ao deixar o caso ser levado ao Duque. Entre tantos receios e um grande medo de se perder o brilho e o status por causa de uma bobagem, cederam. Na nobreza, tudo devia ficar o mais oculto possível e não havia nada pior do que roupas de rendas sendo lavadas em público. Viraram-se e, resignados, aceitaram a punição. Arriaram as calças e deixaram-se bater por alguns minutos. Quando o capataz os liberou, vestiram-se e correram para longe. Philippe não acreditava no que tinha visto.

– Garotos irritantes... – murmurou o jovem capataz.

Virou-se para Philippe, ainda paralisado e totalmente atônito.

– Meu nome é Normand, filho de Linus, o armeiro. Vou ficar no lugar de Gerard enquanto ele não volta. Faça seu trabalho, não me arrume problemas e vamos ficar muito bem.

– Sim, senhor – respondeu Philippe, baixando os olhos em respeito.

Normand virou-se e saiu. Deu alguns passos e voltou-se para o rapaz.

– Termine o que está fazendo e deixe o resto para amanhã. Vá descansar. Trabalhará mais rápido amanhã se puder se recuperar hoje.

– Obrigado, senhor.

Quando ficou só, voltou a colher alfaces, rindo consigo mesmo do que acabara de ver e torcendo para não acordar de repente e descobrir que foi tudo um sonho. É verdade que os dois garotos não apanharam nem um terço do que ele, mas isso não importava. Saber que estava agora sob as ordens de alguém com algum senso de justiça lhe dava uma tranquilidade que há tempos não sentia. Pressentiu que uma semana sem Gerard seria algo muito bom e estava decidido a aproveitar.

Capítulo 6

Umas simples garrafas de vinho

Os cascos dos cavalos marcavam o compasso da viagem enquanto a Duquesa de Vanderlee e seus filhos conversavam. Em geral, falavam dos defeitos da casa onde estiveram, algo muito pouco polido, mas que fazia parte dos hábitos da família há algumas gerações. Comentavam que Celine não teria chance na disputa pela coroa. Talvez estivessem certos, mas na teoria, as chances de Celine eram as mesmas que as de Henry. Mesmo faltando ainda dois anos para a competição, os cavalos principais dessa corrida já estavam escolhidos e, certamente, Celine e Henry eram simples azarões que corriam contra todas as apostas.

Do lado de fora, Diderot e seus guardas caminhavam em silêncio, observando a paisagem e possíveis perigos ocultos. Gerard vez por outra olhava para o Capitão com certa desconfiança. Não gostava de trabalhar, muito menos de obedecer àquele militarzinho empertigado. Gerard poderia ficar orgulhoso de ser enviado a um trabalho pelo próprio Duque, mas estava concentrado demais no trabalho que teria ao chegar para aproveitar o momento. Pegou uma garrafinha antiga de dentro do gibão e levou a boca.

– Gerard! – chamou o Capitão, emparelhando seu cavalo com o dele e estendendo-lhe a mão.

Gerard olhou-o sem entender. O Capitão foi mais claro.

– Me dê isso.

Relutante, o homem entregou a garrafa. Diderot cheirou e afastou o rosto imediatamente. Derramou o conteúdo no caminho de terra.

– O que está fazendo??? – gritou Gerard, vendo o precioso líquido escorrer para o pó.

– Lamento, meu amigo, mas ninguém bebe em serviço quando está sob meu comando. Minha nossa! O que era isso? Não é à toa que até seu cavalo parece andar de lado!

Os dois guardas que acompanhavam a comitiva riram e Diderot adiantou seu cavalo, deixando Gerard e sua cara espantada para trás.

Passou-se algum tempo até que as pessoas da carruagem colocassem suas cabeças para fora para perguntar o quanto faltava. Logo parariam para que a família pudesse comer algo e descansariam os cavalos.

– Há um riacho adiante – explicou Diderot para a Duquesa pela janela. – Pararemos lá em breve.

Depois de uma breve pausa para o almoço, prosseguiram. Chegariam ao destino à noite. Gerard não estava acostumado a ficar um dia inteiro sem beber. Isso afetou seu humor e sua ira silenciosa se voltou contra o Capitão. Não o suportava. Não tinha sangue nobre e, mesmo com o histórico de heróis de sua família, não merecia receber cargo tão importante. Ao seu ver, eram iguais. Por que então ele tinha que obedecer? Rangeu os dentes, sentindo a boca seca. Não podia fazer nada. Diderot era intocável. Mas sabia muito bem como atingi-lo. Quando voltasse, o garoto que caíra na simpatia do militar iria pagar pelos erros de seu protetor. Gerard encontrou então uma diversão mental para o resto da viagem. Planejava com detalhes como se vingaria do Capitão através do garoto mestiço. Primeiro, o mataria de trabalhar. O cansaço provocaria erros e então o puniria com crueldade. Bom, para a mente limitada de Gerard, este era um grande e elaborado plano. E era nele em que pensava quando o Sol se despediu, a noite chegou e a estrada ganhou os sons da noite na floresta.

O Château das Flores parecia possuir uma magia que o tornava belo em todas as épocas do ano. Como os outros Châteaux, era uma cidade que se formava ao redor de um castelo, cercado por jardins e rodeado por montanhas. Eram vários espalhados pelas terras européias, cada qual com suas próprias características e leis, mas todos vivendo sob a Grande Lei dos Lobos. À primeira vista, pareciam cidades comuns de gente comum. Mas sob a luz do luar, as coisas se mostravam diferentes.

Os Châteaux eram mais que cidades isoladas, mas refúgios para seres especiais, que ainda viviam de acordo com as antigas Leis e uma antiga deusa, que chamavam de Grande Mãe. Estes seres já haviam convivido com humanos, mas as perdas da guerra os fizeram repensar suas escolhas. A guerra derramou o sangue desses seres e de muitos outros sobre a terra, que devolveu a ofensa na forma de grandes catástrofes que dizimaram milhares de pessoas. Os encantados, como eram chamados todos os que mantinham uma ligação com o invisível, conheceram, naquela que foi chamada Guerra das Sombras, a traição, a ganância e a intolerância dos humanos.

Com o fim da Guerra, selada por um tratado entre os inimigos – vampiros e lobos – estes últimos decidiram se ausentar do convívio humano. Salvo alguns que prezavam demais a liberdade para se conterem a vida inteira num único local, a maioria se organizou em cidades antigas pra onde se retiravam os velhos demais para lutar. O que era um retiro para a morte e despedida se transformou nos Châteaux, um refúgio, um abrigo e, na maioria das vezes, um bom lugar de se viver. Se você for um deles, claro.

Assim que chegaram, a criadagem esperava na porta do castelo e imediatamente começou a retirada das bagagens. Diderot ajudou as senhoras a descerem da carruagem. Madame Vanderlee estava dolorida e levou as mãos às costas.

– Minha nossa, esta viagem bem que poderia ser mais curta! Minhas costas vão doer a semana inteira!

Diderot lhe estendeu a mão para ajudá-la e ela lhe lançou um sorriso malicioso.

– Suas mãos bem que poderiam ser um alívio dessas dores, Capitão! Daria qualquer coisa agora por uma massagem!

O militar sorriu e estendeu a mão para a juvenzinha que vinha logo atrás, saltando rapidamente do carro.

Diderot foi convidado a ficar em um dos quartos de hóspedes, enquanto os guardas e Gerard foram acompanhados até suas acomodações com a criadagem, num outro pavilhão. Gerard olhou com desprezo para o quarto que teria que dividir com os guardas. Jogou suas coisas sobre a cama e preparou-se para sair.

– Ei! Onde pensa que está indo?

Gerard se assustou com a cobrança.

– Vou à taverna. Minha garganta está seca.

– Não seja por isso – retrucou o outro guarda. – Tem água fresca aqui.

Gerard riu.

– Talvez pra vocês, crianças, isso seja o suficiente. A minha sede precisa de mais do que isso.

Virou-se pra sair e deu de cara com o primeiro guarda, de braços cruzados diante dele.

– Lamento. Não devemos sair e você não deve beber. Ordens do Capitão.

Gerard arregalou os olhos e balbuciou alguma coisa que não saiu inteligível. Rugiu de raiva e virou-se sobre os calcanhares, indo para sua cama, enquanto os guardas riam discretamente.

Os dias se passaram tranquilamente no Château das Vertentes. Philippe recebeu de bom grado a redução de trabalho e aproveitou o tempo livre realizando pequenos consertos em sua própria casa e divertindo-se. Já fazia quase uma semana que Diderot partira com a comitiva e admitia que sentia falta do amigo, mas sempre que pensava em sua volta, lamentava, pois lembrava que isso marcaria também a volta de Gerard. Afastou esses pensamentos. Não iria pensar nisso até

ser preciso. Olhou para o céu incrivelmente azul onde dois falcões realizavam uma dança com o vento. Sentiu a brisa fresca no rosto e olhou o lago azul a convidá-lo para um mergulho. Tirou as roupas e saltou. A água o abraçou e o recebeu como um filho que há muito tempo não via, envolvendo-o deliciosamente. Ele viu os peixes e as pedras refletindo esmaecidamente a difusa luz do Sol. Virou-se e olhou para o Sol, distorcido pela água. Com o ar no fim, subiu quase num salto, jogando gotas de água brilhantes como vagalumes para todo lado. Sorriu para o Sol, como se retribuísse um favor.

Numa colina ligeiramente mais alta, um rosto feminino enrubescia ao ver o rapaz tirando a roupa. Virou o rosto sabendo que uma donzela não devia ver essas coisas. Então sorriu e voltou a olhar. Deitada na relva verde, Celine observava os fartos cabelos negros cascadeando pelas costas até a cintura. Não era mais o garoto franzino que conhecera e com quem corria livre pelos campos primaveris. O corpo era torneado, deixando bem delineados os músculos formados pelo trabalho. Não era bruto ou grosseiro, como alguns homens do Château. Pelo contrário, mantinha uma graciosidade que lhe era própria e única, algo encantador e inexplicável, como ar fresco ou uma bela música.

Philippe nadava de costas sentindo o Sol no rosto, quando sentiu-se observado. Parou e olhou em volta, preocupado. Não viu Prateada. Assobiou alto e logo a loba branca apareceu com mato na boca e orelhas em pé. O rapaz riu, percebendo que não havia perigo e imaginando o que Prateada estava fuçando para estar cheia de mato. Voltou a mergulhar e a se divertir no lago, apreciando uma liberdade que há tempos não o visitava.

Ravin se aproximava sorrateiramente, esperando surpreender Celine. Ela parecia muito entretida com algo fora de sua visão, o que lhe facilitaria o susto. Aproximou-se um pouco mais e viu seu rosto, os olhos embevecidos, um leve sorriso e as bochechas coradas. “O que ela estaria olhando com tanto interesse?”, pensou. Seguiu seu olhar e se deparou, numa surpresa ruim, com Philippe, que indiferente dava mergulhos no lago cristalino.

Sua boca amargou. Desistira de dar o pretendido susto na moça, mas se aproximou um pouco mais, fazendo-se notar. Celine, se assustou assim mesmo, corando um pouco mais.

– Ravin!!! Que susto!

Ele lhe sorriu sem muita vontade.

– Estava passando e vi você aqui... Parei pra dar um olá, mas se estiver ocupada demais...

Ravin esperava fazê-la se sentir mal e que ela corresse para seus braços pedindo perdão. Infelizmente, ele não a informou de seus planos e a jovem estava novamente com pensamentos no lago.

– ...Celine! – chamou-a, percebendo que ela simplesmente se esquecera dele.

– Hã? Oh, desculpe! Estava distraída!

Ravin percebeu que não iria ganhar o jogo daquela maneira. Deitou-se ao lado dela e observou o rapaz no lago.

– Ora, Celine! Não vai me dizer que está interessada no mestiço...

Celine riu, baixando os olhos. Era uma moça inteligente. Sabia exatamente onde Ravin estava tentando chegar.

– Ravin, querido... Philippe, o mestiço que você esquece que tem um nome, é um mestiço e sempre será um mestiço. Isso não é segredo, desde que você o expôs naquela noite no baile... Não tenho interesse algum nele...



E continuou olhando o rapaz de pele nua concentrado no abraço do lago reluzente.

– Não é o que parece – murmurou Ravin.

– Gosto de admirar coisas belas, Ravin... Se é uma linda rosa de um jardim bem cuidado ou uma ordinária flor do campo, não faz diferença para mim. Que mal há em olhar a beleza?

Ravin não pôde evitar resmungar. Percebendo-o incomodado, a moça sorriu maliciosamente e virou-se pra ele.

– Não me diga que está com ciúmes, Ravin!

– De um mestiço?! Ficou louca?

Philippe saíra do lago e vestia-se calmamente. Celine levantou-se e andou até seu cavalo.

– Não precisa ficar enciumado, Ravin... Eu também já o vi sem roupas!

E, sem conseguir evitar, deu uma sonora risada que se estendeu até que subisse no cavalo. Ravin lembrava muito bem de como se transformara na piada do ano quando ele, Carlo e Jacques tiveram que passar correndo pelados pela cidade depois que o mestiço roubara suas roupas enquanto se banhavam no lago. Por essa, o mestiço nunca pagara. Como desgraça pouca era bobagem, Celine tinha que estar bem no seu caminho enquanto procurava uma porta para entrar e esconder sua nudez. Viu a moça partir no cavalo. Era verdade. Ela já o viu sem roupas...

– ...Mas não com esses olhos... – murmurou para si mesmo.

Virou-se para Philippe que terminara de colocar os sapatos e partia com Prateada. O jovem de cabelos negros já ia embora com a loba quando sentiu-se novamente observado. Parou e, dessa vez, olhou para a elevação. Viu Ravin, de pé, a observá-lo. Encararam-se por alguns instantes, até que Philippe deu as costas e saiu.

Seis dias se passaram desde que haviam chegado no Château das Flores. Gerard fracassou em todas as tentativas de beber. Estava enlouquecendo e nada conseguia fazê-lo esquecer a bebida. Suas mãos tremiam e não conseguia se concentrar no que tinha que fazer. Os guardas, Eponin e Alan, e o Capitão Diderot simplesmente não lhe davam folga. Estava no sol, entre as vinhas, tentando aprender algo, mas sua mente só pensava em como se vingaria do Capitão quando voltasse para o Château. Destruiria aquele garoto e seu ódio era tanto que temia acabar com ele antes do tempo. Enquanto estava ali, suando como um porco – de fato, não estava tão quente, mas o homem suava frio o tempo todo – o Capitão tomava chá com a duquesa e sua família. Rangeu os dentes, furioso. Teria sua vingança.

No castelo, Diderot tomava chá com Lady Vanderlee e seus filhos. Quando Diderot elogiou o vinho, Henry se ofereceu para levá-lo à adega e lhe mostrar seus

tesouros pessoais. Henry herdara o gosto por vinhos da família e se empolgava com qualquer oportunidade de contar as histórias ocultas nas garrafas raras que possuía. Diderot pediu polidamente licença para as damas e seguiu o jovem até o porão, onde a adega escura os recebeu.

– Veja! Estes aqui ainda estão envelhecendo... Mas estes barris, ah! Esses valem ouro! Pode-se vender a qualquer preço para nobres e até para o rei!

Diderot acompanhou o rapaz, enquanto ele mostrava seus tesouros tintos. Chegou numa prateleira de madeira repleta de garrafas.

– Aqui está! Veja! Esta era a coleção do meu pai! Cada garrafa dessas é de uma safra histórica! Veja! Esta foi feita na ocasião da Trégua das Trevas... E esta foi dada a meu avô pelo próprio Rei, quando ele serviu nas batalhas dos campos de Gervause...

– São tesouros sem preço, Henry... – comentou impressionado Diderot.

O rapaz escolheu uma garrafa da prateleira de baixo.

– Vamos beber esta aqui!

– Tem certeza? Não quer guardá-la para uma ocasião especial?

– Meu caro Capitão, sabe quantas visitas recebemos? É tão raro receber alguém de bom gosto que entenda de vinhos que tê-lo aqui merece uma boa garrafa deste belo tinto envelhecido!

Sentaram-se à mesa de madeira que havia ali e conversaram sobre vinhos, safras e o assunto que sempre vinha à tona, a Guerra das Sombras, que podia ter terminado há mais tempo do que a memória consegue contar, mas ainda rendia boas histórias à luz de velas e dentro de copos.

Era uma noite sem Lua. A última deles no Château das Flores. Gerard, inquieto, não conseguia dormir. Só conseguia pensar em voltar e beber alguma coisa. Sua boca estava sempre tão seca que parecia ter comido areia o dia inteiro. Ouviu um dos dois bobocas que o vigiavam o tempo inteiro roncar. Seria verdade? Teriam finalmente dormido? Gerard saiu da cama devagar e com toda sutileza de que era capaz. Saiu do quarto com cuidado e sorriu quando se percebeu no corredor. Caminhou pelos corredores iluminados por lampiões e estava quase saindo do pavilhão quando uma voz conhecida o chamou.

– Vai a algum lugar?

Gerard congelou e virou-se. Encostado numa parede, lá estava a pedra uniformizada de seu sapato. Deixou os ombros caírem e respirou pesadamente. Aquela noite não ia durar pra sempre e, pela manhã, estariam de volta.

– Tudo isso é pelo moleque, não é? – perguntou o capataz.

Diderot caminhou até ele.

– Claro que não, Gerard. Estou apenas cumprindo ordens. O Duque achou que você estava bebendo um tanto demais e queria apenas que você se cuidasse melhor...

– Vai me dizer que essa história toda não foi pessoal! – disse, sem acreditar em uma palavra.

Diderot riu.

– Claro que não! E para lhe provar, vou levá-lo a um lugar.

Gerard o olhou desconfiado.

– É a última noite. Não vejo necessidade de continuar mantendo-o afastado de um bom vinho, ainda mais no lugar que tem o melhor vinho do mundo.

Diderot acompanhou Gerard amigavelmente até o castelo, onde o levou até a adega em que estivera com Henry. Sentou-se numa mesa e pegou duas canecas de vinho do barril mais caro. Deu uma caneca para Gerard e ficou com outra. Ainda desconfiado, Gerard cheirou a bebida, achando que podia estar envenenada. O aroma lhe subiu pelas narinas e lhe provocou um ligeiro tremor. Viu o Capitão fazendo-lhe um brinde e bebendo. Sem resistir, bebeu também. Deu vários goles grandes e o vinho escorreu-lhe pelo canto da boca. Diderot começou a conversar sobre amenidades. Falou sobre peculiaridades da vinicultura do Château das Flores e sobre como o Duque ficaria satisfeito em ter melhores vinhos em sua adega. Gerard não falava muito. Estava mais concentrado em beber. Rapidamente, foram-se três rodadas. Curioso, Gerard perguntou sobre as garrafas da prateleira ao lado deles.

– Não sei bem, mas creio que se livrarão dessas garrafas nos próximos dias...

Gerard arregalou os olhos.

– E por que fariam isso?!

– Parece que não foram bem armazenadas e a Duquesa teme que tenham virado vinagre... Uma pena! Há safras fantásticas aqui!

E enquanto Gerard esticava os olhos para as garrafas condenadas, Diderot levantou-se.

– Meu caro, eu não tenho metade da sua resistência para a bebida. Minha cabeça pesa, meus pensamentos estão altos e a cama me chama. Eu o vejo amanhã pela manhã.

E deixou o capataz sozinho na adega.

O dia seguinte começou com um burburinho. O Capitão foi chamado até a sala principal onde um Gerard descabelado e completamente atônito era mantido de pé por um criado. Henry estava igualmente descabelado.

– Capitão! Veja o que seu homem fez!!! – disse, sacudindo um par de garrafas vazias. – Sabe o valor dessas garrafas?

– Vazias ou cheias? – perguntou o Capitão.

Henry gritou de raiva.

– Exijo uma compensação!!! Este idiota me deu um enorme prejuízo!

– Mas... – tentou defender-se Gerard.

– Cale-se, imbecil! – ordenou-lhe o Capitão. – Já não basta o vexame que está nos fazendo passar?

Gerard baixou a cabeça – que por sinal, latejava como se o diabo em pessoa martelasse um dente doente dentro dela. O Capitão caminhou até Henry e a duquesa que aguardava em silêncio.

– Senhores, eu lamento profundamente. Peço desculpas pelo comportamento horrível de Gerard, mas tenho uma proposta que talvez os agrade.

Ainda era tarde e estava quente quando Philippe passou na casa do Capitão. Viu Rayure a pastar tranquilo na relva e logo viu Diderot saindo da casa, abraçado com a esposa. Não conteve um largo sorriso e correu até o amigo.

– Diderot!

O Capitão o cumprimentou animado. O rapaz estava mais robusto e mais corado. A semana sem Gerard tinha evidentemente lhe feito muito bem.

– Philippe! Meu caro rapaz, você está ótimo! Não se esqueceu de nosso jantar hoje, não é?

– De jeito nenhum!

– É bom que não! – riu Emily. – Fiz um bolo de aniversário pra você e ficaria ofendida se não viesse!

– É – concordou Diderot, – precisamos de alguém de dentes fortes para experimentar...

Eles riram animados e Philippe não escondia a satisfação de vê-lo novamente. Mesmo que isso significasse ter de volta também o insuportável capataz que o detestava.

– Conte a ele! – incitou Emily.

– Contar o quê? – perguntou curioso Philippe.

Diderot hesitou, mas finalmente abriu o jogo.

– Bom, eu ia lhe contar hoje à noite, mas acho que uma notícia como essa merece ser dada logo...

Philippe aguardava ansioso.

– Não precisa se preocupar com Gerard. Ele não vai voltar.

Philippe não acreditou. Sacudiu a cabeça levemente, confuso.

– Como?

– Ao que parece, ele deu um baita prejuízo no Château das Flores e, para compensar os danos, eu o ofereci como mão de obra. Com a experiência em plantações e colheitas, ele teria um bom uso e poderia trabalhar até saldar sua dívida.

Philippe não podia se conter. Saltou com um grito de alegria e agradeceu ao Capitão, cumprimentando-o entusiasticamente.

– Obrigado! Obrigado! Eu nem sei o que dizer!

– Eu lhe contarei os detalhes no jantar de hoje.

Philippe saiu correndo. Então voltou e abraçou inesperadamente o capitão.

– Obrigado, Diderot... Salvou minha vida...

E então saiu e correu rindo como se cavalgasse o vento. Prateada o acompanhava com latidos de alegria e juntos chegaram a um pequeno platô que dava no lago. No caminho, Philippe foi tirando a roupa e largando-a pelo caminho. Correu com Prateada pelo platô e saltou para as águas azuis, sentindo-se livre e inundado de felicidade. Afundou e subiu. Olhou em volta e não viu Prateada. Virou-se para cima e viu a loba olhando-o com orelhas em pé lá do platô.

– Prateada! Não seja covarde! Venha!

Assobiou e chamou. A loba saiu de vista. Philippe lamentou. Queria comemorar com a amiga de quatro patas. De repente, um lobo saltou lá de cima e, na água, nadou até ele.

– Muito bem, garota!!! Esse mergulho foi em homenagem ao nosso querido capataz! Que seus novos patrões o tratem tão bem como ele nos tratou!

Como se compreendesse, Prateada latiu. Nadou para a margem do lago e correu para saltar novamente. Descobrira uma nova brincadeira!

Capítulo 7

A Flor e o Desespero

O caminho não tinha sido fácil. Íngreme, cheio de pedras e, por vezes, escorregadio, não fazia parte das trilhas naturais mais frequentadas pelos habitantes. Por isso mesmo, tinha as flores mais belas. O vento estava forte e as árvores balançavam suas copas numa dança gostosa enquanto pétalas e folhas douradas, misturadas ao perfume do pinho e da floresta, eram levadas numa chuva de cor.

Já havia terminado de compor o buquê, ralo com a aproximação do outono, e se preparava para voltar quando avistou uma flor que se destacava das outras. Solitária, ela se erguia orgulhosa de ter nascido entre as pedras. Sua cor ia do azul aveludado mais escuro ao rosa mais vivo, passando por um púrpura de saltar aos olhos. Encantado pela beleza, Philippe abandonou momentaneamente o buquê e desceu o penhasco com cuidado.

Estava na metade do percurso quando percebeu que o caminho era mais perigoso do que imaginara e que uma queda poderia lhe custar alguns ossos quebrados, ou mesmo a vida. Ao invés de se amedrontar, surpreendeu-se rindo. O risco lhe pareceu tentador. A beleza daquela flor o inspirava e, com cuidado dobrado – afinal, não queria nem ossos quebrados, nem morte repentina – continuou a descer o caminho escarpado.

De repente, seu pé escorregou numa pedra limosa e começou a cair. Prateada, que o olhava lá de cima junto com o buquê, agitou-se e latiu. Agarrou-se a uma raiz e tentou equilibrar-se. Olhou para Prateada, lá no alto do caminho que ele nem conseguia imaginar que fizera. Respirou fundo e olhou para baixo. Faltava pouco agora.

Cinco passos cuidadosos e um salto depois, alcançara a flor. Agachou-se e tocou-a delicadamente. Suas pétalas eram grandes e aveludadas, como vestidos de mulheres em dia de baile, e seu caule era emoldurado por longas folhas verde-oliva. Olhou em volta e confirmou o que suspeitara. Não havia outra igual ali. Aquela flor era única. Nascida da rispidez das rochas, erguia-se aos céus em graça e beleza.

– Desculpe incomodá-la, minha bela amiga... – disse ele, enquanto tocava gentilmente o caule da flor. – Mas gostaria de levar sua beleza para alguém especial...

Afastou as pedras que pôde e puxou delicadamente a plantinha pelo caule. Sorriu ao ver a raiz vir junto com um pouco de terra. Colocou a rara flor

cuidadosamente dentro da camisa e voltou pelo mesmo caminho, agora já ciente das áreas mais perigosas e escorregadias. Em poucos minutos, estava de volta ao buquê e à Prateada que lambeu-lhe o rosto aliviada por vê-lo inteiro.

Caminhou com a loba branca pela floresta. Folhas douradas, precipitadas pelo vento, caíam em uma chuva da cor de entardecer, enquanto facho de sol desenhavam trilhas amarelas através das copas, que sussurravam suas doces canções de despedida do verão. O rapaz parecia alheio a tudo, caminhando num velho caminho, concentrado numa flor que refletia um rosto de beleza suave e olhos amorosos...

Parou. O velho caminho o levava a um lugar conhecido.

– Olá, mãe...

Sua voz pareceu triste, embora ele não quisesse estar. Sob o velho carvalho, o túmulo de Elle o aguardava, mudo. Acostumara-se a ir visitá-la e contar-lhe o que ia no coração e o que se passava em seus dias. Mas, naquele dia, algo parecia soprar uma leve tristeza em seu coração. Tinha coisas boas para contar, de fato. A ausência de Gerard, a nova rotina de trabalho, bem mais suave que a anterior, as felizes tardes de verão em mergulhos no lago ou em passeios na floresta... Já teve dias piores, era verdade. Então, porque sentia o coração bater morbidamente uma triste canção?

– Saudade...

Murmurou pra si mesmo, enquanto plantava a flor no túmulo da mãe. Um vento mais forte jogou seu cabelo de um lado para o outro e secou seus olhos que brilhavam. Naquele mesmo lugar, sentara-se várias tardes com a jovem mãe para se despedirem do Sol, olhar as formas das nuvens e contar histórias. Foram seus momentos mais felizes... Sacudiu levemente a cabeça e passou a mão no rosto, tentando afastar a tristeza que se aproximava nas asas da saudade.

– Encontrei esta flor onde só havia rudeza – disse, terminando de ajeitar a planta. – Lembrei-me de você, pela beleza incomum e pela coragem... Pronto! Ficou bonito...

Sentou-se sobre a relva e ficou em silêncio. Geralmente, falava. Mas, naquele dia, preferiu calar-se. Prateada veio e lhe deu uma focinhada no rosto, sua forma de lhe dar um beijo. Ele a acariciou. Depois de alguns minutos, deixou o buquê no túmulo e partiu.

No caminho de volta para casa, tentou se livrar da tristeza que o adotou como companhia e pensou em coisas mais felizes. Fez planos para as tardes livres e para o dinheiro que estava guardando. Imaginou, de repente, ir um dia à cidade, conhecer lugares novos e comprar coisas. Era verdade que os lobos não

costumavam ir à cidade dos homens, mas eventualmente alguns iam fazer negócios. Sorriu sem perceber sonhando acordado com o mundo que não conhecia.

Foi quando ouviu um cavalo se aproximar. Levantou a cabeça, atento a chegada de algum de seus velhos inimigos. Dentre os troncos dourados, um cavalo cor de creme galopava graciosamente. Os cabelos loiros arruivados de sua cavaleira estavam presos num gracioso coque de onde alguns fios rebeldes escapavam e lhe acariciavam o rosto. Ela passava pelos facho de luz dourada e, nesses momentos, parecia um anjo. A crina do cavalo se agitava com o vento e ela veio em sua direção.

Philippe sentiu o coração acelerar-se e uma grande vontade de chamar seu nome, de convidá-la a dar um passeio ou simplesmente conversar. Seu nome veio aos seus lábios, mas, quando ela passou, sequer olhou para ele. Envergonhado, ele continuou a andar, o peito apertado, querendo chamá-la, temendo não ser ouvido. Olhou para trás numa última esperança, mas ela já havia desaparecido. Baixou a cabeça, acometido por um súbito desânimo.

Quando deu mais um passo, algo se enroscou em seu pé e com um forte puxão, ele caiu. Ao mesmo tempo, ouviu Prateada se debater. Olhou e a viu enroscada numa rede lançada do alto de uma árvore. Olhou para cima e viu Carlo. Quase que imediatamente, ouviu a voz de Ravin, num cavalo, a poucos metros de distância, acompanhado por Jacques.

– E então, mestiço? – disse ele, com um sorriso. – Achou mesmo que esqueceríamos de você?

Imediatamente, Philippe tentou tirar a corda que se enrolara em seu pé como uma rápida serpente, mas foi puxado com violência, ao som de gritos que instigaram os cavalos. Jacques e Ravin dispararam, a corda amarrada à sela de Ravin. Carlo acompanhou rindo a cena até perdê-los de vista, em meio ao verde e castanho das árvores do bosque.

Tentava proteger a cabeça numa reação instintiva, mas pedras pontiagudas machucavam sua carne impiedosamente. Ouvia os cavalos e os gritos que os atiçavam e não se viu voar e cair no chão várias vezes. Não conseguia ver pra onde iam, mas sentiu quando espinhos o rasgaram. Achou que gritou, mas não teve certeza.

Jacques sentiu o vento no rosto enquanto corria em seu cavalo de patas ligeiras. No entanto, quando olhou para trás e viu o rapaz ser brutalmente arrastado na terra cheia de pedras, preocupou-se. Achou que seria apenas um susto, mas percebeu que Ravin estava bastante empolgado. Combinaram que não correriam tanto, para lhe dar uma chance de remover a corda. Na velocidade em que estavam indo, não haveria chance nenhuma. Olhou para a frente e viu os espinheiros, uma área de ervas daninhas onde ninguém costumava passar.

– Já chega, Ravin! – disse Jacques para o companheiro que corria ao seu lado.

Ravin não parecia ouvi-lo. Com olhos apertados contra o vento, parecia um touro bravo em desabalada correria. Jacques olhou para trás novamente e viu o rapaz sendo arrastado pelos espinheiros. Apavorou-se quando viu o corpo ser tingido de vermelho.

– Ravin!!! Pare!!! – gritou novamente. Novamente, Ravin o ignorou.

Jacques olhou novamente e percebeu que Philippe não mais tentava se proteger. Parecia um pobre boneco de pano sem vida com roupas em trapos.

– Já chega, Ravin! Vai matá-lo!!! – com uma faca afiada, Jacques cortou a corda da sela de Ravin.

Pararam os cavalos. Ravin olhou para o amigo com expressão dura, uma reprovação pela intromissão. Jacques olhava apavorado para o corpo estendido no chão a alguns metros deles.

– Mexa-se... – murmurou. – Vamos, mestiço... Mexa-se...

Philippe continuava imóvel. Jacques empalideceu, assombrado pela própria ação, que agora lhe parecia vergonhosa e sem sentido. Olhou para Ravin em busca de uma direção. O que fariam agora? Ravin olhou o corpo longamente, não como se esperasse algum movimento, mas como se desejasse constatar que ele não se moveria mais. Então virou-se e partiu à galope, deixando um perdido Jacques sozinho.

Jacques olhou novamente para o rapaz no chão. Continuava imóvel, como um cadáver. Apavorou-se com a ideia de que o matara e não tinha coragem para ir lá conferir ou para buscar ajuda. Se o fizesse, estaria assinando sua sentença. Virou-se e partiu também, seguindo Ravin.

Emily recebeu o marido na porta com alegria. Era sempre tão bom vê-lo que por vezes sentia-se uma jovem apaixonada pela primeira vez. O marido a encontrou com um beijo caloroso e um sorriso feliz, mas parecia cansado. Jantaram a carne de cordeiro com batatas e tomaram o vinho, enquanto falavam à mesa sobre os acontecimentos do dia.

– Espero que minha atitude não o aborreça, Diderot, mas não pude deixar de comprar este vinho de Victor, o Cigano.

– Ele já está de volta? – surpreendeu-se o marido.

– Sim, meu querido! Já estamos novamente às portas do outono!

– Nossa... O tempo está passando tão rápido...

– E Philippe? Não o vi hoje o dia inteiro. Estava com você? – perguntou ela.

– Não... Deve ter trabalhado até tarde hoje.

Emily serviu-se de um pouco de pão.

– É um bom rapaz, Philippe... Pena que a vida não tenha sido boa para ele. Imagino como deve ter sido difícil perder a mãe tão cedo e aprender a viver sozinho quando ainda era uma criança.

– As coisas vão melhorar pra ele... – disse o Capitão, com um ar de desalento involuntário. – Quando a transformação chegar, ele será aceito. Tudo ficará mais fácil...

Um longo uivo profundo e desesperador interrompeu a conversa.

– O que foi isso? – alarmou-se Emily.

Enquanto se levantavam da mesa, patas arranharam a porta da casa com persistência e força. Diderot abriu a porta e viu Prateada, em latidos misturados a uivos, dando saltos que o chamavam a acompanhá-la.

– É Prateada! – disse Emily.

– Prateada sem Philippe... – murmurou Diderot. – Isso não é bom.

Montou em Rayure e disse à esposa, em poucas e breves palavras, que voltaria logo. Ainda ouviu a esposa pedir para que tomasse cuidado. Sabia que ela ainda se preocupava com ele, especialmente quando o assunto era Philippe. Emily sempre achou que um dia o bom coração do marido colocaria o mestiço acima da hierarquia do Château e isso poderia lhe causar mais problemas do que podiam carregar.

Diderot correu pelo fim de tarde em que as sombras já tomavam conta das terras e cobriam as árvores, dando-lhes um ar assombroso. Seguiu Prateada, o peito apertado pela possibilidade de dessa vez ser tarde demais. Imaginou um acidente, uma picada de cobra, uma queda infeliz... Imaginou um afogamento. Aquele garoto está sempre na água e o lago é traiçoeiro. Sentiu-se pedindo à Deusa que esperasse. Que não estendesse seu véu sobre seu jovem amigo que ainda tinha muito o que ver no mundo. Pediu-lhe tempo. Estava chegando! Estava chegando!

Parou o cavalo. Prateada estava sentada ao lado de um corpo estendido entre as heras. Reconheceu os cabelos negros, soltos e desgrenhados, e sentiu o sopro do mau agouro num vento mais forte do Norte. Desmontou e caminhou até o garoto. Parou diante dele. Prateada o olhava com olhos que ele não poderia descrever. Ganiu, olhando novamente para o rapaz. Diderot abaixou-se e observou o corpo imóvel, esperando o pior, mas torcendo para que sua oração estivesse sendo ouvida. As roupas estavam destruídas, o corpo, lanhado de espinhos e machucado por pedras, vertia sangue. No pé, uma corda enroscada revelava a

natureza do acidente. Tocou-o levemente e virou-o com cuidado. Um grande ferimento na testa cobria parte do rosto de vermelho. Chamou-o, mas não houve reação. Sentiu a respiração e agradeceu à Deusa pelo tempo dado, embora não soubesse se seria o bastante. Puxou-o para si e ergueu-o. Em seu rosto, a preocupação e a tristeza davam lugar para os traços duros do ódio.

Chegou no velho casebre com o rapaz nos braços. Prateada acompanhava-o de perto, olhos atentos e orelhas em pé, observando cada ação do Capitão. Colocou Philippe na cama e acendeu uma lamparina sobre a mesa, pois escurecia rapidamente. Virou-se novamente para o garoto e pôs-se a retirar as roupas transformadas em trapos. Pegou um balde de água limpa e verteu numa bacia. Rasgou um pedaço de pano e começou a limpar os ferimentos, o rosto coberto pela sombra do rancor e pela incapacidade de compreender porque fizeram aquilo.

A porta se abriu e Emily surgiu num sopetão. O marido virou-se para ela com rosto em desalento, o pano na mão rubro e a água da bacia tão tingida de vermelho que diria-se que era puro sangue. Emily olhou atônita o corpo do rapaz nu coberto de ferimentos.

– Ele não pára de sangrar... – comentou preocupado Diderot, enquanto cobria a nudez do rapaz com um lençol cuja cor original ninguém mais conseguiria adivinhar dada sua idade avançada. – Isso está além de mim...

Emily aproximou-se. Olhou o garoto inerte sobre a cama, o rosto revelando ainda uma expressão de dor, os lábios cortados entreabertos de espanto. Então, a jovem senhora de sardas endureceu o rosto, assumindo um olhar resolutivo.

– Vou buscar o Dr. Marceau.

O marido olhou pra ela.

– Emily... – disse, baixo. – Não sei se ele virá...

A mulher virou-se para sair.

– Ele virá – respondeu. – Nem que eu tenha que chutá-lo até aqui!

E deixou o marido para trás.

Não demorou muito para que a mulher cumprisse o que prometera. A noite ainda cheirava a dia, embora já coberta pelo seu manto negro, quando o médico do Château entrou na casa. Cumprimentou brevemente o Capitão e começou a examinar o rapaz.

– Limpei os ferimentos... – explicou Diderot. – Mas alguns continuam a sangrar.

– Quem fez isso? – perguntou o médico, que não esperava encontrar o rapaz em tal estado.

– Provavelmente os de sempre – respondeu secamente Diderot, sabendo que mais uma vez aqueles garotos ficariam impunes. – Ravin e seu séquito de sádicos.

O doutor não se surpreendeu. Pegou sua maleta e começou seu trabalho.

– Vou precisar de mais luz – avisou.

Nas horas seguintes, o médico, já de certa idade, retirou espinhos de dentro da carne por todo o corpo e limpou bem os ferimentos, fechando-o com tecidos limpos que Emily trouxera de casa a seu pedido. Quando ela saiu, aproveitando-se de sua ausência, o doutor interpelou Diderot.

– Emily me disse que você hesitou em me chamar.

O Capitão demorou para responder. Olhou para Philippe, ainda desacordado.

– Sei que perdeu um filho por causa de uma humana – disse, enfim, Diderot. – Compreenderia se não quisesse ajudar esse rapaz.

O médico continuou o trabalho, as mãos sujas de sangue.

– Não gosto de humanos – afirmou o doutor, sem alterar o tom de voz, concentrado no que fazia. – Tenho muitos motivos para isso. E admito que não compreendo a afeição que nutre por este menino que não tem futuro.

O médico então parou o que estava fazendo e olhou Diderot nos olhos.

– Mas sei que ele não tem nada a ver com o que aconteceu à minha família e, se você se importa com ele, eu também me importo. Não hesite mais em me chamar quando for preciso.

Diderot anuiu com a cabeça e o médico voltou sua atenção ao rapaz sobre a cama. Quando Emily voltou com os tecidos, Diderot deixou-os sós. Ouvindo o cavalo sair à velocidade, a esposa preocupou-se. Vira a expressão do marido e temia que ele fizesse alguma bobagem.

– Não se preocupe, Emily – tranquilizou-a o doutor, como se lesse seus pensamentos. – Diderot é um homem de bom senso. Não vai fazer nenhuma loucura.

Era uma noite cheia na taberna. Havia conversa alta e muito vinho, pois o outono estava chegando. Os dias eram longos, o trabalho era duro e era preciso se aquecer... Na verdade, não importava a época, a taverna estava sempre cheia, variando da comemoração por uma coisa boa à compensação por uma coisa ruim.

Numa mesa, três guardas riam de piadas quando a bebida já lhes tinha retirado qualquer tipo de bom senso. No balcão, Bernard e sua esposa rechonchuda Marleine serviam alegremente seus convidados de sempre, enquanto a filha de cabelos ruivos, Margause, levava os pedidos às mesas.

Numa mesa habitual, Jacques, Carlo e Ravin bebiam. Ravin ria e contava os detalhes da cilada, enquanto Carlo comentava sua parte do plano. Jacques ria vez ou outra, pois não queria que os amigos o achassem mole ou coisa assim. Deixou o álcool fazer sua parte e levar, junto com o bom senso dos guardas na mesa ao lado, seu remorso.

Subitamente, a porta se abriu com violência, deixando o vento frio entrar. Os homens que bebiam e comiam interromperam suas conversas e olharam para o Capitão, parado na porta com a expressão que ninguém quer ver em alguém que usa armas. O militar passou os olhos pelas mesas à procura de alguém. Caminhou até a mesa dos três rapazes. Jacques e Carlo gelaram. Ravin nem se mexeu.

– Vocês são uma vergonha para o Clã dos Lobos Brancos...

O silêncio na taverna era constrangedor e Carlo e Jacques abaixaram as cabeças. Jacques queria desaparecer.

– Não sei do que está falando, Capitão... – disse Ravin, olhando-o cinicamente.

O Capitão ergueu a corda que encontrara em Philippe e a jogou diante deles.

– Sem isso, vocês não são páreo pra ele...

Diante da corda e da afirmação de que o mestiço era melhor do que ele em alguma coisa, Ravin franziu o cenho e olhou para Diderot com o ódio típico de quem ouviu o maior dos insultos.

– Não está tomando as dores de um mestiço, está, Capitão?

– Estou dando apenas um aviso. Não posso impedir que vocês o toquem. Ele é mestiço. Não pode revidar. Mas quero que se lembrem da próxima vez que pensarem em se divertir com sua dor que a covardia de vocês será sua ruína.

O Capitão se afastou, deixando-lhes um olhar de desprezo e decepção.

– Hoje, eu tenho vergonha de ter seu sangue...

A porta batida deixou a taberna mergulhada no silêncio, enquanto olhares indiscretos pousavam curiosos sobre os três rapazes.

– O que estão olhando?! Voltem a beber, seus imbecis! – gritou Ravin.

Aos poucos, a conversa voltou a tomar conta do lugar e o som de copos sobre a mesa relembrou o motivo de estarem ali.

– Capitão idiota! Ele sabe que se tocar num fio de cabelo nosso, meu pai o chuta tão forte que ele vai parar na Córsega! – reclamou Ravin, enquanto bebeu mais de sua caneca de cobre velho.

Carlo parecia assustado.

– Bom, pelo menos ele não morreu! Já imaginou se nos acusam?! Pela Lei, seríamos expulsos, banidos para sempre em vergonha!

– Não seja dramático, Carlo! – disse Ravin. – Não fizemos nada demais. Soube que fazem pior com mestiços em outros Châteaux...

Jacques permanecia em silêncio, ainda sentido a presença do Capitão a lhe revelar a verdade que não queria ver. A imagem do que fizeram insistia em voltar à sua mente. Os espinhos, as pedras, o corpo inerte e, finalmente, a constatação do que estava sentindo: culpa.

– Ele tem razão, Ravin. – disse Jacques em voz baixa, chamando a atenção dos outros dois. – Foi covarde...

Houve um silêncio e o jovem abaixou a cabeça, envergonhado.

– Está ficando mole, Jacques? – Ravin bateu a caneca sobre a mesa e inclinou-se para o amigo. – Ele não é um de nós! Nunca será! Todos já se transformaram, menos ele! Será sempre um pária com o sangue da traição dos humanos! Ele não é nada e se você o tratar como alguém, será também um nada! É isso o que você quer? Ser um nada?

– Não... – murmurou Jacques.

– Ótimo! Porque não há espaço no mundo para quem não é nada!

Ravin deixou seu pagamento sobre a mesa e saiu, sendo logo seguido por Carlo. Jacques ficou só e hesitou por um momento. Então, levantou-se e seguiu os amigos.

A Lua já estava alta no céu quando Dr. Marceau limpou as mãos.

– Ele vai ficar bom – disse.

– Está demorando para recuperar a consciência – comentou preocupado o Capitão.

– É este ferimento na cabeça – explicou o médico. – Foi uma pancada muito forte. Ele também vai ficar um pouco febril por causa dos espinhos que liberam uma pequena quantidade de veneno nas pontas.

Ele pegou em sua bolsa um pequeno vidrinho com um líquido cor de musgo.

– Misturem cinco gotas disso em um pouco d'água e dêem para ele de hora em hora. Vai ajudar o corpo a combater o veneno. Quanto ao resto... Só tempo e descanso curarão.

O casal agradeceu ao médico que se recusou a receber um pagamento pela visita. Mesmo que seu caso não tenha tido um bom termo, jamais se esqueceria da

ajuda do Capitão, na época ainda um jovem franzino, e seu pai, de quem herdou a coragem e honradez, quando mais precisou. O Dr. Marceau era um homem sisudo e de poucas palavras, mas jamais poderiam acusá-lo de ingratidão. Tinha boa memória.

Diderot pediu à mulher que voltasse para casa, mas ela insistiu em ficar. Assim, naquela primeira noite, os dois cuidaram do rapaz. Num sono agitado, Philippe murmurava coisas incompreensíveis. Ao amanhecer, abriu os olhos e encontrou o Capitão e a esposa a observá-lo.

– O que aconteceu?... – murmurou.

O casal se entreolhou.

– Você não lembra?

Philippe fechou os olhos e levou a mão ao ferimento na cabeça, coberto com um pó que estancou o sangramento. Emily segurou sua mão, impedindo-o de tocar o lugar que lhe causava dor. O rapaz franziu o cenho, fechou os olhos e abriu-os novamente.

– Eu caí?... – perguntou, sentindo dores crescentes pelo corpo todo.

Emily e Diderot se entreolharam novamente, preocupados. Então, Philippe gemeu e virou a cabeça. Emily aproveitou para lhe dar o remédio que o médico prescrevera. Logo depois, o rapaz adormeceu novamente.

– Isso me preocupa – disse o Capitão.

– Fique calmo – acalmou-o a esposa. – Isso é normal. Ele vai ficar bom.

Diderot teve que cumprir suas obrigações pela manhã, mas pela tarde, estava de volta. Emily colocava um pano úmido sobre a testa de Philippe quando o marido entrou.

– Olá! – disse ela, com um sorriso meigo.

O Capitão entrou e beijou-a docemente na testa.

– Como ele está? – perguntou, sentando-se na beira da cama.

– Lutando contra pesadelos e contra a febre... – respondeu ela. – Mas não deve se preocupar.

Emily não queria admitir, mas estava cansada. Passara a noite em claro e o marido insistiu que voltasse para casa e descansasse. Tranquilizou-a, lembrando que o pior já tinha passado e ele poderia ficar até que ela quisesse voltar. Emily se levantou e avisou que tinha preparado uma sopa, meio magra, já que não tinha muitos ingredientes na casa, e traria algo mais forte para a janta. Cobriu os ombros com o xale que estava sobre a cadeira, beijou o marido e afagou Prateada, que a acompanhou até a porta.

Diderot ficou algum tempo na cadeira ao lado do rapaz, mas logo o cansaço também o atingiu e seus olhos pesaram por um momento. Acordou com um

barulho de um copo caindo e se deparou com Philippe tentando se levantar desajeitadamente.

– Menino! o que está fazendo? – disse, tentando detê-lo.

– O sol está alto! – disse Philippe, com uma voz fraca que não escondia o pânico. – Preciso ir para o trabalho ou Gerard vai ficar uma fera!

O rapaz olhava para o chão, sem conseguir focar em nada, procurando os sapatos, até que Diderot forçou-o gentilmente a voltar para a cama.

– Não precisa ir trabalhar hoje.

– Preciso, sim! – insistiu o rapaz. – Ou Gerard vai me punir!

– Não vai, não – tranquilizou-o o amigo. – Eu falarei com ele.

Foi quando o rapaz olhou pra ele, parecendo ainda muito confuso.

– Fala? – perguntou, num tom de súplica.

– Falo – respondeu o Capitão.

Philippe voltou a recostar a cabeça no travesseiro.

– Que bom... – murmurou, os olhos se fechando novamente. – Porque eu me sinto muito mal hoje...

À noite, Emily voltou com uma panela de sopa, a mais forte que conseguiu fazer. Depois que jantaram, insistiu para o marido ir para casa dormir e, embora ele resistisse à ideia, acabou cedendo. Também estava cansado e a febre do menino finalmente estava cedendo. Philippe não corria mais perigo e Emily ficaria de bom grado durante aquela noite.

Pouco depois que ele saiu, o garoto acordou. Perguntou o que perguntava sempre que acordava.

– O que aconteceu?

Emily tranquilizou-o, dizendo que tudo estava bem, sabendo que, logo depois, ele perguntaria se tinha caído. Ainda desorientado, parecia não lembrar que já fizera essa mesma pergunta várias vezes. Dessa vez, porém, ele olhou para os ferimentos nos braços e tocou o rosto machucado.

– Alguém me bateu?! – perguntou, olhando perplexo para Emily.

Pega de surpresa, ela não respondeu de pronto. Deveria contar-lhe a verdade?

– Não, meu anjo... – disse ela com um sorriso e um toque gentil em seu rosto. – Você caiu... Foi só isso.

Pela manhã, Emily voltou para casa, deixando o marido em seu lugar. Diderot não teria nada urgente a fazer e, já sem febre, sabia que Philippe logo

acordaria. E foi o que aconteceu. Não sutilmente, nem de forma serena, o rapaz pareceu saltar da cama num susto.

– Não, não se mova! Precisarás ficar um pouco parado – disse o Capitão, sentado na cadeira ao seu lado.

O jovem pareceu levar algum tempo para se localizar. Logo sentiu as dores pelo corpo e olhou para si mesmo. Em seus braços, marcas e algumas faixas lhe chamaram a atenção. Levou a mão à testa dolorida e sentiu uma pasta. Diderot levantou-se da cadeira em que estava e sentou-se na cama com ar de desalento. Viu os olhos atônitos e zangados do rapaz e percebeu que, dessa vez, ele se lembrava do que tinha acontecido.

Por um minuto, Philippe fechou os olhos e sentiu a queda quando o pé foi puxado por um laço traiçoeiro. Sentiu a terra e as pedras, os espinhos e as lascas, a dor e seus gritos não ouvidos.

Olhou novamente para Diderot, que não tinha mais dúvidas vendo a lucidez brilhar nos olhos zangados. O Capitão suspirou, pois sabia que não poderia lhe dar nenhuma explicação de porque aquilo acontecera, muito menos uma notícia de punição dos culpados, ou mesmo uma promessa de que isso nunca mais iria acontecer.

– Eu sinto muito – foi o que pôde dizer. – Achei que iam parar.

O jovem olhou para as mãos machucadas com os olhos brilhantes e raivosos. Estava diante de uma triste constatação.

– Eles não vão parar até que eu esteja morto.

Diderot abaixou a cabeça, procurando algo para lhe dizer, mas não há palavras que expliquem a covardia. Eles ficaram em silêncio, ouvindo o vento bater as janelas.

– Quando você se transformar... – disse o Capitão, procurando palavras como se procurasse uma madeira que pudesse jogar a quem estava se afogando.

– Pare, Diderot.

O Capitão se surpreendeu com o tom seco do rapaz. Este o olhou, o rosto machucado banhado de lágrimas, os olhos faiscando com a revolta dos que deram tudo e nunca receberam nada, dos que lutam sem chance de vencer, dos que nunca tiveram chance e sempre perderiam, pois esta era a regra do jogo.

– Quantos ainda não se transformaram no Château? – perguntou em voz rouca.

Diderot baixou a cabeça, sem dar a resposta.

– Quantos, Diderot?! – gritou Philippe, as mãos crispadas sobre a velha coberta.

O Capitão respirou profundamente e olhou para o rapaz com olhos tristes.

– A Transformação já chegou para todos no Château...

Philippe baixou a cabeça de novo, como se não esperasse ouvir o que sabia que Diderot iria dizer.

– Ela só não chegou pra mim! Quais as chances dela ainda chegar pra mim, Diderot? Quais as chances de me deixarem em paz?

E mais uma vez, Diderot se calou, pois não tinha a resposta que gostaria de dar. O breve silêncio foi quebrado pelas palavras secas de Philippe.

– Saia daqui.

O Capitão o olhou surpreso e, nesse momento, mal o reconheceu. Os cabelos desgrenhados cobrindo o rosto machucado, as mãos crispadas de ódio e os olhos brilhando como relâmpagos numa noite hostil, aquele não era nem de longe o jovem gentil e bem-humorado que conhecia.

– Saia daqui!!! – gritou Philippe, para a única pessoa que parecia se importar com ele.

Diderot o fitou por mais alguns segundos e, desapontado e ressentido, se retira, deixando-o só. Vendo-se novamente sozinho, Philippe não sente nem mesmo os olhos atentos da loba branca a observá-lo de um canto do quarto. A respiração acelerada, ouviu o próprio soluço e levou as mãos à cabeça, como se tentasse calar as vozes que lhe gritavam coisas horríveis. Era o fim, a morte de sua esperança. Não haveria transformação, não haveria mudança. Esperara todo este tempo e agora tinha que encarar o que o incomodara e entristecera nos últimos meses. De certa forma, sabia que a cada estação que chegava e a cada estação que partia, já não estava mais próximo da transformação. Estava mais longe, cada vez mais longe. E agora, sabia, de maneira dolorosa e fria, que esperara em vão. Era um humano. Um pobre humano sem ninguém. Uma alma fadada à solidão...

Ouviu seus próprios soluços enquanto se encolheu em si mesmo, perdido no desespero de não ser quem esperava ser, de viver para sempre sem mais nada para acreditar.



Capítulo 8

A Fuga

A noite estava fria e sem estrelas e uma chuva de folhas secas entoava uma canção de desalento. Era uma noite solitária, embora repleta de rostos conhecidos. Pesadelos rodopiavam em volta dele numa ciranda melancólica e cruel. Viu Celine e sua mãe, quando sabia que não possuía mais nenhuma das duas. Viu Diderot partindo sem ouvir seus chamados e viu-se perseguido por lobos brancos. Acordava com dores pelo corpo e tentava mudar de posição.

E bastava que seus olhos se fechassem para que os rostos voltassem a assombrá-lo. Celine, ainda menina, estendendo-lhe a mão miúda e convidando-o para brincar no Riacho das Fadas. Quanto tempo teve com Celine antes que ela fosse embora? Dois anos, quase três... Parecia pouco, mas para um coração de menino, era o bastante. Celine, de rosto rosado e boas risadas, de vestido de laços e cabelos da cor do sol, tornou-se seu grande amor. E que honra era ter aquele amor! Sim, pois Celine era uma nobre, uma duquesa, embora para ele sempre seria uma princesa. E ele, um pobre coitado sem nada que só tinha a mãe a lhe tratar com doçura, tremia de felicidade ao ouvir a voz de Celine! Por vezes, quando ela não podia vê-lo e ele a esperava em vão no lugar de sempre, à beira do lago, pronunciava seu nome baixinho, sentindo os lábios doces com a lembrança de sua imagem. Celine. Doce Celine. Para sempre, Celine...

Em seus sonhos, Celine e ele ainda eram crianças. Eles corriam e riam, mas ele sabia que não era mais aquele menino. Era quando Celine entrava num bosque escuro e desaparecia. Desesperado, adentrava a escuridão para achá-la, mas o que via era uma bela moça caminhando. Era Celine! Ele crescera e ela também. Gritava seu nome, mas ela continuava a andar. Ele corria atrás dela, sem no entanto alcançá-la, e quando estava prestes a tocá-la, alguém o puxava por trás. Então, via Ravin e os outros, rindo de sua ingenuidade e pretensão. E alguém lhe dava um soco que o fazia cair no chão. Era quando acordava, sentindo o gosto de sangue na boca.

Quando a madrugada já estava alta, acordou com um barulho em sua janela. Abriu os olhos e levantou-se devagar, apurando os ouvidos. Um novo barulho denunciou a presença de estranhos. Procurou por Prateada, mas ela não estava. Não ouviu latidos e isso o assustou. E se fizeram algo com ela, sua única e incondicional amiga?

O coração acelerou-se e o pânico tomou conta. Saiu da casa em busca da fiel companheira, temendo que a crueldade de seus inimigos a atingisse.

– Prateada!!! Prateada!!!

Ouviu um uivo distante e correu para dentro da floresta, sentindo a terra sob seus pés. Não lhe importava mais as dores e o frio. Tudo o que queria era encontrar sua loba. Adentrou a floresta, escura naquela noite fria, e achou-a, finalmente. Correu para abraçá-la, mas ela rosnava para alguém diante deles, oculto pelas árvores. Philippe ergueu a cabeça e congelou. Jacques, Carlo e Ravin estavam à sua espera.

Eles não lhe disseram nada. Apenas riram e se aproximaram. Tomado por um terror incontável, o rapaz correu floresta adentro, acompanhado por Prateada, sentindo o coração saltar-lhe à boca, ouvindo os passos e risos atrás de si. O que fariam eles? Que tipo de crueldade ainda não lhe tinham impingido? Os olhos abrigavam lágrimas de desespero que secavam ao se encontrar com o vento cortante.

Estava escuro e sua percepção o traía. Não encontrava o caminho de volta e escorregava e caía em declives e depressões. Finalmente, um obstáculo intransponível deu fim a sua fuga. Uma parede de ervas densas decretava enfim seu destino.

Seria sempre uma caça.

Ouviu um rugir assustador vindo da escuridão atrás de si. Virou-se lentamente, um gelo a percorrer a espinha, a sensação do pior prestes a acontecer.

Três lobos acinzentados que assumiam a cor azulada sob o luar caminhavam em sua direção, os olhos brilhando como as chamas verdes das fogueiras das bruxas. O coração lhe gritava que era o fim. Correria, se escondera, mas o fim o encontrara. As presas se fincariam em seu pescoço e o sangue escorreria, banhando a relva de vermelho.

Mas algo dentro dele ainda queria lutar. Olhou nos olhos de Ravin, agora um grande lobo cinza com pequenas manchas castanhas e sentiu seu ódio. Então, deixou seu próprio ódio crescer e tomar conta de si. Uma vida de injustiças e crueldades lhe veio à mente, enchendo seu coração com uma única determinação. Não morreria nas mãos dele. Morreria de outro jeito qualquer, de doença numa cama, de frio num beco obscuro, em sangue numa batalha que não escolheu ou completamente só num lugar ermo sem nome. Morreria em dor, sozinho ou de uma maneira triste, se é que há uma forma feliz de morrer para alguém como ele, cuja vida já ofereceu tão pouco, mas não morreria nas mãos de Ravin. Ou em suas garras.

Foi quando sentiu que, em suas mãos, garras cresciam e seus cabelos negros se espalhavam por todo o corpo. Suas costas se curvaram e sentiu-se precipitado ao chão, enquanto, numa poça de água de chuva, viu seu rosto mudar. Seus olhos mudaram e ele já não era o pobre mestiço açoitado em praça pública. Era um enorme lobo negro, com presas tão grandes que poderiam rasgar a garganta de um homem. Ravin, o lobo maior, avançou num salto. Philippe sentiu as presas do inimigo fincarem-se em seu pescoço. Caiu, ainda confuso com a nova forma. Os dois animais rolaram sobre a terra e Philippe conseguiu empurrar Ravin. Este, exibindo os dentes tingidos de sangue, preparou-se para um novo ataque. Dessa vez, Philippe saltou antes e os dois se encontraram no ar. Os outros dois lobos latiam ferozmente incentivando a luta. Philippe mordeu o oponente e sentiu o sangue descer-lhe pela garganta. O outro se debateu, mas ele não o largou.

Com a Lua por testemunha, os dois seres encantados lutaram pela vida. E o lobo branco acinzentado fincou suas enormes garras nas costas do lobo negro. E o lobo negro cravou seus dentes no pescoço do lobo branco. O sangue manchou o pêlo branco e um ganido foi ouvido. O lobo negro só largou sua presa quando ela parou de se mexer.

Philippe com o sangue ainda quente da batalha virou-se para os outros dois lobos que observavam em silêncio. Imaginou que vingariam o amigo e preparou-se. Porém, o inesperado aconteceu. Os dois lobos que observavam se curvaram para o novo membro da Alcateia.

Acordou com o som de pesadas gotas de chuva caindo sobre o velho telhado. Olhou para as próprias mãos, sem garras. Levantou-se com dificuldade e dor. A luz do lampião estava quase no fim e ele pegou um pouco d'água de cima da mesa. Pegou então um velho espelho quebrado onde viu seu reflexo. O rosto machucado, os olhos vermelhos e nem um traço da majestade com que sonhara. Virou o espelho com raiva sobre a mesa. Voltou para sua cama, com a cabeça estourando de dor. Enfiou-se sob as cobertas e segurou as lágrimas. Dentre todos os pesadelos, este último foi o pior, pois lhe mostrara a felicidade do que poderia ter sido e, ao acordar, a desilusão do que nunca seria de fato.

Passaram-se alguns dias e o sol não apareceu. Nuvens pesadas se reuniram sobre o Château e o vento criava redemoinhos de folhas douradas. Com o rosto ainda machucado e olhos duros, Philippe estava de pé diante do túmulo da mãe. A pequena flor arroxeadada estava de cabeça baixa, as pétalas sem viço e as longas

folhas tocando o chão numa derrota triste. O vento levava os cabelos dele para os lados e para trás, numa brincadeira das sílfides. No entanto, ele parecia não notar. Seus olhos continuavam cravados no túmulo, raivosos.

– Eu te odeio, mãe...

O vento ficou mais forte e folhas caíram sobre ele, como se suas palavras tivessem arranhado o coração da floresta e provocado um ligeiro tumulto.

– Você me arrastou para cá! – continuou, em voz rouca. – Você trancou seu filho numa prisão sem paredes! Vivo num inferno perpétuo sem chance de redenção por sua causa! E por causa de Pelouse! Este pai que nunca conheci e que nem mesmo sua maldição me deixou como herança! Num lugar de malditos, sou o único amaldiçoado! E enquanto luto contra tudo e todos, onde está você, mãe?

Como um louco, ele gritou contra o túmulo mudo. Os cabelos presos pelas pontas do rabo de cavalo não respeitavam o laço e agiam como se estivessem soltos, seguindo o vento forte. Os olhos estavam cheios de ódio, daqueles que nascem de dentro, se aquecem na mágoa e no sangue escorrido e um dia explodem contra quem mais amamos.

– Vivo numa prisão por ser algo que nunca fui! Por que me trouxe pra cá, mãe?! Éramos felizes antes! Por que tínhamos que vir pra este maldito lugar que não preza nossas vidas e ainda me tirou o que eu tinha de mais precioso?! Por isso eu te odeio! Porque além de ter me condenado a viver aqui, você me condenou a viver sem você!

Sua voz falhou e desapareceu num soluço. As lágrimas começaram a descer pelas faces feridas.

– Por que você partiu, mãe?...

Olhou em volta, sentindo-se absolutamente só. Percebia que os momentos mais felizes de sua vida estavam enterrados diante dele. Não poderia mais sonhar ou esperar que tudo melhorasse e isso o enlouquecia.

– Por que você me abandonou?! Você era a única coisa que eu tinha!...

A voz trêmula o venceu. Caiu de joelhos e chorou convulsivamente, até a barriga doer, gritando sua dor num pedido desesperado de socorro. Prateada, até o momento sentada observando seu amigo, levantou-se e meteu a cabeça sob seus braços. Philippe a abraçou e chorou sobre o pêlo branco e quente, aceitando o único alento que lhe era oferecido.



Diderot ficou magoado com Philippe, embora soubesse que ele tinha toda a razão para se revoltar. Temia que o garoto tivesse chegado ao ponto de onde não pudesse mais retornar. Por mais que o tivessem maltratado, ele sempre mantivera a coragem, o bom humor e a doçura. Mas tudo isso tinha por base sua confiança de que tudo ia mudar com a transformação, de que a dor e a humilhação eram temporários. Sem a esperança, ele sabia que tudo seria sempre desse jeito. Era o bastante para alguém desistir de ser o seu melhor. Andando a cavalo durante a tarde nublada, ele avistou o rapaz sentado diante do lago. Aproximou-se lentamente. Os olhos iam longe, duros e frios como as nuvens carregadas acima deles.

– Como você está? – perguntou o Capitão, ainda preocupado com os ferimentos.

O rapaz não respondeu. Então simplesmente levantou e saiu. Diderot o observou indo embora. Não sabia porque ele o estava afastando e lamentava vê-lo se diluir e se transformar numa pessoa amarga e infeliz. Olhou para o céu, que anunciava uma chuva para qualquer momento. “O tempo cura tudo...”, pensou. “Curará isso também...”

A chuva anunciada não chegou e os ventos continuavam reorganizando as nuvens no céu quando a noite chegou. A Lua, cheia e bela, estava alta no céu, aparecendo e sumindo de vez em quando como numa brincadeira de criança. Lamayer e Celine estavam na janela do castelo, observando a dança das nuvens.

– Veja como está bela a Lua hoje... – disse o Duque.

A filha o abraçou, feliz por ter um pai amoroso.

– Sinto seu poder! Não sente, meu pai?

– Todos podemos sentir o poder da Lua Cheia. Noites como essa nos deixam mais fortes, mais selvagens e mais livres...

Um guarda adentrou o aposento. Já havia passado da hora do jantar e a maioria dos serviçais estava se recolhendo para o merecido descanso do dia de trabalho.

– Senhor, o mestiço está lá fora. Ele deseja lhe falar.

Lamayer franziu o cenho, intrigado.

– Celine, vá para seu quarto.

A moça lhe deu um beijo de boa noite e se retirou, imaginando qual assunto Philippe poderia querer tratar com seu pai. Lamayer não gostava da presença do jovem filho de Pelouse, isso sempre foi claro e, por isso mesmo, eram raras as vezes em que o via.

– O que é tão importante que não pode esperar amanhã? – disse, mais para si mesmo do que para o guarda. – Mande-o entrar.

Alguns segundos depois, o jovem apareceu em suas roupas de simples camponês, que na rica sala de quadros majestosos e esculturas realistas, pareciam-se mais com andrajos. Sentindo-se obviamente desconfortável e totalmente fora de contexto, o jovem baixou a cabeça e entrou.

– O que você quer? – perguntou Lamayer em tom seco, enquanto servia-se uma taça de vinho cor de sangue.

Philippe pensou no que ia dizer. Era o fim de seus problemas e o início de algo desconhecido. Tomou coragem e olhou para o Duque.

– Senhor, sei que não gosta de mim... Mas preciso lhe fazer um pedido.

Lamayer nem olhou pra ele, mantendo a atenção em sua taça de vinho.

– É lógico que não viria aqui para oferecer algo, mas sim para pedir. Diga logo a que veio!

Diante da rispidez, Philippe baixou novamente a cabeça, mas continuou.

– Senhor, é visto que a Mudança não chegou para mim. E sabe-se que ela raramente chega depois... Logo, não há motivos para que eu continue vivendo aqui, onde minha presença é tão inoportuna. Por isso vim lhe pedir...

O rapaz olhou novamente para o homem que se mantinha de costas para ele.

– ...Deixe-me partir, senhor. Deixe-me ir embora.

Lamayer paralisou ao ouvir o pedido. Philippe percebeu seu aparente choque e esperou a resposta. O Duque deixou a taça sobre a bandeja em cima de uma mesa e virou-se para ele com olhos duros

– Isso não será possível.

Philippe não esperava um “não”. Na verdade, sempre acreditou que vê-lo partir deixaria todos no Château muito satisfeitos. Arregalou os olhos e sacudiu ligeiramente a cabeça, surpreso.

– Mas... Senhor, eu não sou um de vocês! Por que me prender aqui?

O Duque voltou a pegar seu vinho e o levou aos lábios.

– Você já viu demais, ouviu demais e sabe demais... Sabe onde fica o Château, sabe o que acontece aqui, sabe o que somos... Não é seguro deixá-lo ir.

O garoto ia ouvindo e as palavras iam caindo sobre ele como grandes pedras, a surpresa crescendo e se transformando em terror.

– Viverá aqui até o fim de seus dias. Terá comida e trabalho. É mais do que muitas pessoas têm aí fora – concluiu o Duque, bebendo seu vinho.

A sala mergulhou num breve silêncio atônito. Dominado pelo espanto, Philippe procurava as palavras que pudessem tirá-lo dali, mas tudo o que encontrou foi desespero.

– Não... Não pode fazer isso! Eu prometo, eu juro! Eu nunca direi nada a respeito desse lu...

Não terminou. Diante de seus olhos, o homem cresceu e se transformou numa fera terrível, com mais de três metros e aparência bestial. A garrafa e a taça de vinho se espatifaram no chão e Philippe deu alguns passos para trás. A fera saltou sobre ele, pressionando-o contra a parede, com as patas sobre seu pescoço. Philippe, mudo de terror, achou que a morte o devoraria naquelas presas afiadas. E então, a fera se tornou homem. Lamayer o olhava nos olhos, mantendo a mesma frieza que a fera demonstrara, ainda pressionando seu pescoço.

– Você não partirá! – sua voz era fria e gutural. – Nunca mais me peça isso novamente.

Diderot acariciava os lobos brancos capturados. Os filhotes haviam sido encaminhados para os outros Châteaux, a fim de receberem um treinamento que pudesse despertar a magia que os transformariam em algo mais, tornando-os o elo mais próximo entre a Natureza e o Homem. Até o momento, não havia notícias de que algum tivesse se transformado. Não era surpresa. Há mais de cem anos não havia notícia de um ser desses, um puro, como chamavam, em qualquer uma das raças e clãs dos Lobos. Agora, no entanto, preocupava-se com os pais. O casal de lobos não estava se alimentando direito e parecia melancólico. Ouviu a aproximação de alguém e alegrou-se achando que era Philippe, voltando a ser quem era.

– Boa noite, Capitão...

Espantou-se – e não pôde deixar de transparecer um ligeiro desapontamento – ao ver Jacques, com sua habitual boina e roupas de tecidos finos e costura bem feita.

– Olá, Jacques...

O rapaz se aproximou. Sentia vergonha do que o Capitão dissera na taverna e gostaria de recuperar o seu respeito.

– Eles parecem magros... – comentou o rapaz, aproximando-se dos lobos.

– Armand falou que eles não têm comido direito... – respondeu o Capitão, levantando-se.

O barulho de uma porta batida chamou a atenção dos dois na noite silenciosa. Olharam para a direção do castelo e viram Philippe correndo, numa expressão de pânico que o fazia parecer um alucinado. Jacques riu.

– O que houve com o mestiço? Parece que viu um fantasma!

Diderot pegou Rayure e montou rapidamente.

– Vá pra casa, Jacques.

Philippe corria floresta adentro, o vento batendo em seu rosto, o chão cada vez mais negro. O ar ainda parecia lhe faltar e ainda sentia o hálito quente da fera sobre ele. As palavras de Lamayer martelavam em sua cabeça e em seu coração. Estava preso. Irremediavelmente preso numa vida sem escolhas.

“Foi tudo uma ilusão, uma piada de mau gosto!”, pensava. “Não há transformação! Não haverá mudança! É esta minha vida miserável e nada jamais mudará!”

A floresta ia ficando cada vez mais densa, mais opressora, com seus galhos a arranhá-lo, como se quisessem mantê-lo ali para sempre. E era essa a palavra que o afligia. Para sempre. Para sempre! Viveria ali para sempre! Seria um pobre diabo para sempre! Machucariam sua carne e sua alma para sempre! Seria um solitário para sempre...

Sentia-se traído. Sua mãe tentou protegê-lo do mundo lá fora e o jogou no meio de feras que o rejeitam. Nunca faria parte daquele lugar, por mais que se esforçasse. Nunca seria aceito, por mais que se enganasse. Estava preso, irremediavelmente, por saber um segredo que nunca ouvira, por pisar em terras misteriosas, por viver entre as feras sem ser uma delas.

Subitamente, todos os anos de maus tratos, de derrotas e fracassos vinham em sua mente numa avalanche de lembranças cruéis. Lembrou-se de todas as surras, de tudo que lhe fora negado, de tudo que lhe fora impingido. Que tipo de gente era aquela que jamais lhe dera uma chance, que cobrava a fera que não existe nele exibindo a cada dia a própria falta de humanidade? Que tipo de lugar era aquele que lhe tirou o pouco que tinha, que tirou seu mundo, seu orgulho, sua amizade que nem chegou a ser algo mais?

Seus pés pisaram nas águas rasas do riacho, assustando grilos e sapos, agitando a água e espelhando suas lembranças nas gotas lançadas ao longe. O entardecer com sua mãe, seu toque gentil em sua testa, o sorriso de Celine e seu jeito criança de ver o mundo, ajudando-o a transformar uma simples pedra num universo inteiro, uma árvore seca num gigante e flores ordinárias em tesouros esquecidos por piratas...

O vento aumentou sua fúria e um trovão foi ouvido ao longe, como dragões que ronronavam num sono agitado. Como viver assim? Como aceitar esse destino? Como viver com o coração sempre despedaçado por ser o que ele é, e não o que os outros esperam?...

Caiu de joelhos num pranto sem controle.

– Como viver... – sussurrou pra si mesmo – sabendo que nunca chegarei onde eles estão... Sabendo que este é o meu lugar... E que lugar solitário é o meu!

Então parou. Os soluços se calaram, as lágrimas caíram no chão e a respiração retomou um ritmo. Por alguns momentos, tudo o que havia era o murmúrio das folhas nas árvores e sua respiração, enquanto em sua mente, a única saída lhe surgia.

Um trovão mais forte lhe deu inesperadas forças. Levantou a cabeça, os olhos duros e diferentes. Não havia mais nenhum resquício de medo ou dor, apenas o ódio cego que limita as possibilidades. Era o fim da esperança, não havia mais pelo que esperar.

Levantou-se e voltou a correr, desvencilhando-se dos galhos, tirando o cabelo do rosto e saltando obstáculos como um animal selvagem, ignorando as dores do corpo ainda mal recuperado. Quando colocou a mão na madeira carcomida pelo tempo de sua porta, ela abriu com certo estardalhaço. O vento entrou, derrubando algumas coisas e enchendo a casa de folhas. Prateada acordou num sobressalto e ficou a olhá-lo de orelhas em pé.

Philippe entrou sem fechar a porta. Apoiou-se sobre a mesa e baixou a cabeça, como se pensasse em algo muito sério. Então, num movimento brusco, quebrou a jarra de cerâmica que tinha sobre a mesa. A jarra bateu com violência na parede e espatifou-se, espalhando a água no chão de madeira. Pegou um velho saco e jogou seus pertences lá dentro. Suas poucas roupas rotas, umas modestas economias de anos de trabalho duro, um velho livro de sua mãe que já lera três vezes, um resto de pão e algumas miudezas de pouco ou nenhum valor. Colocou o saco nas costas e virou-se para Prateada com um sorriso.

– Venha, garota! Vamos passear!

Seus passos eram decididos, mas os sentia pesados. Uma voz dentro dele gritava que era suicídio, que não se deixa a Alcateia assim. Mas ele estava surdo, enlouquecido pela perspectiva de uma vida como aquela. Estava infeliz, cansado de tentar e muito zangado. São sentimentos que embotam qualquer rastro de bom senso.

Dentro da floresta escura, afastando-se cada vez mais de seu lar, ouviu um barulho. Diminuiu o passo ao ver a silhueta desenhada no caminho diante dele. O porte alto e a capa pesada não enganavam. Um relâmpago silencioso e tênue iluminou o rosto do militar.

– Garoto... Você não quer fazer isso...

Philippe parou a poucos passos dele. Mantinha os olhos duros.

– Saia da minha frente, Diderot.

O Capitão não se moveu.

– Fugir da Alcateia é como assinar sua sentença de morte. Lamayer vai anunciar a Caçada. Todos os membros da Alcateia caçarão você até encontrá-lo e, quando o fizerem, você desejará morrer antes de terminarem.

– Eu não me importo! – o rapaz sacudiu levemente a cabeça e voltou a olhar para Diderot. – Estou farto de seguir as regras dessa maldita Alcateia! Eu não sou um de vocês! Se quiserem me caçar, que cacem! Prefiro fugir do que ficar aqui e morrer aos poucos!

Um vento forte trouxe as primeiras lágrimas de chuva, finas e débeis, porém frias como o inverno. A expressão do Capitão mudou para pesar, lamentando ver o rapaz naquela situação limite, sob o véu do desespero.

– Você não terá chance, Philippe!

Philippe baixou a cabeça. Quando a ergueu, já não tinha o olhar zangado, mas a velha doçura que lhe era tão peculiar.

– Você não entendeu, Diderot... – disse o rapaz, num sorriso triste. – ...Eu já não tenho...

O murmúrio dos dragões voltou a ser ouvido, como se eles estivessem logo depois das montanhas. Raios iluminavam levemente a floresta e o vento os rodeava. Diderot pareceu desanimado. Percebeu que Philippe estava além de suas palavras. Cruzara a linha do desespero, quando as pessoas já estão distantes demais para ouvir a voz da razão.

– Lamayer me mandará em sua procura... Por favor, não me coloque nessa posição...

Diderot sabia o que acontecia com um caçado e não podia nem imaginar o que fariam com um pobre mestiço.

– Eu sinto muito... – respondeu o rapaz. – Mas a única forma de me impedir é me matando agora.

E então o garoto continuou seu caminho. Diderot sabia que poderia detê-lo à força. Philippe também. O silêncio entre eles só era cortado pelo vento e pela expectativa de que algo aconteceria. O rapaz passou, o coração acelerado.

E Diderot não se moveu. Quando o jovem percebeu que o Capitão o deixara ir, recuperou o ritmo e aumentou os passos, sentindo ao mesmo tempo alívio por ter conseguido sua liberdade e um franco terror, pelo mesmo motivo. Diderot virou-se para o rapaz e a loba branca que caminhavam cabisbaixos para a escuridão do desconhecido.

– Boa sorte, criança...

Dentre as árvores, um ser curioso observava toda a cena. Jacques não acreditava que tal oportunidade estivesse caindo em suas mãos naquela noite chuvosa. “O idiota vai fugir!”, pensou. “Se eu segui-lo e capturá-lo mais adiante, serei honrado como um herói. Terei capturado um mestiço traidor!”

Em busca de uma chance para se destacar, Jacques ainda amargava as palavras do Capitão. Não queria ser conhecido como um covarde. Sabia que qualquer um que deixasse a Alcateia em fuga era considerado um perigo. Por moedas ou sob torturas, muitos já entregaram o segredo que os mantém seguros e muitas batalhas e mortes foram causadas. Provavelmente, o mestiço ignorante não sabia de nenhuma dessas coisas, ou mesmo dos perigos que o aguardavam no estranho e cruel mundo dos homens. Mas isso, de fato, não importava nem mudava nada.

Como num sonho, o jovem se transformou num lobo, deixando as roupas abandonadas no chão. Observou astutamente seu alvo. Philippe era só um humano. E quando à Prateada, era apenas um lobo.

“Na Lua Cheia”, pensou, “eu sou mais que ambos...”

Capítulo 9

Caça e Caçador

A chuva começou, mais fina e fria do que Philippe esperava para um outono. Seus passos o levavam para longe e podia ouvir o próprio coração bater. Estava partindo. Não tinha muitas coisas boas para se lembrar. O Château das Vertentes sempre lhe foi frio e cruel e as dores que ainda sentia eram uma lembrança viva de que as pessoas daquele lugar nunca o aceitariam. Não entendia porque não se sentia totalmente feliz em simplesmente partir. Talvez fosse o medo do que poderia encontrar. Só conhecera algumas cidades ainda no colo de sua mãe e pouco se lembrava do que vira. E se, fora do Château, as coisas não fossem diferentes?

Olhou para a escuridão que crescia sob seus pés. Não pararia por causa da fina chuva que mal penetrava seus cabelos. Acreditava que, se continuasse, a chuva tornaria uma busca por ele mais difícil. A ideia de ser caçado também não o deixava muito confortável. Se o capturassem, fariam coisas horríveis... Talvez fosse isso que o estivesse incomodando. Talvez estivesse simplesmente com medo.

Um vento mais forte e mais frio o fez se proteger com o velho casaco puído e o manto vermelho que pertencera à sua mãe. Olhou adiante, pouco enxergando além de um passo. Não... Não era medo... Outra coisa estava tornando seu coração pesado e o peso aumentava a cada passo que se afastava da estranha cidade de encantados. Sacudiu a cabeça levemente, lutando contra a própria conclusão. O peso era a saudade do que nunca mais veria. Mas o que tinha naquele lugar de que pudesse sentir falta?

Sentiria falta de Diderot. O coração apertou. Não o tratara bem e a despedida ficara com um gosto amargo. Refletiu no amigo a culpa dos erros alheios e isso não foi jeito de terminar uma amizade como aquela. Sentiria falta de Emily, que sempre lhe enviava um pouco de cozido ou um pedaço de bolo, que sempre lhe tinha um sorriso e uma palavra de consolo quando o dia era difícil. Sentiria falta das tardes tranquilas e da esperança que o alimentava e sustentava. Sentiria falta até mesmo de Celine, cuja imagem de boa amiga ainda sobrepujava a da nobre indiferente. Deixava para trás seus momentos felizes, na esperança de criar outros numa estrada menos pedregosa.

Prateada parou. Com as orelhas em pé e um ronco de alerta, olhava para trás desconfiada.

– Que foi, garota?

Philippe parou e apurou os ouvidos. Um trovão distante veio em resposta. Tudo o que via era a escuridão que cobria o caminho que escolhera numa noite de tempestade e desespero. Suspirou, sabendo que era agora um caminho sem volta.

– Vamos, Prateada. É apenas o vento.

Continuaram andando, embora Prateada eventualmente ainda olhasse pra trás, olhando a seguir para o jovem, imerso em seus pensamentos, cada vez mais escuros como a noite que o envolvia. Começou a falar, tentando espantar o mau pressentimento que começava a se acercar de sua fuga.

– Você vai adorar a cidade, Prateada! Tem muitas cores e gente! Muita coisa nova pra você cheirar!

Olhava para a frente, esperando um novo relâmpago que iluminasse o caminho. O velho manto não seria páreo para o inverno, a julgar pelos ventos de outono daquela noite. Sentiu um nervosismo a acossá-lo e continuou falando, tentando espantar os fantasmas.

– Eu vou arrumar um trabalho e ganharemos muito dinheiro. Teremos uma casa e... roupas! Sim, vou comprar roupas até pra você! As pessoas serão gentis e nos tratarão bem... As pessoas tratam bem quem se veste bem. É estranho, mas é assim que elas são. Se eu vestir bem você, provavelmente a convidarão para tomar chá...

A fina chuva o perseguiu por toda a noite, enquanto a tempestade anunciada atrasava sua chegada. O nervosismo espantava o sono, mas sabia que tinha andado por horas. No outono, as noites eram longas, mas não duravam pra sempre. Em algum momento, sabia que amanheceria e as coisas pareceriam menos assustadoras à luz do Sol. Por duas vezes, pisara em falso e quase descera ravina abaixo. Não era seguro andar numa noite como aquela, mas sabia que todo o tempo que tinha devia ser bem aproveitado. Quando sentissem sua falta, estaria longe. Não podia se dar ao luxo de parar e descansar. O corpo ainda estava muito dolorido da emboscada em que caíra e a cabeça doía eventualmente em pontadas longas e profundas. Não comera nada antes de sair e a fome já dava seus sinais. Mas não pararia, nem para comer, nem para descansar, até que estivesse bem longe.

O lobo que os acompanhava a certa distância já se incomodava com o frio. Jacques começava a se arrepender de não tê-lo agarrado horas atrás, pois o vento frio o lembrava de sua cama quente e limpa, onde gostaria de estar enfiado sob seus lençóis de seda e cobertores de lã de carneiro. Cansado de perseguir o jovem, achou que já estava na hora de dar um fim nisso. Já estavam longe o bastante do Château e sua glória seria grande quando soubessem o quão longe ele foi para pegar o mestiço traidor. Determinado, preparou-se para o ataque, que seria breve, assim que assumisse sua forma bestial.

Em um passo, um som metálico seco se fez ouvir e Jacques sentiu uma dor horrenda na pata traseira que o precipitou para o chão.

Nesse momento, Philippe interrompeu seus delírios quando ele e Prateada ouviram um uivo horrível. Outro raio mais próximo deu um ar ainda mais assombroso para a floresta, enquanto o uivo se tornava um lamento angustiado.

A apenas alguns passos dali, um animal se retorcia em dor com a pata traseira sangrando, aprisionado numa armadilha cruel que só podia ter sido feito por humanos. Na escuridão, o lobo se transforma em homem. Trincando os dentes de dor, Jacques tentou retirar os dentes de ferro que prendiam seu tornozelo. Não precisou tentar muito para descobrir que era impossível. Percebeu, assustado, quando uma sombra surgiu ao seu lado.

– Você?! – perguntou Philippe surpreso ao reconhecer o rapaz nu na armadilha.

Jacques nada responde, surpreendido pela própria caça.

– Estamos há quilômetros do Château... O que está fazendo tão longe, seu idiota? – perguntou Philippe.

Jacques se surpreendeu com a ingenuidade do rapaz, mas envergonhou-se ao ver que agora os papéis se inverteram. Era ele, o nobre Lobo Branco, a estar preso numa armadilha feita para simples animais, enquanto o mestiço que tanto hostilizara estava imponente, de pé, livre para ir embora ou ir à forra de tudo o que lhe fizeram. Baixou o rosto, evitando responder.

Philippe podia ser ingênuo, mas não era burro. Levou segundos para perceber o motivo de Jacques estar ali. Seu rosto se cobriu de espanto.

– Você veio atrás de mim...

Jacques sentiu o frio cortar o corpo nu e o sangue quente escorrer do ferimento pressionado pelos dentes de metal. Olhou para Philippe com raiva, cobrando algo que achou óbvio.

– Vai me ajudar ou não?

O jovem de pé diante dele cruzou os braços e suas feições demonstraram uma cruel indiferença.

– E por que deveria? Você veio me caçar! E nem vou mencionar seu histórico horroroso...

Jacques olhou pra ele, perplexo por aquele mestiço insignificante não ajudá-lo. Como ele poderia ousar não ajudar um Lobo Branco? Não sabe ele que nunca será tão importante como o mais humilde dentre eles? Mas não importava se ele não quisesse ajudá-lo. Daria um jeito. Não precisava de ninguém! Porém, o olhar duro de Philippe havia mudado. Seu rosto relaxou e ele deixou os ombros caírem. Então ele se abaixou e, com certo esforço, abriu a armadilha que prendia o pé direito de Jacques em seus dentes sangrentos.



Jacques imediatamente sentiu o alívio, mas a dor se intensificou logo depois como agulhas quentes a penetrarem pelos ossos. Abraçou o pé ferido e sentiu o corpo tremer. Philippe tentou ajudá-lo a se levantar, numa reação instintiva. Jacques, no entanto, ainda não tinha o coração embevecido pela gratidão e o empurrou. Sem esperar por isso, Philippe caiu no chão, perplexo.

– Saia daqui! Não preciso da ajuda de um mestiço sujo pra me levantar.

Derrubado pela surpresa, Philippe ainda levou alguns segundos para se levantar. Quando o fez, já possuía a expressão de que deveria esperar por isso. Sacudiu a poeira e pegou a sacola que estava no chão.

– Vê se olha por onde anda da próxima vez. Vamos, Prateada.

E deu-lhe as costas, voltando para a escuridão de onde saiu. Vendo-se sozinho, Jacques tentou se levantar. A dor o fez dar um grito curto e devolveu-o novamente ao chão. Respirou fundo e trincou os dentes, tentando controlar o

próprio corpo que parecia agir à revelia. Apoiou-se sobre uma mão e tomou um impulso para ficar de pé. Uma árvore o impediu de cair, servindo-lhe de apoio, mas, no primeiro passo, seus joelhos e dobraram e ele caiu novamente. O vento era frio e a noite estava escura, a chuva fina voltou a cair e nenhum som era ouvido na floresta adormecida.

Olhou em volta, percebendo-se só. Voltou-se novamente para o pé ensanguentado e resolveu que não ia se deixar abater por uma ridícula armadilha de caçadores! E, mais uma vez, concentrou todas as forças no simples ato de se levantar. Em um passo, estava novamente no chão.

Pela primeira vez, Jacques sentiu-se realmente sozinho. Nunca saíra do Château sem estar acompanhado, nunca enfrentara perigos, nunca estivera realmente em risco. Ali, no entanto, estava longe de casa, longe dos seus e incapaz de ficar de pé. Pela primeira vez, sentiu medo, não aquele medo bobo que mais parece um receio, mas aquele medo visceral, que faz com que seu coração pareça bater mais alto que os trovões que anunciam a tempestade. Um desespero crescente tomou conta dele. Não sabia o que fazer e a dor aumentava. Não devia ter repudiado a única ajuda que poderia ter.

Foi quando assustou-se com uma figura perto dele. Mais raios distantes desenharam claramente os traços de Philippe e Prateada. O rapaz estava de braços cruzados e pode ver seus olhos brilhantes e duros. O jovem indefeso sentiu-se apavorado. Era uma hora perfeita para o mestiço ter sua vingança por todas as maldades que ele já lhe fizera. Pois ele que tentasse! Podia estar fraco e apavorado, mas ainda sabia chamar a fera dentro de si e quando o mestiço se aproximasse, rasgaria seu pescoço como seda velha.

– Eu vou me arrepender disso – disse Philippe, dando um longo suspiro de resignação de quem aceita que não consegue, por mais que tente, fazer as coisas de um modo diferente.

O jovem inclinou-se e, para espanto de Jacques, estendeu-lhe a mão.

– Apoie-se em mim.

Dessa vez, Jacques engoliu o orgulho e aceitou a ajuda, sem conseguir tirar os olhos surpresos do rosto de seu inesperado salvador, sua antiga caça. E, apoiado no jovem mestiço de cabelos tão negros quanto aquela noite, Jacques conseguiu andar. Caminharam alguns passos em direção a uma árvore mais encorpada que os protegesse um pouco mais da chuva que começava a engrossar. Philippe retirou algumas roupas de sua sacola e as jogou para Jacques.

– Tome! Vista isso! Não é a última moda, mas acho que vai servir – disse Philippe.

Jacques pegou o que ele considerou um trapo sujo e feio, fazendo uma careta de nojo.

– Não vou vestir isso!

– Então não vista! Fique no frio! Eu não me importo – retrucou Philippe, percebendo a clara desfeita.

Jacques batia os dentes de frio. Colocou a velha calça e uma blusa de mangas compridas de tecido áspero e com alguns remendos.

– Achei que a Lua Cheia deixasse vocês mais fortes... – disse Philippe, olhando com certo desdém o jovem caído.

– Na Lua Cheia, podemos assumir a forma mais bestial que possuímos... Mas sangramos do mesmo jeito...

Eles ficaram em silêncio por alguns momentos. Philippe percebeu que Jacques estava sentindo muita dor e se inclinou para ver o ferimento. Sua expressão denunciou que estava bem pior do que pensara. Pegou um pano em sua trouxa e rasgou, começando a enfaixar o pé machucado.

Jacques o observava como se esperasse uma reação súbita qualquer. No entanto, ela não veio. O que ele via era exatamente o que era. O mestiço concentrado em cuidar de seu ferimento, mesmo quando ele nada fizera para merecer aquela – ou qualquer uma – consideração.

– Foi uma pancada forte. Talvez esteja quebrado.

– Muito bem! Pode rir agora! Eu sei que você quer rir! – gritou Jacques, inquieto com a espera da hostilidade que ele sabia que viria.

Philippe o olhou seriamente. Havia algo em seus olhos que incomodavam, como se despertassem a vergonha dos atos ocultos de cada um. Jacques se sentiu intimidado.

– Já senti dor o bastante na vida para não achar graça nenhuma no sofrimento alheio... Mesmo sendo o seu.

Jacques se mexeu e gemeu quando Philippe enfaixou seu pé.

– Cuidado, mestiço!! – reclamou Jacques, sentindo uma físgada. – Isso dói!

Philippe o encarou irritado, os olhos brilhando entre o azul e o violeta de anos de raiva incubada.

– Escute aqui, imbecil! Eu tenho um nome! E você sabe!

Jacques empinou o nariz.

– Não pense que algo mudou! Ainda tenho sangue puro e nobre. E você ainda é um nada, como sempre foi!

Jacques gritou de dor. Philippe apertara bruscamente a tira de pano sob o pé quebrado.

– Seu sangue puro escorre exatamente como o meu... – murmurou Philippe.

– É tão burro que não consegue enxergar isso!

– Como ousa falar assim comigo?

Um som inesperado de gravetos se partindo fez com que ambos parassem de discutir.

– O que foi isso? – pergunta Jacques, apreensivo.

– Estamos muito longe do Château... Pode ser um animal...

– Ou um caçador! – Jacques ficou inquieto, os fios loiros e finos caindo sobre os olhos.

– Ótimo! Podemos pedir ajuda – concluiu Philippe, tranquilo.

Jacques o olhou incrédulo.

– Ficou maluco?! Se forem caçadores humanos, vão querer saber de onde viemos e logo vão desconfiar que pertencemos à Alcateia!

– E daí?

Jacques não resistiu e pôs-se a rir da ingenuidade do outro que procuraria ajuda num covil de predadores.

– Você é um homem sem sorte, amigo... – disse – A Transformação não veio pra você, mas suas veias ainda trazem o nosso sangue... E os humanos sempre têm um motivo para derramá-lo. Caia nas mãos dos humanos e reze para que uma sombra de dúvida jamais paire sobre suas cabeças.

Um som ainda mais próximo de passos foi ouvido. Philippe olhou preocupado, mas subitamente recuperou a tranquilidade.

– Sabe, Jacques? Acho que você está exagerando.

E então, pegando a sacola, levantou-se.

– Acho que eles poderão ajudar você melhor do que eu!

– O quê?! Aonde você vai?! – Jacques o viu desaparecer no mato.

Jacques não sabe porque esperaria o melhor de alguém que espezinhou a vida inteira. Quase que imediatamente ao sumiço de Philippe, dois homens apareceram na direção oposta. Eram grandes, fortes e usavam barba mal aparada. Carregavam mosquetes e espadas, enquanto um lampião iluminou a pequena área onde Jacques estava. O rapaz cobriu os olhos, feridos pela súbita claridade.

– Olhe só o que encontramos! – exclamou um dos homens.

– O que faz aqui, rapaz?

Jacques se esgueirou, encostando-se na grande árvore atrás dele.

– Caí numa armadilha...

– É mesmo? – o homem aproximou o lampião do rosto do rapaz. – Não está meio tarde para dar um passeio?

Jacques não respondeu. Os caçadores lhe causavam pânico, como a qualquer um dos Lobos.

– A cidade mais próxima fica a várias léguas daqui...

Os homens assumiram um ar sinistro.

– Deve ser um daqueles malditos ciganos... Ou um dos amigos do Povo Pequeno!

– Vamos verificar...

Num movimento rápido, um dos caçadores cortou as costas de Jacques, que gritou de dor. A lâmina fria agiu como se estivesse em brasa, cortando a pele e causando, ao mesmo tempo, uma queimadura.

– Como eu pensei... A prata o queima! É um maldito ser encantado!

– Vamos levá-lo! A igreja está oferecendo recompensas!

– Não... Vamos matá-lo aqui mesmo e levar a cabeça... Não se pode confiar nessa gente!

Jacques tentou se transformar. Ainda era muito jovem e não tinha todas as manhas, muito menos a experiência de controlar o dom. O nervosismo, a dor e o medo se uniram à insegurança e, por mais que ele chamasse o lobo dentro de si, só encontrava uma criança assustada prestes a ser assassinada. O homem de olhos frios e cinzentos como nuvens carregadas ergueu a espada. Jacques estremeceu, vendo no tênue brilho da lâmina seu fim inglório, caçado como um animal e levado morto como prêmio aos inimigos de seu povo. Tentava em vão despertar a fera, mas ela não veio. Naquele momento, não era mais que um simples humano e isso lhe custaria a vida.

Um vulto rápido passou diante de seus olhos. Prateada saltara em cima do caçador, que caiu atracado a uma grande fera da cor da lua em noites claras. O outro preparou o mosquete, tentando mirar no animal que exibia as presas enormes para o companheiro. Um golpe seco em sua cabeça o tonteou. Olhou para trás tentando ver quem era seu agressor e viu um jovem de cabelos negros e longos erguer um pedaço de tronco contra ele. O homem, rolou no chão, evitando o golpe e levantou-se. Trocou socos com o jovem, que era ágil e se esquivava com facilidade.

O homem no chão conseguiu empurrar o lobo que já trazia os dentes manchados com seu sangue. Procurou a arma, mas não conseguiu alcançá-la antes que o animal o pegasse novamente. Chegou a chamar pelo companheiro, mas pôde ver que este também tinha seus problemas.

Philippe conseguiu acertar dois socos seguidos no caçador. Infelizmente, o efeito não foi grande coisa. O homem era grande e forte e era como bater numa parede de pedras. Sua breve hesitação foi suficiente para que seu oponente atacasse. Com um golpe rápido de espada, o homem avançou. O rapaz andou para trás, vendo a lâmina assobiar perto de seu peito. Tropeçou em algo e caiu, vendo a espada se erguer novamente numa sentença imediata. Tateou e pegou o pedaço de madeira que tinha caído e usou-o como escudo. A espada partiu a madeira em dois. Em sua ânsia de acertá-lo, o homem se atirou em cima dele. O rapaz usou os pés

para empurrá-lo de volta e o homem caiu para trás. Era um homem forte e também pesado. Não tinha a agilidade dos jovens. Quando pensou em se levantar, o rapaz já estava em cima dele, golpeando-lhe a cabeça com o pedaço de madeira que sobrou. Logo, estava envolto em escuridão.

Philippe levantou-se ofegante e procurou por Prateada. Ela havia encurralado o outro caçador contra uma árvore e este estava paralisado de terror. Vendo a situação sob controle, virou-se para Jacques.

– Diabo!!! – exclamou, jogando a madeira no chão e enfrentando o jovem caído. – Achei que vocês pudessem se transformar em bestas assassinas na porcaria da Lua Cheia!!!

Jacques não respondeu. Trêmulo e pálido, olhava para o homem caído como se ele fosse se levantar num salto e cortar sua cabeça. Philippe percebeu que ele estava dominado pelo pânico e se compadeceu. Sabia o que era sentir medo a ponto de não conseguir se mexer. Aproximou-se mais.

– E então?... – perguntou Philippe, com voz mais suave. – Como é sentir medo?

Jacques então pareceu despertar para a realidade. Olhou para Philippe com um ar de urgência.

– Precisa matá-los!

– Como é?

– Precisa matá-los!!! Ou eles virão atrás de nós!

– Não vou matar ninguém! – retrucou Philippe.

– Você não entende! São caçadores humanos! Não vão desistir! Se não os matarmos, eles nos perseguirão e nos matarão!

Philippe se virou e começou a revistar o homem caído no chão.

– Não sou assassino, Jacques. Assim como não sou um ladrão.

Retirou as armas que encontrava e começou a acumulá-las.

– Nunca matei ninguém. Não vou começar agora... – murmurou, pegando uma corda que encontrara com o homem.

Caminhou até o outro, vigiado por Prateada. Amarrou-o contra a árvore em que estava encostado.

– Seu amigo vai acordar... um dia – disse. – Quando isso acontecer, voltem pra casa.

Pegou todas as armas recolhidas e colocou numa trouxa de pano. Foi até Jacques estendeu-lhe a mão. Jacques olhou para ele surpreso e então aceitou a ajuda.

Com dificuldade, começaram a andar, em passos lentos e pouco cadenciados. Levariam o dobro do tempo para voltar.

Os dois rapazes caminharam em silêncio pela terra úmida. Os trovões começaram de novo, dessa vez mais próximos. A chuva, que tinha parado, voltara, dessa vez em gotas pesadas. A forte pancada, acompanhada de ventos, tornou impossível a jornada.

– Temos que parar! – gritou Jacques.

Philippe não respondeu. Tentava acompanhar Prateada, que assumira a liderança quando a chuva tornou a visibilidade quase nula.

– Prateada!! – gritou, preocupado em perder a amiga na tempestade.

– Esqueça esse bicho! Vamos nos abrigar! – reclamou Jacques, sentindo-se ignorado.

– Cala a boca! Prateada!!!

Latidos foram ouvidos e Philippe os seguiu.

– Se continuarmos andando, vamos acabar rolando um precipício!

Philippe continuou arrastando o outro até conseguir ver uma mancha branca que julgou ser Prateada. A loba encontrara uma pequena gruta onde podiam se abrigar da chuva momentaneamente. Os dois rapazes entraram e Philippe deixou o jovem ferido a descansar num canto. Jogou as armas que encontrara no fundo da gruta, julgando que ali estariam seguras, longe de mãos humanas. Sentou-se com Prateada na outra ponta. E assim, ficaram os três em silêncio observando a chuva em sua sinfonia barulhenta.

Quando amanheceu, eles já estavam de volta ao caminho para casa. Jacques se tornava cada vez mais lento e Philippe tinha que despender cada vez mais força para apoiá-lo. Estavam ambos cansados e a chuva finalmente parara. Jacques estava febril, sentindo-se piorar a cada instante. Não compreendia o mestiço. O que afinal ele estava fazendo?

– Você é louco? – disse, ofegante. – Não pode voltar ao Château agora que fugiu! Lamayer vai deixá-lo dias no tronco, na melhor das hipóteses.

– Tem razão... – respondeu Philippe. – Deveria deixar você aí para algum bicho comer e seguir meu caminho.

Jacques se lembrou da vida do mestiço. De fato, nunca o vira de perto. Ele era sempre o brinquedo com quem brincavam. Sentia o corpo quente do rapaz que o ajudava com certa dificuldade. Não fazia muito tempo que o arrastaram na cilada que ele não gostava de lembrar e ainda podia se ver arranhões no rosto do jovem. Certamente, ele ainda sentia dores e, mesmo assim, estava ali, ajudando-o. Surpreende-se ao perceber que, afinal, o mestiço... Philippe não era um brinquedo, um boneco, uma coisa com a qual se divertiam e deixavam pra trás. Percebeu, entre a dor e a febre, que vida terrível levava aquele rapaz.

– Por que agora? – perguntou Jacques, imerso em seus pensamentos.

Philippe não compreendeu.

– Por que fugir agora? – explicou Jacques, cada vez mais intrigado com aquele estranho personagem. – Sempre viveu no Château, porque partir agora?

Philippe demorou para responder.

– Porque... Antes eu esperava que as coisas mudassem...

– E agora? – perguntou curioso o outro.

– Agora eu sei que nada vai mudar... E eu gostaria de poder esperar mais.

Jacques sorriu cansado.

– Está fugindo porque perdeu a esperança... Lamento, mestiço... Não vai encontrá-la lá fora. Esperança é o tipo de coisa que vive dentro da gente...

Deram mais alguns passos, em que ambos pareciam ruminar pensamentos distantes. De repente, Jacques se virou para Philippe, com ar curioso, como se não compreendesse muito bem aquele homem.

– Sabe? Nada vai mudar, quando retornarmos ao Château... Ainda será um mestiço e nunca será um de nós... O que você espera, afinal?

Philippe continuou olhando pra frente, concentrado no caminho.

– De você, nada... – respondeu em voz firme e tranquila. – De mim, nada menos.

Uma forte fígada fez com que Jacques parasse.

– Aai!

– Vamos! Não seja mole! – insistiu Philippe rispidamente, não cedendo ao próprio desejo de parar.

– Está doendo!!! – reclamou o rapaz, irritado.

– Bem feito que está doendo!!! Você merecia coisa bem pior! – respondeu Philippe, igualmente irritado.

– Cale a boca!

– Tem sorte de ser uma criatura tão patética que tive pena!

– Eu não quero sua pena!!! – gritou rouco o rapaz.

– Pois deveria querer, porque ela é a única coisa que o separa de uma morte lenta e dolorosa!

Jacques se desvencilhou do apoio de Philippe e tentou socá-lo. Fraco, febril e sem apoio, errou e caiu no chão, com o rosto numa poça. Ergueu o rosto sujo com olhos brilhantes de ódio e dor.

– Eu vou arrebentar você, mestiço! – gritou, com os olhos cheios d'água.

Philippe começou a rir.

– Só não tente me chutar. Com uma perna só você vai cair!

Jacques baixou a cabeça, deixando as lágrimas caírem. Crispou os dedos na terra molhada.

– Quando eu estiver bom, eu vou... eu vou...

Sentiu Philippe se aproximar. Ergueu a cabeça e o viu, com ar sereno, estendendo-lhe a mão novamente.

– Isso ainda não aconteceu. E só vai acontecer se chegarmos ao Château.

Com o rosto sujo de lágrimas, suor e terra, Jacques olhou para o jovem que lhe estendia a mão. O peito ofegante pelo orgulho quebrado e os olhos que brilhavam de raiva e frustração cederam lugar a uma coisa a que não estava acostumado. E foi assim, com seu primeiro contato com a humildade, que segurou a mão que lhe era oferecida. Naquela fria manhã de inverno, os dois rapazes prosseguiram pelo caminho de volta para casa.

O Château amanheceu num ligeiro tumulto. Os pais de Jacques estavam com Lamayer às portas do castelo, nervosos e aflitos. Alguns homens se preparavam para uma busca.

– Não sei o que aconteceu! Jacques nunca fez isso antes! – dizia o pai do garoto, preocupado.

– Fique tranquilo, Forland. Nós vamos encontrá-lo – Lamayer tocou-o no ombro, tentando lhe passar confiança.

Cavalos se aproximam rapidamente com o Capitão e alguns soldados. Sem descer do cavalo e pronto para uma busca maior, Diderot trouxe uma trouxa com roupas.

– Senhor?

– Encontrou alguma coisa? – perguntou Lamayer com o cenho cerrado.

– A chuva apagou todos os rastros, mas encontramos as roupas de Jacques bem perto daqui.

A trouxa é entregue aos pais do garoto. A mãe não consegue segurar o pranto, esperando o pior, movida por sonhos ruins e o pressentimento de seu coração materno.

– Diabo! Será que Jacques não aprendeu nada nesses anos todos?! Não se sai levianamente do Château, ainda mais um filhote como ele!

– Organizo a patrulha?

Lamayer olhou para o outro lado. As nuvens carregadas ainda estavam pousadas sobre o Château. Logo choveria de novo e a busca teria que ser interrompida. Teriam que ser rápidos. Antes de dar a ordem, no entanto, alguém gritou na entrada da cidade.

– Jacques está voltando!!!

Surpresos, todos correram para ver. Sujo e cansado, Jacques entrava na cidade apoiado por Philippe. Os pais de Jacques se precipitaram para ajudar o filho

e se certificarem de que ele estava bem.

– Meu filho!! O que aconteceu?

– Ele caiu numa armadilha – explicou Philippe, passando Jacques ao apoio dos outros. – Perdeu muito sangue.

Lamayer olhou para o mestiço desconfiado, lembrando-se muito bem de sua última conversa.

– E você, mestiço? Onde estava?

Philippe não respondeu. Olhou diretamente nos olhos do Duque, imaginando que ele deveria imaginar que ele tentara fugir. Se ainda não soubesse, logo saberia, pois Jacques contaria tudo.

– Ele estava comigo!

Philippe olhou surpreso para Jacques, agora apoiado pelo pai. O jovem ferido baixou a cabeça e explicou-se.

– Foi culpa minha. Ele não queria ir, mas eu o desafiei a ir caçar a raposa azul. Fomos longe demais e eu caí numa armadilha...

– Jacques, você mais do que ninguém deveria saber que caçadores nos rondam e que é perigoso se afastar tanto do Château! – ralhou o Duque.

– Desculpe, senhor! Não vai acontecer de novo – respondeu Jacques, baixando a cabeça em vergonha.

As pessoas respiraram aliviadas em saber que um de seus filhotes está bem e que não haveria buscas naquele dia de chuva. Enquanto era levado, Jacques lançou um último olhar para Philippe, encerrando ali aquele estranho encontro.

Diderot, já fora de sua montaria, observou, ao lado de Philippe, o grupo se dissipar, enquanto os curiosos pediam à Jacques detalhes do que houve.

– O tornozelo está quebrado – disse Philippe, virando-se para ir embora. – Mande colocarem uma tala.

– Philippe?

O rapaz se virou sem muito entusiasmo. O Capitão lhe sorriu sereno.

– Fez a escolha certa.

Philippe não sabia muito bem o que sentir. Estivera empolgado com a ideia de sair do Château e ser livre, mas nunca acreditou que seria fácil a vida entre os humanos. Agora, não tinha mais a empolgação nem o medo do novo. Estava vazio. Não se sentia feliz em abandonar a chance que teve, mas sabia que não conseguiria viver se não tivesse agido como agiu. Estava cansado, com fome e com frio. Não conseguia mais pensar em nada. Anuiu com a cabeça para o Capitão, sem conseguir demonstrar que estava feliz em revê-lo, embora estivesse. Virou-se e partiu. Pegou sua trousse de roupas guardada por Prateada atrás de uma moita.

– Vamos, Prateada... Vamos pra casa...

E tomou o caminho que levava ao velho casebre na floresta.

Capítulo 10

Caçadores

Os dias se seguiram lentos e frios. A rotina do Château foi retomada no ritmo invernal. Quatro dias haviam se passado desde que Philippe e Jacques retornaram ao Château e muito se falava a respeito da aventura na cidade. A história de Jacques e o silêncio de Philippe pareciam ocultar algo que todos se esforçavam por descobrir.

Era noite na casa do Capitão quando alguém bateu à porta. Emily e Diderot conversavam sobre o que esperar das colheitas daquele outono e o estado de saúde de Jacques, que ainda pegara uma forte gripe naquela noite chuvosa. O marido se levantou para atender e não disfarçou o espanto quando, ao abrir a porta, deparou-se com Philippe.

– Ora! – exclamou Diderot. – Que surpresa!

Philippe estava nitidamente constrangido. Tivera dias e noites para pensar e sabia que não agira corretamente com o único que sempre o apoiara. Despejara em cima do Capitão sua frustração e ira contra as pessoas do Château e agora, diante dele, não conseguia encontrar as palavras para se desculpar. O Capitão ficou na porta, esperando o que ele tinha a dizer. A chuva fina era uma cortina chata e espessa e deixava os pêlos de Prateada cheio de pequenos pontos brilhantes.

– Olá – disse o rapaz, desviando o olhar para o que trazia nas mãos.

De braços cruzados, o Capitão esperava.

– Eu fiz isso para você e Dona Emily, para guardar coisas...

Entregou para o amigo um baú de madeira feito à mão. Nos entalhes, lobos corriam sob uma Lua cheia. Por dentro, a madeira rústica ainda exalava o aroma da floresta.

– É de cedro rosa... – explicou o rapaz, timidamente. – Eu queria colocar veludo por dentro, assim Dona Emily poderia guardar suas joias, mas... Bom, não deu...

– É um trabalho muito bonito! – exclamou Diderot. – Obrigado.

O Capitão colocou o pequeno baú debaixo do braço e voltou a olhar pra ele.

– Mais alguma coisa? – perguntou.

Philippe o olhou e fez menção de dizer alguma coisa, mas não saiu nada. Achou que tinha perdido o amigo e que nada adiantaria para recuperá-lo. Lamentava profundamente sua atitude, mas simplesmente não sabia como consertar aquilo.

– Não, Capitão... – murmurou. – Nada mais... Eu vou indo.

Virou-se para ir e Prateada pareceu confusa, olhando para o Capitão e para o dono que se afastava da casa. O Capitão olhou-o e riu, chamando-o a seguir.

– Ei, garoto!

Philippe o olhou, surpreendendo-se de vê-lo com o conhecido sorriso amigável.

– Por que não janta conosco e nos conta sua aventura?

O rapaz sorriu e voltou, ficando diante do Capitão.

– Pensei que não fosse mais querer ser meu amigo – disse o garoto.

– E por que pensou isso? – perguntou Diderot, rindo na verdade do orgulho do rapaz que não conseguira dizer que sentia muito.

– Porque eu não agi bem com você. E ser meu amigo dá muito trabalho!

O Capitão riu e o colocou pra dentro.

Reunidos na mesa de jantar, Philippe estava feliz em comer uma galinha com batatas e tomilho, seu prato favorito.

– Nossa! – exclamou. – Isso está bom!

– Emily tem feito seu prato favorito desde que você voltou – entregou Diderot. – Se você não viesse hoje, pela Deusa, eu juro que ia buscá-lo à força! Não aguentaria mais um dia comendo galinha com tomilho!

Philippe parou de comer e olhou admirado.

– É mesmo?

Emily sorriu.

– Querido... – disse a jovem senhora. – Sabe que adoramos você. Foi muito cruel partir sem sequer se despedir!

O rapaz baixou os olhos.

– Eu sinto muito.

Diderot se levantou para pegar uma garrafa de vinho.

– Não se preocupe, já passou. Mas ficamos preocupados – disse, dando-lhe um tapinha nas costas.

O rapaz sentiu e gemeu.

– O que foi? – perguntou Emily. – Está ferido.

– Algo nas minhas costas tem doído há dias. Não sei o que é.

– Darei um olhada depois do jantar – disse a jovem senhora.

– Não se preocupe.

– Não seja teimoso! – insistiu Emily, comendo mais batatas. – Mas diga, o que aconteceu depois?

Philippe contava a aventura pela primeira vez para as únicas pessoas que poderiam ouvi-la. Foi um encontro divertido e se sentiu querido como poucas vezes se sentira, numa sensação de lar que não tinha desde que Elle morreu. Prateada enchera a barriga e dormia na frente da lareira, aquecida e feliz. Os dias frios de outono e inverno eram os piores para Philippe. Sem lareira, o frio era cruel e Prateada ficava enrolada em si mesma, disputando um espaço na cama torta.

Com o fim do jantar, Diderot bebia seu vinho ouvindo as histórias com atenção. Foi assombrado pelas possibilidades do que poderia acontecer quando permitiu que Philippe desse as costas para o Château. Sua mente ia e vinha por caminhos tortuosos e obscuros e todos davam no mesmo fim. Não dormira naquela noite, sofrendo por suas próprias ações futuras. Agora, como que por milagre, tudo fora resolvido e sentia-se acordando de um sonho ruim.

Emily pegou um pequeno estojo de medicamentos e mandou Philippe abaixar a camisa. O rapaz insistiu que não precisava, mas mudou de ideia quando a mulher apertou o inesperadamente a área dolorida e ele se viu gritando. Emily aproximou uma vela.

– Humm... Está inflamado... Acho que tem uma farpa aqui dentro.

Ela pegou uma pinça e começou retirá-la. Vendo o rapaz tenso, Diderot começou a distraí-lo, mantendo sua atenção na conversa.

– E o que aconteceu depois que discutiram?

Philippe riu.

– Estávamos sempre discutindo! Mas quando os caçadores apareceram...

AAI!

Emily e Diderot subitamente pareciam ter perdido a suavidade e a cor. Trocaram um olhar preocupado.

– Jacques não mencionou nada de caçadores – disse Diderot.

– Bom, se eu fosse ele, também não mencionaria – disse Philippe. – Os homens iam matá-lo e ele ficou lá parado, em pânico.

Diderot levantou-se e sentou-se numa cadeira mais próxima, ficando de frente para o rapaz. Emily voltara a cuidar do ferimento.

– Garoto, isso é importante – disse o Capitão, em tom sério. – Caçadores humanos, nas nossas proximidades, no meio da noite, indicam perigo e temos que tomar providências para que eles não se aproximem demais. Onde exatamente vocês os encontraram?

Philippe pareceu confuso. Nunca tinha ido tão longe, não sabia ao certo onde estavam. Diderot impacientou-se com a dúvida.

– Vamos lá, você deve ter uma ideia de onde estavam!

– Estava escuro, chovendo, num lugar onde eu nunca estive, não é tão fácil! Deixe-me ver... Andamos cerca de seis horas para o leste e, quando voltamos, Prateada encontrou uma gruta pequena, onde nos abrigamos da chuva.

– Uma gruta?

– Ela tinha um platô, uma pedra achatada que funcionava como um telhado logo na entrada.

– Já sei onde é.

Emily finalmente conseguira retirar a farpa e agora o local estava mais dolorido do que nunca.

– Desculpe, filho – disse ela. – Mas seu corpo não ia conseguir assimilar essa tora que se enfiou em seu ombro. Agora vai desinflamar e logo, logo estará bem.

Diderot pegou sua capa e preparou-se para sair.

– Tenho que contar a Lamayer o que vocês viram. Foi muita irresponsabilidade de Jacques não mencionar isso. Se quiser, posso deixá-lo e casa.

– Tudo bem, eu vou à pé.

O Capitão, visivelmente preocupado, saiu apressadamente. Philippe ajeitou a camisa e se preparou para ir também.

– Do que exatamente ele tem medo? São só humanos. Vocês são muito mais fortes do que qualquer humano.

Emily sorriu.

– Não é bem assim, criança... Humanos podem parecer mais fracos, mas possuem muitas formas de destruir, inclusive armas que podem acertar seu alvo a muitos metros de distância. Não é bom que nos descuidemos deles. Já fizemos isso uma vez e muitos pereceram por este erro.

Agradecido pela hospitalidade e pelo jantar, Philippe se despediu e, com Prateada, voltou rapidamente para casa, fugindo do frio e da chuva fina. Na mesma noite, enquanto ele e Prateada dormiam juntos tentando se aquecer sob cobertores mais velhos do que eles, Diderot levava a Lamayer notícias perturbadoras.

Na manhã seguinte, quando a chuva finalmente cessou e as nuvens cobriam o Château num manto cinzento, um pequeno grupo de homens estava reunido na praça central. O Duque dava as ordens diretamente e, pouco depois, o grupo partiu à galope. Alguns rostos curiosos perscrutavam pelas janelas e ocultavam-se por trás das cortinas. Algo estava acontecendo.

Jacques observava de sua janela o movimento e mal percebeu quando alguém bateu levemente na porta de seu quarto. Quando se virou, uma bela jovem entrava com um sorriso amigável.

– Celine?

– Bom dia, Jacques! Desculpe vir tão cedo, mas estava ansiosa para saber como você estava!

O jovem se levantou com a ajuda de uma muleta e seguiu até sua cama. Celine o ajudou gentilmente. Jacques ficou feliz com a inesperada visita. Desde que voltara, sabia que iam enchê-lo de perguntas que não queria responder. A

pretensa aventura era, para ele, motivo de vergonha. Além do mais, quanto menos falasse, mais chance teria de manter a farsa. Assim, pediu para não receber visitas, até que se sentisse mais seguro.

– Fico feliz em vê-la! – disse, lisonjeado com a atenção da duquesa.

Ela o ajudou a deitar-se na cama e sentou-se numa poltrona ornada próxima da cama, os cabelos loiros puxados graciosamente para trás e seguros por presilhas em forma de estrelas.

– E então? Como você está?

– Já estive melhor. Isso dói pra diabo!

– Pobrezinho!... Mas imagino que tenha sido uma aventura e tanto! Ninguém sai do Château sozinho, ainda mais sem aviso! Estou curiosa para saber tudo!

O brilho de animação dos olhos de Jacques se apagaram. Celine não tinha ido visitá-lo por atenção a ele, mas pelo mesmo motivo de toda a cidade: simples curiosidade.

– Não há muito o que contar! Desafiei o mestiço e seguimos a raposa azul até perdê-la de vista. Nos distanciamos e eu tive o infortúnio de cair numa armadilha. Foi só isso.

Celine se inclinou pra ele, como se fosse contar uma fofoca.

– Estão dizendo por aí que Philippe se transformou... É verdade?

Jacques se sentiu ofendido. Ela parecia demonstrar mais interesse no mestiço do que nele.

– Não! Claro que não! – disse com uma careta – Quem disse essa asneira? Philippe... O mestiço – corrigiu-se rapidamente – nunca vai se transformar! Já passou da idade, todos sabem disso!

– Há exceções... – divagou Celine. – Há histórias de transformações que chegaram tarde. Não vejo porque não possa acontecer com ele.

Jacques se recostou nos travesseiros brancos e macios e olhou suavemente para Celine.

– Doce Celine, você tem um coração bom em se preocupar com o destino de um pobre ninguém como ele... – disse, suavemente. – Mas não cultive ilusões. Ele nunca será mais do que é agora... E com a língua afiada que tem, terá sorte se conseguir que não lhe cortem a garganta...

Já estava acordado e trabalhando quando viu os cavalos passarem ligeiros. Viu Diderot liderando o grupo e preocupou-se. E se os humanos estivessem

tramando alguma coisa? E se fossem tão perigosos quanto diziam que eram? Tinha pelos humanos a afeição que tinha pela mãe, uma humana que se apaixonou por um membro do Clã dos Lobos Brancos. Não conseguia imaginá-los ferozes e cruéis, até seu encontro com os caçadores.

Ficou atento, esperando a volta dos homens. Antes do fim do dia cinzento, eles voltaram. Diderot foi direto para o Château, onde Lamayer o esperava na porta. Quando saiu, disparou com o cavalo novamente e quase atropelou o rapaz que o esperava no caminho. O cavalo empinou com o obstáculo imediato.

– Maldição, garoto! – praguejou – Quase que eu o atropelo!

– Desculpe! Eu queria saber o que está acontecendo!

Diderot, de cenho cerrado e olhos duros não lembrava em nada o semblante sereno do velho amigo.

– Vá pra casa e fique lá. Tranque portas e janelas e não fale com estranhos. Entendeu?

– Mas...

– Entendeu?

O rapaz anuiu com a cabeça, claramente confuso. O cavalo disparou sob a voz de comando do Capitão, que correu floresta adentro, pisando em poças e sacudindo grandes gotas cristalinas dos galhos baixos das árvores.

Quando a noite chegou, com a Lua Cheia oculta, porém presente, um grupo se embrenhou na floresta. Philippe ficou atento aos sons da noite, esperando que, fosse lá o que estivesse acontecendo, não tivesse nada a ver com ele. Na floresta, o Capitão comandava seus guardas. O Duque não costumava se envolver pessoalmente nesse tipo de empreitada, a menos que fosse necessário. O grupo de cerca de trinta homens rodeou o Château, sob quatro patas, procurando cheiros e emitindo uivos assustadores.

Um acampamento de caçadores abrigava cerca de quinze homens armados que se levantaram apreensivos ao ouvir os uivos.

– Eu disse... – disse um deles. – A Cidade dos Malditos está por aqui.

– Ótimo! Nós a encontraremos e faremos um grande serviço para a Igreja, que ficará feliz e nos pagará muito bem com seu dinheiro cristão...

– Dizem que essa gente possui tesouros incalculáveis... – murmurou outro.

– Sshhh! Ouçam!

Ficaram em silêncio, ouvindo a floresta que subitamente emudecera, como se tivesse ouvido algum segredo espantoso.

– Há algo errado... murmurou um dos homens, preparando seu mosquete.

Apertou um crucifixo que trazia consigo e olhou para uma grande poça de água da chuva que pareceu tremular. Percebeu que a água estava parada, mas que uma sombra se agigantava sobre ele. Antes que pudesse emitir qualquer som, a fera

de olhos brilhantes e vermelhos saltou sobre ele, fincando suas presas enormes no frágil pescoço.

– Atirem!!! Atirem!!!

Os outros homens se viraram com suas armas apontadas e atiraram no animal sobrenatural, feições de lobo, monstruosamente humano. Os mosquetes dispararam, provocando uma espécie de trovão no meio da noite. O eco dos tiros ainda era ouvido quando a cortina de fumaça da pólvora começou a se dissipar, deixando à vista um corpo de garganta dilacerada. A fera havia sumido, diluída na escuridão como uma visão.

O líder do grupo, de farta barba negra e chapéu surrado, abaixou-se e verificou o sangue que seguia num rastro para dentro da floresta.

– Nós o pegamos – disse.

Levantou-se com determinação.

– Recarreguem e sigam-me! Lembrem-se de usar apenas prata!

Os homens começaram a recarregar duas armas, quando todos se sentiram subitamente paralisados. Era como se alguém estivesse pisando em suas sepulturas, como se os mortos estivessem sussurrando seus nomes diante da cruz, chamando-os ao julgamento e à sua companhia.

O mais jovem deles foi o primeiro a levantar os olhos. Em volta deles, um bando de feras silenciosas espreitava, os olhos refletindo e brilhando num azul esverdeado como as chamas das fogueiras dos sabats. Os homens, vítimas de um pesadelo aguardaram... até que um deles levou a mão à espada, desencadeando a matança.

Seu nome era Arnaud e ele corria pela floresta. O sangue de seus amigos cobrindo a camisa, o suor frio correndo pela fronte, as pernas trêmulas saltando sobre poças. Tropeçou e caiu, sentindo a fera saltar atrás de si. Virou-se e viu o céu de nuvens pesadas, as folhas negras das árvores altas e a escuridão crescendo sobre ele. Gritou e protegeu o rosto. Sentiu o peso da fera sobre si e as garras segurarem seus braços. A besta rugiu num som horrendo, babando sobre sua caça, agora indefesa.

Arnaud esperou o fim de sua breve vida. Mas ele não veio. Abriu os olhos e viu a fera a observá-lo.

– Jure – disse a criatura, em som gutural. – Jure que nunca mais vai caçar e que nunca revelará a ninguém o que viu aqui.

O garoto não respondeu, tão assustado que estava.

– Se quer viver, jure!!! – rosnou a criatura, fazendo-o estremecer.

– Eu juro! Eu juro! – gritou o rapaz, desesperado pela vida.

A criatura saiu de cima dele. Arnaud se arrastou, tentando se afastar do ser monstruoso que continuava a observá-lo tranquilamente. Conseguiu levantar-se

com certa dificuldade e começou a correr, caindo na escuridão.

A fera se tornou homem, e o Capitão observava o rapaz desaparecer. Lobos se aproximaram de seu líder, curiosos.

– Capitão? – disse um, num som que mal poderíamos reconhecer como humano. – Vai deixá-lo partir?

– Era só um garoto... – murmurou o Capitão. – Não mato crianças.

– Mas... – disse outro – Ele pode revelar o que aconteceu e dizer onde fica o Château!

O Capitão pareceu pensar longamente. Então fechou os olhos, tomando sua triste decisão.

– Pode – disse, friamente. – Mas não vai.

E começou a murmurar um velho encantamento que há tempos não usava.

– Fallas, espírito do Inverno! Eu chamo teus ventos!

O vento aumentou, as árvores sacudiram suas copas num farfalhar sombrio. Os olhos de Diderot, de um verde cor de relva se tornaram cinzentos, como as nuvens carregadas acima deles.

– E com teus ventos, eu chamo tuas filhas, as sílfides! Venham, donzelas do ar, ligeiras e belas, em nome dos Lobos Brancos, eu as chamo! Cavalgando cavalos de vento, construtoras de sonhos e castelos nas nuvens, peço que se apresentem em sua forma mais enlouquecida e selvagem e persigam o humano que corre nessas florestas! Que, tendo pernas, não possa mais andar até aqui! Tendo língua, não possa jamais mencionar este lugar! Tendo ouvidos, não ouça ameaças ou pedidos para que faça o contrário do que peço, Ao preço de ser perseguido por vocês, onde quer que vá, pois o ar está em tudo! Vão! Vão agora, pela Deusa e pelo Deus e cumpram nosso acordo!

A ventania formada em volta do homem de braços erguidos para o céu assumiu estranhas formas femininas, de cabelos esvoaçantes e olhos de órbitas negras. Elas gargalhavam e assobiavam e quando Diderot apontou os braços para a direção do jovem em fuga, a ventania o perseguiu.

Com o coração disparado, os curtos cabelos ouriçados de terror, o ar lhe faltando na corrida desesperada, o garoto corria sem olhar o caminho. Não importava pra onde fosse, desde que fosse pra longe daquele lugar amaldiçoado. Escorou-se numa árvore de tronco áspero, as mãos frias de pânico. Fechava os olhos e só via os antigos companheiros sendo destroçados por feras gigantescas. Sacudiu a cabeça e limpou as lágrimas que lhe embaçavam a visão. Foi quando ouviu um assobio que eriçou os pêlos de sua nuca. Sentiu o corpo congelar e achou que ia morrer ali mesmo, encostado naquele tronco.

Forçou suas pernas a se moverem e elas se dobraram. Levantou-se e começou a correr de novo. Sentiu-se estranhamente acompanhado e quando olhou

para o lado, viu uma mulher fantasmagórica cavalgando um cavalo sem cabeça. Ela ria e seus olhos pareciam abismos. Gritou desesperado com a visão do terror e caiu num pequeno declive, rolando ribanceira abaixo. Outras mulheres riam e o rodeavam, puxando seus cabelos e contando-lhe coisas que ele não queria ouvir.

Do alto do precipício, os Lobos observavam o jovem a se debater sozinho, lutando contra o vento. O Capitão, agora novamente como um grande lobo de manchas castanhas, retirou-se.

– Acabou. Vamos voltar.

O grupo retornou e Lamayer os aguardava na entrada do Château.

– Foi feito – comunicou o Capitão ao Duque.

– Alguém sobreviveu? – perguntou Lamayer.

– Um garoto. Enlouquecerá com as sílfides. Não oferece perigo.

O Duque anuiu com a cabeça.

– Bom trabalho, Capitão. Vá pra casa, agora.

Lamayer saiu do castelo e caminhou em direção à floresta. Escolheu um local onde o céu podia ser visto e concentrou-se. Então, começou a recitar encantamentos em uma antiga língua, de um antigo tempo, quando não precisavam se proteger. Uma fina neblina se ergueu em volta dele, num halo branco e belo. O círculo foi ficando mais e mais espesso, até que, numa palavra final, abriu os braços num gesto brusco. O círculo se espalhou num instante, desaparecendo e abrindo uma clareira em volta do homem, cuja capa balançava ao vento.

O Duque baixou a cabeça, num gesto solene de agradecimento, e voltou para o Château. A cidade agora podia dormir tranquila, cercada por um grande e espesso círculo de neblina constante. Quem mergulhasse nessas místicas brumas, perderia o caminho e voltaria sempre ao mesmo lugar. Era um encanto poderoso e exigia muito do acordo com as sílfides. Por isso, não era usado o tempo todo, mas só na iminência de perigo. Para a boa convivência entre os seres encantados, haveria de se prezar e medir o esforço dos irmãos de outros mundos, que lhe concediam uma ajuda prestimosa através da magia dos Lobos.

Capítulo 11

A Transformação

Quando o negro da noite se tornou cinza, o dia chegou preguiçoso e pesado. Já era o meio da manhã e, no meio da floresta, ainda havia uma insistente neblina permeando tudo, quando Philippe viu Diderot caminhando, puxando Rayure pelas rédeas. Parecia distante no olhar e pesado nos pensamentos, o que tornava seus passos lentos. O rapaz deixou o que estava fazendo e correu para o homem que já desaparecia na neblina.

– Diderot! Diderot!

O Capitão continuou a andar lentamente, como se nada tivesse ouvido. Quando o rapaz o alcançou e tocou-lhe o ombro, ele despertou e o olhou surpreso.

– Diderot! Não me ouviu?

– Ah... Olá, garoto.

– Você está bem? – perguntou Philippe, preocupado com o amigo de semblante carregado.

O homem levou a mão ao rosto e apertou um pouco os olhos.

– Estou. É só o cansaço.

– Como foi ontem?

Começaram a andar em direção à cidade, afastando-se da neblina.

– Um sucesso... – respondeu o Capitão sem muito entusiasmo.

Philippe continuou esperando o resto da história com olhos atentos.

– Era um grupo de caçadores, uns quinze homens, não do tipo comum, mas do tipo perigoso – disse Diderot, percebendo que não se livraria daquele olhar curioso enquanto não contasse o que aconteceu. – Há pessoas que nos caçam e nos conhecem um pouco mais do que o homem comum. Sabem que a prata nos fere, sabem que vivemos em cidades secretas e acreditam que escondemos tesouros. Essas pessoas são perigosas. Não são caçadores comuns, que espalham armadilhas cruéis e matam sem respeito. São do tipo mercenário, capazes de tudo pelo brilho do ouro. Quando se aproximam, precisamos tomar providências rápido, ou corremos o risco de sermos empalados vivos em nome da falsa fé e da cobiça.

– O que é empalado?

Diderot riu.

– É melhor que você não saiba. Tenha em mente apenas que essa gente é perigosa.

– E vocês... Vocês os expulsaram?

O sorriso desapareceu do rosto de Diderot. Ele parou e olhou para o jovem ingênuo diante dele.

– Não... – respondeu. – Pessoas assim sempre voltam e voltam ainda mais fortes. Não podemos correr esse risco.

Philippe arregalou os olhos.

– Mataram todos?... – murmurou, incrédulo.

– Não todos... – Diderot continuou a caminhar.

Philippe ficou parado, imaginando o sangue derramado. Sabia que a Lei dos Lobos não permitia que se derramasse sangue dos seus, mas não imaginava que o sangue humano pudesse ser derramado tão facilmente, como solução imediata para qualquer problema. Lembrou de sua mãe, inerte no chão da cozinha, as panelas caídas, o fogo ainda aceso. O coração pulsou como um tambor abafado.

– Philippe?

Ergueu a cabeça e Diderot o esperava alguns passos a frente.

– Venha comigo. Vamos ver os lobos.

Philippe olhou para o amigo. Ele não se deteve em chicoteá-lo diante de todos quando lhe foi dada uma ordem. Não deixou de matar quando foi necessário. Se um dia estivessem em campos opostos, a amizade prevaleceria? Ou ele cumpriria ordens?...

Alcançou rapidamente Diderot e caminharam em silêncio por alguns minutos. Logo, chegaram a uma grande cerca alta. No meio, uma casinha de madeira abrigava dois lobos brancos. Os animais ergueram a cabeça sem entusiasmo e voltaram a se deitar.

– Parecem abatidos... – disse Philippe, recostando-se na cerca de madeira.

– Parecem... – concordou Diderot, preocupado.

– Onde estão os filhotes?

– Tirando Prateada, que está com você, foram todos para outros Châteaux. Eles passam por um treinamento para despertar o encanto.

Diderot deu um longo suspiro, desanimado.

– Quando há encanto... Na maioria das vezes, são apenas lobos... Há mais de cem anos não vemos um filhote macho se tornar homem, um Puro, e ninguém jamais viu uma fêmea se transformar.

Philippe recostou o queixo nos braços e os braços na cerca. Diderot percebeu seus olhos tristes. Os lobos suspiraram longamente em sua melancolia.

– Garoto, não abandone sua esperança – disse o Capitão.

– Ela me abandonou primeiro... – murmurou o rapaz.

– Ouça, há histórias de transformações tardias! São casos raros, mas acontecem! A transformação ainda pode chegar pra você.

Diderot tocou-lhe o ombro suavemente, tentando lhe passar confiança.

– Não podemos impor um ritmo à Mãe Natureza, tenha paciência e não perca a fé.

Philippe o olhou nos olhos.

– Perder a esperança pode ser libertador – disse o garoto. – Viver simplesmente sem esperar mais nada.

Diderot o encarou.

– É assim que está se sentindo? Livre?

Philippe relaxou os ombros e olhou para o chão, num suspiro resignado.

– Não...

– Tenha fé! As coisas mudam!

Philippe concordou com a cabeça. Um guarda chamou pelo Capitão e este se despediu.

– Alimente Rayure, ele deve estar faminto! – disse Diderot, saindo.

– Se o tempo abrir, posso lhe dar um banho. Está todo sujo de lama!

– Faça isso!

O Capitão partiu e Philippe ficou a observar os lobos em cativeiro, vivendo tristemente. Pegou Rayure pelas rédeas e começou a caminhar. Estava perdido em seus pensamentos, imaginando se deveria acolher no peito a esperança perdida. Sentia-se infeliz em ver nada mais do que uma vida de trabalho seco em sua vida. Era do tipo que sonhava... Sonhava em fazer parte das festas da cidade, em ter amigos e aprender coisas. Sonhava em fazer parte de algo maior. Não ambicionava as festas do castelo ou as roupas bonitas dos nobres. Tudo o que queria era estar presente, sem sofrer, sem humilhação, sem lágrimas. Saber que ocorrem transformações tardias era algo novo. Mas, como saber se Diderot não inventou aquilo apenas para animá-lo? Como saltar novamente naquele mar incerto da esperança sem nenhum sinal para guiá-lo?

Vagando em pensamentos do que poderia ser, chegou num lugar conhecido. Soltou Rayure que pastava tranquilo na relva verde. O grande carvalho estava lá, como sempre estivera, até mesmo em seus sonhos. E lá estava a lápide de Elle, sua mãe.

Nuvens se abriram e um facho luminoso pousou sobre um jardim azul. Caminhou lentamente para o túmulo que não visitava desde que partira em sua fuga insana. Boquiaberto, Philippe viu o túmulo coberto por flores de um azul profundo e reconheceu a flor que trouxera e se espalhara e, em bom terreno, encheu o lugar de beleza e de um perfume adocicado. Uma fina neblina os envolvia, aumentando a sensação de irreal.

Um som dentro da floresta lhe chamou a atenção e viu uma forma feminina desenhada pela neblina. Tinha os cabelos negros e longos e o rosto gentil e suave como o entardecer na primavera.

– Mãe?... – sussurrou, a voz fraquejando.

A figura se diluiu, mostrando ser apenas uma ilusão da neblina. Fechou os olhos, desapontado. Baixou a cabeça e sentiu um toque suave no rosto. Não abriu os olhos, temendo que não fosse real. Sentiu o perfume de sua mãe a envolvê-lo e sua mão a acariciar seu rosto.

As árvores cantavam uma doce canção no farfalhar das folhas e sentiu o sol que surgia por entre as nuvens aquecê-lo. Sentiu-se abraçado e, ainda de olhos fechados, viu-se criança, abraçado por sua mãe. Estavam observando uma desengonçada e verde lagarta e ela lhe explicava serenamente sobre a importância de se ter paciência.

– Vê esta nossa amiga? Ela parece lenta e feia agora, mas logo se transformará numa linda borboleta, com todas as cores do arco-íris. Poderá voar e visitar todas as flores que quiser. Assim será com você, meu querido! Quando menos esperar, vai dormir e quando acordar, tudo estará diferente. Sua vida será boa, você vai ver!

Ela beijou-lhe a face infantil. A imagem desvaneceu na memória e, enquanto sua mente se enchia de luz branca, ele sentiu seus lábios em sua face. O perfume dela se misturara com o das flores e desaparecera. Não sentia mais seu toque no rosto e lentamente abriu os olhos. O Sol agora cobria com vários facho toda a área ao seu redor e diante dele, centenas de borboletas coloridas, atraídas pelas flores do túmulo, executavam sua dança alegre numa primavera temporã.

Seus olhos, já cheios de lágrimas, brilharam e ele sorriu. As borboletas o cercavam e suas asas irisadas brilhavam com os raios do Sol, enquanto a neblina criava desenhos com na luz.

A água era jogada no belo cavalo castanho com uma listra na testa. Rayure batia com o casco e sacudia a cabeça, relinchando satisfeito. Philippe o esfregava com um pano cantarolando uma velha canção. Prateada correu com uma boneca de pano na boca. Por algum motivo louco, alguém um dia lhe pagou os serviços com aquela pobre boneca descabelada, misturada a umas roupas velhas. Pequena e manchada, Prateada ainda filhote se apaixonara por ela e se tornou seu brinquedo favorito. Tentava colocá-la na mão de Philippe para que ele a puxasse num cabo de guerra. Depois, ele a jogaria longe e ela iria buscar. Mas o jovem continuava empurrando-a de volta.

– Agora, não, Prateada! Estou dando banho em Rayure!

Prateada tentou lhe entregar a boneca de novo e deixou-a cair no balde de água. Philippe retirou-a correndo.

– Não, Prateada! Assim você afoga ela! Daqui a pouco eu brinco com você! Voltou ao trabalho, quando sentiu uma fisdada no traseiro.

– AAAl! – virou-se surpreso olhando a agressora que o mordera. – Ficou louca??!

Prateada pegou o pano que ele tinha nas mãos e começou puxá-lo, forçando a brincadeira que tanto queria.

– Você quer brincar? – riu Philippe. – Então tome!

Ele largou o pano e pegou o balde. Mirou e jogou na loba um balde de água que a acertou em cheio.

– Parece um trapo torcido! – disse, gargalhando do animal.

Prateada não gostava de passar vexame. Via-se o constrangimento nitidamente em sua expressão. Sacudiu-se e correu, sumindo de sua vista por um momento. Enquanto ainda ria, Philippe voltara a se concentrar no cavalo, quando algo passou correndo por suas pernas, dando-lhe uma rasteira que o mandou direto para o chão. Rayure relinchava mostrando os dentes, como se compactuasse com aquele motim.

Correndo novamente à toda velocidade, Prateada saltou sobre o colo do dono e juntos rolaram na beira do riacho. Philippe ria como uma criança, divertindo-se com a

leveza que há tempos não sentia.

Quando terminou, levou o cavalo de volta a Diderot. Sabia, por Emily, que ele estaria na cidade e achou que o Capitão gostaria de voltar com sua montaria. Parecia cansado quando o encontrou pela manhã. A noite começou a esfriar

novamente. O breve sol já se escondera. Era o inverno dando os primeiros sinais de que seu reinado se aproximava.

Não demorou a encontrar Diderot, de costas, conversando com dois guardas.

– E como ele está? – perguntou o Capitão aos homens.

– Retiraram a bala – respondeu Armand. – A febre ainda está alta, mas o Dr. Guidolet acredita que ela vai ceder logo.

Os homens olharam para Philippe e o Capitão se virou ao sentir a presença de mais alguém.

– Capitão? Trouxe-lhe Rayure – disse Philippe, timidamente.

O Capitão sorriu e pegou as rédeas.

– Ele está ótimo! – elogiou. – Fez um ótimo trabalho.

Virou-se para os guardas e os dispensou. Naquela noite, fariam guarda no castelo. Philippe deixou que eles se afastassem e perguntou, curioso.

– Alguém se feriu ontem?

– Sim... Michel, um dos meus melhores guardas. Levou três tiros, um de prata. Por nossa sorte, nenhum pegou área perigosa. Ele vai ficar bem.

O Capitão lhe deu uma moeda.

– Tome.

– Obrigado, mas não precisa.

– Não seja bobo. É sua, fique com ela. Quando Victor, o Cigano, voltar à cidade, poderá comprar algumas roupas novas. Agora, vá pra casa se trocar. Você está molhado e a noite está esfriando!

Philippe viu Diderot seguir para o castelo. Esperava voltar na companhia do Capitão, mas percebeu que ele estava ocupado. Uma corrente mais fria lembrou-lhe da noite que estava por vir. Definitivamente, detestava o frio. Mal podia esperar pela chegada do verão. Virou-se e pôs-se a andar. Havia pescado alguns peixes durante o dia e estes esperavam em casa. Seria um bom jantar, numa boa noite.

Quase passara direto, mas algo lhe chamou a atenção no belo jardim ao lado. O Château era cheio de jardins bem cuidados, tanto em pequenas praças como nas casas dos ricos. Num desses jardins, viu Celine sentada num banco de pedra. O vento brincava com seus cabelos loiros e ela olhava para o horizonte, onde pesadas nuvens desenhavam grandes barcos imaginários. Quase sem sentir, ele parou e ficou a observá-la. As faces dela estavam rosadas e os lábios tinham um sorriso natural. No que será que ela pensava? Olhou para as nuvens e viu formas. Será que ela pensa em um dia ir para longe? Para alguém que viajou tanto, ficar no Château pode ser tedioso. Ou talvez ela pense em sua vida de rainha. Todos sabiam, até mesmo ele, que a Duquesa estava sendo educada para um dia disputar o trono. Philippe não tinha nenhum parâmetro para compará-la com os outros

candidatos. Ele só conhecia Celine, e, para ele, ela era a melhor e com certeza seria rainha.

“E se eu falasse com ela?”, pensou. Ela estava só, não havia ninguém por perto e ele poderia lhe dizer que sente sua falta e que queria sua companhia, mesmo que tivesse que se esconder, para poupá-la da vergonha. Deu um passo, o coração acelerado. Aproximaria-se e diria: “Que belas nuvens andam em seus olhos, minha bela donzela? Eu poderia lhe fazer companhia enquanto divaga no céu tempestuoso que se estende no horizonte”? E ela diria: “Claro, que sim, meu querido amigo! Que melhor companhia eu poderia ter? Sente-se aqui ao meu lado e viaje comigo por terras distantes e mundos de sonho!”

Pegou-se sorrindo ao dar o segundo passo. Temeu que ela ouvisse seu coração, mesmo àquela distância. No terceiro passo, seu sorriso se desvaneceu. Ao lado dela, surgiu uma figura bem vestida, de capa, entregando-lhe uma rosa vermelha. Celine Sorriu e enlaçou o pescoço do cavaleiro com um largo sorriso. Beijaram-se, como se beijam os namorados que já fazem planos. Seu coração emudeceu, reconhecendo no cavaleiro a figura de Ravin.

O jovem casal de braços dados seguiu em seu passeio, nem percebendo o rapaz e a loba parados e sozinhos a certa distância. Philippe olhou para as nuvens, onde os navios se transformaram em dragões que logo bateriam suas asas causando ventos fortes.

Sua casa, de repente, lhe pareceu grande e solitária demais. Não quis voltar pra ela. Caminhou em outra direção, sentindo o frio que vinha de dentro, deixando que os pensamentos lhe traçassem o caminho. Não compreendia porque Celine o esquecera tão completamente. A infância que ele trazia no peito ainda lhe era tão vívida e cara que lhe custava a acreditar que fora importante apenas para ele. Sentiu-se pequeno e humilhado em ser esquecido e ver seu primeiro amor estender a mão e o sorriso de donzela para seu inimigo mais cruel. Ela mesma o ajudou dezenas de vezes a fugir de Ravin e seus amigos. Como ela pôde se esquecer de que a mesma mão que acaricia agora seus cabelos pesou contra ele em surras covardes? Apertou os braços, sentindo o frio espetar seu corpo como agulhas finas, e trincou os dentes, sentindo o rancor cravar sobre o coração suas garras geladas. Não podia, de fato, esperar que ela o amasse. Isso era um sonho, sabia disso. Podia aceitar, embora isso doesse demais, que ela não lembrasse mais quem era ele, o amiguinho de infância com quem dividiu um mundo. Mas não conseguia aceitar que ela simplesmente esquecesse quem era Ravin.

E foi com o peito apertado e o coração a abrigar aquela mágoa que se debatia como ondas em dia de tempestade que chegou diante dos lobos aprisionados em sua cerca triste. Recostou-se na árvore que lhes fazia sombra e deixou-se cair. Apoiado nos joelhos, deixou que a noite chegasse e trouxesse seu

frio, enquanto tentava sufocar a desilusão que já tomava conta dele. Olhava para o casal de animais. Aproximaram-se de Prateada e se cumprimentavam pelas ripas de madeira, trocando lambidas e ganidos.

De repente, seus olhos viam outra coisa. Sua dor deu lugar à dor daqueles animais. Prateada estava livre e parecia feliz. Mas seus pais estavam ali, presos para sempre. Sua mãe lhe dissera certa vez que lobos e falcões possuem apenas um parceiro durante toda a vida. Estavam juntos. Só lhes faltava para serem felizes a liberdade. Não podia dar um jeito em sua própria dor, uma vez que seria sempre prisioneiro de sua própria condição. Talvez, não pudesse ter sua própria liberdade, mas poderia dá-la àqueles nobres animais. E foi assim que, incapaz de fazer algo por si, resolveu fazer algo por outros.

Levantou-se com olhos doces. Os animais ergueram as orelhas, curiosos e pressentindo que algo ia mudar. Philippe foi até a porteira e a abriu. Os animais correram, dando grandes saltos, como Prateada fazia quando tomava banho. A loba acompanhou os pais, mas deteve-se no meio do caminho. Olhou para Philippe, como se esperasse uma permissão ou sua companhia naquela fuga. Os outros dois lobos pararam adiante, esperando por ela.

E seu coração emudeceu pela segunda vez no mesmo dia. Olhou para Prateada com olhos pesarosos. Não tinha coragem de deixá-la partir.

– Não vá... Por favor, não vá... – murmurou.

A loba olhou novamente para os pais. Um guarda deu o alarme de que os lobos brancos tinham fugido. O casal de lobos brancos então correu e desapareceu na floresta. Ao mesmo tempo, Prateada voltou e correu para os braços de Philippe. Ele se abaixou aliviado e a abraçou, enquanto ela lhe lambia o rosto.

Diderot estava incrédulo quando Philippe foi levado para o castelo por dois guardas.

– Por que você faz essas coisas? – perguntou, procurando uma explicação no rosto tranquilo do rapaz.

Lamayer entrou na sala como uma ventania. O cenho cerrado, os olhos apertados e brilhantes. Andou determinado até Philippe.

– Você ficou maluco?! O que acha que estava fazendo?!

Ao invés de responder, Philippe abaixou a cabeça. Não achou que poderia explicar porque acreditou que ninguém iria compreender. Os animais estavam infelizes e tinham tudo o que ele jamais teria. Era justo que tivessem a liberdade que lhes foi tirada tão injustamente. Lamayer se aproximou dele.

– Aqueles animais estavam seguros aqui! Os humanos os caçarão até a morte agora! Graças a você!!!

O rapaz tinha noção dos perigos que o mundo lá fora oferecia. Ainda assim, achou que o cativo era o maior perigo que eles enfrentavam. Permaneceu em silêncio, evitando olhar para o Duque.

– Não tem nada a dizer em sua defesa? – perguntou Lamayer, em voz rouca, irritado com o silêncio do rapaz.

Então Philippe olhou nos olhos dele, sereno e sem medo.

– O que importa o que eu diga, se sua decisão de me punir já está tomada, senhor?

O Duque ficou estático com a petulância.

– Sua memória acaso é fraca, criança? Já se esqueceu que tenho sua vida em minhas mãos?

– Não, senhor, não esqueci! – respondeu, elevando a voz e deixando aflorar o ressentimento que nunca desapareceu. – Tenho marcas que me lembram muito bem do seu poder sobre mim. De fato, memória é o que não me falta...

O Duque encarou o rapaz, espantado com a ousadia. Philippe sustentou o olhar, deixando claro seu rancor pelas chicotadas que nunca esquecerá. Diderot observava os dois se enfrentando tão atônito quanto os outros guardas. Ninguém falava assim com Lamayer.

– Fernand! – disse o Duque, sem deixar de encarar Philippe. – Escolha alguém para viajar até o Château dos Montes amanhã. Ele levará uma loba branca.

Fernand anuiu. O resto da sala permaneceu em silêncio.

– O quê?! – murmurou Philippe.

– Capitão! – continuou Lamayer, virando-se para Diderot. – Leve o animal que acompanha esse rapaz e deixe-o trancado até a hora de ir embora.

Philippe viu o chão ruir sob seus pés. Uma onda de desespero o invadiu na iminência de perder a única coisa preciosa que possuía, a surpresa daquela consequência inesperada estampada em seu rosto.

– Não pode fazer isso!

O Duque o olhou duramente.

– Ela partirá amanhã pela manhã – disse, secamente. – Você pode voltar pra casa agora.

O rapaz tentou se aproximar, mas o guarda o segurou pelo braço.

– Senhor, por favor, não faça isso!! – disse, não conseguindo assimilar a perda que lhe era imposta – Eu peço perdão!!! É isso o que deseja? Castigue-me de outra maneira! Quebre meu orgulho, mas não tire Prateada de mim, eu imploro!!!

Lamayer se virou pra sair enquanto ele implorava. Philippe se desvencilhou do guarda e tocou o Duque, que o empurrou bruscamente, derrubando-o no chão.

– Não toque em mim, mestiço imundo!

Philippe o olhou surpreso, vendo nos olhos duros e frios a sentença sem recurso.

– A decisão está tomada. Ela parte amanhã. Você a deixa hoje.

A chuva anunciada chegou, confirmando que o inverno naquele ano chegaria mais cedo. Sob a casinha de madeira, dentro da cerca alta, Prateada reclamava do frio, do desconforto e da ausência de seu dono. Uivando e ganindo, seu lamento ecoava por toda a colina. Com um capuz que o protegia do vento frio, o Capitão se aproximou do guarda.

– Vá pra casa, guarda. Eu ficarei no seu lugar.

– Sim, senhor.

Diderot esperou o guarda desaparecer na noite escura e fez um sinal para Philippe, oculto atrás de uma árvore. O rapaz atravessou a chuva e se aproximou do Capitão. Usava o velho manto de veludo de sua mãe, vermelho vivo, uma cor rara e cara naquela época.

– Diderot... Pode falar com ele?

O Capitão não escondeu sua expressão de desesperança.

– Menino... Não acha que foi a primeira coisa que fiz assim que todos saíram da sala?

Philippe olhou em volta, perdido. Diderot pensou em lhe dizer que bobagem fizera e como fora tolo em responder a Lamayer, como fora ingênuo em acreditar que não havia mais nada que o Duque pudesse fazer para machucá-lo. Mas viu o rosto condoído do garoto, mergulhado em remorso pela ação impensada, e achou que ele não precisava de mais alguém pondo o dedo na ferida aberta.

– Aproveite essa noite para se despedir... – disse, suavemente, apontando para a loba que saltava e latia chamando por ele.

O Capitão abriu a portinha e Philippe entrou. Em passos lentos, aproximou-se da amiga de quatro patas e se ajoelhou para abraçá-la.

– Desculpe, minha Prateada... Eu prometi que não a deixaria... Mas você terá que me deixar...

Diderot observou a cena comovido. Era triste ver a despedida de dois seres que pareciam fazer parte um do outro.

– Fui tolo em achar que Lamayer não podia mais me atingir... Fui egoísta em nem pensar em você. Me perdoe...

O garoto chorou, abraçado à loba em sua despedida sentida. O pequeno filhote raquítico e rejeitado que lhe fora dado por Diderot quase não sobreviveu. Passou noites acordado, cuidando dela, rezando e pedindo que o Deus de sua mãe ou a Deusa dos Encantados o ouvisse. E ouviram. Um dia, ela acordou saltando e lambendo seu rosto. Nunca mais se separaram e Philippe encontrara nela mais do que uma companheira de brincadeiras, mas uma ferrenha defensora. Prateada salvara sua vida. Não só quando o defendia de seus inimigos, mas quando preencheu seu coração. Era por ela que levantava todas as manhãs e era por ela que

voltava para casa ao fim do dia. As pessoas podiam achar que ele salvara Prateada, o filhote que não tinha forças para competir pelo leite com os irmãos, mas estavam erradas. Para Philippe, ela o salvara, todos os dias.

Prateada tinha a tristeza nos olhos. Gania, sofrida, no ombro do rapaz.

– Como vou viver sem você?... – soluçou ele.

De olhos fechados, acariciou os pêlos macios. Sentiu-os mais longos e mais finos. Sentiu o corpo do animal mais longo e quando abriu os olhos, viu a pata sobre seu colo se transformar em uma delicada mão.

Chovia. Diderot achou, a princípio, que era um golpe de vista. Forçou os olhos e não acreditou no que seus olhos viam, embora tudo estivesse acontecendo bem diante deles.

– Pela Deusa... – murmurou, sem ação.

Philippe arregalou os olhos e viu entre seus dedos os pêlos se transformarem em mechas prateadas. Afastou-se um pouco, empurrando gentilmente Prateada e viu, no lugar da loba, a moça mais bonita que já vira. Os cabelos longos e fartos cor de prata, os olhos azuis como o céu no verão, os lábios grossos e rosados e as lágrimas que rolaram pelo rosto de traços finos compunham a visão daquela noite chuvosa. O rapaz ficou atônito por um minuto. Então, o espanto de seu rosto se transformou em doçura. Devagar, ele retirou seu manto e cobriu o corpo da moça nua.



Capítulo 12

Mudanças no Inverno

A cidade entrou num turbilhão súbito. A notícia se espalhou e janelas se abriam com rostos curiosos, enquanto guardas e pessoas comuns se amontoavam para ver o milagre. Alheios ao tumulto que se formava como ondas de um maremoto, movimentando tudo ao seu redor, o rapaz e a moça permaneciam perplexos, observando-se. Prateada tocou o próprio rosto, sentindo-o diferente. Surpresa, olhou para a própria mão de longos dedos delicados. Com olhos brilhantes, tocou no rosto do rapaz que a admirava serenamente, embevecido pela coisa mais fantástica e bela que já vira na vida.

Antes que os delicados dedos tocassem no rosto dele, porém, ela foi erguida por braços fortes. Homens a seguravam fortemente, levando-a pra longe. Philippe se precipitou para frente tentando segurá-la e ela, virando-se, esticou o braço para ele. Seguraram-se pelas mãos e ela o puxou, mas a multidão logo os acercou e Philippe ficou pra trás. Empurrado no meio dos curiosos, viu Diderot e Lamayer a levarem para dentro do castelo. As portas foram fechadas e os guardas assumiram seus postos na entrada.

Constance, a ama de Celine, levou a moça claramente confusa escadarias acima, junto com duas serviçais. O manto rubi de Philippe era a única coisa que a protegia da nudez e as mulheres foram encarregadas de vesti-la decentemente e acalmá-la. No salão principal, Lamayer ia da perplexidade à euforia. Diderot estava ainda atônito, tentando entender o que tinha acontecido e o quanto tinha sorte por ter presenciado tamanha manifestação do poder da Deusa. Fernand, o conselheiro do Duque, não tinha palavras e quando, mesmo assim, tentava dizer alguma, gaguejava. Num canto, Celine era a única que não parecia afetada pela comoção que atingia a todos, dentro e fora do castelo.

– Uma loba branca pura!!! – exclamou Lamayer – Vocês sabem há quantos séculos não acontece isso?! Ainda mais com uma fêmea! Praticamente, só ouvimos lendas sobre fêmeas que se transformaram! Ninguém acreditará!

Virou-se animado para Diderot que ainda estava procurando explicações, olhando o nada.

– Conte-me, Capitão! Você estava lá? Como isso aconteceu?

– Philippe se despedia dela – disse Diderot, com olhos ainda perdidos na cena que jamais esqueceria. – Num momento, era um jovem pranteando a loba que partiria. No momento seguinte, a loba era uma bela donzela pranteando o jovem que perderia.

Lamayer se surpreendeu.

– É mesmo?... Bem, ao menos para alguma coisa o mestiço serviu! Mas ele não é mais necessário, muito menos adequado. A partir de agora, mantenham-no longe dela. Temos que cuidar para que nossa futura rainha tenha as melhores influências.

Constance, a ama de Celine desde que esta era um bebê, uma simpática senhora acima do peso, desceu as escadas animada no seu jeito divertido de andar rápido, como se estivesse quicando numa chapa quente.

– Ela está pronta, senhor! Ainda está confusa, mas já fala algumas palavras!!

Lamayer sorriu e subiu as escadas rapidamente. Abriu a porta do quarto de hóspedes, bem iluminado e arrumado. A janela estava aberta, mostrando as nuvens baixas e a deixando entrar o vento, que brincava nas cortinas. A moça, vestida com uma grande camisola branca, olhava para o céu distante, abraçada a um travesseiro com cheio de camomila.

– Como está, criança? – disse ele, entrando devagar para não sobressaltá-la. A moça se virou e olhou para ele. Os cabelos prateados caíam como uma cascata sobre os ombros e as costas e emolduravam um rosto triste. O Duque por um momento não lembrou do entusiasmo que sentia, mas da situação daquele ser fantástico. Seu rosto serenou-se e ele sentou-se ao seu lado.

– Você está confusa, eu sei... – disse em voz tranquila. – Mas logo tudo se esclarecerá. Há algo que você queira agora? Está com fome?

A moça não pensou muito para responder.

– Quero Philippe.



As horas passaram e a multidão que se formara foi dispersando, pois faltavam poucas horas para o amanhecer e o cansaço já sobrepujava a curiosidade. Um comunicado do castelo mandava todos para casa, pois o dia seguinte seria de trabalho e notícias. O povo obedeceu, à exceção de um grupo de entusiastas que foram beber na taberna, comemorar o acontecimento. No final, na alta madrugada, na porta principal do castelo, só restava Philippe.

– Eu só quero saber como ela está! – argumentava o garoto para os dois guardas que não permitiam sua passagem.

– Se não sair daqui, quebraremos suas pernas! – respondeu um deles.

Philippe cerrou o cenho e os punhos.

– Se não querem me dizer, entrarei e descobrirei sozinho!

O rapaz tentou entrar e foi empurrado violentamente pelos guardas. Teimoso, ele insistiu, enfurecendo os homens.

– Você quer ser preso, idiota? – perguntou um guarda, segurando Philippe, enquanto o outro se prepara para acertá-lo num corretivo pela audácia.

– Parem com isso – a voz do Capitão paralisou os homens.

– Capitão! Este mestiço estava tentando...

– Cale a boca – interrompeu Diderot, sabendo que o garoto devia estar mesmo arrumando uma confusão, mas pouco paciente para ouvir a história. – Philippe, venha comigo...

Diderot puxou o juvenzinho pelo braço. Percebendo que o Capitão o está levando para longe do castelo, para longe de Prateada, o garoto tentou resistir, mas o amigo o forçou gentilmente a continuar. Assim, terminaram caminhando pelos jardins que cercam o castelo, afastados dos ouvidos curiosos dos guardas, onde poderiam conversar calmamente.

– Prateada! Como ela está? O que fizeram com ela?

– Ela está bem. Está confusa, mas está bem.

– Eu posso vê-la?

– Ainda não... Mas há uma coisa que vai deixá-lo feliz...

Os olhos do garoto brilharam ansiosos, enquanto os dois amigos paravam de andar e o Capitão sorria, fazendo um ligeiro suspense antes de dar a boa nova.

– Ela não vai mais partir.

Com um suspiro de alívio de quem teve a sentença de morte suspensa, o rapaz abriu um sorriso e começou a rir de felicidade.

– Isto foi... foi... Foi incrível!! – Phillipe tinha dificuldades em achar as palavras. – Eu ainda não acredito no que aconteceu! Pensei que não fosse possível!

– Nós também! Estamos todos muito surpresos! E muito empolgados!

Philippe parou de andar, repentinamente preocupado.

– Com o quê?... Quer dizer, isso não vai mudar nada, vai? Ela ainda é a Prateada. Minha Prateada.

No castelo, Prateada se levantou e foi até a janela, olhando as nuvens e os jardins, sentindo o vento como uma nova sensação num rosto liso.

– Você poderá ser nossa próxima rainha, minha pequena. Você já é muito especial, mas precisará se esforçar para aprender algumas coisas – dizia Lamayer.

Apesar de confusa, a moça já compreendia muito bem o que lhe diziam. Virou-se rapidamente para o homem que lhe falava, dando-lhe a solução com olhos cheios de expectativa.

– Philippe ensina!

O Duque se aproximou dela com a paciência carinhosa de um bom pai.

– Philippe não poderá ajudá-la nisso... – disse suavemente Lamayer. – As coisas agora são diferentes.

A moça baixou a cabeça, frustrada. O Duque olhou pela janela e fechou a expressão do rosto. Com um abraço protetor, conduziu a moça para longe da janela, impedindo disfarçadamente que ela visse o jardim.

Philippe estancara com a surpresa, ainda tentando entender o que acabara de ouvir. Olhava para Diderot tentando detectar alguma brincadeira, mas via que o amigo lhe falava seriamente.

– Rainha?!! Rainha de verdade? Quer dizer, com coroa, trono e tudo??!

Diderot riu com a surpresa do menino, voltando a caminhar pelo jardim.

– Somos uma sociedade organizada em clãs. Esses clãs estão espalhados pela Europa, divididos, em sua maioria, por raças. Sem uma liderança única, as diferentes raças se matariam. Por isso temos um rei ou uma rainha, um ser escolhido numa difícil competição que acontece a cada dez anos.

– E quem escolhe o rei?

– O Conselho dos Antigos. São nossos lobos mais velhos e sábios que analisam cada pormenor do candidato, desde sua linhagem e suas ações passadas até seu comportamento durante o torneio.

Philippe abaixou a cabeça enquanto tentava digerir tudo aquilo e andar ao mesmo tempo.

– E onde Prateada entra nisso tudo?

– O novo torneio acontece daqui a dois anos. Com o devido preparo, ela tem todas as chances de vencer por ser uma pura.

– Pura? Mas não são todos vocês puros? – espantou-se Philippe.

– Não como ela! Ela é uma manifestação viva da Mãe Natureza, um ser muito raro! Mais raro ainda por ser uma fêmea, pois só ouvimos em antigas lendas sobre transformações de lobas em humanas. É como se a Deusa tivesse soprado seu poder sobre Prateada quando suas lágrimas caíram sobre ela...

O Capitão percebeu que Philippe andava devagar, olhando para a grama e ainda perdido em meio a tantas informações. Lembrou que o rapaz estava, desde o começo, no centro de tudo o que ocorrera naquela noite e que não estaria sendo muito fácil pra ele. Era fácil esquecer seus sentimentos diante de toda a empolgação que tomou conta do Château.– E você? – perguntou Diderot. – Como está?

– Confuso... – respondeu Philippe. – Prateada, a nova rainha... Minha nossa!!! E pensar que há pouco eu catava pulgas nela!

Diderot riu e deu um tapinha no ombro do rapaz.

– Algumas coisas mudam, meu rapaz!

Philippe olhou para a janela do castelo por cima do ombro do Capitão. Viu Prateada se virando sob a proteção de Lamayer que o olhava com olhos duros e a conduzia para longe. Seu rosto pesou, vendo agora a janela vazia e a cortina fechada.

– É... – murmurou. – E outras não...

Philippe baixou os olhos por um minuto e de repente levantou a cabeça e encarou Diderot.

– Quando poderei vê-la? – disse, quase num tom involuntário de desafio.

Diderot desfez o sorriso.

– Isso pode ser um problema no momento – disse.

– Por quê?! – perguntou o rapaz, perplexo. – Eu só quero vê-la! Que mal isso faria?

– Lamayer vai protegê-la de tudo e todos agora – explicou Diderot. – Vamos fazer o seguinte... Vá pra casa. Deixe as coisas se acalmarem um pouco. Assim que houver uma oportunidade, você a verá.

Philippe não parecia muito confiante. O Capitão apertou-lhe o ombro e olhou-o nos olhos.

– Confie em mim!

E assim o rapaz voltou para casa, pouco antes do amanhecer. Chegou no velho casebre e sentou-se na cama. A perplexidade agora dava lugar ao vazio. Olhou para a tigela de comida de Prateada, totalmente mastigada. Era a primeira vez em muito tempo que voltava sozinho pra casa e isso lhe deixava uma sensação ruim e pesada. Recostou a cabeça no travesseiro, tentando se convencer de que não seria sempre assim. Um dia, teria de volta sua Prateada. Fechou os olhos e viu o belo rosto da moça de cabelos prateados. Pegou-se sorrindo e bebeu aquela lembrança em cada detalhe como quem saboreia um bom vinho. Embalado pelo sorriso dela, adormeceu finalmente, quando a manhã já acordava os pássaros alcoviteiros que tinham muita coisa pra contar, a julgar pelo barulho que faziam.

Não se falava em outra coisa no Château no dia seguinte. A transformação de Prateada era uma promessa de dias melhores, pois uma rainha que falasse pelos Lobos Brancos, raça orgulhosa e nobre, não subia ao trono há mais de cem anos.

No café da manhã, Fernand e Lamayer conversavam animadamente sobre o aprendizado de Prateada. Celine, em silêncio, comia seu pão, alheia a tudo. Os homens, animados, não pareciam notar sua aparente indiferença.

– Ela é perfeita! – dizia Lamayer. – Ensinaremos tudo o que ela precisa aprender e ela estará pronta no tempo certo!

– Senhor, lembre-se de que é uma experiência completamente nova! Nunca aconteceu antes e não sabemos como ela vai reagir! – preocupava-se Fernand, que não tinha grande apreço por desafios, novos ou velhos. – E se ela se tornar violenta? Sabemos que os Puros não precisam da Lua para se transformarem! Podem assumir qualquer forma a qualquer hora do dia ou da noite! Precisamos ter cuidado! Ela ainda pode pensar como um lobo selvagem!

Fernand não era conhecido por sua coragem. Homem magro e alto, vestia-se com primor e cuidava meticulosamente de sua barba, negra como um continuação dos cabelos. Ele cuidava dos assuntos do Château e levava os casos mais importantes ao Duque, sugerindo soluções. Fernand gostava do conforto e do poder, mas nunca gostou muito de mudanças bruscas. E Prateada era, definitivamente, uma mudança brusca.

– Fernand, homem!... – exclamou Lamayer. – Você se preocupa demais! Ela não era selvagem. O mestiço a criou e ela sempre conviveu com todos sem problemas. Você verá. Será fácil colocá-la do nosso jeito e ela será uma grande rainha!

Celine jogou seu último pedaço de pão no prato e saiu abruptamente da mesa. Os homens pararam um momento de falar. Claramente perceberam que algo estava errado, mas preferiram nada dizer sobre isso. Fernand se esticou para o Duque, como se fosse confidenciar-lhe um segredo.

– Este pode ser outro problema. Se foi o mestiço a criá-la, não sentirá falta dele? Como vamos controlar a influência dele sobre ela?

Lamayer tomou um gole grande de chá e colocou a xícara sobre o pires, em tom sério.

– Ele não terá influência nenhuma sobre ela – disse, firme. – Vamos mantê-la afastada dele até que ela o esqueça completamente. Ela estará aprendendo a ver o mundo de uma forma diferente, é como um renascimento. Estará empolgada com as coisas novas que vamos lhe mostrar. Acredite. Em poucos dias, ela nem o reconhecerá.

– Oh, sim! – lembrou Fernand! – Não podemos deixar que esse acontecimento apague os nossos compromissos da memória! Ainda temos que fazer algo pelas sílfides e fadas! Sabe como elas são vaidosas e exigentes! Se não lhes dermos um agrado pelos favores prestados nos últimos dias, podem se vingar!

Lamayer terminou seu café da manhã e preparou-se para deixar a mesa.

– Prepare uma Festa das Fadas para os próximos dias – disse, já se levantando. – Vou ver como está a menina.

O Duque subiu as escadas rapidamente. Bateu levemente na porta do quarto silencioso. Como não obtivesse resposta, abriu-a lentamente. A moça dormia na cama, enquanto a cortina balançava graciosamente e a janela aberta deixava entrar a difusa luz da manhã de inverno. Ele se aproximou, admirando a bela donzela que dormia pesadamente, enrolada no manto vermelho. Reconheceu o manto e seu rosto se fechou em preocupação.

No pomar, Philippe continuava seu trabalho. As coisas não estavam diferentes pra ele, mas sua mente girava num turbilhão de possibilidades. Seu aparente silêncio era apenas uma cortina que disfarçava seu próprio tumulto pessoal. Quando terminou o trabalho, foi à cidade. Deixou que a noite se aproximasse para que esta o cobrisse e o protegesse de olhos hostis. Foi para o jardim e esperou que Prateada surgisse na janela. Por horas, esperou, atento, os olhos secos de tanta expectativa. Queria vê-la, nem que fosse só de relance! Queria admirar sua beleza e reforçar os traços em sua memória. Via movimentos no quarto, onde sombras se mexiam e dançavam com as lamparinas. Alguém se aproximou da janela. O coração saltou e ele deu um passo a frente, ansioso. Então, a figura de uma ama mais velha surgiu, desenhada pela luz amarelada do quarto, e fechou as cortinas.

A expectativa retirou a máscara e se mostrou decepção. O brilho nos olhos esmaeceu e os ombros deixaram-se cair. Talvez, ela voltasse... Ainda apegado à esperança de vê-la, continuou a esperar na noite fria, até que as luzes do quarto se apagaram. Respirou profundamente.

– Tudo bem... – disse para si mesmo. – Amanhã virei de novo.

Determinado a voltar na noite seguinte e em todas as noites que se seguissem, virou nos calcanhares e retornou para casa. Vê-la se tornou o motivo de se levantar de manhã, trabalhar e esperar ansiosamente o anoitecer para correr até os jardins do castelo e ficar em sua teimosa vigília.

Na segunda noite, estava novamente lá. O tempo não foi seu camarada e contemplou-o com uma chuva fria. Não se importou. Lá continuou, ignorando o frio e a chuva, sem tirar os olhos da janela. A noite estava especialmente escura e o jovem temeu que, se ela aparecesse na janela, não o visse.

– Ela me verá... – murmurou pra si mesmo.

Confiante, esperou por horas, até que alguém surgiu na janela. Suspendeu a respiração e ergueu ainda mais a cabeça. Prateada surgira rapidamente na janela, olhando em volta como se procurasse por algo. Philippe deu um passo a frente, saindo da escuridão das árvores que o ocultavam, o coração aos saltos. Então, uma ama cobriu a moça com um roupão e a retirou da janela num único movimento,

protegendo-a do vento frio, enquanto outra veio e a fechou, impedindo que a chuva forte continuasse entrando.

O sorriso se desfez. Um raio iluminou o jardim deserto e o rapaz ainda permaneceu de pé, olhando a janela fechada. Os cabelos molhados, as roupas encharcadas. Os olhos decepcionados assumiram o brilho da persistência.

– Voltarei amanhã...

E assim, voltou pra casa e seguiu sua rotina baseada na espera. Vira-a, de relance. Isso o satisfazia, mas percebeu que precisaria de mais do que aquilo para se contentar. Precisava vê-la de perto, abraçá-la e falar com ela.

A chuva se estendeu por três noites. Por três noites, ele permaneceu em sua vigília solitária. Em nenhuma delas, conseguiu ver a moça fora de seus sonhos. Nessas três noites, a janela nem mesmo se abria.

Na quinta noite, parou de chover. Sentia o corpo dolorido e um súbito cansaço, mas ainda assim, quando a noite caiu, estava em seu posto. Sentia frio, embora não estivesse ventando. Observava a janela ansioso, abstraindo de qualquer outra coisa. As sombras lá dentro começaram sua dança. A janela estava aberta, dando-lhe uma esperança disfarçada de certeza.

Sentiu o corpo tremer e protegeu os braços. Um som de um graveto se partindo o despertou de sua espera. Virou-se, procurando ver quem caminhava por ali àquela hora.

– Ora, ora, ora, quem temos aqui!...

Philippe, apreensivo, reconheceu a figura de Ravin, caminhando em sua direção.

– O que está fazendo aqui, mestiço? – perguntou, aproximando-se com ar sarcástico. – Acaso perdeu o caminho do chiqueiro?

Philippe não respondeu. Olhou novamente para a janela, pressentindo perder sua chance de ver Prateada. Ravin, com ar astuto, seguiu seu olhar e logo percebeu do que se tratava.

– Ah, então é isso... – disse, rindo e continuando a se aproximar. – Acha que poderá ver Prateada. Quem sabe, talvez ela o veja e o convide para jantar, não é mesmo?

Ravin era um jovem alto e atlético, vestido em belas roupas e uma capa que lhe aumentava o porte. A boa aparência de cavalheiro, no entanto, não influía nos sentimentos de Philippe, que sentia um verdadeiro pavor com sua presença. Para Philippe, ele poderia se vestir de ouro e se mostrar educado como um príncipe e ainda assim saberia quem era o verdadeiro homem por trás daquele ar nobre. Para ele, Ravin era cruel, covarde e, acima de tudo, um homem extremamente perigoso.

Deu um passo para trás, evitando que Ravin se aproximasse demais dele. Ravin parou, compreendendo o que o outro estava fazendo. Então continuou

andando, empurrando-o com sua presença e palavras para a escuridão das árvores atrás deles.

– Mestiço, você me diverte! – disse, mantendo o ar sereno. – Acha mesmo que ela ainda se lembra de você? Acredita que ela se importa? Ela agora tem tudo do bom e do melhor, porque se preocuparia com um ninguém como você?

Philippe olhava para a janela e para o homem que avançava. Continuou recuando enquanto o outro avançava.

– Você é patético! Entenda uma coisa, mestiço! Você não seria para ela nada mais que um estorvo! Algo para se envergonhar! A ideia de ter sido criada por um sujo como você é algo que, se for inteligente, ela vai apagar da memória o mais rápido possível!

Philippe parou de recuar, perdendo a janela de vista, coberta pelas copas das árvores. Olhou ressentido para Ravin pelas palavras cruéis.

– Por que você faz isso?... – perguntou baixinho, meneando a cabeça com olhos magoados. – O que eu fiz pra você?

Ravin não respondeu de pronto, como se não esperasse aquele tipo de pergunta ou aquele tipo de sinceridade.

– Seu problema, mestiço... – respondeu. – ...é que se julga importante... Entenda isso: você não é importante. Nunca foi, nunca será. Nem pra mim, nem pra ninguém. Agora, volte para o seu buraco e fique por lá, enquanto eu te faço o favor de não arrancar seus dentes. E se eu vir você por aqui de novo, não vou ser tão generoso!

Philippe ficou alguns segundos paralisado, tentando compreender aquele ódio todo. Então, Ravin deu um grande passo em sua direção, fazendo-o dar vários passos para trás.

– VÁ!!! – gritou!

Philippe caminhou de costas até virar-se e ir embora.

No quarto de Prateada, a rotina de lhe pentearem o cabelo e vestirem sua confortável camisola estava no fim. Toda noite, Prateada sentia a agitação do dia partir e quando se sentia tranquila, percebia-se também vazia. Algo a atraiu para a janela. Sempre que tentava se levantar, alguém a puxava de volta, pois não havia terminado o cabelo, ou alguma outra tarefa qualquer. Mas nessa noite, quando foi puxada de volta para a cadeira, tirou o pente com violência das mãos de uma das amas e levantou-se bruscamente. Seu coração batia com uma emergência mais importante naquele momento do que a obediência que passavam o dia inteiro lhe ensinando.

Na janela, sentindo o ar da noite bater em seu rosto, olhava para o jardim como se procurasse algo. Constance, surpresa com a atitude da menina, correu até

a janela para ver o que era tão importante que a fizera agir assim. Saindo das sombras das árvores, ambas viram Ravin, caminhando calmamente para a claridade. O rapaz olhou para as duas mulheres na janela e fez-lhes um cumprimento galante, continuando seu aparente passeio.

Constance olhou para Prateada, que mantinha os olhos fixos em Ravin. A ama logo imaginou os motivos da súbita e breve rebeldia da jovem.

– Ora, minha menina! – disse a ama, sorrindo empolgada. – Vejo que tem bom gosto! Ravin é um ótimo partido!

Prateada olhou para ela sem entender.

– Se quiser, posso convidá-lo para o almoço amanhã e vocês poderão se conhecer melhor!

Prateada voltou a olhar para Ravin, que desaparecia, dando-lhe ainda um último olhar. Então virou-se para Constance num movimento brusco, como se tivesse se lembrado de algo.

– Gosto de almoçar! – disse. – Mas não gosto de Ravin!

– Mas ele é um rapaz tão distinto! – retrucou a ama, surpresa com a afirmação da moça. – Olhe só, eu o convidarei para o almoço e...

– Não! – a menina se virou com olhos zangados. – Já disse que não quero misturar o que gosto com o que não gosto! A coisa de gosto ruim tira o gosto bom da outra!

E pegou o pente da mão da ama, tentando pentear-se a si mesma.

Capítulo 13

A Festa das Fadas

Um grito tirou Celine da cama bem cedo naquela manhã. Um tumulto se instalara no segundo andar do castelo com amas correndo atarantadas, enquanto alguém continuava gritando como se o mundo estivesse acabando. Celine foi até o foco do caos e não se surpreendeu ao ver que era o quarto de Prateada. Apareceu na porta, vestida com seu roupão quente e viu a jovem totalmente descabelada retirando todas as roupas do baú e das gavetas, jogando-as violentamente no chão.

– AAAH!!! Cadê??! CADÊÊ!!! Onde está???

Celine se adiantou e entrou no quarto, irritada com o faniquito.

– Prateada!!! – disse firmemente, como quem fala com uma criança malcriada. – O que diabos está fazendo?!

A moça, caída no chão em meio a brocados e veludo, os cabelos caídos sobre os ombros e o rosto, parou um momento. Então, ergueu o rosto furioso. Celine assustou-se com o olhar faiscante.

– Meu manto!!! – exigiu ela, rosnando. – Meu manto vermelho! Estava comigo quando fui dormir e não está mais!!!

– Não seja estúpida, Prateada! Há dezenas de mantos aí muito melhores do que aquele trapo velho!

Prateada pegou um monte de roupas bordadas e atirou-as no rosto de Celine.

– Então porque não fica com todos?! EU QUERO O MEU MANTO!!!

Prateada levantou-se e começou a rasgar as cortinas, continuando a gritar como uma louca.

– DEVOLVAM!!! DEVOLVAM! Destruo tudo enquanto não me devolverem!

Celine, atarantada e sentindo-se ofendida pelo tratamento, chamou a atenção da criadagem que apenas observava atônita.

– Façam alguma coisa!!! Detenham essa louca!!!

Os empregados tentaram segurar Prateada, mas ela se soltou e correu pelos corredores, quebrando vasos e derrubando quadros. Desceu as escadas com todos correndo atrás dela, quando perdeu o equilíbrio no último degrau e caiu no grosso tapete vermelho. Viu botas negras e lustrosas. Olhou para cima e encontrou Lamayer, olhando-a severamente.

Prateada rastejou pra trás e se levantou, sendo segura por empregados.

– O que está acontecendo? – perguntou o Duque.

Celine descia correndo as escadas, feliz por ver o pai e confiante num castigo à altura para a encenqueira sem educação.

– Foi Prateada, meu pai! Começou o dia num inexplicável ataque de fúria e destruiu o quarto inteiro!

– Tiraram-me algo que era meu!!! – gritou, Prateada, em sua própria defesa.

– Philippe me deu e vocês roubaram!!! Eu quero de volta!!!

Lamayer deu um passo em sua direção.

– Menina, lembra-se do que lhe falei? – disse, em tom de reprovação. – Deve aprender a obediência! Essa rebeldia não é o que esperamos de você! Você terá outros mantos, quantos quiser!

– NÃO QUERO OUTRO!!! – gritou a moça, surpreendendo Lamayer.

– Essa sua atitude não é boa. – murmurou Lamayer. – Vai ficar sem café e sem almoço até que aprenda a boa educação e a obediência que lhe falta.

Lamayer virou-se para ir embora. Celine sorria, sentindo-se mais feliz em ver Prateada levar uma merecida reprimenda.

– Ótimo!!! – disse Prateada, que todos sabiam ter um apetite voraz. – Aproveite e tire também o jantar, e o café da manhã de amanhã, e o almoço de amanhã, porque não vou comer nada até que me devolvam meu manto!

Lamayer parou. Então se virou e voltou, caminhando resolutamente até ela, que olhou-o nos olhos em desafio. O Duque a encarou e ambos ficaram assim por alguns segundos. Até que ele falou.

– Muito bem... Lembra-se do nosso acordo, o que fizemos no dia em que chegou? Que tal se o esquecermos?

Os olhos da moça tremularam, enquanto seu rosto demonstrou sua fraqueza.

– Não... – murmurou.

– Então... – disse o Duque – Se quer que eu honre este acordo, deve honrar sua parte. Suba e arrume tudo e não fale nesse manto de novo.

A menina fez silêncio. Os olhos se encheram d'água e lágrimas pesadas escorreram pelas faces, sem deixar de olhar para o homem que a encarava a poucos centímetros.

– Ainda temos um acordo? – perguntou ele.

Ela não respondeu.

– Temos?

– Sim, senhor... – murmurou a moça.

Ele fez um gesto para que a soltassem e deixou a sala sem olhar pra trás. Celine viu Prateada se virar, cabisbaixa e subir lentamente os degraus. Passou por ela sem erguer o rosto, mas Celine viu o brilho das lágrimas que banhavam a longa camisola branca. Celine a seguiu, sem compreender o que acontecera, e parou na

porta do quarto. Viu Prateada recolher as roupas que tinha arrancado em ira das gavetas. Então ela começou a soluçar e sentou-se no chão, chorando.

Celine não soube como isso aconteceu. Assim que Prateada surgiu, decidiu-se a odiá-la. E não estava sendo difícil, com todas as atenções voltadas para ela e Celine sendo posta de lado até pelo próprio pai. Porém, naquele momento, condeu-se de ver a jovem chorando a perda do manto, mesmo não compreendendo. Aproximou-se e sentou-se ao lado dela, ficando em silêncio enquanto a outra soluçava como uma criança.

– O que tinha de tão especial esse manto, afinal? – perguntou, sem saber o que dizer. – Há outros mais bonitos!

Prateada soluçou mais um pouco. Então olhou pra ela.

– Nenhum tem o cheiro dele...

Diderot tomou um susto ao ver a figura pálida e de olhos fundos que lhe abriu a porta.

– Minha nossa, Philippe! – exclamou. – Você está horrível!

– Eu me sinto horrível! – disse o rapaz, abrindo a porta e convidando-o a entrar. – Entre, acabo de fazer um chá.

Os dois entraram no casebre e uma chaleira pendurada no fogão à lenha exalava um forte cheiro de ervas.

– Peguei um resfriado – explicou o rapaz, servindo ao amigo e a si mesmo um pouco do chá que preparava.

Diderot estranhou o cheiro forte da bebida verde escura, mal enxergando o fundo da caneca.

– O que é isso?

– Um chá que minha mãe me ensinou! – explicou o rapaz, sentando-se à mesa. – É para essas doenças do inverno.

Diderot tomou um gole e quase se engasgou.

– Está mais para levantar os mortos! – disse, recolocando a caneca sobre a mesa. – Bom, tenho novidades sobre Prateada.

Philippe ergueu os olhos, dando-lhe toda a atenção imediatamente.

– Como ela está? Estão tratando-a bem?

– Claro que estão – disse Diderot. – Na verdade, eu não a vi.

– Então como sabe?

– Porque sei! – irritou-se o Capitão. – Fique quieto um momento e deixe-me falar, está bem?

Philippe bebeu um grande gole da beberagem amarga. Fez uma careta e colocou a caneca na mesa, esperando as notícias de Diderot, julgando-se preparado, pois nada devia ser pior do que aquele chá.

– Os Lobos vão fazer uma Festa de Fadas nos próximos dias. É uma festividade em homenagem às fadas, pela ajuda que tivemos. Lamayer está protegendo Prateada de toda influência externa, mas ele terá que levá-la na festa, ou as fadas se ofenderão.

Diderot se inclinou um pouco mais diante do atento rapaz.

– Preste atenção! Eu lhe direi onde vai acontecer a festa. Você vai ficar por perto, até que seja a hora da dança circular. Nessa hora, todos estarão distraídos, não verão você até que...

– ...Seja tarde demais! – concluiu Philippe, sorrindo.

– Isso mesmo! Prateada verá você e ninguém poderá impedi-los de se encontrarem!

Philippe sorriu animado. Então, seu sorriso entristeceu-se e ele olhou para dentro da caneca.

– O que foi? – perguntou Diderot, percebendo a nuvem que pousara sobre seus olhos.

O rapaz se abaixou e pegou algo que estava sob a mesa, perto de seus pés. A velha boneca mastigada de cabelo em pé com que Prateada brincava o olhava com olhos pintados.

– E se ela não se lembrar mais de mim?

Diderot riu.

– Não está falando sério, não é?

Envenenado pelas palavras maliciosas de Ravin, Philippe mergulhava na insegurança de saber que Prateada estava agora tendo uma vida de rainha, bem tratada e cercada de gente no castelo. E se Ravin estivesse certo? E se ele estava realmente se julgando importante demais?

– Ela não é mais minha loba, Diderot. É uma humana, uma bela donzela de quem todos cuidam e... – Philippe olhou novamente para a boneca. – Eu a vi pela janela do castelo... Foi de relance, mas eu me lembro de cada detalhe.

O rapaz fechou os olhos, momentaneamente mergulhado na lembrança daquela noite.

– Ela estava penteada, com os cabelos caindo pelos ombros como um véu de luz da lua, o rosto brilhava, como se ela tivesse luz própria... – Voltou a olhar para Diderot. – Ela é a moça mais bela que já vi em toda a minha vida, Diderot... Se eu vi isso, quem não viu? Todos querem estar perto dela agora! E se ela não lembrar mais de como era ficar perto de mim? E o que eu teria a oferecer a ela?...

Diderot achou as preocupações do menino infundadas, mas entendia que eram verdadeiras e dolorosas para ele. Tocou-lhe a mão, trazendo-o de volta para a realidade.

– Confie em mim. Na Festa das Fadas, vista sua melhor roupa e espere o momento certo. Quando todos formarem o círculo, apareça. Eu cuidarei para que ela o veja.

O Capitão se levantou para ir embora, quando o rapaz correu atrás dele, já lá fora.

– Diderot! – disse, entregando-lhe algo. – Se encontrá-la, dê isso a ela!

O Capitão olhou curioso a velha boneca.

– Ela sempre dormia com essa boneca – explicou o rapaz. – Talvez, esteja sentindo falta... Não quero imaginá-la triste...

Diderot guardou a boneca sorrindo e partiu. Estava empolgado com o desenrolar das coisas e acreditava que era uma questão de tempo até que as coisas, que mudaram tão rapidamente para Prateada, logo mudassem também para Philippe.

No castelo, os preparativos para a festa prosseguiram. Fadas podem ser muito vingativas se não se sentem prestigiadas e era importante que os alimentos fossem os melhores. Sílides podem causar grandes estragos se acharem que foram esquecidas e que seus favores não foram levados em consideração. Os Lobos tinham um grande contato com seres elementais e, os mais conceituados podiam lhes pedir favores através de feitiços. Em cada Château, era normal haver uma parte do terreno dedicada à habitação de elementais, que desfrutavam de segurança e tranquilidade, longe da curiosidade dos humanos.

Fernand entrou na sala onde Lamayer lia uma carta, recostado na rica cadeira com estofado de veludo azul. Em suas mãos, Fernand trazia um saco.

– Senhor? – perguntou, retirando o manto vermelho. – O que faço com isso?

Lamayer olhou sem muita atenção.

– Jogue fora. Não importa – respondeu, tirando os olhos da carta por alguns segundos.

– Quando vi a confusão que a menina armou hoje, achei que ia querer que eu devolvesse – comentou Fernand, guardando o manto.

– De que nos valerá uma rainha que não podemos controlar? – disse Lamayer. – Precisamos romper todos os laços que ela possa ainda ter com o

mestiço e precisamos mostrar que somos nós que mandamos. Basta ter pulso firme.

– Já está tudo pronto para a festa, senhor! Deseja que eu providencie mais alguma coisa?

– Sim! – disse Lamayer, pousando a carta sobre a mesa. – Um quarto para um hóspede. O filho do Conde de Lassey está vindo pra cá, passar uma temporada. Com sorte, deve chegar antes da festa e será bom recebê-lo com um evento tão importante.

– Sim, senhor – respondeu prontamente Fernand, retirando-se a seguir.

Os dias passaram ligeiros e logo chegou o esperado dia da Festa das Fadas. Realizado num recanto distante do bosque, onde encontrava-se facilmente pedras com pontos circulares que indicavam as famosas danças de círculos desses seres fantásticos, a festa começaria antes do pôr do sol. Na despedida do dia, Lamayer agradeceria aos elementais do ar que cuidavam e protegiam o Château, e lhes ofereceria aquela homenagem. Uma forte e súbita ventania indicava que o presente fora aceito. As pessoas mais importantes do Château estavam presentes, assim como os mais simples. A homenagem às fadas era um presente de todos.

Na última visita de Victor, o cigano, Philippe conseguira comprar uma roupa nova. Na verdade, era de segunda mão, mas estava como nova. Guardara-a com cuidado, à espera de uma ocasião para usá-la. Não conseguia imaginar uma ocasião melhor. Saíra cedo, preocupado em perder alguma coisa. Não conhecia o Bosque dos Ventos, ou Bosque das Fadas, como era chamado aquele pedaço da floresta pouco frequentado e longe de seus caminhos costumeiros. Lembrou que fora apenas uma vez lá, com Celine. Não vira fadas, mas vira casulos de fadas. Lembrou também que, quando a noite caiu, pareceu um lugar assustador, com assobios e risos entre o farfalhar das folhas.

Segundo Diderot lhe contara, as fadas são muito caprichosas. Podem se apaixonar por você e fazer tudo o que você pedir, mas, no minuto seguinte, numa crise de ciúmes, podem levá-lo à loucura ou à morte. Por vezes, se deixavam ver, belas e alegres brincando com flores e dançando sobre as pedras mágicas. Outras vezes, ocultavam-se sob o véu e observavam os humanos e lobos do lado de cá. Quando julgavam alguém muito belo, fosse criança, homem ou mulher, sequestravam a pessoa e a levavam para seu Reino, de onde jamais retornavam.

Pensava nisso enquanto caminhava entre as árvores silenciosas e as folhas úmidas. As chuvas dos dias anteriores deixaram a terra fofa e algumas poças. Por isso, tinha cuidado, para que chegasse ao ponto de encontro em boa aparência. Estava ansioso por ver Prateada, mas também ansiava por ver o que iriam fazer.

Que tipo de ritual seria? E que tipo de festa agradaria às sílrides? Deteve-se de repente ante um grande buraco em meio ao caminho. Olhou em volta, com cuidado. Cercado por folhas, não conseguia ver seu fundo, a não ser pelo brilho da água depositada que refletia o resto de luz do dia. Diderot lhe contara que tentaram construir um poço ali, há muito tempo, mas as fadas não permitiram e ele ficou ali, pela metade. Ouviu o som de flautas e levantou a cabeça. Correu para o lugar combinado. A festa estava começando.

Havia mais de trezentas pessoas reunidas. Suas roupas não eram aquelas de festas ricas no castelo. Eram simples e leves e alguns tocavam flautas, enquanto outros tocavam pequenos sinos. Lamayer terminara de falar seu agradecimento e convidava as fadas e sílrides a participarem daquela festa, feita em sua homenagem.

Sem poder se aproximar mais, Philippe subiu numa árvore, ávido por ver tudo. Quando o Duque abriu os braços, uma forte ventania varreu folhas e levantou capas e vestidos. Então, todos sorriram e aplaudiram, com gritos entusiasmados pela aceitação de seu presente. Já era noite e um tambor começou a cadenciar uma música. Uma jovem de voz cristalina começou a cantar uma canção, cuja letra decantava a beleza e as virtudes dos ventos e seus cavaleiros. Um cortejo começou a chegar, trazendo bandejas com vários pratos. Havia bolos e pães, biscoitos e leite, hidromel, doces e frutas, tudo divinamente enfeitado com flores e laços de fita.

Lamayer acendeu uma fogueira e os alimentos foram sendo depositados ao seu redor. Acomodado sobre a árvore, Philippe observava tudo com admiração e entusiasmo. Em dado momento, a moça que cantava parou e um rapaz começou a cantar. As pessoas acompanharam e a canção era um chamado às fadas, pedindo que mostrassem sua beleza. Diderot lhe contara que, mesmo aceitando o convite, nem sempre as fadas deixavam-se ver, demonstrando sua presença pelos efeitos físicos típicos, como ventos, nós nos cabelos e perfume no ar. Mas, às vezes, elas e as sílrides apareciam e era uma grande alegria e raridade poder vê-los. Na verdade, como nunca vira fadas, Philippe não acreditava muito que elas fossem aparecer, mas uma pontinha de esperança o espetava, fazendo-o desejar ver o que poucos viram.

Depois que toda a comida foi depositada graciosamente em volta da fogueira, começaram as apresentações. Basicamente, os que desejassem doavam algo para as fadas. Podia ser um poema, uma canção, uma dança, algo belo e feito de coração. Segundo Diderot, essa energia doada livremente aumentava o brilho e a vida das fadas. Um homem se apresentou e cantou:

*Fadas, Fadas, rainhas das flores!
Que sua beleza seja meu caminho,*

*Que sua sina seja de boa sorte
Que meu amor seja um pássaro no ninho
Que meu final seja a boa morte!*

E logo outro entrou, dançando em giros como ventos rápidos. A moça que cantara antes se aproximou e cantou novamente. Os outros batiam palmas e assobiavam. A energia era grande e até mesmo Philippe, um pouco mais afastado, sentiu um onda invadi-lo. Sabia que algo estava acontecendo e, mesmo que as fadas e sílfides não se apresentassem, era inegável que estavam lá.

O grupo se abriu para a passagem de três pessoas. Reconheceu Prateada, acompanhada por Celine e Diderot. Fez-se silêncio, enquanto as pessoas olhavam perplexas a manifestação da presença da Deusa em suas vidas. O que era apenas um ser raro para Lamayer e os outros moradores do Castelo, para as pessoas comuns era um sinal de que a Divindade ainda se lembrava deles.

– Amigos do Ar! Apresento-lhes nossa irmã, uma loba que se tornou uma de nós com o poder da Grande Mãe!

Prateada se aproximou da fogueira, aparentemente surpresa com tanta atenção. Já tinha visto metade daquela gente antes quando era uma loba e eles nunca pareceram se importar com sua presença. Olhava desconfiada, procurando na multidão um rosto amigo.

Foi quando aconteceu. Um ponto de luz rápido como um beija-flor voou diante de seu nariz. Assustou-se e tentou ver o que era. Mais duas formas luminosas e céleres a rodearam. Quando pararam diante de seu rosto surpreso, Prateada pôde ver que eram como humanos pequeninhos com asas. Reluzentes e meio translúcidos, voltaram a voar em volta dela e em segundos, eram centenas voando em volta de todos na festa. As crianças brincavam e os adultos riam daquele evento raro e mágico.

Philippe olhava embevecido, mudo de espanto ao ver aquele espetáculo que teria dificuldades em descrever. Havia vento, mas este não apagava o fogo. No vento, via formas humanas montadas em cavalos cujas patas desapareciam ao correr. Tinham rostos compridos e olhos grandes e puxados, com orelhas pontudas sob o cabelo esvoaçante. Estes eram grandes, quase do tamanho dele. Mas os pontos luminosos que via eram bem menores, e tinham braços, pernas e asas! De todas as cores, parecia que o arco-íris havia se partido como um espelho em centenas de pedaços coloridos e cada um deles assumisse vida própria. Pensou no quanto gostaria de ver aquilo mais de perto.

Subitamente, um ponto de luz surgiu diante dele, vindo sabe-se lá de onde. Assustou-se e afastou a cabeça, observando melhor a pequena criatura. Era uma moça de sorriso encantador, asas irisadas de borboleta e longos cabelos loiros

platinados. Era pouco maior que sua mão e parecia tão curiosa com ele quanto ele com ela. Antes que se recuperasse da surpresa, outras duas apareceram, em cores diferentes, e se puseram a rodeá-lo e brincar com seus cabelos.

Na festa, Prateada sorria, brincando com aqueles seres mágicos que a rodeavam e dançavam com o vento. Outras pessoas também começaram a dançar e as fadas foram para o banquete. Alguém pegou uma das bandejas e, para espanto dos que nunca haviam participado de algo assim, um fantasma daquela bandeja permanecia no local. Esse duplo, que possuía exatamente o mesmo alimento, era translúcido, como se estivesse dentro d'água. Silfos se aproximaram e se serviram, mostrando que o alimento continuava bem sólido para eles.

Assim, os pães e bolos, as frutas e os doces, o hidromel e o leite, foram sendo servidos e, a cada bandeja retirada, um duplo surgia no local, e todos foram se banquetando. Ravin e Carlo aproveitavam a ocasião para conversar com o jovem visitante.

– Então, o que está achando? – perguntou Ravin, comendo uma fruta.

– Admito que nunca vi nada igual! – disse Albert, filho do Conde de Lassey, que chegara naquele dia pela manhã e já fizera novos amigos.

As frutas estavam mais doces do que jamais estiveram, mesmo as que não eram da época. Os doces tinham um sabor diferente, suave e a bebida parecia mágica. Todos se sentiam entre mundos e o êxtase era manifestado em cada canção, em cada dança.

– Creio que será uma experiência e tanto passar algum tempo aqui! – disse Albert, de curtos cabelos negros e profundos olhos negros.

– Não acredito... – murmurou Ravin, olhando para algum lugar acima de suas cabeças.

– O que foi? – perguntou Carlo, enchendo a boca com uma fatia de bolo de mel e procurando com os olhos.

Três pontos luminosos numa árvore fora da pequena clareira em que se reuniam iluminavam um rapaz de cabelos negros, camuflado pela noite, denunciado pela luz.

– Venham comigo – disse Ravin, saindo. – Vou mostrar outras coisas que fazemos para nos divertir por aqui...

Estava tão atônito com as fadas que quase não percebeu quando Lamayer pediu a formação circular. Percebeu que Diderot estava próximo à Prateada e que as pessoas começavam a se colocar em posição, ao redor da fogueira. Uma das fadas, a primeira que lhe apareceu, deu-lhe um beijo no rosto e, com risadinhas divertidas, partiu, com suas irmãs, unindo-se aos outros pontos luminosos que agora faziam um halo em torno das chamas que dançavam com o vento.

Philippe desceu rapidamente da árvore que o abrigara, atingindo o chão num belo salto. Ajeitou a roupa e respirou fundo. Quando deu um passo a frente, viu surgirem três vultos.

– Sua capacidade de estar no lugar errado, na hora errada, me espanta! – disse Ravin.

Philippe estancou, surpreso com a presença inconveniente daqueles três. Reconheceu Carlo, mas não reconhecia o terceiro.

– Eu tenho um jogo! – disse Ravin. – Se chama “pega-mestiço”! Quem pegar o mestiço primeiro, pode bater nele à vontade!

Um movimento brusco de Carlo em sua direção o fez se esquivar. Carlo caiu, mas levantou rápido e irritado com as risadas dos outros. Philippe tinha uma boa noção de prioridades. Naquele momento, tudo o que queria era estar “no lugar certo, na hora certa”, e aqueles idiotas iam acabar atrapalhando tudo. Sua única saída, naquele momento, era correr e tentar despistá-los. Ágil do jeito que era, não seria difícil. Assim, voltaria ainda a tempo de encontrar Prateada.

Não esperou a próxima ação de seus inimigos e correu. Ouviu os passos atrás de si e desviou de árvores, tentando confundi-los. Correu alguns minutos, sentindo ainda seus perseguidores atrás dele. Escondeu-se atrás de um tronco encoberto por heras e ouviu os rapazes passarem. Segurou a respiração e esperou, até que não os ouviu mais. Saiu de seu esconderijo com cuidado e olhou. Não vendo nada, deu um passo para trás, planejando voltar e encontrar Prateada.

De repente, o chão sumiu sob seus pés. Despencou no nada e espatifou-se em água e lama. Abriu os olhos e viu o céu emoldurado numa tela redonda. Estalou a língua num palavrão silencioso. Não acreditou que caíra no maldito buraco...

Ergueu-se, sentindo a dor do impacto. Ouviu risadas e olhou para cima. Viu as cabeças risonhas de Ravin, Carlo e do desconhecido.

– Parabéns, mestiço! – parabenizou Ravin. – Conseguiu se livrar de nós, por enquanto!

– Mas não se preocupe! Você vai conseguir sair daí... algum dia! – disse Albert.

– E vai estar imundo, como sempre! – tornou Ravin.

– Talvez algum bicho caia aí pra lhe fazer companhia! – riu Carlo.

Os rapazes saíram, gargalhando.

– Ah, ao menos vou dormir muito bem hoje sabendo que o mestiço vai passar a noite num buraco tão sujo quanto ele... – disse Ravin, numa satisfação que mostrara que sua noite tinha sido perfeita.

A roda estava formada e começara a girar. Homens com tambores e flautas ficavam de fora, marcando o ritmo crescente. Prateada ria com o que achava ser uma divertida brincadeira. Todos exibiam a alegria de fazer parte daquele

momento. Diderot, de mãos dadas com Prateada, procurava em volta. A ciranda se acelerou, a energia fluía e se unia aos silfos e fadas no centro que brilhavam ainda mais. Giraram, giraram e giraram, cada vez mais rápido, até que suas mãos se soltassem e caíssem rindo.

Enfiava as mãos na terra ainda úmida e puxava o peso do próprio corpo. Agarrou uma raiz e tentou dar mais um passo para fora do buraco. A raiz se partiu e, sem ter onde se segurar, caiu pesadamente na água enlameada. Bateu na água, irritado. Tentou de novo, dessa vez, já conhecendo os primeiros pontos de apoio. Escorregou e desceu alguns centímetros, mas apoiou-se, tomou fôlego e continuou.

Mãos imundas de terra emergiram do poço inacabado. Arrastou-se para fora e rastejou para longe. Respirou, cansado pelo esforço. A música havia parado. Levantou-se e olhou para si mesmo, tão imundo que mal o reconheceriam como um ser humano. Deu alguns passos trôpegos na direção da clareira. As pernas pesavam, mas insistiu que se movessem e logo estava correndo.

Passou pelas árvores e pelos arbustos fechados e surgiu no meio da clareira. Parou, observando a fogueira apagada e o local totalmente deserto. Baixou a cabeça, sentindo-se, mais uma vez, derrotado pelas circunstâncias.

Voltou para casa, chegando quase ao amanhecer. Pegou um trapo e começou a se limpar. Não o deixariam ver Prateada. Essa constatação o acompanhou o caminho inteiro de volta para casa e agora, talvez pelo cansaço, talvez pelo desânimo, parecia-lhe uma verdade inquebrantável. Havia perdido sua amiga. Lamayer, no final, conseguira. Tirara-lhe seu bem mais precioso...



Capítulo 14

Uma esperança na Alvorada

O café da manhã estava animado. A energia da festividade da noite anterior ainda podia ser sentida, numa espécie de euforia juvenil, mesmo nos mais velhos. Lamayer conversava animado com Celine enquanto uma serviçal lhe servia leite, que era derramado graciosamente numa xícara de borda dourada.

– Prateada ainda não desceu? – perguntou Lamayer.

– Ainda não – respondeu Celine. – Dorme como um gato!

– Não implique com ela, Celine – disse o Duque. – Ainda está se adaptando à sua nova forma e à sua nova vida. Até que está indo bem rápido! Achei que demoraria mais a falar!

– É verdade que ela será nossa única representante para o Torneio?

Lamayer olhou para a filha que o encarava. Colocou o pão no prato e tentou desconversar.

– Não falemos de política agora, filha! Que tal se você fosse chamar Prateada?

Celine jogou o guardanapo sobre a mesa e saiu, repuxando os lábios para um lado, como fazia quando lhe era negada a fatia maior do bolo, o que muito raramente acontecia – e, geralmente, por mera distração alheia.

Fernand entrou na sala e Lamayer o convidou a sentar-se e acompanhá-lo no café da manhã. Era um homem bem arrumado, embora isso não lhe aumentasse o parco charme. Dava ordens na casa e levava os pequenos problemas do Château à Lamayer. Não parecia muito, mas era o bastante para se sentir feliz. Convivia com os nobres, embora não fosse um deles e Lamayer o tinha em alta conta. Retribuía executando perfeitamente seu trabalho, ficando de olho nos empregados e certificando-se de que o castelo estaria sempre funcionando perfeitamente.

– Fiquei surpreso com o comportamento de Prateada ontem, Monsieur! Achei que ela não quisesse ir!

– E não queria – respondeu Lamayer, rindo. – Mas sabe com são as moças! Batem o pé, batem as portas e juram que vão morrer se não fizermos sua vontade, até que as forçamos a seguir o melhor caminho e, tempos depois, nem se lembram que fizeram tal estardalhaço antes. Depois de inventar doenças e fazer birra para não ir na festa, ela não pode negar que se divertiu! Voltou sorrindo e tenho certeza de que acordará da mesma forma!

Celine bateu suavemente na porta. Do lado de dentro, Prateada acordou bruscamente e, enquanto a porta se abria, escondeu a boneca maltrapilha debaixo

do travesseiro.

– Bom dia, Celine! – disse num sorriso.

– Hum... Bom dia – respondeu Celine. – Vejo que está de bom humor hoje!

– Pois é! – Prateada aprendera que, quando não tivesse nada a dizer, quando não quisesse nem concordar, nem discordar, podia apenas dizer isso.

– Então arrume-se e desça. O café está na mesa.

A porta se fechou e Prateada pegou a bonequinha debaixo do travesseiro. A roupa era de renda rasgada e já tivera dias melhores. O rosto estava sujo e o cabelo fazia parecer que ela tinha sido atingida por um raio. Deixou-se cair na cama e ergueu a boneca acima de sua cabeça, olhando-a com um largo sorriso. Então abraçou-a. Para ela, era a boneca mais bonita do mundo.

Quando desceu, desceu correndo. Fernand logo lhe chamou a atenção.

– Menina! Esqueceu que não deve ser estabanada?

Prateada parou de repente, no meio das escadas, começando a descer os degraus devagar e dura, como se tivesse um dicionário sobre a cabeça.

– Deixe-a, Fernand! – riu Lamayer, fazendo-lhe um sinal com a mão. – Nem sempre precisamos ser tão elegantes. Pode vir, Prateada! Seja você mesma hoje.

Prateada abriu um sorriso e terminou a escadaria saltando de três em três degraus e em segundos estava na cadeira, devorando o pão e comentando alegremente a festa da noite anterior, com o cuidado de manter o segredo que o Capitão lhe pedira: ocultar que ele lhe dissera que Philippe lhe mandara lembranças e sua boneca para lhe fazer companhia.

– Gosto do Capitão – disse a moça, com a boca cheia de pão. – Por que não posso vê-lo mais?

– Sabe escolher – disse o Duque. – Diderot tem boa índole, é uma das melhores pessoas que já conheci. No tempo certo, poderá estar mais em sua companhia. No momento, é preciso que se concentre apenas no que Constance está lhe ensinando, está bem?

– E então cumprirá nosso acordo? – perguntou a moça, com olhos brilhando.

– Depende de você – disse Lamayer, desviando o olhar.

Depois que ela saiu estabanadamente para brincar nos jardins reservados do castelo, onde ninguém, fora as pessoas do castelo, tinha acesso, Fernand ainda ficou com o Duque mais um pouco à mesa.

– Não pretende de fato cumprir este acordo, pretende, Senhor?

– Não quebro minha palavra, Fernand – respondeu Lamayer, com voz distante. – Mas creio que não precisarei cumprir minha parte, pois ela logo se esquecerá. É uma questão de tempo.

Nessa mesma manhã, horas mais cedo, o Capitão descia de Rayure diante da casa de Philippe. O clima estava frio e acinzentado, mas sem chuva e a casa, nesses dias sem cor, parecia mais triste e abandonada do que nunca. Bateu na porta, preocupado. Não houve resposta. Colocou a mão na tranca e a porta se abriu, mas a casa estava vazia. Foi quando ouviu um som de madeira sendo partida. Deu a volta e viu, nos fundos da casa, Philippe cortando lenha com golpes certos de um machado. Aproximou-se, confuso. O rapaz logo notou sua presença. Ergueu o rosto sujo.

– Olá, Diderot – cumprimentou, sem sorrir.

– O que aconteceu? – perguntou o Capitão, percebendo imediatamente que havia algo errado ao ver o rapaz partir pedaços de madeira como se fossem cabeças. – Por que não apareceu ontem?

Philippe posicionou um pedaço de madeira sobre o tronco cortado e ergueu o machado.

– O de sempre... – disse, baixando o machado e partindo a madeira em dois.

Diderot olhou para ele mais atentamente. As roupas, apesar de imundas e já meio rasgadas, não eram suas roupas usuais. Viu um gibão largado ao lado e notou os cabelos do rapaz sujos de lama. A fita simples que costumava prender a cabeleira negra foi substituída por um laço novo, oculto sob uma lasca de terra molhada.

– Essa é sua roupa nova? – perguntou Diderot, confuso.

– Não é mais.

– Ah... Deixe-me adivinhar... Ravin e seus comparsas de novo...

Philippe parou um momento.

– Eu estava lá, pronto para me encontrar com ela, quando, de repente, do nada, saem Ravin, Carlo e um desconhecido de cabelos pretos e curtos que nunca tive o desprazer de ver antes! Então, o que fazem? Uma aposta, pra ver quem conseguiria me surrar mais. Poderia enfrentá-los, mas sei que isso sempre se volta contra mim – Philippe sacudia as mãos ilustrando a história, olhando ora para o Capitão, ora para o nada a sua volta. – Achei que se pudesse correr, os despistaria e poderia voltar à tempo!

O rapaz sacudiu a cabeça, os olhos brilhando olhando para algum ponto perdido nas nuvens, um sorriso de pura incredulidade no rosto.

– E sabe? Achei mesmo que conseguiria! Esqueci que há uma espécie de maldição sobre mim que me impede de ter o que mais desejo! Saí correndo e, quando finalmente achei que já os tinha despistado, caí num maldito buraco! Era de se esperar que algum infeliz ia plantar um buraco bem no meu caminho! Se é

que ele já estava lá antes, pois com a minha sorte, a terra deve ter se aberto sob meus pés assim que eu pisei lá!

Diderot ficou em silêncio, os olhos arregalados e o rosto tenso, enquanto Philippe gesticulava e contava sua história histericamente para o ar, como se exigisse satisfação da Divindade.

– Os idiotas viram, riram e voltaram pra festa. E eu passei horas tentando sair.

O Capitão não conseguiu mais se segurar e caiu na gargalhada. Philippe ficou olhando para ele por um momento, até que começou a rir também. Os dois riram até não aguentarem mais. Algumas vezes, a situação é tão caótica que a única coisa que nos é permitida fazer é rir. Quando finalmente conseguiram parar e respirar, Diderot desculpou-se. Não era sua intenção rir da desgraça alheia. Philippe compreendeu. Mesmo ele teve que rir de si mesmo e era bom dividir algumas risadas com um amigo. Ficou em silêncio por um momento.

– Eu a vi, Diderot... – disse, com voz baixa, olhos marejados e um sorriso triste. – Antes deles aparecerem, eu a vi... E ela estava feliz.

– Ela só estava empolgada com a presença das fadas – explicou Diderot. – Como todos nós.

Philippe sacudiu a cabeça, insistindo no que vira.

– Não, Diderot. Ela estava feliz, verdadeiramente feliz. Talvez... Talvez ela esteja melhor sem mim – pegou novamente no machado. – Eu não quero ser um estorvo...

Enquanto maltratava outro pedaço de lenha, Diderot apertou os olhos, observando-o.

– Essas palavras não são suas – disse o Capitão, depois de alguns instantes de silêncio.

Philippe parou. Os cabelos caindo sobre o rosto, a camisa manchada semi aberta.

– Qual a diferença – disse, sem erguer o rosto da tora diante de si, – se é a simples verdade?

O Capitão se aproximou, compreendendo o desânimo que se instalara no rapaz. Era o esperável quando o objetivo parece ser cruelmente afastado, justo quando se está tão perto de alcançá-lo.

– Você dormiu? – perguntou o militar.

O rapaz meneou a cabeça. Diderot tocou-lhe no ombro e percebeu que não importaria o que dissesse, não convenceria uma mente cansada.

– Então durma – disse. – Está frio. Vá pra casa, limpe-se e deite-se. As coisas parecerão melhores quando tiver descansado e poderá ouvir sua própria voz ao invés de fazer eco de pessoas que só lhe querem mal.

Diderot saiu e contornou a casa. Ao tocar as rédeas de Rayure, ouviu o machado cantar sobre a madeira novamente. Respirou profundamente e seguiu seu caminho.

– Tudo bem, Rayure... – murmurou. – Uma hora ele, cansa.

E quando isso acontecesse, abatido pelo cansaço e pela derrota, daria um tempo a si mesmo e acordaria renovado. Então, poderiam conversar.

Constance estava encarregada dos primeiros passos de Prateada no mundo civilizado. Sua evolução era patente a cada dia que passava. Em antigas histórias sobre lobos que se transformaram em humanos, chamados Puros, alguns pareciam ter trazido uma natural habilidade em falar, mas, mesmo assim, levaram meses para concluir frases inteligíveis longas. Outros, no entanto, nunca dominaram totalmente a linguagem humana, tornando-se um tanto arredios. Alguns dos reis foram Puros e seus reinados seguiram os instintos primais. Os selvagens tiveram tempos de guerra. Os falantes tiveram tempos de negociação. No final, ambos os tipos não fizeram muito mais do que seguir os que os educaram e treinaram, seus clãs de origem, sua segunda família.

Prateada falava. No primeiro dia, juntou apenas duas palavras. Eram o bastante para informar o que precisava no momento. Nos dias seguintes, começou a se comunicar com palavras simples, nem todas ensinadas por Constance. A verdade é que ninguém sabia ao certo até onde a magia que a transformara ia. O fato era que ela falava.

Sua voz começou a ser ouvida pelo castelo, fazendo perguntas, comentários ingênuos e, por vezes, inconvenientes, e gemendo. Pouco tempo depois, descobriram que não estava gemendo. Estava cantando. Pediram que ela não fizesse mais isso... Era perturbador.

O primeiro hábito que teve que ser banido às pressas foi o de comer no prato como se fosse o último dia da Terra. Foram muitas horas gastas com talheres e pratos. E foram muitos frangos assados que não sobreviveram às aulas. Aprendeu a se vestir e a não correr nua por aí – isso também era perturbador. Como não tinha mais pêlos, aprendeu rápido a lição das roupas. Ensinaram-lhe a não correr desvairadamente pelo castelo, a não perseguir coelhos e esquilos, a não gritar cada vez que simplesmente se lembrasse de algo, a não rir alto com a boca aberta. Todas as lições visavam aproximá-la da civilização e distanciá-la da vida selvagem.

E com isso, dois meses se passaram. O tempo era precioso, pois o torneio seria dentro de menos de dois anos. Para Prateada, o dia era tomado pelo aprendizado. Não demorou muito, seu esforço foi diminuindo. Sua atenção parecia

estar sempre em algum lugar longe e sua voz, que havia se incorporado à rotina do castelo como o canto dos pássaros pela manhã, já não era mais ouvida. Seu desinteresse por tudo levou o caso à Lamayer que, ocupado com o relacionamento com a própria filha, concluiu que era cansaço e que a deixassem descansar por alguns dias, dando-lhe um merecido tempo daquele cansativo período.

Fizeram-lhe então sua comida favorita, mas o prato ficou pela metade. Deixaram que corresse pelos jardins do castelo, mas ela sentou-se nos bancos que rodeavam a fonte e lá ficou, parada. Raramente saía do próprio quarto, onde ficava na janela, olhando melancolicamente o horizonte constantemente cinza naquela época.

Constance entrou animada em seu quarto carregando alguns vestidos. Sabia que uma moça se animaria com roupas novas.

– Veja que lindas roupas foram feitas para você, menina!

A ama colocou tudo sobre a cama e escolheu o vermelho. Levantou-o diante de si, sorrindo enquanto admirava os detalhes em laços e finos babados de renda.

– Nunca a vi de vermelho! – comentou. – Vamos ver como fica?

Virou-se num movimento rápido e seu sorriso se desfez ao ver que a menina nem se movera. Continuava a olhar o mundo por trás da janela. Ao seu lado, uma bandeja com bolos intocados, frutas não mexidas e um copo de leite pela metade. Constance deixou os braços caírem.

– Ah, minha menina! – lamentou. – Está ficando magra e pálida! O que há de errado com você?

A moça se virou para ela de uma forma que ela mesma se entristeceu ao ver aqueles olhos que perdiam o brilho a cada amanhecer.

– Ama? Quando poderei ver Philippe?

Constance pareceu desconcertada. O Duque tinha deixado claras ordens de desconversar sempre que Prateada mencionasse este nome. O que dizer se a única coisa que ela queria era o que não poderia sequer ser mencionado?

– Em breve, criança! Não deve se preocupar com isso agora!

Prateada olhou para baixo, acostumada com a resposta que sempre ouvia. Então começou a se levantar.

– Isso, menina! – empolgou-se Constance. – Venha ver e experimentar esses vestidos! Tenho certeza de que ficarão lindos!

Prateada então passou por ela e caminhou para a porta. Constance a chamou e foi atrás dela, descendo a grande escadaria acarpetada, atravessando os salões e indo até a porta do escritório de Lamayer. Foi quando Constance se apavorou.

– Menina, aonde vai?! O Duque não gosta de ser incomodado quando está trabalhando!

Sem lhe dar atenção, Prateada abriu a porta sem bater e entrou sem ser convidada, interrompendo o que parecia ser uma discussão entre Lamayer e a filha. O Duque não pareceu feliz com a intromissão e a ama fez uma careta de pavor, tentando controlar a vontade de sair correndo e se esconder.

– O que é agora? – perguntou ele, em voz irritada.

– Quando? – perguntou Prateada.

– Quando o quê? – tornou o Duque, impaciente.

– QUANDO??? Me disseram que se fizesse tudo direito, eu poderia vê-lo!!! Tenho feito tudo certo!!! Quando poderei ver Philippe??? QUANDO???

– Em breve – respondeu Lamayer, secamente.

– Seu breve é longe! – voltou a moça. – Não quero mais esperar!

Constance tentava tirar Prateada da sala, puxando-a discretamente pelo braço.

– Vamos, menina! Vamos embora enquanto sua cabeça está sobre seus ombros!

Mas Prateada puxou de volta seu braço, soltando-se violentamente de Constance e continuou a encarar o Duque à espera de uma resposta.

– Não me provoque, menina!!! – gritou o Lamayer, fazendo todos se calarem.

Deu dois passos em sua direção e imprimiu-lhe seu olhar de reprovação pelo mau comportamento.

– Você o verá quando eu disser! Agora volte ao que estava fazendo!

Prateada baixou a cabeça. O silêncio na sala era tenso. O duque se virou sobre seus calcanhares e ia dizer algo, quando uma voz foi ouvida, baixa, mas firme.

– O senhor não tem palavra...

Ao ouvir as palavras que saíram da boca de Prateada, Constance teve certeza de que apenas uma situação drástica salvaria as pessoas naquela sala. Levou uma mão ao coração e outra à cabeça e, com um suspiro, caiu no chão.

– Constance!!! – Celine correu em socorro da ama, começando a abaná-la com um papel que estava sobre a mesa.

Lamayer se virou lentamente, não acreditando no que ouvira. Andou lentamente para a moça, que permanecia de pé diante dele, olhando-o nos olhos.

– O que você disse?

– Quem promete e não cumpre não tem palavra. Foi o que aprendi. O senhor prometeu. Fiz minha parte. Eu tenho palavra. O senhor, não – Prateada dizia palavras claras e firmes, imbuídas de uma honestidade constrangedora.

O homem atônito e furioso permanecia encarando a menina que sustentou o argumento e o olhar. Foram instantes de silêncio pesado, até que ele finalmente falou.

– Partirei amanhã numa viagem de alguns dias. Quando retornar, cumprirei minha parte do acordo, SE você retomar as aulas com Constance...

Ele olhou para a ama caída no chão.

– ...Se ela estiver viva. Levante-se, Constance. Está tudo bem.

A ama abriu um olho para certificar-se de que estavam todos vivos. Lamayer deixou a sala, levando consigo Celine, que ajudava Constance a se levantar.

– Vamos fazer os preparativos para a viagem e, antes de sair, verei como está se saindo.

Quando ficaram sós, Prateada comemorou, saltando e gritando, assustando Constance que ainda não se recuperara da tensão.

– Ele vai me deixar ver Philippe, finalmente!

– Claro! Claro! Devo admitir, menina! Você tem fibra! É como um bom cão de caça que não desiste nunca, mesmo quando a caça parece bem maior que a sua boca.

Prateada a puxou.

– Vamos! Me ensine o que eu tenho que aprender! Assim verei Philippe!

A movimentação no Château logo denunciou que o Duque ia se ausentar. Os bochichos logo começaram com suposições do que seria tão importante para tirar o Duque do Castelo. Sabiam que ele só o fazia para resolver assuntos de extrema importância, impossíveis de serem delegados a terceiros.

O Capitão ainda não sabia da viagem e conversava calmamente com Philippe, enquanto caminhavam pelo caminho da floresta que levava à cidade.

– ...E ela esbarrou no criado que trazia a bandeja e foi tudo ao chão. O criado escorregou e caiu. Constance teve um de seus ataques e desmaiou. Admito que aquele castelo nunca foi tão divertido!

Eles riram, divertindo-se com as bobagens de Prateada. Diderot observou o rapaz, que parecia ter se conformado em não ter mais sua amiga por perto. Nunca mais perguntara quando poderia vê-la, nem se aproximara do castelo novamente. Para alguém tão teimoso quando Philippe, era estranha essa súbita aceitação da perda.

– Sinto falta dela... – deixou escapar o rapaz, enquanto olhava para o caminho adiante.

– Eu sei... – anuiu o Capitão.

Ao chegarem na cidade, separaram-se. Philippe seguiu para a padaria em busca de pão, enquanto Diderot pegou o caminho para o castelo. Ao chegar, estranhou a movimentação de criados.

– O que está acontecendo? – perguntou.

– Ah, Capitão! – Fernand se alegrou em vê-lo antes de mandar buscá-lo. – Que bom que está aqui! O Duque deseja lhe falar antes da viagem!

– Que viagem?

Fernand já tinha dado as costas dando ordens para outra pessoa. Diderot seguiu para a escada e pegou o caminho do quarto do Duque. Encontrou-o com dois serviçais a arrumar um baú, enquanto Lamayer terminava de se aprontar diante de um grande espelho com moldura em ouro.

– Capitão! – exclamou Lamayer. – Que bom que está aqui!

O Duque virou-se para Diderot, aproximando-se.

– Vou fazer uma breve viagem, gostaria que ficasse responsável por tudo enquanto eu estiver fora.

– Mas... – estranhou Diderot – Não deveria ser Celine a tomar conta de tudo?

– Celine irá comigo.

Diderot fez um ar grave, pressentindo que tipo de hecatombe tiraria os dois do Château.

– Não faça essa cara de enterro, Diderot! Não é uma viagem de negócios, muito menos de política.

– Então... Sobre o que é?

Lamayer olhou em volta e, percebendo os criados, saiu do quarto e se pôs a andar pelos corredores.

– Minha filha está magoada por ter sido preterida na competição com a chegada de Prateada. Admito que não tenho lhe dado muita atenção e ela está se tornando uma... pessoa muito difícil!

– Entendo...

Lamayer desmontou um pouco, seu rosto demonstrando uma preocupação genuína.

– Amo minha filha, Diderot... Não esperava desapontá-la... Mas sabe que ninguém esperava o que aconteceu!

– Ninguém o culpa, senhor! Está fazendo o que é melhor para o clã e para o Château – concordou sinceramente o Capitão.

– Mas não estou fazendo o que é melhor para Celine... Ela passou a infância toda longe de casa para se tornar rainha e agora está achando que foi tudo em vão. Essa viagem é para deixá-la feliz e vai me dar a oportunidade de explicarlhe que as coisas não são tão ruins quanto parecem.

– Onde vai?

– Vou levá-la ao Château de Grenelle et Passy, onde ela estudou. Ela tem amigos lá e é próximo de Marselha. Poderemos fazer umas compras, coisa de que ela gosta muito.

– Compreendo, Jean... Vá em paz e aproveite o tempo com Celine. Vocês sempre se deram bem, é triste vê-los em pé de guerra. Tomarei conta de tudo, não se preocupe.

Vendo que Lamayer tinha outros afazeres, o Capitão se retirou. Quando já estava a alguns passos de distância, ouviu o Duque chamá-lo novamente.

– Há algo que queira que eu traga da cidade? – perguntou.

Diderot não demorou muito pensando.

– Não, senhor. O que eu quero, já pedi ao cigano. Ele trará em sua próxima visita, que não tarda. Mas agradeço a cortesia.

Num do grandes salões do castelo, Prateada aprendia com atenção.

– E você se inclina suavemente, como uma rosa ao vento...

E Constance fazia o gracioso movimento de reverência. Lamayer entrou sem que a moça o notasse e a viu se inclinar, ainda sem muito equilíbrio.

– Não encare a pessoa! – corrigia Constance. – Seu rosto deve se inclinar também, assim... Esse movimento é feito sempre que alguém importante se apresentar a você.

– Ah...

Então ela se virou para Constance e as amas e fez o movimento, que riram divertidas.

– Não, menina! Não a nós!

– Mas vocês são importantes!

Lamayer entrou rindo, entre a satisfação de vê-la aprendendo a se portar e a diversão de sua ingenuidade.

– Não, minha criança! Você só deve fazer reverência àqueles que forem superiores a você. Com a pureza de seu sangue, não há ninguém que mereça sua reverência além do próprio rei...

Ele a segura pela mão, percebendo com orgulho sua evolução.

– Você, minha menina, será uma rainha!

Naquela mesma tarde, Lamayer e Celine partiram, acompanhados de Pierre, o cocheiro, e de dois grandes cavalos castanhos. Despediram-se e os cavalos iniciaram a jornada. Levariam ao menos três dias para chegar, em bom ritmo e bom tempo. Era uma viagem cansativa, com algumas paradas pelo caminho, mas nada que o entusiasmo de Celine não diminuísse. Sentia saudades do que fora seu lar por toda sua infância e seu coração parecia tornar as patas dos cavalos mais ligeiras e a distância, menor.

Diderot acenou para a Duquesa e fez leve movimento com a cabeça para o Duque, dando-lhe um sinal de que podia confiar nele. Assim, a carruagem desapareceu no caminho por entre as árvores e todos voltaram aos seus afazeres no castelo. Diderot ainda ficou um momento parado, imaginando que era o momento perfeito para unir Philippe e Prateada novamente. Mas tinha que fazê-lo discretamente, de forma que as pessoas não soubessem o que fizera, ou atrairia para si e para Philippe a ira do Duque. Esperaria alguns dias. Seria mais seguro assim.

Philippe, cuja única fonte de informação era Emily e Diderot, nem soube que Celine e Lamayer haviam deixado o Château. Naquela noite, passara na casa do Capitão para deixar algumas ervas, pedidas por Emily. Recusou polidamente ficar para o jantar e voltou para casa. Emily, recostada no ombro do marido, acompanhou o jovem com o olhar.

– Ele parece tão triste... É como se tivesse perdido o brilho, o viço...

– É o que acontece quando nos afastamos do que verdadeiramente amamos – disse o marido. – Mas não se preocupe. Como a planta murcha que revive com a água fresca, ele logo recuperará o velho brilho de novo.

O dia seguinte chegou com as patas de um pangaré cinzento que arrastava atrás de si uma carroça repleta de quinquilharias. Um sino que tocava e o barulho de objetos que se batiam na carroça repleta de novidades anunciavam que era dia de comprar com Victor, o Cigano.

Um monte de pessoas, a maioria mulheres, se aproximaram, ávidas por pegarem os melhores tecidos, as melhores joias, as melhores bugigangas e novidades. Ravin e Albert se aproximavam em seus cavalos, curiosos com a movimentação.

– Este é Victor – explicou-lhe Ravin. – Vem de tempos em tempos com quinquilharias para vender. É ótimo se você quer impressionar uma garota. Elas adoram as coisas que ele vende!

– E aquele animal também está à venda?

Ravin esticou o pescoço. Por trás da carroça surgia um belo cavalo branco de crinas compridas. Seu porte não negava que era de raça e sua mansidão permitia que crianças o acariciassem.

Os dois rapazes se aproximaram, interessados no animal. Desceram de seus cavalos e averiguaram os dentes, todos perfeitos e indicando juventude. Ravin tinha muitos cavalos, assim como Albert, que os tinha na casa de seus pais, e aquele parecia um ótimo acréscimo à sua coleção.

– Quanto quer por este, Victor?

O cigano, de pele queimada pelo sol e um dente de ouro que aparecia num constante sorriso, aproximou-se e deu um tapinha amigável no belo cavalo.

– Lamento, amigo! Este já está vendido!

Ravin e Albert pareceram igualmente decepcionados.

– Eu pago o dobro! – ofereceu Ravin.

– Sinto muito. Já está pago. Só aguarda o novo dono vir buscá-lo.

Os rapazes ainda insistiram um pouco, mas foi em vão. Victor era homem de palavra e apesar de gostar muito de dinheiro, nunca deixou que esse comprasse seus valores. “Eu sou dono dele”, costumava dizer, “e não o contrário”.

Mais tarde, na hora do almoço, Philippe chegou à casa do Capitão, levando-lhe lenha. O inverno daquele ano estava particularmente persistente, o que gerava uma certa preocupação pela plantação. Se chovesse ainda mais, as plantas acabariam se afogando. Antes de bater na porta, porém, deparou-se com um lindo cavalo branco, sem sela, amarrado. O animal o olhou e raspou a terra com o casco dianteiro. Balançou a cabeça como se o chamasse. Encantado, o rapaz deixou a lenha no chão e foi até ele.

– Olá, rapaz! – sussurrou. – O que o traz por estas bandas?...

Acariciou o pêlo macio e sentiu a firmeza dos músculos. O cavalo se mantinha imponente, como se tivesse consciência de sua exuberância. As crinas e o rabo, um pouco mais amareladas, eram longas e macias.

– Gostou?

Philippe nem percebera a chegada de Diderot, tão entretido que estava com o animal.

– Nossa! É o cavalo mais lindo que já vi! – exclamou o rapaz, que não conseguia tirar os olhos dele.

– Que bom que gostou! O homem não aceita trocas!

Philippe demorou um pouco para entender. Então parou e se virou perplexo para o Capitão.

– O quê?

Diderot riu da surpresa estampada no rosto do menino e desamarrou o animal.

– É seu, criança – disse, entregando-lhe a corda. – Tome conta dele!

Philippe ainda ficou alguns segundos paralisado, boquiaberto. A alegria o atingiu e seu rosto se iluminou num largo sorriso. Em um salto, montou no animal e cavalgou. Ficou tão eufórico que se esqueceu de agradecer o presente e só se lembrou quando voltou de sua primeira volta.

– Parece que estou nas asas do vento!!!

Desceu do cavalo e apertou a mão de Diderot com entusiasmo, sacudindo-a alegremente.

– Obrigado! Eu nem sei o que dizer!

Diderot continuou a rir da empolgação espontânea e era especialmente bom ver o rapaz sorrir com alegria de novo. Philippe se voltara para o cavalo novamente, acariciando-o.

– Já tem um nome? – perguntou o rapaz.

– Hum... Que tal Branco? – Sugeriu Diderot.

– Poderia se esforçar mais! Que tipo de idiota daria um nome tão óbvio a um cavalo? – reclamou Phillippe.

– A propósito, é uma dama! – lembrou Diderot.

A égua relinchou, mexendo a cabeça em concordância.

– Então seu nome será... Alvorada! – decidiu Philippe.

– Nome estranho...

A égua colocou a cabeça no ombro do rapaz, como um cão.

– Mas a maior interessada parece ter gostado, então, quem sou eu para criticar?

Diderot precisava resolver alguns assuntos ainda e não pôde pegar a sela. Disse então ao rapaz que fosse até Horace, o ferreiro, para que este verificasse as ferraduras de Alvorada e que poderia pegar a sela que havia encomendado.

– Obrigado, Diderot! – disse Philippe, olhos brilhando sem conseguir tirá-los daquele inesperado presente. – Vamos, garota... E, por favor, não se transforme em nada...

A caminhada até a cidade tinha um brilho novo. Alvorada tinha um porte imponente e Philippe ainda não acreditava que ela era sua. Ter um cavalo era algo que nem passava mais em seus sonhos. Um cavalo era posse de cavaleiros e pessoas ricas, heróis e nobres. Um pobre coitado como ele jamais teria um, ainda mais um do porte de Alvorada. Foi até o ferreiro, um senhor de olhos claros e um ralo cabelo loiro que o atendeu com simpatia.

– Philippe, não é? – disse, parando um momento de bater numa espada. – O Capitão disse que viria.

Alvorada não precisava de ferraduras. Victor, o cigano, tinha feito realmente um trabalho completo. Horace foi buscar a sela e os arreios e ajudou o rapaz a colocá-las no animal. Tanto a sela quanto os arreios eram novos e dignos da beleza reluzente de Alvorada.

– Parabéns, garoto! – disse Horace, admirando o animal. – Está com um cavalo que faria inveja a um príncipe! O Capitão teve sorte do cigano ter vindo enquanto Lamayer estava fora, ou o Duque com certeza o queria para si.

– O Duque está fora? – perguntou Philippe, curioso.

– Sim, não soube? Vai passar alguns dias em viagem com a filha. Partiram ontem mesmo.

Philippe divagou um pouco, e então foi acometido por uma urgência. Mexeu nos bolsos.

– Quanto lhe devo, senhor?

Horace riu e fez um gesto com a mão.

– Guarde seu dinheiro, rapaz – disse. – Este é um favor para o Capitão e, pelo que ele falou, você merece.

Philippe agradeceu, sorriu-lhe e partiu. Tomou, no entanto, um outro caminho. Seu dia estava melhor do que conseguia se lembrar que um dia já foi e achou que podia, em compensação pelos dias ruins, que foram muitos, pedir um pouco mais da Divindade. Com Lamayer fora, talvez pudesse ver Prateada...

Chegou na lateral do castelo, onde podia ver sua janela. Pensou em ir até a porta e pedir para vê-la, talvez inventar alguma coisa meio maluca. Sua mente, no entanto, insistia em lhe mostrar o desfecho de sempre, com os guardas o expulsando dali. Antes que fizesse sua tentativa – porque tentaria assim mesmo – concentrou-se na janela, esperando vê-la. Viu um movimento e alguém veio e abriu as cortinas. Seu coração se acelerou. Algo dentro dele tinha certeza. Veria Prateada naquele dia!

A uma pequena distância, um grupo de rapazes aproveitava um dia sem chuva para um treino competitivo. Era evidente que Albert e Ravin logo se tornaram amigos, unidos talvez pelo sangue nobre e pelos mesmos pensamentos. Jacques, afastado por algum tempo por causa do ferimento no tornozelo, voltara a andar com os amigos, mas não falava muito. Carlo continuava disputando a atenção de Ravin, sentindo-se por vezes posto de lado pelo amigo de longa data.

Apenas três dos rapazes disputavam entre si com espadas. Ravin sobrepujou facilmente Jacques, que nunca foi agressivo o bastante para esse tipo de competição. Teve alguma dificuldade com Albert, que aprendera cedo e praticava desde então. Mesmo assim, a vitória de Ravin estava evidente.

– Vocês são uns molengas! – gabou-se Ravin, mesmo sabendo que Albert tinha lhe dado algum trabalho – Venci-os tão facilmente que nem suei!

– Você só não venceu a mim! – disse Carlo, armado com uma besta, sentindo-se excluído por não ser bom com espadas ou lutas de qualquer espécie.

– Como vou vencer você se não está com uma espada, imbecil?

– Besta é arma de covardes! – desdenhou Jacques – Só acerta se estiver longe!

Carlo apontou e disparou, dando um tremendo susto no crítico. Então, caminhou e pegou a flecha, fincada na árvore onde Jacques se recostava.

– Ficou louco, Carlo?! – reclamou Jacques. – Podia ter me matado!

– Então devia ficar calado!

Iniciaram então uma discussão que começou a se elevar, até que Ravin lhes chamou a atenção.

– Venham cá, seus palermas! Olhem só aquilo!

No jardim, muito próximo do bosque da lateral do castelo, Philippe estava de pé, olhando para a janela mais alta. Ele segurava o belíssimo animal que eles haviam visto amarrado à carroça do cigano e parecia indiferente ao vento frio e leve e às nuvens baixas que, vez por outra, brilhavam num relâmpago contido e mudo.

– Ah, vamos lá, gente... – disse Jacques, não vendo mais graça em perseguir o mestiço. – Deixem-no em paz...

Os rapazes se viraram para ele, sem entender sua atitude.

– O que houve, Jacques? – perguntou Ravin. – Ficou amiguinho do mestiço naquela noite?

– Só vamos conferir se ele não roubou aquele cavalo, que com certeza pertence a um nobre e rico cavaleiro – disse Albert. – É até uma afronta ver aquele mendigo andar ao lado de um animal daquele porte!

Não foi difícil se aproximarem dele despercebidos, tão concentrado que Philippe estava a fitar a janela. De fato, estavam muito mais perto do que seria seguro pra ele desde o começo, mas sua espera o deixava num lugar suspenso no tempo, imune aos sons, ao frio, ao vento e, infelizmente, aos perigos a sua volta.

– Belo cavalo, mestiço! – disse Ravin.

– Não é interessante saber que ele vale mais do que você? – provocou Albert.

Philippe saiu subitamente de seu transe e percebeu-se cercado pelos rapazes. Olhou para Jacques, um pouco mais afastado e apertou os olhos, com raiva e desapontamento.

– E então? – perguntou Ravin. – Quem é o felizardo que conseguiu comprar o cavalo do cigano?

Philippe poderia ter dito a verdade. Que foi o Capitão que o comprou. Isso poderia resolver a situação. Mas sentiu orgulho de ter algo tão belo e estava realmente a fim de uma briga. Olhava para aqueles rostos sem culpa e lembrava-se de sua última peça, de como o arrastaram amarrado em um cavalo, quase o matando. Tinha que admitir. Queria aquela briga.

– É uma égua, e é minha! – respondeu secamente, em alto e bom som, encarando Ravin, a poucos centímetros dele.

Ficaram todos sem ação. Olharam-se entre si e começaram a rir.

– A única forma de você ter um cavalo desses é roubando um! – disse Ravin, em gargalhadas.

Um soco explodiu em seu nariz, jogando-o pra trás. Os outros, surpresos com a reação inesperada de Philippe, levaram algum tempo para irem em socorro do amigo, estatelado no chão com a mão no nariz se enchendo de sangue.

– Eu nunca roubo! – disse Philippe, de pé para o rapaz caído diante dele.

Albert se jogou contra ele e Ravin se levantou com veias saltadas na testa. Os três engalfinharam-se entre socos e quedas, gritando imprecações e ofensas, num momento de puro ódio e ressentimento.

No quarto, Prateada tentava caminhar com um livro sobre a cabeça diante de Constance e Marguerite, uma jovem serviçal que ajudava a ama em seu treinamento para se tornar um ser humano socialmente aceitável. O livro caiu. Prateada virou-se para Constance ansiosa.

– Posso agora?

– Não, menina! – ralhou Constance. – Tem o dia inteiro para ver a janela! Primeiro, termine essa lição! Depois, pode fazer o que quiser.

– Mas eu quero agora!!! – insistiu a menina, dando saltinhos inconformados.

Constance desistiu. Do jeito que ela estava nervosa, nunca conseguiria andar com graça e leveza.

– Ah, que seja! – disse, movimentando as mãos sobre sua própria cabeça. – Pode ir! Não sei o que dá nessa menina que de vez em quando fica nessa agonia para ir ver a janela!!! Como se a paisagem fosse mudar...

Prateada correu pra janela do outro lado do aposento e encostou a mão na parede fria, enquanto empalidecia.

– Philippe...

Começou num sussurro. Então, repetiu-se, no ritmo da respiração, enquanto seus olhos se esgazeavam, dando-lhe, em questão de segundos, um ar meio louco. Foi quando as duas mulheres no quarto puderam compreender o que ela dizia.

– Philippe... Philippe... Philippe!!!

Era tarde demais quando entenderam o nome proibido. Assim que Constance se levantou, a moça passou por ela correndo, derrubando-a novamente no pequeno sofá. Repetia o nome para si mesma, como se fosse o objetivo de uma vida.

– Menina!!! – desesperou-se Constance, perseguindo-a juntamente com Marguerite. – Volte aqui! Não pode sair do castelo!!!

Prateada correu pelos corredores, sem dar ouvidos aos chamados. Marguerite tranquilizou Constance.

– Fique calma! Ela não vai conseguir passar pelos guardas da porta principal.

No primeiro degrau que seus pés descalços tocaram, seus cabelos se esvoaçaram. Num salto, foi ao quinto degrau e quando o tocou, seu corpo se impulsionou para frente, numa queda natural. Quando suas mãos tocaram o décimo segundo degrau, não eram mais mãos, mas patas grandes e brancas. As roupas ficaram pelo caminho e a enorme loba branca passou pelos guardas como um golpe de vento. Avançou pela verde grama, aproximando-se no tumulto.

Philippe parecia não sentir a desvantagem. Estava apanhando, isso era óbvio. Mas estava batendo na mesma proporção, o que estava irritando profundamente Ravin, cujo orgulho estava tão amassado quando sua própria cara. Albert percebeu que não conseguiriam detê-lo, se não fossem tomadas medidas drásticas e covardes. Conseguiu segurá-lo pó trás, imobilizando seus braços, e gritou para Ravin que lhe ensinasse logo uma lição. Ravin ergueu o punho cerrado, sentindo o gosto de sangue na boca, quando foi atingido violentamente por alguma coisa que se jogou contra ele pelas costas.

– Que diabo é isso? – gritou Albert, surpreso com o ataque inesperado.

– Prateada?? – Philippe via a loba se enroscar com Ravin numa luta feroz.

Jogou-se pra trás, imprensando Albert contra uma árvore. Este, surpreendido e sem forças, o soltou. Com um sorriso de puro contentamento, Philippe acertou-lhe dois socos rápidos, fazendo o outro escorregar pela árvore com a mão no rosto. Virou-se para Ravin e Prateada, que trocavam socos e mordidas, de acordo com as habilidades de cada um.

Foi então que ele parou. O rosto perdeu a cor rapidamente e o mundo pareceu paralisar.

– Parem! – gritou Jacques, que até então a tudo assistira sem se envolver.

A loba sobre Ravin olhou para frente e saltou para longe. Ravin procurou ver o que mudara toda a cena de repente. Parado a poucos passos dele, Philippe parecia congelado, como se tivesse visto uma aparição.

– Eu não quis... – murmurou Carlo, com ar assustado e a besta vazia. – Foi sem querer...

Foi quando Ravin olhou de novo e viu Philippe olhando para a seta enterrada entre suas costelas. Olhou novamente pra frente e, perdendo as forças, caiu sobre os joelhos, sentindo o mundo girar enquanto sua respiração se tornava mais difícil e sua mão sobre a flecha se tingia de vermelho.

Capítulo 15

Lágrimas e Sangue

Um grito desesperado de mulher foi ouvido e onde havia a loba, agora havia a mulher, que levantou-se e correu para o rapaz. Outros gritos femininos anunciaram a chegada das amas que corriam trazendo mantos para a dama nua. Jacques, paralisado até então como todos os outros, correu e tentou ajudar Philippe, mas este o empurrou bruscamente, com olhos raivosos.

– Saia daqui, seu cretino!!! Eu não preciso da sua ajuda!!!

Philippe então, num movimento abrupto, retirou a flecha de si mesmo, soltando um grito de dor. Sentiu a ponta arranhar uma costela e um gosto de sangue lhe veio à boca. Prateada tentava segurá-lo, mas ele se precipitou para frente, apoiando-se sobre uma das mãos enquanto tossia sangue.

– Seu idiota!! – disse Jacques, vendo a flecha manchada de vermelho caída ao chão. – Vai acabar se matando assim!

– Ótimo! – respondeu Ravin, limpando um rastro de sangue do canto da boca. – Um mestiço para nos envergonhar...

As amas chegaram falando e exclamando coisas que Prateada não entendeu bem e a cobriram com um manto. A moça, sem lhes dar atenção, tentava segurar o rapaz e percebeu, o coração em guerra, que não sabia o que fazer com o rapaz que sangrava. Precisava de ajuda, como precisou quando o encontrou inconsciente na floresta, depois de ter sido arrastado pelo cavalo de Ravin. Olhou em volta e viu os rapazes ainda parados.

– Me ajudem! – disse ela, os olhos apavorados diante de tanto sangue.

Os garotos se precipitaram para fazê-lo, mas Ravin, num movimento de braços, os deteve.

– Ninguém se mexe! – ordenou.

Os rapazes se entreolharam perplexos. Todos sabiam sobre a pena para quem derramasse inutilmente sangue de Lobos, mesmo que sangue mestiço. Ravin, no entanto, parecia tranquilo e certo de sua decisão de deixá-lo sangrar até a morte.

– Mas vão dizer que fui eu!! – disse Carlo, assustado.

– AGORA!!!! – gritou Prateada.

Os cabelos sobre o rosto e os olhos faiscando como uma fera na noite, Prateada subitamente pareceu assustadora. Jacques empurrou Ravin e passou, ajudando a moça a erguer Philippe. As amas chamavam por guardas, fazendo algum estardalhaço para pedir ajuda.

A alguns metros da porta do castelo, Diderot trocava informações com o guarda Alan sobre pequenos problemas ao leste da cidade e dava-lhe as últimas instruções quando os dois homens ouviram os gritos das amas. Ao se virar para ver o que era aquele tumulto, o Capitão viu as duas mulheres correndo em sua direção e, mais atrás, Prateada e Jacques trazendo Philippe. Uma grande mancha vermelha se estendia por parte do tórax e ele já demonstrava séria dificuldade em andar. O Capitão e Alan correram para ajudar.

– O que aconteceu? – perguntou Diderot, assumindo a posição de Prateada ao segurar o rapaz.

– Uma flecha! – respondeu Prateada.

– Foi um acidente! – explicou apavorado Carlo, que vinha com Albert logo atrás.

– Jacques! – disse o Capitão – Vá até a casa do Dr. Guidolet e mande-o vir correndo!

– Sim, senhor! – disse Jacques, enquanto Alan assumia seu lugar.

O rapaz correu ligeiro e logo desapareceu, enquanto os outros levaram Philippe para o lugar mais próximo, o castelo.

Diderot ouviu Philippe gemer e sentia que o rapaz estava enfraquecendo, o sangue caindo na terra em grandes gotas.

– Agente firme, rapaz! – disse. – Estamos quase lá! Você vai ficar bom.

Passaram pelos guardas que abriram as portas imediatamente vendo a emergência e, no salão de entrada, antes da grande escadaria acarpetada de vermelho, virou-se para Prateada.

– Prateada! Ache um quarto e prepare a cama!

Ela correu em saltos, vestida apenas com o manto que a cobria inteira. E desapareceu no corredor. As amas correram para buscar panos e água limpa e, antes de subir o primeiro degrau, Diderot percebeu que Philippe não conseguia mais se manter de pé. Fez um sinal para Alan para soltá-lo e ergueu- nos braços. O rapaz, sentindo dor, agarrou sua camisa com uma mão, enquanto a outra ainda segurava o ferimento na tentativa vã de deter o sangue. Diderot subiu rapidamente os primeiros dez degraus, quando se deparou com Fernand, que descia as escadas e barrou-o em seu caminho.

– Saia da frente, homem! – gritou Alan, fazendo um movimento brusco com a mão do sopé da escada.

– Lamento, Capitão! – disse o homem bem vestido. – Este garoto não pode ficar aqui! Vai contra todas as ordens do Duque! O senhor deveria saber!

Diderot arregalou os olhos, sem acreditar que Fernand poderia não estar entendendo o que estava acontecendo.

– Fernand! Esse garoto está se esvaindo em sangue! Saia da minha frente agora!!!

– Ele não pode ficar, Capitão! São as ordens! Não insista!

Alan começara a subir as escadas para resolver o problema, mas deteve-se com expressão atônita ao ver algo no alto da escadaria. Diderot pretendia enfrentar o homem diante dele, mas não podia deixar Philippe. Franziu o cenho, assumindo um ar ameaçador e antes que gritasse uma ameaça malcriada e tenebrosa, Fernand desapareceu de sua frente num grito.

Com a surpresa, Diderot encostou-se na parede e viu a monstruosa fera com mais de três metros saltar escadaria abaixo agarrada à Fernand. Alan, prevendo o desastre, saiu imediatamente do caminho e caiu para um lado. Os guardas da entrada, agora no salão com suas espadas em punho, detiveram-se sem ação. Ninguém ali jamais vira uma transformação bestial fora da Lua Cheia e em plena luz do dia. Era como ver uma fogueira dentro d'água.

A fera mostrava seus dentes brancos para um assustado Fernand, que gemia e chorava, vendo a morte naqueles olhos animalescos. O monstro abriu a bocarra imensa e preparou seu golpe num rugido apavorante, anunciando a todos o fim da vida daquele homem.

– PRATEADA, NÃO!!!! – gritou o Capitão.

Fernand fechou os olhos e quando os abriu, viu a fera ainda mostrando os dentes pra ele, mas detida pela ordem firme do Capitão. No entanto, ela ainda parecia em dúvida.

– Prateada!!! – tornou o Capitão. – Philippe precisa de você agora!

Ao ouvir isso, as orelhas voltaram a sua posição normal e a fera acalmou-se, mostrando um semblante natural. Saiu de cima de Fernand e, agora transformada na velha loba branca que todos já conheciam, subiu correndo as escadas, parando no alto, esperando o Capitão.

Ele terminou de subir as escadas e seguiu a loba que entrara num quarto. Quando ele entrou, a moça já estava de pé, metida numa camisola, perto da cama.

– É aqui – disse, apontando pra cama.

Diderot colocou Philippe na cama e olhou para Prateada.

– Menina, – disse, ainda apavorado com o que podia ter acontecido, – eu sei que você vai ter vontade, porque eu também já tive, mas haja o que houver, não mate ninguém! Tudo o que esse rapaz tem é você e se você matar um Lobo, ele não terá mais nada...

As amas entraram correndo no quarto com bacias e ânforas de água limpa. Philippe se contorcia de dor, rangendo os dentes e Diderot rasgou a camisa para limpar o ferimento. Era muito sangue e preocupou-se. Já tinha visto ferimentos como aquele. Jacques entrou com o Doutor Guidolet, trazendo sua maleta.

O médico inclinou-se sobre a cama e verificou o ferimento.

– Tem gente demais aqui – disse, com expressão séria, abrindo a maleta. – Saíam todos. Quero apenas Constance e Marguerite aqui para me ajudarem. Os outros devem sair.

Ergueu os olhos para Diderot.

– O senhor também, Capitão.

Relutante, Diderot se levantou e saiu, levando Prateada e Jacques consigo. A porta se fechou atrás deles, deixando-os sós com suas orações.

– Por que não posso entrar? – Insistia Prateada. – Eu sempre fiquei com ele!

– O médico está lá agora, Prateada – explicava-lhe novamente Diderot, sem perder a paciência. – Logo você irá ver Philippe.

– Estou cansada de ouvir isso!! – disse a menina, amuada. – Esse logo nunca chega!

Mesmo que não fosse o que gostaria de ouvir, Prateada aceitou – lá pela quinta vez – que não poderia ver Philippe até que o homem de óculos e cabelos cor de prata descesse. Depois de algum tempo, a sala mergulhou em silêncio. As notícias chegaram a Emily e ela foi ao castelo, se unir à pequena vigília que aguardava o desfecho daquele incidente inesperado. Prateada andava de um lado para outro e sempre parava aos pés da escada, com um olhar ansioso para o alto. Por duas vezes, tentou subir, mas a voz de Diderot a trouxe de volta.

As horas se passaram, lentas e pesadas. O frio aumentou e Emily se cobriu com o xale. Abraçou o marido, que olhava a janela.

– Ele vai conseguir... – sussurrou ela, apertando uma pequena cruz de braços iguais que trazia pendurada no pescoço.

Diderot apertou gentilmente a mão da esposa que o abraçava, enquanto viam a chuva fina cair do céu cinzento.

– Eu não devia ter dado o cavalo a ele... – murmurou ele, o rosto preocupado e carregado como as nuvens lá fora. – Devia ter imaginado que algo tão valioso lhe traria problemas... Devia ter pensado...

– Diderot, pare! – pediu-lhe a esposa, apertando-lhe o braço. – Não foi culpa sua. Se não fosse pelo cavalo, haveria outro motivo. Você sabe.

Ele pareceu se conformar e não disse mais nada. Ficaram na janela, esperando. Era só o que podiam fazer.

Quando mais tempo passava, mais Prateada ficava intranquila. Diderot sabia que ela tinha motivos. Se Guidolet estava demorando tanto, é porque a coisa

não estava boa. Depois de longa espera, Prateada se levantou e se colocou a postos, olhando atentamente para o alto da escadaria. No silêncio que envolvia a grande mansão, ouviu-se o destrancar de uma porta. O Dr. Guidolet surgiu em seu caminhar lento, mas firme, e olhou para as pessoas na sala, que, esperando uma resposta, levantaram-se. Ele ajeitou o óculos e desceu a escada.

– Ele vai ficar bom? – perguntou Prateada, enrolando pedacinhos de sua camisola com as mãos nervosas. – Eu posso vê-lo?

O homem deu um leve sorriso para ela.

– Pode ir vê-lo, mas não pode fazer nenhum barulho.

Prateada subiu as escadarias correndo e o sorriso de Guidolet parecia ter-se ido com ela. Com expressão fechada, caminhou até o meio da sala onde sentou-se numa cadeira próxima a uma mesa.

– A flecha se alojou entre as costelas. Fez um estrago maior quando saiu do que quando entrou. Atingiu um pulmão e eu fiz o que pude.

– Ele vai viver? – perguntou Jacques.

O médico verteu um pouco de água num copo e bebeu. Então olhou para os três que esperavam algo que ele não podia lhes dar: certeza.

– Eu não sei... Se ele não perdeu sangue demais, se não houver complicações, se a febre ceder...

– Tem muito “SE” aí!... – Diderot parecia finalmente perder a paciência.

O médico o olhou com uma certa ternura, um olhar diferente de sua constante indiferença.

– Vamos esperar – disse Guidolet. – Serão dias difíceis...

Doutor Guidolet ficaria no castelo até que Philippe melhorasse. Constance mandou que lhe preparassem um quarto ao lado do quarto de Prateada, onde estava o rapaz. Quando Diderot e Emily puderam subir para vê-lo, Jacques ficou no grande salão. O Capitão se virou lentamente, chamando-o. O rapaz baixou a cabeça por um minuto.

– Não, obrigado – respondeu. – Eu já acabei aqui. Devo voltar pra casa.

E deixou o castelo. Diderot, abraçado à esposa, subiu calmamente as escadas.

– Um passo de cada vez... – murmurou...

O quarto estava à meia luz e Emily não conseguiu ficar muito tempo. Tinha também se apegado ao rapaz mais do que pretendia e não suportou vê-lo tão pálido, entregue a uma cama triste. Ver o rosto de Prateada, olhando-o ansiosa esperando qualquer movimento, transformando-se em tristeza e desesperança, partia-lhe o coração de tal forma que teve que sair ao sentir as lágrimas se

aproximarem. A ama retirou os panos manchados de sangue e também deixou o quarto.

Prateada estava sentada no chão, os cabelos desgrehados, o rosto tenso e os braços sobre a cama de Philippe. Diderot sentou-se na cama, ao lado dela. Philippe estava com uma nova roupa, um camisolão, mais novo do que qualquer coisa que ele provavelmente já tenha usado. Os cabelos haviam se soltado na luta e cobriam os ombros e parte do travesseiro. Estava pálido e a respiração parecia difícil. Diderot pousou as mãos sobre a cabeça de Prateada, que mantinha os olhos fixos no rapaz.

– Ele vai ficar bom... – disse a moça, com voz fraquejante.

Ela olhou para o Capitão, os olhos cheios d'água e o rosto cheio de medo, mas ainda assim, lá no fundo, com aquela esperança cega e determinada à qual se agarrava como um náufrago à uma tábua.

– Porque ele prometeu... que nunca me deixaria...

Diderot sentiu o coração se apertar e os olhos brilharam. Olhou para o nada e conteve o pranto. Não derramaria uma lágrima, a não ser que perdesse as esperanças. Quando a primeira lágrima caísse, saberia que levou consigo sua última cartada: a fé.

A noite foi fria e chuvosa, mas passou. Veio o dia, ainda frio, ainda com chuva. E ele também passou. No dia seguinte, o médico examinava o rapaz, que ainda não havia aberto os olhos. A febre continuava, insistente como o inverno que ser recusava a ir embora. Ordenou que se colocasse compressas frias sobre sua testa, a fim de detê-la.

No segundo dia, sua expressão era de preocupação e pesar. A febre aumentara e o rapaz não acordara, nem por alguns instantes. Sem alimentar-se, aumentava sua fraqueza e mais difícil se tornava sua recuperação. O médico deixou o quarto, permitindo que Prateada voltasse a seu posto ao lado da cama. Encontrou Diderot na porta, esperançoso por boas notícias. O médico lançou-lhe um olhar de reprovação paterna.

– Não devia ter se apegado a este menino, meu filho...

Diderot sentiu que isso não podia ser o início das boas notícias que esperava. Sorriu, infeliz.

– É um pouco tarde agora...

O médico suspirou. Não gostava quando se importava demais com seus pacientes. Interferia em seu julgamento e aprendera que sua profissão era um simples adiamento do inevitável. Era assim que gostava de pensar. Era o que o

mantinha são quando fazia tudo certo e, mesmo assim, o paciente partia para sua grande jornada.

– É melhor preparar a menina...

O médico saiu e Diderot ficou na porta com o coração mudo e um peso sobre o peito. Olhou para dentro e viu Prateada em sua devoção canina esperando que Philippe acordasse. Viu-a colocar a bonequinha entre as mãos de Philippe e voltar a deitar a cabeça sobre os lençóis, o rosto virado para ele. Sentiu as lágrimas lhe subirem, mas deteve-as. Mesmo com as palavras pessimistas do doutor, o rapaz ainda respirava. Enquanto houvesse um bater de coração, haveria esperança, mesmo débil e frágil como uma pétala. Ainda assim, não estava pronto ainda para perdê-la.

Capítulo 16

Um sábio conselho

Era pra ser um passeio pelas paisagens do Château de Grenelle et Passy, mas o clima dentro da carruagem estava mais frio do que lá fora. Era o primeiro dia depois de uma longa viagem em que pai e filha não conseguiram entrar num acordo sobre quem conseguiria aborrecer mais quem. Assim, depois de algumas farpas e malcriações de ambos os lados, estavam ambos em silêncio fingindo ver a cidade e seus atrativos. Lamayer, emburrado de um lado e Celine, emburrada de outro, ambos de braços cruzados e narizes empinados, num interessante espelho familiar. O Château de Grenelle et Passy era um dos maiores dos Lobos, uma cidade muito próxima de Marselha e que emprestava desta bela cidade brilho e riquezas, cultura e diversão, e alguma tolerância para visitantes e mercadores humanos.

Mesmo assim, o brilho natural da cidade, onde até o clima era melhor, não conseguia aquecer aqueles humores. Cansado do silêncio daquele beco sem saída, Lamayer foi o primeiro a falar.

– Está sendo infantil, Celine!

– Eu ia ser a rainha!! – retrucou a moça, irritada.

O pai suspirou. Voltara à estaca zero. Inclinou-se para a filha com olhar gentil.

– Você *poderia* ser uma rainha, Celine! – disse, em voz suave e complacente. – É diferente! Você seria nossa representante na competição, tinha uma chance.

A moça sentiu os olhos lacrimejarem. Nunca desejara tanto algo que lhe fora tirado tão bruscamente. Sabia que seu pai tinha razão, mas era difícil aceitar essa derrota.

– Agora não terei chance nenhuma... – disse, infeliz.

– Você sabe que Prateada tem muito mais chances, não sabe?

Ela amarrotou o vestido crispando as mãos nervosas.

– E eu? – lamentou, num problema sem solução. – Eu me preparei a vida toda para a competição! Que faço agora?

O Duque segurou nas mãos dela, dando-lhe uma segurança de que ela estava precisando.

– Você governará, minha pequena!

A moça o olhou sem entender.

– Pense, Celine! – disse ele, com um sorriso astuto no rosto. – Você tem a educação e a *finesse* que Prateada jamais terá. Podemos treiná-la e ensiná-la para sempre e ela será o que sempre foi: um animal. Nós precisamos dela para chegar ao trono, mas não será ela quem governará de fato. Você, minha cara, com toda sua inteligência, cultura e graça será a conselheira pessoal da rainha e, através dela, fará o que for melhor para nosso povo.

O rosto de Celine ainda tinha as lágrimas, mas seus olhos já não estavam mais tristes ou frustrados, pois viajavam por um mar de possibilidades que se abria num caminho inesperado. O pai pegou um lenço de seda e secou seu rosto.

– Guarde suas lágrimas, minha menina... – disse. – Você está mais próxima do trono do que jamais esteve.

Passaram-se três dias e três noites de chuva, num inverno que começava a se tornar um convidado inconveniente. A expectativa continuava e a vida seguiu sua rotina. Mesmo o Capitão precisou resolver algumas pendências, passando no castelo sempre que podia. E sempre que o fazia, encontrava tudo da mesma maneira. Philippe, sem melhoras. Prateada, vivendo de esperanças.

– Ela comeu? – perguntou Diderot, observando a menina da porta.

– Não... – respondeu Constance. – Tenho tentado fazê-la comer, mas ela não se afasta dele por nada. Disse que só comerá quando ele comer.

Diderot suspirou longamente. Então, voltou ao trabalho, esperando o melhor, embora temesse, cada vez mais, o pior.

Os pequenos assuntos do Château já não prendiam sua atenção. De pequenas disputas comerciais a pedidos de favores, o Capitão empurrou tudo o que pôde para Alan e Eponin, seus homens de confiança, e retornou rapidamente ao castelo. Aproximou-se do leito onde Prateada dormia aninhada a Philippe. Sentou-se com cuidado para não acordá-la e tirou-lhe do rosto uma mecha cor de prata, imaginando se ela suportaria a perda. Era um pensamento agourento que tentava manter longe da mente, mas que o rondava sorrateiramente a cada volta completa dos ponteiros do relógio em que Philippe não demonstrava nenhuma melhora. Tocou na testa do rapaz e sentiu-a muito quente. Pegou um pano dobrado que repousava sobre a cabeceira e mergulhou-o na pequena bacia de água fresca. Apertou-o nas mãos, deixando que o excesso ficasse. Pousou a compressa sobre o rosto do rapaz e percebeu que seu rosto relaxou, como se estivesse saindo de um pesadelo para um sonho mais suave. Durante o resto da tarde, Diderot sentou-se numa poltrona próxima ao leito imóvel e ficou a observar Prateada deitada ao lado de Philippe, enquanto a chuva continuava lá fora.

Já era noite quando acordou de um breve cochilo. Levantou-se e acendeu uma lamparina. Olhou em volta. Prateada agora estava sentada no chão, debruçada sobre a cama, observando Philippe e segurando sua mão. O Capitão levantou-se e foi até ela.

– Desça para comer um pouco, menina... – disse, afagando-lhe os cabelos despenteados. – Há dias não come nada.

– Não, obrigada... – respondeu ela, num fio de voz. – Não tenho fome...

Diderot suspirou. Então, deixou o quarto.

Saiu com cuidado e fechou a porta o mais silenciosamente possível. Quando a madeira escura tocou o batente, percebeu sons de passos se aproximando. Quando levantou os olhos, se deparou com Lamayer, seguido de perto por Fernand e Celine. Pela expressão do Duque, percebeu logo que Fernand, um tanto sumido durante aqueles dias, já tinha feito um relatório completo do que acontecera na sua ausência. Mesmo assim, não conseguiu evitar a surpresa quando se deparou com o Duque, que o encarava na porta do quarto. Diderot não disse nada, demonstrando em sua surpresa que sabia que havia ido contra a vontade de Lamayer.

– Eu bem que tentei avisá-los que o senhor não gostaria – disse Fernand, – mas eles não me ouviram!

Lamayer encarou o Capitão por um segundo. Então, empurrou-o levemente para que saísse do caminho.

– Sua afeição por esse menino ainda vai ser sua ruína, Diderot – disse, secamente, enquanto abria a porta.

O quarto, mergulhado na luz amarelada do lampião, estava em completo silêncio. Na cama, Philippe jazia imóvel. Ao lado de sua cama, de frente para a porta, Prateada se mantinha debruçada, sentada no chão. Lamayer deu um passo a frente e foi quando viu melhor. Os braços dobrados da moça escondiam metade de seu rosto, mas seus olhos estavam cravados nele como a mira perfeita de um predador oculto nas sombras. Nada no quarto se mexia, a não ser o tremular da chama da lamparina. Lembrou que já vira aquele olhar em predadores na hora da caça, em homens na luta pela vida e em cobranças de dívidas de sangue.

O Duque deu um passo para trás e deixou o aposento, fechando calmamente a porta.

– Quero-o fora daqui assim que puder andar – ordenou ao Capitão, sem encará-lo.

Celine, que até então ouvira tudo curiosa e calada, recebeu um olhar duro do pai e se retirou. O Duque foi a seguir, seguido por Fernand.

O dia seguinte não trouxe nenhuma novidade e o castelo retomou sua rotina. Lamayer não tocou no assunto com Diderot, que esperava ouvir gritos por uma semana. Em sua sala, onde Fernand o acompanhava num chá, chamou Constance para perguntar-lhe sobre o aprendizado de Prateada. Ficou desapontado quando a ama afirmou que não haveria a menor chance daquela moça sair do lado daquele rapaz. O Duque virou-se, conformando-se. Dispensou Constance e saiu em seguida, caminhando pelos corredores.

– Logo esse rapaz irá embora e poderemos voltar à rotina... – disse, sem muito entusiasmo. – Temo que esse atraso nos prejudique, mesmo sabendo que ela estava indo muito bem.

– O melhor seria se o mestiço morresse de uma vez – comentou Fernand, que o acompanhava. – Seria um triste acidente, mas resolveria todos os nossos problemas!

– Já ia me esquecendo. Quando chegamos, havia um tronco caído no caminho. Está numa posição perigosa, não quero acidentes. Providencie a remoção.

– Sim, senhor!

Fernand fez uma rápida reverência e saiu.

– Que homem sem visão é Fernand... – disse uma voz conhecida, atrás do Duque.

– Ah... – disse Lamayer, não se espantando em encontrar Diderot. – Capitão!... Ao menos uma coisa boa nesse incômodo todo é ter sua presença mais frequentemente no castelo.

Os dois homens se puseram a andar sem pressa. O corredor era acarpetado, assim como a grande escadaria de mármore. As paredes eram cobertas com quadros de paisagens maravilhosas, pessoas importantes e esculturas de animais selvagens espreitavam quem passasse, como se estivessem vivas.

– O que quis dizer sobre Fernand não ter visão? – perguntou o Duque, curioso.

– Ele acredita que a morte de Philippe resolverá seus problemas com Prateada...

Lamayer o olhou intrigado.

– Não é um pensamento que demonstre compaixão – retrucou, – mas não deixa de fazer algum sentido – respondeu o Duque.

Diderot sorriu.

– Poderia ver uma coisa comigo? – perguntou.

Lamayer concordou e os dois homens chegaram à porta do quarto de Prateada, onde Philippe permanecia sob cuidados. A porta estava entreaberta e

Diderot a empurrou levemente para que o Duque pudesse ver melhor. Doutor Guidolet, com a mão pousada sobre o peito nu do rapaz, tentava verificar se a respiração estava melhor, enquanto as amas trocavam a compressa. Próxima, Prateada observava atentamente cada movimento do médico, olhando, ora para ele, ora para Philippe, como se esperasse uma recuperação milagrosa.

– Olhe para ela, Jean... – disse Diderot, falando ao homem ao seu lado, não como ao Duque, mas ao amigo. – Veja como ela olha pra ele... Se o coração de Philippe parar, o de Prateada parará também. Em um minuto, um dia ou uma semana, ela morrerá no exato instante em que ele deixar partir seu último suspiro... Sei que gosta da menina, Jean, por mais que tente se esconder por trás dessa máscara de frieza e distância. Se ela é importante pra você como acho que é, deve rezar e torcer para que Philippe viva, pois será a única maneira de mantê-la viva também...

Prateada dormia no lugar de sempre, sem jamais abandonar sua incessante vigília. Sentada no chão, apoiada sobre a cama, ouviu os pássaros cantarem as boas-vindas à manhã. Abriu os olhos lentamente e viu a janela iluminar alguém que estava de pé, olhando a paisagem. Piscou algumas vezes e levantou a cabeça devagar. Na janela, Philippe se virou para ela num largo sorriso.

– A vista daqui é linda!

Estava corado e os cabelos estavam penteados e presos no habitual rabo-de-cavalo preso nas pontas com uma fita. Prateada o viu iluminado pela tênue luz matinal e começou a se levantar, quando sentiu que sua mão tocava algo quente. Virou-se para ver o que era e percebeu que ainda segurava na mão de Philippe, na cama...

Tomada pela perplexidade, olhou novamente para a janela. O rapaz estava lá, olhando longamente para a janela. Voltou a olhar para o leito e o jovem, abatido e magro, ainda lutava contra a febre. Na janela, Philippe olhou para ela e sorriu. Seus olhos a cobriram com a ternura que sempre nutrira por ela. Prateada ficou suspensa por momentos que se estenderam indefinidamente naquele sorriso e naquele olhar, sentindo o peito doer com o que achou ser uma forma do amigo de lhe dizer adeus.

Os pássaros momentaneamente se calaram, mergulhando aquele momento num silêncio solitário. E então a imagem dele se desvaneceu, misturando-se com a luz da manhã.

Prateada levantou, atordoadas, e começou a sacudir o jovem no leito.

– Acorde! – disse ela, chorando. – Acorde! Você não vai me deixar! Você prometeu! Acorde!

E caiu de joelhos, soluçando, banhando os lençóis com lágrimas doídas. O peito parecia ter se partido em milhares de pedaços. Os dias sem comer e as noites sem dormir, o coração sempre em suspenso à espera de uma melhora e o medo que se acercava dela, acenando-lhe com a perda que não poderia suportar, finalmente cobravam seu preço. O desespero invadiu-lhe a alma, deixando a esperança partir finalmente em asas lúgubres de uma mariposa que voa para a própria morte na luz. Imaginou a vida sem Philippe. Vivera até então sem ele porque sabia ser temporário. Sabia que ele estava vivo lá fora e que logo se encontrariam. Agora, no entanto, tudo mudara. Se ele partisse, seria para sempre. E para sempre é muito tempo pra se viver sem quem se ama. Ele não estaria mais lá fora, e não importaria mais o que fizesse ou as promessas que cumprisse, não o encontraria mais.

Tudo lhe pareceu ruir. O pranto de criança invadiu o quarto e seu mundo pareceu vazio. Como viveria sem ele? Como viveria sem a razão de seu viver? Que injusto, que injusto!... Não teria lembranças dele com ela como uma humana. Que tempo perdido! Que tempo roubado!... As mãos crispavam-se no lençol enquanto soluços sentidos eram levados pelo vento num pedido de tempo. Era tudo o que queria. Tempo com ele.

Então, sentiu um afago cálido. Arregalou os olhos, suspendendo os soluços e a respiração, temendo estar sendo pega em mais um truque dos sonhos. Teve certeza. Alguém lhe afagava os cabelos com a delicadeza dos pássaros.

Ergueu a cabeça e viu seus olhos abertos, um esboço de sorriso e a vida retomando a cor.

– Olá, minha Prateada... – disse o rapaz, com certo esforço.

Prateada repuxou os lábios enquanto lágrimas pesadas caíam. Quando soluçou, o fez rindo, tomando a mão que lhe afagava e cobrindo-a de beijos. E os pássaros voltaram a fazer seu burburinho nas árvores próximas.

– Ainda inspira muitos cuidados... – dizia o Doutor. – Mas estamos indo muito bem.

Prateada estava feliz, mas ainda não conseguia deixar Philippe. Diderot sentou-se um momento ao seu lado na cama.

– Você me preocupou! – disse o Capitão.

– Eu também fiquei preocupado! – respondeu Philippe, com voz cansada.

– Descanse – ordenou Diderot. – Ainda tem um longo caminho até sua recuperação.

Deixou o quarto, encontrando-se com Constance e Marguerite que entravam com duas bandejas. Respirou aliviado, sabendo que teria boas notícias para contar à Emily.

Era hora do almoço quando Jacques entrou correndo na taberna, onde Ravin, Carlo e Albert comiam um pernil. O rapaz sentou-se na mesa, juntando-se aos amigos.

– Ora, vejam se não é nosso amigo vira-casaca! – zombou Ravin. – E então? Como está seu amigo mestiço?

– Ele não é meu amigo, Ravin, só não queria que Carlo fosse a julgamento por tê-lo matado! – Defendeu-se Jacques.

Albert riu, levando o copo de vinho aos lábios, enquanto Carlo se inclinava para saber mais.

– E então? – perguntava o jovem interessado em seu futuro. – Como ele está?

– Acordou hoje de manhã – contou o outro. – Está meio fraco, mas acham que ele vai ficar bem!

Carlo respirou aliviado.

– Graças à Deusa! – disse, olhando para frente, imaginando o que poderia ter acontecido se o jovem tivesse morrido. – Eu poderia ser condenado à morte por matar um membro da Alcateia.

– Essa estúpida Lei dos Lobos... – murmurou mau humorado Ravin, bebendo o último grande gole de sua caneca. – Ei! Mulher! – gritou. – Mais vinho!!!

– É a Lei, Ravin! – disse Albert. – Por mais que eu também não concorde com mestiços sujando nosso sangue, Jacques tem razão. Poderia ter sido muito ruim se ele tivesse morrido, especialmente para Carlo!

– Já foi arriscado não obedecer à Prateada quando ela pediu que ajudássemos! – lembrou Jacques.

Irritado, Ravin bateu com a caneca vazia sobre a mesa.

– Pro inferno com ela!!! O que ela sabe? É só um animal que aprendeu a andar em duas pernas e a fazer truques! Que tipo de sociedade somos nós que se curva para alguém que há pouco andava de quatro e corria atrás de esquilos?!

Uma mulher de decote generoso e grandes seios levou mais uma jarra de vinho para a mesa e Ravin pareceu se acalmar, embora fosse patente seu mau humor com a notícia da melhora de Philippe.

– Diga-me uma coisa, Ravin... – falou Albert. – Está zangado assim por Prateada ter sido um lobo ou por ter sido o lobo de Philippe?

Ravin não respondeu. Tomou um gole de vinho e pegou um pedaço de carne.

– Não faz a menor diferença que ela tenha pertencido ao mestiço... – concluiu. – O ontem não conta mais. Agora, ele não terá mais importância nenhuma, pois se ela não se livrar dessa mancha do passado, não chegará nem perto do trono...



Três semanas se passaram e a melhora de Philippe devolveu à Prateada o apetite e a vontade de falar pelos cotovelos. Diderot entrou no quarto, esperando

vê-la e estranhou chegar à porta sem ouvir sua voz. Ao entrar, viu Philippe na janela, sozinho.

– O que está fazendo?! – ralhou.

O rapaz se virou sorrindo e começou a voltar para a cama, com dificuldade e a mão sobre o ferimento.

– Diderot! – disse, feliz em ver o amigo. – Como está?

O Capitão correu e ajudou-o a voltar para a cama.

– Não deveria sair da cama! Sabe disso!

– Desculpe... Eu só queria ver lá fora... Sabia que a vista dali é linda?

Diderot devolveu-o à cama e jogou-lhe as cobertas por cima.

– Não abuse! Você ainda não está bom!

– Estou ótimo! Nunca tinha sido tão bem tratado! Já viu como esses travesseiros são macios? Nem sei como vou conseguir dormir na minha cama de novo... Acho que vou tacar fogo nela, aquela velha coisa torta!

O Capitão olhou em volta e percebeu que o silêncio continuava.

– Onde está Prateada?

– Não sei... Disse-lhe para ir tomar ar... Ela parece meio tristonha hoje...

O Capitão sabia que Prateada gostava dos jardins do castelo, onde havia flores bem cuidadas e arbustos bem cortados. Alguns bancos de pedra espalhados pelo jardim eram um convite em dias de Sol, quando se podia ver as borboletas em seu balé e os pássaros tomando banho no chafariz. Era um dia frio e cinzento, como quase todos daquele inverno, e Prateada estava sentada num dos bancos. As pernas dobradas e o corpo inclinado sobre o encosto do banco faziam o desenho de uma figura infeliz. Diderot se aproximou. Não havia razão para ela estar triste. Afinal, Philippe estava fora de perigo e aquele ar melancólico dela não parecia em nada com a euforia que a arrebatou quando ele abriu os olhos. A menina saltou em seu pescoço e quase o estrangulou. Então, correu e gritou por todo o castelo, dançou com as amas, abraçou Lamayer e saltou diante de Celine. Depois, foi até a cozinha e devorou tudo o que pôde encontrar que não se mexia.

Sentou-se ao lado dela, que olhou para ele com olhos tristes.

– O que houve, criança?

– Em alguns dias, ele terá que ir embora. Eu o perderei novamente... Eu... acho que não queria que ele ficasse bom... Isso é horrível, não é? Eu sou horrível...

– Não, minha pequena... – respondeu ele, sorrindo comovido e afagando-lhe a cabeça. – Você não é má...

– Não quero que ele vá, Diderot! – disse a menina, como se a simples ideia de viver sem ele lhe provocasse dor física. – Os dias sem ele são como um prato

vazio e meu coração fica como um ninho, quando os passarinhos já se foram! Por que preciso ser rainha?

O Capitão, então, olhou em volta, certificando-se de que estavam sós e que não haviam ouvidos alcoviteiros por perto. Inclinou-se para ela.

– Prateada, ouça bem o que vou lhe dizer agora – disse, baixo e sério. – É importante. Você é a possível futura rainha da Alcateia. Terá muitas responsabilidades, muitos deveres, muitas coisas serão cobradas de você. Ainda terá que aprender muitas coisas, seus dias serão cheios de compromissos e coisas enfadonhas...

Prateada baixou a cabeça como se tivesse ouvido a confirmação de uma sentença. Diderot fez uma pausa e, segurando o rosto dela, fez com que ela olhasse novamente pra ele.

– Você tem muitos deveres... Mas também tem poder. Sua vontade será atendida pelo simples fato de você ser quem é.

A menina o olhou surpresa e seus olhos subitamente se acenderam. O Capitão sorriu, percebendo que a mensagem havia chegado ao destino.

– Entendeu?

Era hora do almoço. Lamayer, Celine e Fernand conversavam animados sobre o evento que apresentaria Prateada oficialmente ao mundo. Um grande baile seria oferecido e nobres dos Châteaux mais próximos seriam convidados. Não seria uma festa qualquer, mas uma festa de grandes proporções que exigiria muito planejamento. Celine ainda falava sobre as flores que poderiam usar pra decorar todo o castelo quando Prateada entrou decidida.

Todos olharam para ela, que ao invés de sentar-se à mesa, encarou-os com expressão determinada. Só não sabiam determinada a que.

– Muito bem! – disse ela, firmemente. – Eu tenho umas coisas a dizer! Até agora, ninguém me perguntou o que eu quero, só me disseram o que fazer! Então eu vou dizer o que eu quero! Primeiro: eu quero Philippe aqui! Se ele for, eu vou junto! Não o quero trabalhando que nem um burro. Eu fui na cozinha! Tem comida o bastante pra todos aqui e ele não come tanto assim! Também andei pelo castelo! É grande e tem muitos quartos e muitas camas macias! Ele cabe em qualquer um deles! Segundo: eu quero que o tratem bem! Morderei qualquer um que não o tratar bem! E terceiro...

As pessoas na mesa a olhavam estáticas. Ela parou um momento e então, olhando para a mesa, apontou para um grande pato assado sobre uma bandeja.

– E terceiro: eu quero essa coxa!

Ela arranca a coxa do pato e a ergue vitoriosa. Então, como ninguém respondesse, enfiou a coxa na boca e saiu da sala tão determinada quanto entrou. Na mesa, ninguém se movia, até que Fernand quebrou o silêncio.

– Alguém vai querer a outra coxa?

Capítulo 17

Por ela

Quando o inverno chegava, todos tinham a impressão de ele que nunca mais iria embora. Naquele inverno, algumas pessoas chegaram a ter certeza de que nunca mais pararia de chover e que alguém deveria começar a pensar em construir uma grande arca. Mas a verdade é que, uma hora, parou de chover, e, quando estavam todos distraídos, o inverno foi embora e a primavera chegou.

Colorida e perfumada, ela se espalhou pelas colinas e pela floresta, pelo bosque e pelos jardins do Château. Instalou-se como se a casa fosse sua e era possível acreditar que ela sempre vivera ali e nunca mais partiria. Quando alguém contava os dias, percebia que faltava pouco mais de um mês para que aquela feliz visitante desse lugar ao Verão, mas logo uma revoada de pássaros e borboletas distraía os contadores de tempo.

O castelo estava iluminado pelo sol que entrava pelas janelas abertas e ouvia-se um zumbido de abelhas, revelando alguma colmeia muito próxima. Eventualmente, uma entrava e pousava num dos vasos de flores que enfeitava as salas e corredores, por onde passava aflita Constance.

– Prateada!!! Prateada!!! Onde se meteu essa menina?...

Celine tocava cravo – e tocava belamente – numa rica sala onde os nobres costumavam se reunir depois de grandes jantares. A ama entrou com seu rosto redondo cheio de expectativa.

– Duquesa! Viu Prateada? Ela estava estudando há pouco. Bastou que eu deixasse o aposento por um minuto e ela sumiu!

– Philippe estava com ela? – perguntou a moça, sem tirar a atenção da pauta diante de si.

– Que pergunta, menina! Philippe está sempre com ela!

Constance já se virava para sair quando Celine parou de tocar, deixando a música pelo meio. Ia sugerir à ama que procurasse por Philippe e encontraria Prateada, mas percebeu o quão óbvio era seu conselho com a reação natural de Constance. Não haveria outro lugar para Prateada estar senão ao lado de Philippe. Levantou-se e foi até a janela. Já se passaram meses desde o incidente que levara Philippe ao castelo e, desde então, Prateada não progredira em seu treinamento. Na verdade, ao seu ver, parecia que ela tinha regredido. Não se cuidava, jamais usava um pente e vestia-se com roupas que pareciam as usadas pelas criadas. Dizia serem muito mais confortáveis e uma vez a flagrou usando roupas de homem. Se continuasse naquele ritmo, não estaria pronta para o torneio e envergonharia todos

do Clã dos Lobos Brancos. Apertou os olhos ao ver numa colina distante dois pontos reconhecíveis. Um jovem de cabelos pretos num cavalo branco e uma jovem de cabelos prata num cavalo preto. Sentiu-se encher de uma ira equivocada. Prateada precisava se dedicar mais ou não teriam chance.

O vento lhes jogava nos rostos felizes o perfume das madressilvas enquanto as patas dos cavalos os levavam em velocidade pelo tapete verdejante da colina. Ouviam as próprias risadas naquele vôo delicioso onde podiam deixar tudo e todos para trás. Pararam no alto, onde dentes de leão eram levados pelo vento numa nevasca de pétalas leves e brancas. Lá de cima, podiam ver nuvens em formas majestosas por trás das montanhas no horizonte e a grande área verde e selvagem que cobria toda a área ao alcance de seus olhos.

– Que lindo!... – disse Prateada, encantada com a paisagem.

Philippe concordou com um sorriso. Ficaram em silêncio por um momento, ouvindo os gritos dos falcões que voavam acima de suas cabeças.

– Você acha que um dia iremos mais longe? – perguntou Prateada.

Philippe olhou para ela, intrigado. Nunca vira Prateada desejar ir mais longe do que já foi.

– Talvez... – respondeu ele, voltando a apreciar a vista. – Se você quiser, poderemos ir quão longe nossas pernas puderem nos levar.

Philippe virou-se para ela e flagrou-a olhando para ele com um sorriso diferente e um olhar sonhador.

– O que foi? – perguntou ele, rindo.

– Você é a paisagem mais bonita que eu já vi – respondeu ela, continuando a admirá-lo.

Philippe piscou algumas vezes e sorriu ligeiramente constrangido.

– Obrigado! Posso dizer que nunca ouvi um elogio assim antes.

Os falcões gritaram novamente e a brisa levantou mais uma onda de dentes de leão. Eles se olharam por alguns instantes e então Philippe, ruborizado, desviou o olhar e a chamou para voltarem.

Quando entravam no castelo, os risos juvenis entravam juntos. Como pardais, não conseguiam não fazer barulho quando estavam reunidos. Silenciaram quando deram de cara com Lamayer, de pé, no caminho deles.

– Prateada, onde estava? – perguntou ele.

A moça se retraiu e baixou a cabeça.

– Cavalgando... – respondeu baixinho.

– Uma rainha faz mais do que isso.

A menina não respondeu. Ao invés disso, começou a amarrotar o vestido com um crisar de mãos, um tique nervoso seu.

– Vá – ordenou o Duque, assumindo um ar mais ameno. – Constance a está esperando.

Prateada obedeceu e caminhou em passos rápidos para a escada. Philippe tentou segui-la, mas o Duque, sem sair do lugar, segurou seu braço.

– Você não precisa ir – disse o Duque. – Não há motivos para que aprenda o que estamos a ensiná-la.

Philippe baixou a cabeça, intimidado por Lamayer, que soltou seu braço. Prateada, vendo que estava seguindo sozinha, virou-se para procurar seu acompanhante.

– Vá, Prateada – disse Philippe, com um sorriso gentil. – Nós nos encontramos depois.

Ela hesitou, mas subiu as escadas sem empolgação. Lamayer olhou para Philippe duramente.

– Não a atrapalhe – diz ele. – Lembre-se de que sua estada aqui é temporária.

E saiu, deixando o rapaz só. Philippe sabia que sua situação ali era passageira, embora gostasse de se esquecer disso quando estava com Prateada. Chegou a pensar que levar aquela flechada foi a melhor coisa que lhe aconteceu, embora quase o tenha matado. Quando conseguiu andar novamente, foi levado a um novo quarto, junto com a criadagem. Era um quarto simples, mas ainda infinitamente mais quente e confortável que seu casebre caindo aos pedaços, cheio de frestas, portas tortas e janelas chorosas. Davam-lhe serviços leves, como cuidar do jardim e ir buscar lenha, nada que lhe ocupasse o dia inteiro, e tratavam-no como um criado, que é o que achava que era. Fazia suas refeições na cozinha, onde fez algumas amizades, como Chalise, a cozinheira, uma senhora robusta que logo simpatizara com o rapaz, e François, um jovem que a ajudava na cozinha e que tinha um encanto por Brigitte, a arrumadeira.

Estava se acostumando com aquela vida quando percebeu que não era sua vida. Era a vida de Prateada. Um dia, ele teria que partir e voltar à rotina. Não se importaria, contanto que pudesse continuar a ver a grande amiga.

– Pensando na janta? – disse a voz amigável e conhecida que o tirou do devaneio.

– Olá, Diderot! – disse, com um largo sorriso. – Não na janta... Apenas pensando.

Os dois caminharam para o jardim, continuando a conversa.

– Não está com Prateada?

– Não... – disse o rapaz, de cabeça baixa. – Ela precisa aprender coisas...

– Ah... E você acha entediante aprender...

Philippe ergueu a cabeça com espanto.

– Não! – exclamou. – Não, claro que não! Eu adoraria aprender, mas... O Duque acha que eu não preciso...

– Ah... – disse o Capitão, compreendendo o problema.

Deram mais alguns passos.

– Mas isso não é motivo para não aprender alguma coisa! – disse Diderot. – Venha comigo!

Na biblioteca, uma mesa próxima à janela era iluminada pela luz amarelada do sol. A moça olhava para a janela com ar de tédio, sem entusiasmo por aquele monte de livros com símbolos estranhos a ela, enquanto Constante, com o livro aberto diante dela, continuava a contar a história dos Lobos.

– E os sete clãs se reuniram para discutir a paz. Eram eles os Cinzentos, os Lobos da Neve, os Lobos das Montanhas, os Lobos Negros, os Vermelhos, os Lobos Brancos e os Lobos do Caminho. Haviam brigado tanto entre si que a terra se manchou de vermelho com seu sangue. Eles perceberam que brigar entre si os levaria à destruição completa. Então, eles propuseram uma competição a cada dez anos, onde seria escolhido o líder, o Rei ou a Rainha da Alcateia. Todos os clãs participariam e todos deveriam se unir sob a bandeira deste rei ou rainha.

Entediada, Prateada deixou seu olhar vagar pelas terras além da janela. Pássaros voavam ao longe no céu azul pincelado com filetes de nuvens coloridas. De repente, seus olhos brilharam. No jardim que rodeava o chafariz, ela vê Philippe e Diderot. Ergueu a cabeça curiosa, achando estar vendo uma briga, mas percebeu que os dois riam e que Diderot interrompia várias vezes a luta para falar com Philippe.

– Ele também está aprendendo... – murmurou ela, com um sorriso.

– O quê? – perguntou Constance, entretida com a história que ela mesma contava.

– Nada! – tentou disfarçar Prateada, fingindo um súbito interesse no livro diante dela.

No jardim, as espadas se cruzavam num tilintar suave.

– Mantenha a guarda levantada, Philippe! – instruía o Capitão.

Empolgado, porém desajeitado, o rapaz tentava se entender com a espada, algo que nunca tivera em suas mãos.

– Não olhe para a espada! – dizia Diderot, sempre mantendo o porte. – Olhe nos olhos do oponente. Nos olhos!

Prateada sorria olhando pela janela, enquanto a história dos Lobos lhe passava totalmente despercebida.

—...E quando os lobos entraram em guerra com os vampiros, muitos pereceram. A noite foi pintada de vermelho com o sangue dos mortos e dos vivos. O rei Edward do Clã dos Lobos do Norte fez então uma reunião com o Príncipe dos Vampiros, Lucian. Assim nasceu a Trégua das Trevas, que perdura até os dias de hoje...

E Constance fechou o livro em tom solene. Foi então que Prateada voltou ao mundo.

— Hã?

No jardim, a peleja amigável começava a ficar empolgante conforme Philippe se sentia mais seguro e compreendia as instruções do Capitão. Estavam se divertindo e, num ataque, o rapaz perdeu completamente o equilíbrio, precipitando-se ao chão. Antes de atingir o solo, porém, sentiu uma pressão no peito e percebeu que Diderot impedira sua queda a poucos centímetros do solo.

— Não ataque com tanta vontade... — disse o experiente amigo, ajudando-o a se levantar. — Quando a vontade é grande demais, perde-se o equilíbrio.

Percebendo o rapaz exausto, Diderot deu-lhe um tapinha amistoso no ombro.

— Você está indo bem! Vamos fazer uma pausa.

Na bela fonte de pedra onde uma dama de mármore dançava estática em torno de fadas e jorros graciosos de água cristalina, os dois pararam e mataram a sede..

— Diderot? — perguntou Philippe. — Acha mesmo que Prateada será uma rainha?

O Capitão recostou-se na fonte, olhando para as altas torres do castelo pensando na resposta.

— Acho, sim — concluiu, meneando a cabeça levemente. — Há mais de cem anos não ouvimos falar de uma raça pura em qualquer um dos clãs. Somente isso já a coloca a um passo do trono. E, sinceramente, estou bastante espantado em como ela tem se mostrado clara e inteligente. E, pela Deusa, ela é forte! Quando você foi ferido, e Fernand se colocou em nosso caminho, ela saltou na garganta dele e eu lhe digo, rapaz, eu nunca vi um lobo, de qualquer clã que seja, se transformar numa fera daquele tamanho, fora da Lua Cheia e em plena luz do dia!... Enquanto nós dependemos da Lua Cheia para assumir nossa forma mais poderosa, sua Prateada, menino, não possui o véu da divisão entre o dia e a noite... Para ela, o Sol e a Lua não têm importância. Ela pode se transformar a qualquer hora que quiser!...

Philippe ficou calado, ouvindo com atenção as palavras de Diderot. Quando ele terminou, o rapaz acariciou a água cristalina da fonte, imerso em suas dúvidas.

– Há muitos como eu nos outros Châteaux, Diderot?

O Capitão olhou-o confuso com a pergunta.

– Mestiços... – explicou Philippe.

A expressão de Diderot se fechou e ele voltou a olhar para frente.

– Não muitos...

Philippe pareceu compreender o não dito.

– Eles também não têm uma vida fácil, não é?

O Capitão olhou para o garoto. Não iria lhe dizer as coisas que acontecem a um mestiço em outros Châteaux. Não lhe contaria que a maioria não sobrevive à infância, vitimados por maus tratos e crueldades muito além de sua imaginação. Não lhe contaria que, em alguns lugares onde a selvageria ainda persistia nas almas dos Lobos, a propagada Lei que proíbe o assassinato, permite a tortura e coisas indizíveis, demonstrando que o lado humano dos Lobos era mais forte do que eles imaginavam. E não lhe contaria que todas essas coisas aconteciam com a permissão do Senhor do Castelo e das autoridades. E, por fim, não lhe contaria que, mesmo com o preconceito de sua sociedade que preza os puros e proíbe relações com humanos, fossem homens ou mulheres, as crianças mestiças eram cada vez mais numerosas.

– A vida não é fácil para eles, Philippe – disse o Capitão. – Como não foi fácil pra você.

– Tenho certeza de que Prateada faria coisas boas como rainha... – murmurou o rapaz, depois de uma pausa. – Talvez, se eu me transformar, possa acompanhá-la mais de perto!

– É possível – concordou o Capitão, mesmo sabendo que a transformação era um sonho cada vez mais distante para Philippe.

De repente, o rapaz levantou a cabeça, os olhos brilhando com uma ideia revolucionária .

– Ouvi dizer que se um de vocês, em sua forma bestial, mordesse um humano, ele também se transformaria! – disse, animado. – E se você me mordesse? Eu poderia finalmente me transformar e poderia ficar com Prateada!

Diderot olhou para ele, lamentando ter que dar fim àquela animação toda.

– Filho, não é assim que funciona... – explicou, calmamente. – Quando um Lobo em sua forma bestial morde um humano, ele realmente se transforma, mas enlouquece e, nas noites de Lua Cheia, sai matando indiscriminadamente.

O desânimo banhou o rosto de Philippe, cuja empolgação desvaneceu como toda ilusão.

– Por isso – continuou o Capitão, – quando mordemos um humano na nossa forma bestial, somos obrigado a terminar o serviço.

Diderot viu como suas palavras abateram o menino. Ele teria que continuar a esperar por uma transformação que certamente não acontecer.

– Não fique assim! – disse, tentando animá-lo. – Aprenda o que puder e aproveite o que tem hoje. Ninguém conhece o amanhã, além dos ciganos e bruxas... Venha! Vamos continuar! Você está aprendendo rápido!

Animado com o elogio e com a possibilidade de se tornar um espadachim, Philippe pegou a espada e se preparou para a lição seguinte.

– Menina!!! Está ouvindo o que estou dizendo???

– Hã?! Sim! – Prateada voltou a si e começou a olhar o livro diante dela, como se adiantasse algo, posto que ainda não sabia ler. – Da Guerra das Sobras...quando as pessoas...brigavam pelas...sobras de comida...

Quanto mais ela falava, mais Constance apertava seus olhinhos zangados, percebendo que falara o tempo inteiro para as paredes.

– Não era isso, não? – perguntou sem graça a mocinha.

– Guerra das Sombras, menina!! – corrigiu Constance – Guerra das Sombras! Quando todos os encantados tiveram que tomar partido entre os Lobisomens e os Vampiros!!! Foi uma guerra terrível que só terminou quando...

Constance fez uma pausa e um sinal com a mão, para que Prateada prosseguisse e completasse as lacunas.

–...Eles pararam pra comer?

Constance teve um ataque e abafou o próprio grito mordendo a barra da saia.

– Não!!! Quando o Rei Edward do Clã dos Lobos do Norte fez um acordo com o Príncipe Lucian!!! Qual foi o nome desse acordo?

Prateada olhava pra ela totalmente perdida. Não fazia a menor ideia do que dizer, mas Constance continuava desenhando círculos invisíveis com a mão, num sinal claro para ela dizer algo, qualquer coisa.

– Hora do almoço?

– Trégua das Trevas!!! Trégua das Trevas!!! Menina, como poderá ser uma rainha se nem sabe a história mais recente de seu povo??

Prateada levou as mãos à cabeça, frustrada e irritada.

– Eu estou com fome! – disse, levantando-se. – Vou comer alguma coisa e pensarei melhor quando voltar!

Antes que Constance pudesse dizer algo, a menina já estava na porta, gritando que traria algo para ela também.

No jardim, Philippe aproveitava a disponibilidade do Capitão para perguntar coisas que nunca soube ao certo.

– Então os humanos ficaram do lado dos vampiros quando a guerra começou? Por isso vocês os odeiam!

– Eles não ficaram do lado dos vampiros – explicou o Capitão. – Ficaram do nosso. Mas, quando contamos com eles, nos traíram e quase fomos totalmente exterminados. Seduzidos por beleza e juventude eternas, eles venderam sua lealdade. Assim, perderam a magia e ganharam nossa eterna inimizade.

Num golpe rápido e elegante, Diderot usa a própria espada para desarmar Philippe, que vê a espada que estava em sua mão agora rodopiar no ar e pousar perfeitamente na mão livre do Capitão que sorria pra seu surpreso e inexperiente aprendiz.

Na biblioteca, Constance aguardava impaciente a guloseima que a menina prometeu levar-lhe.

– Onde está essa menina que não volta? O que ela foi comer? Uma vaca inteira?

Quando virou o rosto, percebeu finalmente porque Prateada estava tão dispersa. Levantou-se e foi até a janela, de onde tinha uma vista melhor. Viu o galante Capitão, um homem que fazia bater ainda muitos corações na cidade, e o jovem mestiço por quem tanto rezara quando aquele incidente horrível aconteceu. Viu a espada do rapaz girar no ar e o Capitão segurá-la ainda no ar, enquanto Prateada surgia correndo, chamando por Philippe. Ela saltou em seus braços e ele a girou no ar enquanto sorriam como um dia de sol.

Celine entrou na biblioteca e se aproximou de Constance, que sorria na janela. Procurava por Prateada para levá-la à costureira que lhe faria o vestido para o baile e aproveitaria para lhe ensinar algumas coisas que uma dama deve saber para se portar em público.

– Onde está Prateada?

– Onde mais estaria? – respondeu Constance, apontando com os olhos a cena que enchia seu coração de ternura. – Pendurada no pescoço daquele belo rapaz!

– Ama! – ralhou Celine, não acreditando que Prateada escorregara de novo de suas obrigações. – Deve ser mais rígida com Prateada!

A ama olhou para a jovem e sorriu com a beleza da sabedoria.

– Ah, minha pequena... – disse, sentindo o doce sabor da experiência a guiá-la. – Eu já vivi o bastante para saber as batalhas que devo lutar. Essa criança

não deseja aprender o que nenhum de nós tem pra ensinar. Na verdade, creio que nós é que temos muito o que aprender com ela...

Constance saiu, decidida a ir ela mesma buscar a guloseima que Prateada lhe prometera. Celine ficou na janela, olhando o brilho da água na fonte tornando aquela cena ainda mais bela. No jardim, Philippe girava Prateada, e o Capitão sorria recostado na fonte. Celine sentiu o coração se apertar e não compreendia exatamente porque. Tudo o que sabia era que precisava fazer alguma coisa.

Capítulo 18

Um Baile numa Noite de Verão

Sentados na relva, Ravin ouvia Celine. A jovem andava nervosa e agressiva nos últimos meses e achou que um piquenique a afastaria dos afazeres do castelo, das discussões com Prateada e dos preparativos para o baile. Assim, convidou a moça e a levou para um belo lugar colina acima onde a relva era verde e a vista era linda e conversou sobre amenidades.

Infelizmente, Celine não conseguia sair do castelo, mesmo estando a quilômetros dele. Passou horas contando como Prateada a deixava louca, como estava rebelde e intransigente e como Philippe a estava estragando.

– Imagine que eu passei horas escolhendo um nome humano para ela e quando fui mostrar, sabe o que ela me disse?

– Hum, o que ela disse?

– Disse que já tinha um nome e que se eu tinha gostado tanto assim de outros nomes que podia ficar com todos pra mim! É uma atrevida que não tem respeito por ninguém e se ela continuar com essa atitude não vencerá o torneio real, nem agora, nem daqui a cem anos!!!

Celine bufava quando falava disso e Ravin mantinha um sorriso irônico, sempre prestando atenção. Mas esse sorriso a irritou.

– Por que você está sorrindo? – Celine estava tentando comprar briga até com as paredes. – Acaso sou engraçada pra você? Deveria entrar num circo?

Ravin colocou a taça de vinho sobre o tecido que cobria o chão, sem desfazer o sorriso.

– Não – respondeu ele, calmamente. – É que de repente me ocorreu que você parece mais chateada com o fato de Prateada passar tanto tempo com o mestiço do que com o torneio em si...

Celine enrubescou e olhou para o lado.

– Que tolice!

O sorriso no rosto de Ravin desapareceu. Continuou a encarar Celine. Então puxou a moça fortemente e deu-lhe um beijo. Celine gostava do jeito meio bruto de Ravin e não reclamou quando sentiu suas mãos em sua cintura, enquanto o beijo lhe dava sensações que afastaram sua mente de Philippe e Prateada. Abandonou-se naquele beijo quente, a mente esvaziou-se e seus braços delicados envolveram o pescoço do rapaz. Até que um som familiar a fez interromper bruscamente o beijo e empurrar Ravin.

– O que foi?! – perguntou ele, confuso.

– Ouviu isso? – disse ela, se inclinando para ver o que se passava abaixo da colina.

Ele apurou os ouvidos e ouviu risadas juvenis. Logo abaixo deles, Prateada e Philippe davam um passeio a cavalo. Conversavam e riam como amigos que não se viam há muito tempo, quando todos sabiam que se viam praticamente o tempo inteiro.

– Não sei do que tanto falam! – disse Celine, em tom de reprovação. – De onde afinal tiram tanto assunto?

– Não sei, minha querida, mas diria que você parece um tanto enciumada... – comentou Ravin, observando com seriedade a expressão de Celine ao olhar o casal no passeio.

Ela se virou para ele com olhos raivosos.

– Ciúme?! De quê?! Não tem nada ali que me interesse!

Celine se levantou e se preparou para ir embora. Ravin, sabendo que a tinha irritado, não se opôs. Voltaram em silêncio para o castelo com quase toda a comida intocada.

Os números marcavam o ritmo e a voz de Constance indicava os próximos passos.

– Um, dois, três, girou! Deu a mão para o par e... Um, dois, três! Cumprimento e giro!

Prateada estava tentando, mas sempre girava para o lado errado, confundindo a pobre Brigitte que também não sabia dançar direito, até que Brigitte saiu gritando com um forte pisada no pé.

– Desculpe! Desculpe! – disse Prateada, vendo a moça pular num pé só até o sofá e se sentar.

Constance colocou as mãos na cintura.

– Falta tão pouco para o baile e é inconcebível não vê-la dançar, menina! Como vou lhe ensinar isso?... Preciso de alguém que saiba dançar como um cavalheiro...

– Posso ajudar?

Philippe apareceu na entrada da sala onde elas praticavam e Prateada correu até ele e o puxou para dentro.

– Você, menino? – riu a ama. – Ao invés de ensinar a uma, estaria ensinando a dois! Agradeço a oferta, mas vai duplicar meu trabalho.

– Posso tentar? – pediu Philippe.

– Claro! Mal não fará! Ah, espere! Celine!!!

Constance correu até a porta, vendo Celine passar no corredor e a chamou mais duas vezes. Pouco depois, a dama entrou na sala, curiosa.

– O que está acontecendo? – perguntou.

– Estamos tentando ensinar Prateada a dançar e precisamos de alguém que saiba tocar piano. Vamos, toque para nós.

Celine tomou sua posição e começou a tocar uma música animada de festa. Constance se virou para o jovem casal no meio da sala.

– Vamos lá! Um, dois, três e...Passo, passo, gira...

Philippe segurou galantemente a fina mão de Prateada que não conseguia parar de sorrir. Com os passos certos e seguros, ele a guiou. Quando ela se perdia, ele apertava um pouco mais sua mão e a fazia olhar para ele.

– Confie em mim! – disse ele. – E olhe nos meus olhos.

Em dado momento, Constance parou de contar ao ver que estavam dançando. Prateada pegou rapidamente os passos que tentara lhe ensinar por horas e Philippe parecia saber muito bem o que estava fazendo. Celine encerrou a música num erro desafinado. O casal parou e todos olharam para ela, que, contrangida, pediu desculpas. Constance então virou-se para Philippe, surpresa.

– Menino! Você sabe dançar muito bem! Quem lhe ensinou?

– Minha mãe, quando eu ainda era pequeno! – respondeu ele, sorrindo encabulado.

– Ótimo! Agora Prateada já não fará feio com alguém para me ajudar a ensiná-la a dançar!

Por alguns dias, Philippe e Constance se concentraram em ensinar Prateada a dançar, enquanto Prateada se concentrava em aprender. Porém, as outras aulas continuavam empacadas. Prateada continuava dispersa e não se detinha a fugir para ir encontrar com Philippe, que passava muito tempo com o Capitão a ensinar-lhe a arte da luta.

Por vezes, estavam todos ocupados. Num momento durante a tarde, quando todos já tinham almoçado e os empregados da cozinha aproveitavam esse período para descansar, Philippe procurava uma fruta para lhe substituir o almoço que perdera por conta das atividades. Encontrou uma maçã grande e vermelha. Recostou-se na mesa e limpou um pouco a fruta na manga da camisa. Saboreou o suco doce da fruta madura e não percebeu que não estava sozinho.

Quando abriu os olhos, deparou-se com Celine a observá-lo em silêncio. Olhou em volta para ver se havia mais alguém por perto, pois era estranho ver Celine sozinha. Durante todos aqueles meses, ela não se aproximou dele para uma

conversa, mesmo trivial. Percebeu que havia anos que não falava mais com Celine e que havia meses que não pensava mais nela. Vê-la ali, sem as outras pessoas, colocou-a fora do contexto e teve a impressão de estar vendo um fantasma.

– Se está procurando Prateada, ela está com Constance – disse ele, compreendendo que, se Celine estava na cozinha, não seria certamente por causa dele.

– É com você que quero falar – respondeu a moça, dando um passo a frente.

Philippe olhou para ela sem sorrir. Cruzou os braços, mantendo-se recostado na mesa onde verduras eram cortadas e massas eram preparadas, e deu mais uma mordida na maçã.

– Constance está tentando colocar alguma coisa na cabeça dela – disse Celine, secamente. – Mas está difícil com você lá dentro.

Ele parou de comer e a olhou intrigado.

– Você sabe o quão importante é para os Lobos Brancos que Prateada seja a próxima rainha, não sabe? – perguntou ela.

– Saber, eu sei – respondeu ele. – Não quer dizer que eu me importe.

Celine não esperava hostilidade, mas compreendeu. Se nunca ligaram para ele, por que ele ligaria para o que era ou não importante para eles?

– Entendo... – disse ela, olhando para o chão por um momento e voltando a encará-lo logo a seguir. – De fato, as coisas não mudariam muito para você se um rei nosso estivesse no trono... Mas sei que se importa com Prateada. Ela pode ser mais do que todos nesse lugar esquecido, Philippe! Se você gosta mesmo dela, vai querer que ela seja tudo o que puder ser. Não é?

Ele desviou os olhos da moça.

– Prateada não obedece mais, não se concentra, não se esforça, tudo o que ela quer é estar com você! Faltam duas semanas para o baile onde ela será apresentada e ela nem mesmo deixa que lhe penteiem os cabelos! Ela é uma pura, mas isso não é o bastante.

Celine parou um momento e o olhou duramente.

– Precisa se afastar dela.

Philippe olhou para ela, atônito com o que lhe pedia.

– Sei o quanto gosta dela, e sei que será difícil fazer o que é certo. Mas você sabe, no momento, o que é melhor pra ela.

Celine se retirou, deixando Philippe sozinho com o eco de suas palavras e esperando que isso fosse o bastante.

A noite estava estrelada e, eventualmente, uma estrela cadente deixava seu rastro no céu. O aroma das damas da noite enchia o ar e um vento quente soprava-lhe o rosto. Philippe fitava o céu no belo jardim, vendo a Lua que mostrava seu lado mais claro num sorriso desenhado entre as estrelas.

– Fazendo desejos? – disse uma voz que interrompeu amigavelmente seus pensamentos furtivos.

Virou-se e viu o Capitão ao seu lado.

– Olá, Diderot! – cumprimentou o rapaz, sorrindo seu sorriso cordial.

– Olá... – disse o Capitão, olhando a noite sem nuvens. – Que noite estrelada!... Tomara que esteja assim na noite do baile! Muita gente importante virá e será terrível ver aqueles belos vestidos e sapatos novos atolados na lama se a Grande Mãe nos contemplar com uma de suas tempestades de verão...

Philippe não respondeu. O Capitão o fitou, percebendo algo errado.

– Aconteceu alguma coisa?

– Diderot? – o rapaz se virou com ar interrogativo. – O que acontece se Prateada não for a rainha?

O Capitão olhou para o céu, fez uma careta com a boca e finalizou num movimento de ombros.

– Bem, acho que nada... – respondeu. – Tudo continuará como está. Nosso povo continua sem recursos e vivendo sob as Leis de Reis de outras matilhas...

– Nada mudaria... – murmurou Philippe, parecendo desanimado.

– É... – concordou o amigo. – Nada mudaria... A menos que uma matilha inimiga subisse ao poder. Aí poderíamos esperar uma vida ainda mais difícil.

Diderot deu um tapinha no ombro do rapaz, percebendo-o um tanto infeliz demais para momentos tão claros de sua vida.

– Mas isso não vai acontecer, Philippe! Prateada será nossa rainha! Não se preocupe com isso!

O sol estava amarelo e quente quando Prateada acordou. No dia anterior, cavalgara, corra e dançara com Philippe e acabara dormindo demais. Pulou da cama e olhou para o dia lá fora. Viu-o belo e claro e correu quarto afora, como se tentasse recuperar os momentos perdidos dormindo. Passou por Brigitte e quase a derrubou, ignorou Fernand que a mandou ir se vestir primeiro, passou direto pela

mesa do café onde apenas Celine tomava seu desejum e chegou no ala dos quartos dos criados, onde já começou a gritar.

– Philippe!!! Philippe!!! Amanheceu tarde! Vamos pegar os cavalos e ir até ao bosque das...

Interrompeu a frase quando irrompeu no quarto dele e o encontrou vazio. A cama estava arrumada. Entrou, sentindo algo errado. Não havia flores do campo numa garrafa, nem o cavalo de três pernas que ela mesma fizera de argila e lhe dera de presente e que ele colocava sobre a cômoda para exhibir com muito orgulho.

– Philippe?... – chamou baixinho, sabendo que ele não estava lá.

Constance, que estava parada na porta há alguns segundos, deu um passo, entrando no pequeno aposento com expressão triste.

– Ele se foi, criança...

Era estranho voltar à sua antiga vida. O casebre parecia feio e vazio e o trabalho parecia não terminar nunca. Mesmo assim, voltou. Foi a decisão mais dolorosa que já tomara e chegou a olhar para trás duas ou três vezes, puxado pelo coração que deixara. Era como se sentia. Sem coração e vazio. Colhia uvas maduras nas vinhas quando ouviu um graveto se partir. O coração que achava que tinha deixado para trás pareceu bater mais perto e logo soube quem era. Mal ajeitada e descabelada, as roupas mal colocadas e meio sujas, Prateada parecia um bicho do mato. Mesmo assim, para ele era a moça mais bonita do mundo. A menina se aproximou hesitante, como se esperasse ser escorraçada a qualquer momento.

– Por que você foi embora? – perguntou ela. – Foi alguma coisa que eu fiz? Diga! Eu desfaço!

O rapaz colocou a cesta no chão e a olhou com cruel doçura.

– Prateada, eu não posso mais ficar com você.

– Pode sim! – respondeu a moça, dando um passo em sua direção e ficando mais perto. – Eu sou a rainha! Eu posso fazer qualquer coisa!

– Não, Prateada, você não é a rainha – respondeu ele, aproximando-se um passo e olhando-a nos olhos profundos da cor das hortências na primavera. – Você poderá ser... se fizer sua parte! E você não tem feito. Eu não tenho ajudado. Olhe pra você. Não parece uma rainha, não está se esforçando pra aprender a se comportar como uma rainha...

Ele acariciou os cabelos emaranhados da menina e retirou um pedaço de galho. A menina olhou para si mesma e tentou ajeitar os cabelos, achando-se feia e desengonçada.

– Estou feia? – perguntou ela. – Por isso está com vergonha de mim?

Philippe riu da ingenuidade, embora sentisse que havia um buraco em seu peito e lhe doía mandar o ser que mais amava ir embora.

– Você sempre será linda pra mim, Prateada... Mas você pode ter mais do que isso! Você pode ser muito mais do que... eu.

– Eu não quero ser nada se for pra ser longe de você!

– Ouça, minha Prateada! – ele a segurou pelos ombros. – Eu quero o melhor pra você. Ficarei longe, até ver que você está se esforçando pra aprender o que tem que aprender... Quando isso acontecer, poderemos voltar a nos ver, está bem?

Ela baixou os olhos cheios d'água.

– Você merece ser uma rainha – disse ele, num sorriso meigo. – Agora vá. Estão esperando você no Château...

Prateada deu alguns passos de costas e então, virou-se e partiu. Correu de volta para o Château, o coração doendo e as lágrimas sendo levadas pelo vento. Sentia-se sendo punida e ainda não sabia o que tinha feito de tão errado que merecesse uma pena tão sofrida.

Philippe a viu desaparecer na floresta. Era uma piada divina muito estranha. Dar a ele alguém de quem precisa, mas que precisa deixar partir. Voltou ao trabalho, o rosto triste, a alma vazia, as asas partidas... Justo quando estava voando tão alto!...

Ninguém compreendeu muito bem porque Philippe deixara o Château e voltara para sua vidinha no campo. Houveram especulações entre os criados, algumas teorias, mas poucas pessoas sabiam o que tinha realmente acontecido e ninguém estava muito disposto a perguntar para elas. De qualquer forma, os boatos não duraram muito, já que estavam todos muito mais empolgados com o grande baile de apresentação de Prateada, um evento raro e de grande porte. Victor, o cigano, teve a melhor visita daquela temporada e vendeu todos os seus tecidos e muitos adereços, enquanto Diderot acompanhou Constance e Fernand até uma cidade de humanos para comprar mais coisas necessárias para a grande festa.

Na área livre perto do bosque, os rapazes conversavam sobre seus futuros pares. Convidar uma moça para uma dança num baile como aquele era um passo muito importante para um jovem, eis porque exigia um requintado planejamento. As moças mais bonitas eram sempre as mais requisitadas, mas no Château, havia muitas moças disponíveis e de boa linhagem que despertavam o interesse de alguns jovens. Uma dança, uma simples dança podia representar compromisso e um futuro matrimônio, o que daria numa outra festa, onde outros jovens teriam sua oportunidade.

– Eu pretendo dançar com Bernadete! – dizia Carlo, empolgado. – Sei que a mãe dela faz gosto!

– Pois então já tem a família do seu lado! Eu, por mim, não vi nenhuma moça que me interessasse... Creio que esperarei para ver o que se apresenta à mim... – disse Albert, sem tanta empolgação. – E você, Ravin? Dançará com Celine, certamente!...

– Claro! – respondeu Ravin, que esperava poder impressionar Celine no baile, já que andavam meio distantes nos últimos meses. – Mas não me deterei em dançar com outras belas donzelas. Virão pessoas importantes de vários outros Châteaux, todas para conhecer nossa rainha das pulgas... Não me importarei se puder conhecer moças de outras paragens... Dizem que algumas, nos Châteaux mais perto de Versailles e Marselha, são muito fogosas!

– Quando a mim, tenho alguém em mente com quem gostaria de dançar... – respondeu Jacques, com ar misterioso.

– Quem é a coitada? – perguntou Albert.

– É um segredo... Mas, vou dar uma pista: ela é muito bonita!

– Michelle, a filha do Conde de Daloi! – chutou Carlo.

– Pelo amor de Deus, Carlo! – disse Ravin, fazendo uma careta. – Ela tem uma péssima fama! Aposto que Jacques vai preferir alguém mais tradicional, como

Lady Lucy.

Outros nomes foram colocados na mesa, mas Jacques meneava a cabeça para cada um, até que Ravin o olhou enviesado.

– Você não acha que vai dançar com Prateada, acha?

Percebendo o tom incrédulo do amigo, Jacques pareceu subitamente inseguro.

– Qual o problema dela?

Os rapazes deram grandes gargalhadas ao perceber o intento do jovem.

– Está falando sério? – disse Albert. – Aquela selvagem? Ela nem sabe pentear os cabelos!

– Aposto que vai pular em cima da mesa e comer toda a carne! – riu Carlo.

– Esqueça Prateada, Ravin! Ela decerto nem sabe dançar e com certeza vai envergonhá-lo! – disse Ravin. – Essa festa, esse baile de apresentação, é uma grande piada! Eu mesmo a vi recentemente, escondida no mato, com o cabelo desgrehado a cair sobre o rosto, se coçando como um bicho. Teremos sorte de o Duque conseguir fazê-la se aquietar numa cadeira a noite toda, evitando assim dar algum vexame, o que com certeza fará se lhe derem alguma oportunidade.

– Não vou convidá-la para uma dança! – disse Jacques, levantando o nariz.

– Não sei porque pensou isso! Eu não passaria um vexame desses!

– Ainda bem! – concluiu Ravin, parando de rir. – Ela pode ser uma Pura e tudo o mais, mas no final, ninguém vai querer ficar ao lado de alguém que não sabe se portar em público. Estão todos na cidade comentando que ela vai dar algum vexame, e isso é certo!

O jardim tinha grandes arbustos e algumas árvores. Todos eles tinham ouvidos. A uma certa distância, Prateada ouvia claramente os comentários dos garotos. Achou estranho. Estava chateada com o que ouviu. Quando algo assim a aborrecia, tinha vontade de ir lá e bater nos causadores do problema. Dessa vez, no entanto, não tinha vontade de bater neles. E isso era frustrante.

Faltando apenas uma semana para o baile, Celine experimentava animada seu vestido azul turquesa com detalhes em dourado e vermelho. Celine não estava só empolgada com o vestido e com o baile, mas com o progresso de Prateada. Em poucas semanas, a rebelde finalmente se concentrara no que tentavam lhe ensinar. Ainda não estava como ela gostaria, mas era uma questão de tempo até que ela se transformasse numa perfeita dama.

– Ficou lindo! – exclamou ela, girando para ver os detalhes da saia rodada.

– Ah, eu adoro as festas do Château!

Virou-se para Prateada, sentada de qualquer jeito num canto, como uma trouxa de roupa suja.

– Venha, Prateada! – chamou Celine. – Venha experimentar o seu! Aposto que vai ficar lindo também!

Prateada não gostava de se arrumar e, nesse quesito, parecia estar piorando. Antes, ainda possuía um estranho charme selvagem, com os cabelos ondulados sem presilhas e sem limites e o rosto sempre iluminado por uma impossível constante surpresa com as coisas mais comuns do mundo. Depois que Philippe partira, porém, não tinha mais esse brilho. Obedecia, aprendia, repetia... E só. Pedir-lhe para ter paixão no que fazia já era um pouco demais.

Prateada não respondeu. Nem mesmo se mexeu. Fitava Celine com olhos entediados. Celine preocupou-se. E se ela estivesse fingindo que estava aprendendo? E se ela estivesse planejando dar o troco por Philippe ter partido? Mesmo que ele o tenha feito por vontade própria, ela pode creditar ao castelo a responsabilidade por esta separação e se vingar de uma forma infantil e tola. Imaginou-a surgindo diante de todos os nobres de outros Châteaux, alguns possíveis candidatos ao trono, com roupas rasgadas, cabelos cheios de nós e avançar na comida como um animal sem modos.

– Prateada! – ralhou Celine, tentando se livrar da horrível visão que a acometia. – Precisa experimentar o seu vestido! Como vamos saber se vai ficar bom?

Subitamente, Prateada levantou a cabeça como se tivesse ouvido algo importante. Então se levantou e saiu correndo estabaneada, derrubando coisas no caminho. Havia semanas que ela não fazia isso. Desde que se dedicara a aprender, o castelo não ouviu mais suas risadas, sua voz em constante tagarelice e seus pés ligeiros a correr pelos salões. Muitos vasos foram poupados. Por isso, foi estranho vê-la correr com tamanha euforia novamente.

– Diderot chegou da cidade!!! – gritou ela.

Celine foi com as amas até a janela e não viu nada. Segundos depois, surgiu a carruagem abarrotada e o jovem militar em seu fiel ginete.

– Como ela faz essas coisas?!! – espantou-se Celine, vendo Prateada já aparecer na entrada do castelo e correr na direção do Capitão.

A menina correu e logo alcançou Rayure. Dava pequenos saltos de ansiedade enquanto o acompanhava até a entrada do castelo.

– Diderot!!! Que bom que você voltou! Por que demorou tanto? Trouxe?! Trouxe o que eu lhe pedi?? Trouxe??

O Capitão desceu do cavalo rindo enquanto tentava acalmar a moça que continuava a saltar diante dele.

– Calma, menina!! Calma!!! Aqui está!!

Ele pegou um pacote amarrado na sela e entregou a ela. Os olhos da moça brilharam e ela agarrou o pacote feliz.

– E é bonito? – perguntou ela, o rosto iluminado num sorriso que há tempos não se via.

– É o mais bonito que encontrei! – respondeu Diderot com um sorriso gentil.

Ela saltou e lhe salpicou um beijo inesperado no rosto, saindo correndo a seguir. Subiu as escadas correndo e passou como um raio pelos corredores. Um vaso estatelou-se no caminho. Seu nome foi ouvido num grito de repreensão, e ela gritou um pedido de desculpas pouco antes de entrar em seu quarto e fechar a porta, abraçada ao seu pacote precioso e meio amassado pela longa viagem.

Enquanto para as pessoas do Château os dias passaram agitados e cheios de expectativa, para ele os dias foram lentos e vazios. Foi cruel ver tudo voltar ao que era antes. Mesmo as coisas que lhe davam prazer antes, agora pareciam vazias e sem valor. Naquele dia quente, por exemplo, banhara-se no lago. O que antes era uma grande diversão, agora era só a sombra de uma lembrança, uma fruta sem sabor. Não visitava o Capitão e Emily há semanas, pois estavam sempre ocupados com os preparativos para o baile. Não recebera mais nenhuma visita de Prateada e, vendo todos tão entusiasmados com a festa, achou que ela também estaria. No final, acreditou que tinha feito a coisa certa e que Prateada o esqueceria, como tinha que ser, para se concentrar em assuntos mais importantes. Doía saber que seria esquecido tão cedo, mas repetia para si mesmo que era melhor assim. Talvez, um dia, ele pudesse voltar à convivência com ela, depois do baile, depois de ter sido apresentada à nobreza dos Lobos, depois das tamanhas exigências que faziam àquela alma que já foi livre.

Cavalgava em Alvorada e lhe dispensava toda a atenção, na tentativa vã de levar a mente para longe da moça que insistia em morar em seus pensamentos. Via as pessoas na cidade comprarem coisas e comentarem sobre os convidados nobres de outros châteaux. Viu, discretamente, a cada vez que foi comprar alguma coisa, moças comentando animadas sobre seus vestidos e enfeites e rapazes comentando sobre com quem gostariam de dançar. Ficou imaginando como uma simples dança podia aproximar duas pessoas para o resto de suas vidas e entristeceu-se, sabendo que jamais teria essa experiência. Invejava aquelas pessoas. Queria ele também ir ao baile. Queria ter uma roupa bonita e fazer planos, imaginar quem iria à festa e dançar com Prateada. Nunca quis tanto fazer parte de algo e nunca esteve tão desanimado para sequer tentar.

Entardecia quando chegou em casa. Os cabelos molhados, os olhos nas pequenas pedras do caminho conhecido, a mente distante, deixou Alvorada livre um pouco e entrou em casa. Mesmo sendo ainda cedo, não tinha muita disposição para fazer mais nada.

Entrou e algo lhe chamou a atenção. Em cima da mesa, um pacote o esperava. Franziu o cenho, olhando em volta e, não vendo ninguém, caminhou até lá. Estava envolto numa fita verde, num laço que parecia ter sido feito por alguém sem dedos. Na fita, um envelope. Abriu curioso e se deparou com um recado escrito com letras incertas, traços ainda crus, mas uma honestidade evidente: “Por favor, vá! Saudades. Prateada.”

Segurou o papel nas mãos, onde ainda havia um desenho tosco dele mesmo e de Prateada. Sorriu, como há tempos não sorria, e abriu o pacote, curioso.

A surpresa cobriu seu rosto como o sol quando a manhã chega, iluminando-o totalmente. Em suas mãos, uma fina roupa de baile, daquelas que nunca teve e mais bonita do que qualquer uma que já tenha visto.

Era uma noite linda de verão. Fresca e sem nuvens no céu, as estrelas brilhavam e a Lua cheia iluminava o caminho das carruagens que chegavam de toda parte. Muitos chegaram antes e se hospedaram no castelo ou nas casas dos mais ricos na cidade. Foi uma semana de rostos novos e velhas histórias, repleta de esperanças e expectativas. O castelo estava iluminado e enfeitado com muitas flores. Uma orquestra tocava música e os convidados bebiam vinho, enquanto trocavam impressões pouco sinceras uns com os outros.

Lamayer olhava em volta, certificando-se de que estava tudo transcorrendo bem, quando alguém o cumprimentou.

– Boa noite, senhor!

– Boa noite, Ravin!

Lamayer cumprimentou também os pais de Ravin, que perguntaram por Prateada.

– Ela está se arrumando – explicou o Duque. – Sabe como são as mulheres!

– E Celine? – perguntou Ravin, procurando-a em volta com os olhos.

Neste momento, Lamayer apontou para o alto da escada. Celine descia, glamourosa, atraindo todos os olhares e provocando um murmurar de elogios. Seu cabelo estava preso num belo penteado alto, com presilhas de pequenas pedras que brilhavam com a luz. O rosto estava belo e maquiado, enquanto um belo colar de safiras destacava-se no colo. O vestido azul fazia-a parecer envolta em céu ou mar e Ravin teve neste momento certeza de que a queria ao seu lado, para sempre.

Ela desceu e ele lhe ofereceu a mão. Vestido à rigor, era um belo cavalheiro, como os muitos que enchiam o salão e Celine era, com certeza, a mais bela dama presente. Muita gente ainda estava por chegar...

O Duque teve um momento suspenso no tempo onde viu que sua menininha crescera e crescera rápido demais, como crescem todas as crianças. Percebeu como ela se parecia com a mãe e seus olhos pareceram tristes ao lembrar que ela adoraria ver a filha naquela noite. A saudade foi interrompida quando Fernand se aproximou e sussurrou algo em seu ouvido. Sua expressão mudou como muda o tempo nos mares e ele saiu bruscamente.

Na entrada do castelo, uma carruagem negra luxuosa com cortinas igualmente negras e quatro cavalos da cor da noite sem estrelas, aguardava.

Quando Lamayer saiu, dois cavaleiros davam as mãos para ajudar duas damas que desciam, enquanto o cocheiro permanecia em sua posição.

Ao ver o Duque, um dos homens que ajudara uma das damas, virou-se para ele e fez-lhe uma longa reverência. Estava bem vestido com gibão de brocado caro e camisa fina de seda. Seus cabelos pretos era puxados para trás, deixando a grande testa com entradas proeminentes e chamando a atenção para seus olhos, azuis e profundos como um lago onde se mergulha com receio e de onde não se volta com certeza. De nariz aquilino e sobrancelhas desenhadas, sorriu para o Duque um sorriso estranho, meio debochado e um tanto zombeteiro.

– Senhor deste castelo, é com humildade que pedimos abrigo em suas terras. Nossos cavalos estão cansados, as mulheres estão exaustas e a carruagem precisa de reparos.

Lamayer lança um longo olhar para a trupe. Uma das mulheres tinha os cabelos arruivados presos com plumas, enquanto a outra tinha fartos cabelos escuros que cascadeavam pelas costas. Elas lhe sorriram seu melhor sorriso, mas o Duque parecia não se importar em ser desagradável. O outro rapaz, alto e elegante, não disse nada e apenas observou o castelo, onde a música havia sido subitamente interrompida.

– Quanto tempo? – perguntou rouco o Duque, o cenho franzido.

– Não queremos abusar de vossa hospitalidade! – respondeu o sorridente homem, que parecia não se importar com a antipatia com que eram recebidos. – Apenas alguns dias, o bastante para consertar a carruagem e reparar as forças. Prometemos não ser um incômodo.

Lamayer cravou seus olhos neles como se fossem insetos que gostaria de esmagar. O homem, sentindo a animosidade, apenas sorriu ainda mais e completou.

– Afinal, somos cavalheiros...

Quando esta mesma carruagem ainda estava a parar diante do castelo e alguém tinha ido chamar Fernand, dentro do castelo a comida começara a ser servida. O salão estava cheio e todos pareciam se divertir, com algumas exceções. Como Jacques, que parecia não encontrar um par para dançar. Com um copo de vinho nas mãos, foi interpelado por Albert.

– Se continuar nessa moleza, não dançará com ninguém – disse, enquanto pegava uma taça de vinho para si.

– Não sei... Não vejo uma dama que faça meu coração se alegrar a ponto de me fazer dançar... – respondeu Jacques, não muito seguro.

– Pobre Jacques! – zombou o outro. – Parece que está com medo de levar um não!

– Ao menos as pessoas não pensam que estou a dançar com minha irmãzinha! – zombou Jacques, sabendo que Albert acabara de dançar com uma donzela que parecia uma menina de menos de doze anos.

A orquestra começou a tocar músicas alegres e Carlo, depois de um grande gole de vinho, tomou coragem e caminhou resolutamente para Bernadete. Gaguejou e se enrolou, mas Bernadete sorriu assim mesmo e lhe entregou a mão. Ele logo foi seguido por outros que, num círculo, trocavam alegremente de pares no ritmo da música.

Há um tipo de surpresa que ninguém espera. Esse tipo de surpresa faz com que todos parem o que estão fazendo imediatamente, apenas para olhar. Não sabem exatamente o que pensar porque suas mentes estão ainda desnorteadas pela visão do inesperado. Foi assim que, de repente, as pessoas pararam de dançar, a orquestra parou de tocar e o silêncio se fez num minuto. Os olhos estavam todos voltados para a entrada principal, onde via-se Philippe vestido ricamente, os cabelos penteados e presos no mesmo rabo de cavalo baixo, as botas brilhando como azeviche, um gibão vermelho bordado com dourado, numa roupa digna de um príncipe.

As pessoas do Château das Vertentes estavam chocadas com o atrevimento. Mas os convidados de outras paragens não entenderam o motivo da comoção e deduziram que dada a finura da roupa e o porte do jovem, certamente era alguém importante. Ravin procurou rapidamente com os olhos pelo Duque, mas não o encontrou. Viu que ele mesmo teria que resolver aquilo. Soltou a mão de Celine e aproximou-se em poucos passos do rapaz.

– Você saiu de si?! – perguntou, perplexo com a ousadia do outro. – Não pertence a este lugar! Saia!

Philippe não se moveu. Olhou Ravin nos olhos sem se intimidar e respondeu sem elevar a voz.

– Não.

Sem paciência e sem acreditar que Philippe chegaria a tanto, Ravin agarrou-o firmemente pelo braço pronto para arrastá-lo dali pra fora, quando uma voz foi ouvida.

– Se encostar um dedo nele, eu juro que mato você!

Todos olharam espantados para a dona daquela voz tão determinada. No meio da escadaria, Prateada olhava para Ravin. Os cabelos cor de prata estavam graciosamente puxados para trás, com vários cachos caindo sobre o rosto e a longa cabeleira derramando-se pelas costas em ondas enlazaradas. A roupa branca era bordada com fios de ouro e pedras da cor da lua, e seu rosto, que ninguém jamais vira maquiado, estava mais belo do que nunca, com lábios rubros, olhos desenhados e as bochechas rosadas. No colo, um fino cordão com uma pedra

vermelha como seus lábios que brilhava como uma estrela entre uma nuvem e outra. O vestido, que variava entre o branco e o creme, tinha detalhes em veludo vermelho e um bordado desenhado que lhe valorizava os contornos. Nunca se vira uma mulher tão bela no Château das Vertentes.

Ravin, ainda atônito com a visão, não soltara Philippe. Prateada então deu mais um passo na sua direção, mantendo o olhar nele. Constrangido, ele soltou o braço do rapaz e se afastou. Jacques, totalmente paralisado, não conseguiu tirar os olhos de Prateada, não acreditando que era a mesma pessoa que viram brincando na lama em dias de chuva.

Prateada desceu elegantemente os últimos degraus. Chegou diante de Philippe, ainda no meio do silêncio da surpresa que se sustentava sobre as cabeças de todos.

– Desculpe, meu senhor, pela falta de educação de Ravin – disse ela, ante os olhos atônitos de Philippe. – Eu agradeço que tenha vindo e lhe dou minhas sinceras boas-vindas.

E diante de um surpreso Philippe, ela fez a reverência mais solene de que era capaz. Algumas pessoas não conseguiram segurar suas exclamações, mas logo se perderam no grande salão.

Sem saber o que fazer, a orquestra voltou a tocar, devolvendo à festa o clima que se espera de uma. Ao ouvir a música, Prateada pediu polidamente licença à Philippe com a educação refinada que se espera de uma grande dama. O rapaz a viu se afastar, entre a surpresa e o encanto. As pessoas começaram a sair daquele transe e voltaram ao movimento de comer e dançar.

Ravin, ao lado de Celine, comentava como aquilo era aviltante e que o Duque precisava dar um jeito nisso imediatamente. Antes de terminar a frase, sua acompanhante já estava caminhando na direção de Philippe, como se levada por um encanto do mar.

– Celine!!! Celine!!!

Chamou-a, mas de nada adiantou. Ela foi até Philippe e, junto com ela, mais duas belas damas cederam à curiosidade de saber mais sobre aquele belo cavaleiro que atraía as atenções da futura rainha.

Enquanto isso, Prateada caminhava como se estivesse flutuando pelo salão, concentrando-se na ideia de que tinha um livro na cabeça que não podia cair. Chegou na orquestra e sorriu seu sorriso de menina.

– Com sua licença, senhor... – pediu, gentilmente. – Podem tocar aquela música em que as pessoas dançam devagar?

Eles concordaram e ela voltou animada. Queria chegar a Philippe antes da música começar. As pessoas lhe abriam caminho, encantadas com sua presença e beleza, e, antes de chegar, ela pôde ver que ele não estava só. Três damas

lindamente vestidas o cercavam, conversando e sorrindo. Uma das moças era Celine e Prateada parou. A música que esperava começou e viu Celine tocar o braço de Philippe. Baixou a cabeça, lembrando como Celine era graciosa e bela, como era encantadora e como estava se iludindo achando que poderia enganar alguém tentando ser uma dama. Deu as costas e voltou-se na direção oposta. Ele não iria dançar com ela com Celine o cortejando. Quem faria isso?

Os olhos estavam cheios d'água quando sentiu alguém tocar seu braço. Virou-se, vendo surpresa o belo rosto iluminado por um sorriso.

– Prateada, dá-me a honra desta dança? – perguntou Philippe.

Ela sorriu, os olhos brilhando agora de pura alegria. Entregou-lhe a delicada mão e deixou que ele a conduzisse para o meio do salão, onde as pessoas abriram espaço. E então, no meio de todos os convidados, eles dançaram passos perfeitos.



De cenho franzido pelas incômodas e inesperadas visitas, Lamayer retornou ao castelo, decidido a não deixar aquele contratempo estragar sua noite. Percebeu que as pessoas estavam perplexas com alguma coisa e logo imaginou deve ter sido o efeito da apresentação de Prateada, que ele lamentou profundamente ter perdido. O Duque estancou ao ver o motivo do espanto geral. No centro do grande salão enfeitado com flores e velas, Prateada dançava com Philippe, o mestiço.

Ravin o interpelou, nitidamente irritado.

– Isso é uma afronta! – disse o rapaz. – Estão pensando que ele é um de nós! Precisamos expulsá-lo agora!

Ravin tomou a iniciativa, mas o Duque o segurou firmemente pelo braço.

– Deixe – disse o Duque.

– O quê?! Mas...

– Faça o que eu disse! – Lamayer o olhou nos olhos e apertou seu braço. – Deixe.

Inconformado e sem entender a atitude do Duque, Ravin se afastou, o ódio lhe saltando nas veias como lava.

Lamayer olhou em volta. As pessoas observavam o casal que parecia saído do Reino das Fadas. Se tentassem retirar Philippe da festa, Prateada seria implacável. Conhecia o gênio da menina para saber que ela não pensaria duas vezes em pôr tudo a perder por causa do mestiço. No final, ela estava dançando e sorrindo. Estava feliz e convincente como um membro da alta sociedade. Era o que lhe bastava, por hora, e se o preço fosse receber um mestiço como convidado, tudo bem. Afinal, estava recebendo convidados infinitamente mais desagradáveis que aquele pobre mestiço. Pegou um serviçal que passava com vinho e encheu uma taça. Bebeu-a inteira quase sem respirar. A noite estava só começando...

Dentre os olhos que admiravam o casal que dançava, alguns não haviam recebido um convite. Os visitantes inesperados que tanto desagradaram Lamayer circulavam com suas belas roupas pelo salão, destacando-se por sua alvura e espalhando um peculiar aroma de flores mortas. Eles presenciavam, curiosos, o burburinho que envolvia o casal que parecia alheio a tudo. Logo se interessaram pela história que se desenrolava naqueles inocentes passos de dança. O homem que falara a Lamayer, acompanhado pelos amigos, todos de olhos profundos como se pudessem ver muito mais longe, fitava o jovem de cabelos negros e a moça de cabelos prateados, admirando os traços perfeitos e o brilho natural que eles possuíam.

– Belo casal... – comentou Michel, enquanto levava aos lábios a taça rubra.

– Não tenha ideias, Michel... – murmurou Louis, um belo homem de cabelos castanhos semilongos. – Lembre-se do Acordo.

– É só um comentário inocente, Louis! – reclamou o amigo. – Como você é dramático!

– Não sou dramático, Michel – respondeu o outro, calmamente. – E você não tem nada de inocente.

A mulher de cabelos castanhos e selvagens apontou com o olhar debochado o Duque que os observava de longe.

– Não tira os olhos de nós... Parece uma ave de rapina! – comentou a mulher de pele alva e dentes brancos. – O que ele acha que vamos fazer?

– Não se incomodem! – disse Michel. – Ele só deve estar querendo saber se estamos sendo bem servidos!

Michel acenou com um sorriso para o Duque, que permanecia impassível a observá-los.

– Ele sabe que não vamos fazer nada... – comentou Louis. – Afinal, existe o Acordo.

– É... – comentou Michel, distante, como se pensasse em outra coisa. – Existe o Acordo...

No salão, outras pessoas entravam na dança, deixando a noite colorida. As roupas caras refletiam as luzes e os aromas de flores se misturavam ao cheiro da comida. Prateada e Philippe continuaram dançando, iluminando tudo com sua luz própria. A música se elevava acima dos problemas e preocupações, dos rancores e remorsos, dos pensamentos daquela gente que ansiava por mudança, ao mesmo tempo em que esperava que nada mudasse.

O fato é que, logo, tudo mudaria. A dança seguia em passos leves, trazendo em cada nota um lembrete de que, depois daquela noite, as coisas não poderiam mais ser como antes. Prateada seria uma rainha e uma rainha não anda por aí a rodopiar em salões com um mestiço. Cada passo daquela dança os levava a uma estrada sem volta. Não se desaprende o que já se sabe, não se deixa de saber o que já se aprendeu. Depois daquele baile, haveria uma série de obrigações, deveres e desafios. Teriam que sobreviver às mudanças impostas e às escolhidas e isso era assustador. Poderiam escolher lutar contra o mundo juntos ou aceitarem as coisas como elas eram. Poderiam decidir prosseguir em sua dança ou interromper a música. Poderiam escolher alimentar seus próprios corações com o amor que sentiam um pelo outro ou esvaziar suas almas e aceitarem seus papéis. Muitas escolhas se estenderiam sob seus pés enquanto seguissem a música de seus corações, aquela música rara e belíssima que norteia o artista e entenece o guerreiro em plena batalha.

Naquele momento, porém, com tanto diante deles, enquanto sorriam um para o outro, enquanto giravam leves como plumas e suas mãos se tocavam docemente, escolheram não ter medo. Os problemas do futuro ainda não tinham

chegado. Enquanto o vinho fosse vertido nas taças e os vestidos rodopiassem no salão como rosas abrindo-se ao Sol, não se preocupariam. Philippe não tinha olhos para mais nada ou ninguém. Seu coração estava aos saltos e sentia-se preso aos olhos da moça mais linda que já vira. Prateada, em cujo rosto o sorriso parecia eterno, tinha os olhos brilhantes porque estava quase às lágrimas, tamanha sua alegria em estar com ele. Qualquer um que os visse saberia imediatamente que se completavam tão perfeitamente que seria impossível separá-los, pois viviam um na alma do outro.

Mas sempre haveria alguém para tentar...

Pois que viessem os inimigos, os carrancudos, os tacanhos e os de mente estreita! Que viessem os que detestavam, odiavam e se entristeciam com o próprio vazio, espalhando seu azedume mundo afora! Que viessem todos, pois naquele momento eles sabiam que podiam vencer qualquer um e superar qualquer coisa! Estavam juntos, felizes e nada no mundo era mais importante do que isso. Enquanto tivessem um ao outro para dar as mãos, estaria tudo bem. E cada qual sabia, daquelas certezas que não são baseadas na fé, mas no saber, que o outro sempre estaria ali para estender a mão e o sorriso. Que vivendo um no outro, em pensamento e coração, não haveria distância grande o bastante para os separar. Assim, sabiam que nos dias negros e nas noites longas, bastava essa certeza e tudo ficaria bem.

Por hora, isso bastava.



Do Livro Queimado da Bruxa de Gévaudan

Sobre a Iniciação das feiticeiras dos bosques

São várias as iniciações para os que querem entrar no mundo da magia. Em minhas andanças, conheci algumas! Presenciei iniciações onde bruxas ficavam inteiramente nuas e outras em que homens e mulheres selavam sua entrada no reino mágico com atos íntimos. Muito íntimos. Descobri alguns rituais tão secretos que cheguei a temer por minha vida caso alguém soubesse da intrusa presença do meu nariz em seus assuntos. Acredito que há iniciações em praticamente todos os povos, inclusive entre os *encantados*.

Eu mesma vi uma iniciação de feiticeiras no Bosque de La Baume e havia lá muitos encantados. Fadas, gnomos, silfos e só pude ver uma única ondina, provavelmente a guardiã do lago, a pouca distância dali. A iniciação das feiticeiras dos bosques é muito bonita, uma das mais belas que já vi e plenamente aceita pelos encantados e guardiões, pois, como disse, estavam todos lá.

Quanto a mais ou menos efetiva das iniciações, ainda não cheguei a uma conclusão. Pude acompanhar a vida pessoal e mágica de algumas das pessoas iniciadas nas mais diferentes tradições. Algumas tiveram sucesso em tudo. Outras amargaram fracassos e perdas. Outras ainda ficaram totalmente malucas. Talvez, não seja o método em si, mas a sinceridade do coração do iniciado. No fim, não importa o grau de sofisticação da festa ou qual comida é servida se os convidados certos se recusarem a aparecer.

A Iniciação dos Bosques

De acordo com o que foi visto e ouvido por mim no Bosque de La Baume, 1780.

Usar uma roupa verde com detalhes vermelhos

Levar uma cesta de frutas da época

Madeira seca para a fogueira

Sementes e ervas secas

Folhas verdes

Uma ânfora de vinho da cor de sangue

O dia ideal é o primeiro, segundo ou terceiro da Lua Cheia. Por esses três dias, deve-se ter feito jejum e nenhuma palavra de maldade deve ter saído de sua boca. O coração e a mente devem estar tranquilos. Esse ritual também pode ser

feito por homens, embora em minhas experiências, estes prefiram rituais com entidades mais belicosas e agressivas, pois sempre desejam mais poder.

Quando a Lua estiver alta no céu, acenda a fogueira, chamando pela Mãe e pelo Pai de todas as coisas. Peça para abrir o véu entre você e o mundo dos encantados, para que a magia possa ser despertada em seu coração e alma. Diante da fogueira, tome seu lado esquerdo e siga-o, andando em círculo, jogando as folhas verdes, entoando a canção dos antigos.

*Mãe dos Bosques, Pai das Matas
Com ternura e amor
Cuida desta filha
Livra-a da dor
Das armadilhas e ciladas
De noite ou de dia
Sob a chuva ou sob o Sol
Que seja a magia
Minha proteção, minha alegria.
Das bruxas ancestrais
Eu peço a sabedoria.
Dos elementais,
A fartura e boa sorte.
Dos espíritos das árvores,
Uma boa vida e uma boa morte.*

Diante da fogueira, deposite a cesta de frutas. Olhe atentamente na fogueira e ajoelhe-se diante dela. Respire profundamente e jogue as sementes na fogueira em três punhados, dizendo:

- Por essas sementes, peço entrada no reino da magia!
- Faça o mesmo com as ervas.
- Por essas ervas, limpo o meu caminho para o conhecimento mágico!
- E por fim, jogue a moeda na fogueira.
- E com esta moeda, pago o barqueiro quando a estrada terminar.

Feche os olhos e ouça o trepidar das salamandras, os assobios dos silfos, o farfalhar das folhas em sussurros e segredos. Então abra os olhos e olhe atentamente a fogueira. Sua entrada será agora aceita ou negada, pois diante da fogueira você é o que é, sem mentiras ou disfarces.

Erga a cesta de frutas e ofereça aos espíritos dos Bosques como um presente por terem aceito você como filha. Agora, você é uma Filha do Bosque, ou

uma Feiticeira dos Bosques. Seus poderes virão dos elementais da Terra, das dríades, dos grandes devas das montanhas. Você dominará as ervas, terá o dom de curar através delas, e da terra virá todo o seu sustento. A moeda que você pagou poderá lhe servir de duas formas. A primeira, numa emergência, quando precisar de uma saída rápida, peça para as Bruxas Ancestrais a ajudarem. Uma saída milagrosa então lhe surgirá. A segunda será quando você terminar sua jornada neste mundo e, estando no outro, precisar se locomover. Não só barqueiros e balseiros, mas toda forma de transporte que surgir, como cavalos e carruagens, estarão a seu serviço.

Durma e sonhe, até a fogueira apagar.

Sobre os povos encantados e suas cidades secretas

Em todo lugar onde fui, de montanhas a lagos, soube de cidades secretas encobertas pela névoa e por magia, onde habitam povos encantados. De reinos de fadas às cidades dos gnomos, das cidades dos homens-lobos às cidades-ponte, onde todos os encantados possuem passagem livre (até mesmo os vampiros, tão mal vistos entre a maioria dos homens e encantados).

Porém, de todas as cidades secretas, nenhuma é mais intrigante que Avalon, a ilha das sacerdotisas e druidas que preservam ainda hoje os conhecimentos da antiga magia.

Sempre foi muito difícil saber mais das cidades secretas. Claro, se fosse fácil, não seriam secretas. Elas podem se abrir ao visitante ou fechar-se para sempre em seus mistérios. Tive o prazer de pisar em algumas dessas cidades e travar conhecimento com povos encantados.

Conheci Avalon. Envolta em brumas, cercada por águas profundas, ela aparece e desaparece magicamente. Fiquei algumas semanas em companhia das sacerdotisas, uma raça antiga de feiticeiras de rara beleza. Elas vivem muito mais do que as mulheres comuns e apesar de envelhecerem, o fazem com graça e a dose certa de vaidade. São também mulheres guerreiras, prontas para empunhar espadas se seus segredos estiverem em perigo.

É o último reduto da magia antiga dos celtas e onde verdadeiramente está o corpo do lendário Rei Arthur. Elas acreditam que ele retornará pra guiar novamente o mundo, reunindo cavaleiros valorosos para combaterem um grande mal e depois de uma grande batalha, a vitória de Arthur e seus cavaleiros trará ao mundo uma era de ouro, com fartura, alegria e tranquilidade.

O tempo em Avalon não passa como em nosso mundo normal. Na verdade, muitas cidades secretas possuem essa característica. No reino das fadas (ao qual quase fui uma vez), o tempo corre de forma tão diferente da nossa que quando um ser humano é levado pra lá, mesmo que volte em alguns minutos, transforma-se em pó assim que entra em nosso mundo novamente, pois já se passaram séculos. Felizmente, contratemplos me impediram de ir ao mundo das fadas, o que me impediu de virar pó, o que, por sua vez, me deixou muito feliz.

Voltando às sacerdotisas, elas vestem roupas esvoaçantes e possuem longos cabelos ondulados. Os druidas são belos e os mais velhos possuem barba. Os mais jovens são belíssimos e cheguei a me apaixonar por um deles (o que acabou abreviando minha estadia por lá). Eles ainda mantêm as velhas tradições de esbats e sabats e nenhum deles pode deixar a ilha. Caso o faça, nunca mais poderá voltar. Por ser uma bruxa e ter caído na simpatia das sacerdotisas, a mim foi dada a escolha de assumir o amor com meu jovem druida de olhos que variavam entre o

verde das matas e o azul do céu e viver ali pra sempre ou ir embora. Bom, se você me procurar por lá, não vai encontrar. Os motivos... Bem, os motivos eu conto numa outra hora.

Aprendi muito em Avalon, inclusive a controlar a neblina, invocá-la ou dissipá-la com encantamentos. Aprendi também a prolongar o tempo da juventude. Eis a magia que lá me foi ensinada e que pratico até este momento:

Precisaremos de:

Uma bacia de prata
Água de chuva de primavera
Sete gotas de mel
Sete rosas brancas com orvalho
Um cristal rosa

Numa noite de Lua Cheia, coberta por uma túnica branca, vá a um lugar solitário onde a Lua possa ser vista. Retire a túnica, ficando totalmente nua. Na bacia, coloque a água, as rosas despetaladas, o mel e o cristal. Erga a bacia para a Lua e diga:

*Mãe Branca, que seus raios recaiam sobre esta água sagrada
Que sua magia cubra este corpo e esta alma
Eu aceito a beleza e a juventude que me é dada
E com seu poder, aceito que ela seja prolongada
Que os anos não passem
Que os meses retornem
Que os dias não acabem
Que as noites me adornem
Que cada ano seja um dia
Pelo poder da magia
Que o tempo seja agora meu aliado
Pela Lua, na pele nua
Pela Lua, pois sou tua
Hoje e sempre, de noite e de dia
Sou mãe, sou donzela e anciã
Mantenho beleza, inocência e sabedoria
Pelo poder das Três Deusas
Eu sou o que almejo
Que se cumpra o meu desejo.*

Neste momento, quando o poder é sentido em cada parte do seu ser e a Lua derramar sobre você seus raios encantados, derrame a água sobre seu rosto, cabelo e corpo.

O cristal deve ser guardado e utilizado na próxima Lua Cheia. Quando mais se fizer esse feitiço, menos o tempo imprime sobre a pessoa suas marcas.

Sobre a Guerra dos Seres Encantados

Se você já teve infância, deve ter ouvido sobre uma época em que os animais falavam. Pois essa época existiu. Houve uma época em que homens e animais podiam se comunicar, mas o homem ficou arrogante e se afastou de seus irmãos, das árvores e das montanhas... Foi assim que nós, humanos, perdemos o contato com os seres encantados. Essa separação foi e é a origem de todas as nossas doenças, tanto da alma quanto do corpo, posto que, sem eles, somos incompletos.

Ouvi falar sobre uma guerra que envolveu os seres encantados e os homens. Nessa guerra, os homens procuraram exterminar os encantados, acreditando que eles ofereciam perigos e possuíam tesouros ocultos. O que os homens não sabiam era que a morte dos encantados causaria um desequilíbrio tão grande que terminaria com suas vidas. Terríveis cataclismas assolaram as cidades dos homens, matando milhares de pessoas.

Segundo dizem antigos feiticeiros xamãs, a Guerra durou muitos anos e cidades inteiras ficaram submersas depois de grandes maremotos, como vingança das ondinas. Pompéia e Herculano tombaram sob cinza e lava, com a fúria das salamandras, e antes que homens e encantados se destruíssem por completo, a Grande Divindade interferiu.

Foi dito aos encantados que deviam se afastar dos homens. E aos homens foi dada a pior das punições, já que sua cobiça começara a destruição: o esquecimento. Uma chuva de prata caiu sobre todas as cidades e povoados, sobre todos os que possuíam uma casa. E essa chuva apagou da mente dos homens qualquer memória de uma vida entre fadas e sátiros, entre ninfas e nereidas, entre dragões e grifos...

Foram poupados apenas os ciganos, que não tinham um teto e estavam sempre nas estradas. Eles, por sempre terem convivido com alegria entre os encantados, são até hoje bem-vindos em seus reinos. Também foram poupadas algumas pessoas que tinham asas. Quando suas asas se abrem, elas voltam a se lembrar, mas enquanto estão com as asas fechadas, são tristes e melancólicas. Essas asas se abrem quando elas fazem algo que amam, ou quando se apaixonam verdadeiramente, e olhos treinados podem vê-las brilhando na noite em suaves cores.

O tempo apaga lembranças e cura feridas. Com o tempo, tanto encantados quanto homens sentiram falta uns dos outros, porque o todo não é todo sem a parte. Humanos quando crianças, quando ainda têm asas, podem ver ou sentir os encantados. E estes voltam a se aproximar deles.

Depois dessa Guerra, no entanto, houve uma outra, ainda mais sinistra. Na primeira Guerra, um dos povos encantados que mais guardou rancor dos homens foi o dos Homens- Lobos. Se antes eles viviam entre os homens, hoje vivem isolados em cidades secretas, ou solitariamente em florestas. Os Homens-Lobos são uma raça muito especial, que vive entre mundos. São encantados, mas são de carne e osso como nós. São os encantados mais próximos dos humanos. Por isso ficaram tão magoados com a traição dos homens – traição esta que matou milhares deles. Perseguidos, caçados, mortos e estripados, eram transformados em peles numa matança terrível ou deixados para morrer em armadilhas cruéis.

Pois se a primeira Guerra foi provocada por humanos, a segunda definitivamente começou com os Lobos. Contam as lendas que vampiros e lobisomens declararam guerra e tanto encantados quanto homens foram obrigados a escolher um lado. Sempre me perguntei o que teria provocado essa guerra. Entre os feiticeiros, dizem que foi por causa de poder. Entre as bruxas, dizem que foi por causa de um amor impossível. Entre os sábios, diz-se que foi por causa de um jovem mestiço...

Hoje, séculos depois do fim da última guerra, ainda precisamos de ajuda para contatar novamente os encantados. Precisamos recuperar sua confiança. Como bruxa, aprendi alguns truques para fazer com que se aproximem.

Cantar com os ventos é uma ótima forma de atrair as fadas, por exemplo. Deve-se fechar os olhos e cantar. Suas roupas devem ser coloridas e ter brilho, para que elas queiram se aproximar. As roupas coloridas e brilhantes dos ciganos não são assim por mero acaso. Tudo o que for belo atrai a atenção desses seres mágicos. Solte os cabelos e enfeite-os com flores. Se deixar pequenos doces, elas ficarão felizes e começarão a reconhecer você. Faça isso várias vezes, sem esperar nada em troca. Feche os olhos e ouça-as, veja-as. Elas se manifestam como rastros de cores ou balões coloridos.

Elas gostam de rapazes belos. Magos ou bruxos bonitos têm grandes chances de cair nas graças das fadas e conseguir seus favores. Elas realmente amam a beleza, mas deve-se ter cuidado, pois seu amor pode se tornar ciúme e causar alguns danos ao objeto de sua paixão. Foi com as fadas que ouvi pela primeira vez sobre o tal mestiço que teria começado a guerra. Elas diziam que ele era belíssimo! Percebi que algumas delas eram apaixonadas por ele. Sim, mesmo tendo-se passado 200 anos desde a guerra, as fadas ainda lembram. O tempo pra elas corre diferente e enquanto humanos viram pó, sobem aos céus e descem novamente à terra, elas continuam em sua rotina de festas, danças e trabalho. Ao ver fadas apaixonadas, fiquei imaginando como deveria ser esse mestiço... Elas me contaram muitas histórias e, de tanto ouvir, temo que me apaixonei também!

As fadas são terríveis!...

Sobre como fazer a verdade aparecer

Todos temos inimigos. Se você acha que não tem, não procurou direito. Infelizmente, sempre há alguém desejando o seu pior, torcendo para vê-lo cair. Tenho visto pessoas boas sendo derrotadas e mortas por seus inimigos. Um fato em especial, acontecido quando eu tinha 14 anos, me fez prometer proteger pessoas que não tinham a maldade necessária para se protegerem dos que não lhe querem bem.

Sim, você precisa ter uma dose de maldade no coração... Lembre-se disso. Essa maldade, que os padres garantem que nos levarão para o inferno, é o que nos ajuda a entender os passos dos nossos inimigos. Seria bom se a Divindade nos enviassem sempre inimigos com ética, daqueles que nos ajudam a crescer através das adversidades. Mas nem sempre os inimigos são assim. Alguns – a maioria – são covardes e agem nas sombras, atacam pelas costas e contam com o poder das mentiras. Sem uma dose de maldade no coração, as ações desses inimigos nos passam despercebidas, até ser tarde demais.

Esse evento que mencionei, de quando eu tinha 14 anos, começou com uma pequena mentira branca. Transformou-se em uma acusação grave e um castigo injustamente aplicado. Terminou com a perda do meu melhor amigo. Em seu túmulo, eu jurei destruir os responsáveis por sua morte. E foi aí que comecei a me dedicar a métodos de defesa contra inimigos e para fazer a verdade aparecer.

Quando desconfiar que uma pessoa está a lhe esconder a verdade, faça o seguinte. numa Lua Cheia, pegue um pedaço pequeno de canela e mostre para a lua, dizendo:

*Grande Mãe que ilumina a noite
Que joga luz sobre os caminhos escuros
Através deste feitiço
Mostre os desejos obscuros
Mostre a verdade nua e crua
Como a noite é iluminada pela Lua
Apenas a verdade sairá
Dos lábios que este feitiço tocar.*

Então, com a ponta de uma faca afiada, escreva no pedaço de canela as palavras “Fiat veritas”. Guarde esse pedaço de canela embrulhado com cuidado em pano vermelho. Sempre que precisar saber a verdade de alguém, prepare um chá ou uma bebida qualquer e mecha-o com o pau de canela, sussurrando as palavras:

Laculum, et gladius, et sagitta acuta, homo qui loquitur contra proximum suum falsum testimonium.[\[1\]](#)

Então, basta que converse com a pessoa e a verdade sairá dos lábios dela.

Por vezes, seu inimigo não é tão próximo a ponto de você oferecer uma bebida e ele tomar sem achar que é veneno. Para esses inimigos declarados, você pode realizar um ritual semelhante à distância. Escreva o nome completo da pessoa numa quinta-feira de Lua Cheia. Numa ânfora cheia de água de riacho, coloque sementes de alfazema, três pedras de rio (lisas) e pétalas de uma rosa branca. Mostre para a lua, dizendo:

*Mãe dos caminhos ocultos,
Revele a verdade diante de todos.
Que as mentiras e calúnias,
Sejam expostas e reveladas,
E Maat traga a justiça
Às pessoas desamparadas.
Pois os que caminham na estrada da Verdade,
Sempre serão recompensados
Com a honestidade.*

Olhe dentro da ânfora e imagine os raios da lua cobrindo a pessoa que está a caluniar você ou os seus. Fique assim por alguns minutos. Diga baixinho o nome da pessoa sete vezes para a água dentro da jarra. Então recite o encantamento:

*A verdade sempre vencerá,
A verdade sempre aparecerá.
Por onde quer que andes, por onde quer que vás,
A verdade te acompanhará.
Se tuas palavras forem mentirosas,
A luz da Lua e o poder de Maat tudo revelará.
Estás agora preso à verdade,
E a verdade o libertará.*

Depois, tenha paciência e aguarde. O problema de muitos bruxos e feiticeiros que conheci é serem afobados. Não há motivo para isso. Para a boa bruxa sábia, há um velho ditado: “Se alguém atrapalha sua vida, calunia o teu

nome e pisa nos teus calos sem motivo, não se irrite, nem se revolte. Pegue uma vara e vá pescar, e dentro de algumas horas, verá um corpo a passar boiando no rio...”

Sobre métodos de induzir alguém a fazer o que queremos

Aprendi desde cedo a usar artifícios mágicos para induzir pessoas a fazer minhas vontades. Há muitos meios de se fazer isso. E eu não aconselho nenhum. Descobri, um tanto mais tarde do que gostaria, que o Universo possui algumas leis para manter o equilíbrio entre ordem e caos. Uma dessas leis é a de causa e efeito. Quando fazemos alguma coisa, esta coisa volta para nós, numa reação natural. Na magia, essa ação volta triplicada. No mínimo.

Assim, descobri da pior maneira possível que a Lei Tríplice é implacável. Também descobri que os regentes dessa Lei são muito criativos e possuem um senso de humor muito bizarro. A ação retorna de forma inesperada, de fonte desconhecida, sempre no pior momento possível e na pior ordem imaginável, causando uma sucessão de pequenas tragédias pessoais que beira o ridículo.

Apesar de não aconselhar, acho que deveria registrar alguma coisa. Então vou, mas é sempre bom lembrar. A Lei do Tríplice Retorno é aplicada sempre que alguém utiliza a magia para tomar o livre arbítrio de outra pessoa. Por que três vezes a ação retorna para quem a fez? Porque são três forças em ação. A primeira, a vontade do próprio bruxo que está realizando a magia. A segunda, a energia com a qual ele escolheu trabalhar, geralmente algum habitante de um dos reinos elementais. E a terceira, a Divindade que faz a ligação entre o bruxo e a energia que ele quer utilizar. Como elementais não são responsáveis por nada, são os magos e bruxas que assumem suas contas. Então, as três forças retornam àquele que as utilizou. Utilize bem, e elas retornarão multiplicadas. Utilize-as mal e elas retornarão do mesmo jeito. Esta Lei também é conhecida como a Lei do Três Vezes Três, pois nunca se sabe com que intensidade o Universo vai cobrar sua dívida. Tudo depende do estrago que sua ação causou. Como estamos todos interligados, uma ação sempre interfere com outra, e um pequeno empurrão nas peças do destino pode desencadear uma tragédia de proporções bíblicas!

A Lei pode demorar, mas é inevitável, como toda força da natureza. Não demorou no meu caso e um dia conto a história inteira, mas pode demorar até mesmo vidas inteiras. Sabendo disso, fica a seu critério utilizar ou não um feitiço que induz alguém a fazer o que desejamos.

Esta magia é uma magia de manipulação para deixar uma pessoa mais receptiva ao que você deseja. Pegue um punhado das seguintes ervas secas:

Folhas de videira

Abre-caminho

Samambaia das pedras

Pegue flores secas de macela e transforme em pó. Junte com um pouco de açúcar (muito raro por essas terras, pois vem dos trópicos). Numa Lua Nova, entre meia-noite e três horas da manhã, escreva o nome da pessoa que você quer manipular num pergaminho e coloque fogo nas ervas secas. Jogue um pouco do pó de macela e açúcar por alto no fogo. Em geral, não colocamos flores no fogo, pois elas pertencem aos elementais do ar, que possuem uma pequena rixa com os elementais do Fogo. Mas nesse caso, as flores foram transformadas em pó e precisaremos atizar os elementais.

Coloque o nome escrito no pergaminho na fumaça que se forma e chame o nome da pessoa 13 vezes. Então, feche os olhos e veja essa pessoa diante de você. Diga a ela o que deseja que ela faça. Então, guarde o nome dela com o pó de macela e açúcar dentro de um pote, dizendo:

Nada mais habitará teu pensamento além do que te pedi.

E não estarás livre até que faças.

Assim seja, assim se faça.

Assim seja, assim se faça.

Assim seja, assim se faça.

Quando conseguir o que deseja, sobre o pó num jardim de flores ou num lugar alto onde sopra forte o vento. E o nome no pergaminho, rasgue, dizendo:

Pelos ventos que livres correm, pelas nuvens que leves se vão, eu te liberto de tua obrigação.

E jogue o pergaminho picado com o nome ao vento.

Sobre como ganhar a simpatia de pessoas importantes

Tenho uma amiga de beleza ímpar. Era uma simples camponesa, mas sua personalidade podia fazê-la chegar muito mais longe do que seu pobre vilarejo. Para isso era preciso que, antes de tudo, ela quisesse ser mais. Bom, ela queria. Então começamos a agir.

Muitas vezes, por mais que nos esforcemos, por mais belos ou inteligentes, graciosos e bem humorados que sejamos, não conseguimos galgar as altas rodas. Os ricos e nobres podem até se divertir conosco, mas não abrem suas portas para pessoas sem origens. É como se rissem com artistas de rua. Podem lhes dar uns trocados, mas não os convidarão para sua mesa.

Mas, se você souber jogar com as cartas que tem e usar um pouco de magia, portas se abrirão e você poderá romper esse rígido sistema de castas onde os ricos continuam ricos e os pobres continuam pobres e a única saída da vida miserável é o clero, com ou sem vocação.

A primeira coisa que você deve saber para ganhar a simpatia dos poderosos é que eles trabalham com o sol. Não é a toa que o Rei Luís XIV, cujo ego era maior do que a própria França, exigia que o chamassem de Rei Sol e usava aquelas fantasias ridículas em suas grandes festas para que ninguém esquecesse. Por isso, quase todos os feitiços para atrair a atenção dos poderosos serão feitos sob a luz forte de um sol de domingo e quanto mais limpo for o céu, melhor.

Pois bem, eis o que deve fazer: arrume um espelho e lave-o muito bem em água de riacho. A seguir, embrulhe-o num pano limpo até a hora do feitiço. Num domingo, com o sol bem alto, vire-se em sua direção e mostre o espelho, dizendo:

*Carruagem de Apolo, Astro da Luz Eterna,
Derrame sobre mim seus raios poderosos
Para que todos os que olharem para mim
Vejam seus reflexos luminosos
E que meus encantos sobre eles nunca tenham fim.
Com sua ajuda, eu recebo os favores dos que detêm o poder,
Como de sua mesa, desfruto de sua casa, e assim,
Terei tudo o que quiser ter, serei tudo o que quiser ser.
Com sua luz e sua graça
Assim seja, assim se faça.*

Feito isso, embrulhe novamente o espelho no pano. Esse espelho, nesse simples encantamento, é, a partir de agora, mágico e poderá passar para você os

encantos dos espíritos do sol sempre quequiser. Quando desejar brilhar diante de alguém ou de um grupo de pessoas poderosas, pegue o espelho e olhe-se nele, repetindo o encantamento. Você passará a brilhar e encantar todos a sua volta.

Você pode variar o tipo de impressão que quer causar de acordo com o dia em que fizer o encantamento. Para brilhar e causar admiração, utilize sempre o domingo. Para brilhar e provocar amor, faça o encanto numa sexta-feira. Para brilhar para pessoas de poder em armas ou político, o feitiço deve ser feito numa quinta-feira. Para brilhar em meios intelectuais, como escritores, eruditos ou filósofos, o encanto deve ser feito numa quarta-feira. Caso haja rivais e você precise brilhar mais do que eles, faça a magia numa terça-feira. O sábado é indicado caso pretenda ganhar a simpatia de pessoas muito rígidas ou velhas. A segunda-feira é indicada para ganhar a simpatia dos membros do clero ou de círculos de magia.

Este foi um dos feitiços que a amiga de que falei realizou. Não demorou a casar-se com um comerciante muito rico que logo veio a falecer (não tive nada com isso). Em pouquíssimo tempo, a filha de açougueiro estava frequentando as altas rodas de Paris, escrevendo peças e brilhando.

O espelho mágico pode ser recarregado, mas lembre-se de fazê-lo sempre no mesmo dia da semana em que o primeiro feitiço foi feito e sempre com sol alto e forte. Se o primeiro encanto foi feito num domingo, só poderá recarregá-lo num domingo. Se a primeira vez foi numa terça, só poderá recarregá-lo na terça. Para outros dias, terá que ter outros espelhos. Símbolos mágicos desenhados nas costas do espelho e em seu cabo também podem aumentar o poder do feitiço.

E muito cuidado! Ninguém jamais poderá utilizar este espelho. Caso o faça, terá roubado todo o seu brilho e todas as atenções se voltarão para ela. O espelho dá brilho sempre a quem se reflete nele e, efêmero como as energias do sol, retira o brilho dado rapidamente se o rosto sob sua luz é outro. Se isso acontecer, é preciso quebrar o feitiço, quebrando o espelho, e só poderá realizá-lo novamente depois de um ciclo completo das estações.

Esse feitiço certamente fará com que uma pessoa galgue os degraus sociais com graça e brilho. Lembre-se de que isso funciona com quem estava no poder quando o feitiço foi feito. Se mudarem suas peças no tabuleiro, refaça o feitiço para evitar que os novos poderosos se voltem contra você.

Sobre a maior força da magia e do Universo

Todo mundo precisa de alguém ou alguma coisa para amar. Conheci cavalheiros que amavam damas, damas que amavam seu reflexo no espelho e homens e mulheres que amavam sua luta constante com um rival. O amor, no sentido que falo, não é o romântico, fácil de identificar, como o amor de um filho pela mãe. O amor tem muitas faces, muitas roupas, e por vezes é muito difícil reconhecê-lo.

Conheci uma feiticeira que possuía a sabedoria do tempo e dizia que o amor é a força mais poderosa do universo. Na época, achei que ela falava de paixão e romance. Algumas coisas, só o tempo pode ensinar.

O poder sobre o qual ela contou era muito mais amplo, infinitamente mais abrangente que o amor de dois jovens apaixonados. De fato, quando vemos duas pessoas apaixonadas, conseguimos vislumbrar um lampejo desse poder inerente a todos nós. Mas ainda é só um lampejo. O manancial verdadeiro está dentro de nós, pronto para agir na direção que desejarmos.

O amor pode ser empregado entre as pessoas próximas, direcionado para aquele que dividem sonhos e gostos conosco, os amigos, e essa é a forma mais fácil de amor (qualquer idiota é capaz de enviar amor para aqueles que o tratam bem todos os dias). Aqueles que amam tudo a sua volta, esses sim possuem uma forma mais refinada de amor. Amam animais e flores, nuvens e estrelas, procuram a beleza mesmo onde ela está oculta e preenchem o coração com essa energia poderosa.

Nos tempos em que morei com o Padre Aléxis, pude observar de perto os ritos cristãos. Um dia, eu o vi, rezando sozinho na igreja. Seu rosto estava tão belo e uma luz o envolvia, preenchendo todo o local. Quando a luz chegou em mim, fui também contagiada por aquela energia fantástica. Foi quando aprendi que a real fé não era temor a Deus como diziam. Era amor. Amor profundo, verdadeiro e totalmente confiante.

Achei que somente o cristianismo poderia proporcionar aquela energia luminosa, mas eu era muito jovem e ainda tinha muito a ver e aprender. Felizmente, era uma menina curiosa e logo percebi que essa mesma energia podia ser sentida sempre que alguém amava tão profundamente e, ao mesmo tempo, de forma tão elevada, que era capaz de atingir uma vibração tão alta que o ligava à divindade que existe em todas as coisas. Esse tipo de amor podia ser sentido em qualquer lugar, em qualquer momento e em qualquer pessoa.

Para atingir esse amor, é preciso, basicamente, três coisas: exercício constante, abrir os olhos e confiar.

Exercício constante

Sim, o amor precisa de exercício constante. Amor são palavras e ações. Não basta sentir, é preciso agir. E não pode ser economizado. Aquele que ama só sua família ou os que lhe são próximos é limitado em poder. Por mais ouro e títulos que tenha, é limitado no poder real, naquele que é verdadeiro. Porém, amar tudo e todos não é tarefa fácil. Por isso é preciso exercitar. Comece amando quem você é, passe para as pessoas próximas, estenda aos animais, ame o que você faz, ame seus defeitos, ame os desconhecidos. Amar é ver o que há de bom e belo no que você vê. Essa bondade e beleza que você aprende a ver se manifesta dentro de você, como se você fosse um espelho.

Cuidado apenas para não se iludir e ver o que não está lá. Seus inimigos ainda serão seus inimigos. Veja as qualidades que realmente existem, mas não procure neles virtudes inexistentes. Amar os inimigos não quer dizer amá-los como se ama um amigo, pois se você fizer isso, é burro. Seu inimigo vai se aproximar de você e destruí-lo! Devemos amar nosso inimigo como se ama um ser humano, compreender que ele possui falhas e que ainda está aprendendo. Se está em suas mãos puni-lo justamente, puna. Se suas espadas se cruzarem, que a sua seja vencedora. Se um de vocês tiver que morrer, que seja ele. Mas faça isso sem estar cego de ódio. Faça porque você é um instrumento de crescimento dele, tanto quando ele é o seu.

Abra os olhos

As pessoas que não amam, não enxergam. São cegas para as coisas que poderiam amar. Olham para uma árvore e só vêem uma árvore. Por isso não se importam em cortá-la. Se pudessem olhar além, veriam a alma que ali vive, os pássaros que ali fazem ninho, os silfos que em suas folhas dormitam, as fadas que em suas flores colocam cores, os gnomos que aos seus pés festejam os frutos. Veriam sua alegria em viver e sua tristeza em morrer e perceberiam que é impossível não amar toda aquela vida. Quando abrimos os olhos da alma, podemos ver além. Quando vemos além, podemos encontrar a verdade e, se formos poderosos, poderemos amá-la, seja ela qual for.

Confie

Amor exige confiança. Não exatamente nas pessoas que amamos. Podemos amar um cão e sermos mordidos por ele. A confiança exigida pelo amor é voltar a amar o cão, mesmo depois da mordida. Se uma pessoa nos desaponta, tendemos a

fechar nosso coração para que essa pessoa não entre mais, pois ela pode nos ferir. Mas as pessoas erram. Se formos fechar as portas do coração para cada um que erra, ele ficará vazio e um coração vazio não pode produzir amor. Devemos amar as pessoas novamente, mas dessa vez, conscientes de suas limitações. Devemos confiar no amor novamente. Para confiar na pessoa, dê-lhe tempo e oportunidade para provar que mudou. Todo mundo muda.

O Amor como Força do Universo

Quando realizamos uma magia, utilizamos energias do universo que a Divindade dispõe para os que desejam e conhecem os segredos. Utilizamos energias do Sol, de Vênus, da Terra, da Água, do Fogo, do Ar, das pedras, das árvores, das flores, das montanhas e de tudo o que existe. Mas a mais poderosa energia para uma magia é a do amor. Ela é mais poderosa que o ódio e é como a luz sobre as trevas. Para canalizar essa energia é preciso ter muito dela em estoque. Poucas pessoas possuem esse estoque. Conquiste essa energia e você terá nas mãos o maior poder do Universo.

A Magia para acalmar o coração e afastar o desespero

Quando o desespero se abate sobre nós, há muito pouco que podemos fazer. O desespero embota a visão e nos impulsiona para o abismo, justamente quando estamos a apenas alguns passos dele. Na minha vida de bruxa, vi pessoas cometerem erros fatais em duas ocasiões: quando estavam com medo e quando estavam desesperadas. E é por isso que precisamos ter na manga um artifício mágico para combater as duas situações, pois ambas podem levá-lo ao desastre.

Para descobrirmos a solução ideal – digo descobrirmos porque há soluções para TODOS os nossos problemas. Só precisamos descobri-las... – precisamos compreender como o desespero nos atinge.

Temos todos uma série de inimigos. Alguns podemos ver. Outros, não. São esses que não vemos os mais perigosos. Eles aguardam o momento propício para nos jogarem ao chão, onde pisarão em nossas cabeças para que não mais nos levantemos. O desespero abre uma porta para que esses inimigos tenham essa oportunidade.

Desesperar significa perder a esperança. E a esperança e a fé são muito parecidas. Quando perdemos uma, perdemos a outra, pois ambas andam na mesma carruagem. A esperança (e a fé) faz com que nosso coração flutue acima dos obstáculos e problemas, nos ajudando a passar por situações difíceis. No entanto, se ambas nos faltam, nós despencamos num abismo sem fundo. É aí que abrimos a porta para todas as vozes terríveis que nos dão maus conselhos.

Para evitar que isso aconteça, você deve ter o coração tranquilo, sempre. Isso requer um treinamento de coração. É a fé verdadeira, aquela que sabe que tudo vai ficar bem, não importa o que digam nem como o diabo se apresenta, pois ele não é tão feio quanto pintam. Esse treinamento vem da observação, meditação e constância. Segue um ritual que você pode fazer em qualquer situação para treinar seu coração a ser mais forte, pois só os fracos deixam partir a carruagem com a fé e a esperança dentro dela...

A Vela Negra

Você precisará de uma vela negra. Numa noite de Lua Negra, quando ela está totalmente oculta na escuridão dos céus, vá a um lugar onde possa se sentar na terra.

Segure a vela nas suas mãos como se elas estivessem unidas em oração. Deixe seu coração se ligar à Grande Divindade e seus representantes, seus mentores e guardiões. Leve quanto tempo quiser nessa preparação, onde você pode entoar cânticos. Quando estiver pronto, respire profundamente, feche os olhos e

imagine todos os seus problemas e preocupações circulando você, como um turbilhão. Provavelmente, você ouvirá sons, gritos e vozes. Permaneça parado e tranquilo, mantendo a respiração profunda e os olhos fechados. Erga a vela e diga:

*Lua Negra, minha mãe e irmã
Eu lhe peço que leve embora
Empecilhos e obstáculos
Leve embora e leve agora,
Inimigos e insensatos,
Dívidas e problemas
Dúvidas e Preocupações
Eu me despeço nesta sagrada hora,
Das tristes questões,
Dos aborrecimentos,
Do desânimo e tristeza
Dos negros acontecimentos,
Que tiram a minha clareza.*

Sinta o redemoinho aumentar e então diga com muita firmeza:

*Do mundo visível e invisível,
Do que pode ser tocado ou não,
É neste momento sugado para esta vela
Com o poder de um furacão!
Que tudo de ruim que me rodeia agora,
Entre nesta vela nesta sagrada hora.
Que tudo de ruim que me rodeia agora,
Entre nesta vela nesta sagrada hora.
Que tudo de ruim que me rodeia agora,
Entre nesta vela nesta sagrada hora.*

Então, sentindo que a vela negra está carregada com tudo o que atrapalha sua vida, visível ou invisível, quebre-a com firmeza três vezes, separando-a em três pedaços distintos. Depois de quebradas, você não deve mais tocá-las. Coloque os pedaços numa caixa ou saco e só pegue com a ajuda de um pedaço de pano.

O primeiro pedaço, você deve enterrar ao pé de uma árvore velha, pedindo-lhe que transforme aquelas energias em coisas positivas com o poder de suas raízes. Ao terminar de enterrar, cante três vezes a seguinte frase:

Iam enim hiems transiit, imber abiit, et recessit. [\[2\]](#)

O segundo pedaço deve ser enterrado perto de um riacho, poço ou lago. Você deve pedir respeitosamente aos encantados daquele local que transmutem aquelas energias e transformem tudo e coisas boas, para você e para outras pessoas. Então, depois de enterrar, você deve cantar três vezes:

Iam tempus illi fecit aerumnas leves. [\[3\]](#)

O terceiro pedaço você deve enterrar ao pé de uma samambaia, pedindo aos elementais da terra que transmutem aquela energia em coisas boas e belas, com a ajuda da Grande Divindade. Depois de enterrar o último pedaço, cante três vezes.

Iam tempus est me ipsum a me amari. [\[4\]](#)

Volte pra casa e não olhe para trás em nenhuma das vezes. Não passe por estes locais pelos próximos 21 dias. Você perceberá que todos os seus problemas encontrarão uma solução, mesmo que inesperada. Seu coração estará livre de emoções pesadas que dificultam suas decisões. Você terá mais condições de escolher os melhores caminhos. Esta é uma poderosa magia de limpeza e retira não só preocupações e afasta o desespero, mas retira qualquer coisa ruim, deste ou de outros mundos, que esteja atrapalhando você em sua jornada para o Alto.

Sobre como ficar invisível aos inimigos

Em minhas andanças, fiz muitos amigos. Infelizmente, também fiz muitos inimigos. Alguns deles eram bem divertidos de se irritar, mas outros eram também perigosos, especialmente em um mundo como esse, onde, se eu sumir, ninguém vai notar. Algumas pessoas podem pensar que não têm inimigos, mas elas estão enganadas. Todos tempos. Quem acha que não tem ou é muito arrogante e se acha uma pessoa boa (e Deus nos livre das pessoas que se acham boas, pois essas são as piores), ou é insignificante. O fato é que todos temos inimigos, mas nem sempre os vemos se aproximar.

Mas isso não é ruim! Tudo é uma questão de ponto de vista. Inimigos são como sacos de batata. São horríveis de carregar, mas deixam seu corpo mais resistente e forte. E você não precisa carregá-los para sempre. Uma hora, você come as batatas, ou simplesmente as larga por aí.

E aí está o ponto chave dos inimigos. Devemos saber até onde devemos alimentar essa inimizade. Algumas rivalidades me tornaram uma pessoa melhor. As razões não são lá muito nobres, pois muitas vezes, eu só me esmerei em conquistar algo para irritar alguém que queria a mesma coisa, ou insistia em dizer que eu não ia conseguir. Eis a rivalidade saudável! Na competição, eu me tornei melhor, e acho que meus inimigos também se tornaram melhores. Ainda nos detestamos, mas somos pessoas melhores em alguma coisa, só por causa das faíscas que surgiam quando nos encontrávamos (e das cadeiras que voavam...). Para afiar espadas é preciso provocar algum atrito e algumas fagulhas são inevitáveis.

O nome dele era Jean-Pierre. Um sujeitinho metido a besta que se achava bom demais para a ralé. Cismou de ser poeta. Um dia, nos encontramos num sarau e eu ri da poesia dele. Juro que foi sem querer! Mas o mal estava feito e ganhei um dos inimigos mais chatos e persistentes que já tive. Ele começou com implicâncias sobre meus modos. Eu joguei dúvidas sobre seu talento. Ele escreveu uma poesia me comparando a uma “égua que relinchava sempre que derrubava um cavaleiro”. Eu chutei suas partes baixas, e assim foi, até irmos ambos presos por brigar no meio da rua. Ele saiu logo porque era rico. Eu fiquei um pouco mais, mas não foi ruim. Fiz grandes amizades lá.

Hoje, eu me lembro com risadas de Jean-Pierre. Percebo que graças a ele eu melhorei meus modos, aprendi a me vestir e a falar melhor, e até me esmerei em melhorar na escrita, só para irritá-lo. Jean-Pierre também aprendeu uma ou duas coisas comigo, antes mesmo de nos casarmos, poucos meses depois numa cerimônia secreta (longa história, nem pergunte).

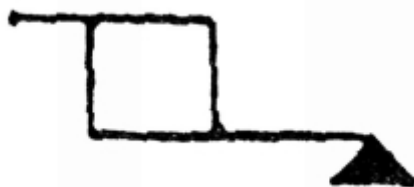
Por outro lado, tive inimigos muito mais sombrios, cujos olhos vasculhavam pontos fracos e cujas mãos só seguravam punhais que mirassem as costas. Desses inimigos não lembro com bons sentimentos.

Eu aconselho você a ter o número ideal de inimigos, pois eles, de sua forma estranha, o ajudarão a se tornar mais forte. Mas aconselho também a fugir sempre que puder dos inimigos que atacam pelas costas. Nada pior que um inimigo sem escrúpulos.

Por isso, deixo aqui um dos vários métodos de se tornar invisível aos olhos dos inimigos. Pratique e aplique sempre que achar necessário.

Invisibilidade

É um feitiço difícil, mas seus resultados são incríveis. Será preciso fazer um anel de ouro durante o Nono Domicílio da Lua. Engaste um topázio que tenha sido mergulhado na água de um riacho por sete vezes. Nele, grave a seguinte figura:



Consagre numa Lua Nova, fumigue com casca de laranja. Sempre que desejar, coloque o anel dentro da boca e diga sua palavra mágica, que é *Tonucho*.

Se você não tem ainda o anel mágico, faça essa magia de controle da aura, muito simples e, com o devido treinamento, extremamente eficaz.

Pegue uma pedra cor de espelho, conhecida como hematita. Numa noite de Lua Minguante, mostre a pedra para a Lua, dizendo:

Lua que no céu alta vai

Lua que surge quando a noite cai

Coloque nesta pedra o poder de desaparecer

Sempre que a palavra mágica prevalecer

Pelos magos, pelas bruxas

Determino agora,

A palavra deste encanto.

Nessa hora, você deve dizer a palavra chave, a palavra que vai acionar o encanto. Sempre que se sentir ameaçado e quiser desaparecer da vista de um inimigo, toque a pedra e diga a palavra.

Sobre os poderes das sílfides e como obter seus favores

Nos caminhos da magia, conhecemos seres de tantas formas e cores que faz nosso mundo parecer pobre e sem cor. Foi num dia de primavera que contatei as sílfides, elementais do Ar, pela primeira vez. No começo, assim como as fadas, eles não se deixam ver. Na magia, é preciso ver com outros olhos. Eu estava numa colina alta onde o verde se espalhava a perder de vista. O céu estava limpo e sem uma nuvem sequer. Entoei um cântico e uma forte ventania se fez presente. Fechei os olhos e pude ver – com os olhos da alma – que aqueles ventos eram seres translúcidos, de grandes olhos repuxados, orelhas pontudas e mãos muito longas. Seus lábios eram muito finos, assim como seus narizes. Todos tinham longos cabelos, mas podia-se perceber que alguns eram masculinos – os silfos – e outros eram femininos – as sílfides.

Eles me rodearam e eu não me assustei. Muito pelo contrário, fiquei feliz com a presença deles. Eles pareceram felizes com isso e, conforme continuei o cântico, eles brincavam com meus cabelos e minha saia.

Ter um bom relacionamento com os silfos é sempre bom. Eles podem ajudar você em muitas coisas, desde levar uma notícia para alguém, até espalhar uma notícia se você quer que todos saibam sobre algo. Eles também respondem através de nuvens e você pode controlar ventos e neblinas com as técnicas certas.

Eis aqui uma magia que aprendi com uma jovem bruxa que conheci nas terras baixas da Escócia.

Num lugar alto, onde você possa ver o céu, leve uma flauta ou uma gaita. Se souber tocar outro instrumento, como violino, pode usá-lo. Se lhe falta talento musical, procure aprender a cantar. Isso é o suficiente.

Você precisará também de pétalas de rosas de todas as cores e um pouco de incenso. Acenda o incenso e faça um círculo de pétalas, reservando algumas. Chame os silfos e peça-lhes que se apresentem à você, sob a proteção da Grande Divindade. Então, toque o instrumento ou cante sua canção. Você deverá sentir o vento e ouvir assobios é normal.

Quando terminar, agradeça-lhes a presença e peça-lhes o favor. Geralmente, eles são bons em levar recados, trazer pessoas, atrair a boa sorte e abrir caminhos, soprando para longe todo empecilho às suas conquistas. Como presente, jogue as pétalas para o alto, como simbolismo de todo o seu amor, que agora você oferta alegremente para eles. Sinta esse amor e você verá na chuva de pétalas uma chuva de cores.

Se sentirem sua sinceridade, os Senhores do Vento serão sempre seus amigos. Mas jamais use essa amizade para se exhibir para quem quer que seja. Este será o caminho mais rápido para perder seu apoio.

O homem que tudo sabia e nunca morria

Sobre os segredos da vida, da alquimia e da verdadeira transformação

Em 1760, eu estava de volta à Paris. As circunstâncias que me levaram lá não cabem aqui, pois são muito indiscretas e não vêm ao caso. O que eu encontrei em Paris é que é o tema deste relato. Eu estava então com uma amiga, uma outra bruxa que eu tinha salvado de uma situação muito complicada num afastado povoado da Irlanda. A fuga e a viagem foram, digamos, caros e minha amiga e eu chegamos à Paris sem um misero tostão. Na fuga, perdemos nossas roupas e joias que ficaram para trás, e a longa viagem nos fazia parecer pedintes. Tentamos melhorar nossa aparência passando morangos silvestres na boca e amoras nas bochechas, mas aí ficamos parecidas com prostitutas em fim de carreira.

Há um problema com o dinheiro. Quando você tem algum, sempre pode fazer mais, se utilizar de um pouco de inteligência e magia. Mas quando você não tem nenhum, tudo fica mais complicado. Estávamos famintas e não tínhamos onde dormir. Ficamos no tempo e no vento, e nos concentramos numa magia de pedido de socorro. Juntas, conversamos com o Vento e enviamos nossa mensagem, pedindo que o auxílio nos fosse enviado com urgência.

Fomos expulsas do nosso beco por um grupo de homens mau educados que queriam dinheiro e ficaram frustrados em não termos nenhum. Andando pela rua escura e fria, a fortuna finalmente nos encontrou. Uma rica carruagem ornada com ouro e madeira nobre nos atropelou. Eu não me feri, mas minha amiga torceu o tornozelo. Enquanto ela gritava e chorava fazendo um grande estardalhaço e eu já me virava para o céu negro para perguntar por que tinham nos abandonado, percebi que a carruagem havia parado. Sua porta se abriu e um homem de cabelos castanhos e finamente vestido saiu e correu ao nosso encontro. Perguntou se estávamos bem e quando ele se aproximou, percebi que não era um homem qualquer. Ele não parecia dali. Afinal, que tipo de nobre pararia por atropelar pobres? Atropelar pobres era quase uma competição na época.

O nobre cavalheiro deve ter se compadecido de Beatrice, a minha amiga que continuava a gritar e chorar como se o mundo tivesse caído sobre ela (e nós sabíamos que tinha sido apenas uma carruagem), pois ele mandou que a carruagem voltasse e colocou minha amiga lá dentro. Ele nos levou para sua casa, uma mansão belíssima, mas que ele disse ser alugada, pois estava sempre viajando.

Com uma compressa quente, logo o tornozelo de Beatrice estava bem. Um banho foi preparado para cada uma de nós e roupas finas nos foram dadas. Ele mandou que seus empregados servissem um belo jantar e nós, que há dias não víamos comida, não conseguimos controlar a educação e comemos como bichos. Apesar de tanto Beatrice e eu termos razões para desconfiar de pessoas

demasiadamente gentis, havia um grande bem estar ali e não sentimos nenhum tipo de perigo. Pelo contrário, parecia que estávamos na melhor das companhias. E estávamos.

Durante a noite, nós conversamos e bebemos vinho, rimos das desventuras e conhecemos um pouco mais sobre nosso anfitrião. Ele era um alquimista, mas não um soprador qualquer, um desses enganadores que fazem ouro às custas dos outros. Não, ele era verdadeiramente um alquimista. Aparentava ter uns 30 anos e era muito galante. Depois da segunda taça de vinho, Beatrice já estava totalmente apaixonada, mas não era surpresa. Além do Conde de Saint Germain, como disse se chamar, ser um homem belíssimo, Beatrice se apaixonava por qualquer poste na rua, aceso ou apagado.

No entanto, ele não fez nenhum movimento romântico na direção dela. Nem na minha. De fato, disse que adotara o comportamento celibatário há tempos, assim como um tipo de alimentação. Ele comia grãos e carnes de frango, apesar de sua mesa ter de tudo. Algo que percebi é que nós bebemos a noite inteira de um vinho que parecia veludo aos lábios. Éramos três, bebendo e comendo a noite toda. E só havia uma garrafa. Essa garrafa, de vidro escuro e uma rolha com inscrições, nunca esvaziava. De manhã, eu a peguei e ela ainda estava cheia!

Em dado ponto, quando falamos sobre nossa situação deprimente de novas pobres, ele riu alto, dizendo que isso não deveria ser problemas para duas bruxas. Ficamos surpresas, pois nesse ponto da conversa, ainda não tínhamos revelado quem éramos. Não de verdade. Mas ele já sabia. Considerando tudo o que tinha visto e ouvido até então, não pareceu anormal que ele soubesse mais do que disséssemos. Então, ele nos contou sobre a *prima materia*, “uma pedra que não era pedra” e que era capaz de transformar qualquer metal em ouro. Pegou então várias moedas e deixou sobre elas uns fragmentos escuros, como lima de ferro. E diante de nossos olhos as moedas emitiram um brilho, primeiro verde, depois dourado. Ele recolheu os fragmentos e nos deu as moedas. Tinham se transformado em ouro!

Como duas mortas de fome que vêem um prato de comida, Beatrice e eu demos outro vexame, ficando boquiabertas com o feito. Ele nos contou como, em 1749, o marechal de Belle-Isle o apresentou a Mme. Pompadour e Luís XV. Durante a conversa, que se encaminhou para as ciências e física, o monarca se ofereceu para comprar a receita do Elixir da Vida ou a Pedra Filosofal, garantindo uma casa e uma pensão.

- Mas com isso – disse o rei, - não quero dizer que acredite em vossas pretensões.

Com seu sorriso cordial de sempre, Saint Germain respondeu:

- Não preciso de uma casa, nem de uma pensão. Levo comigo os meios de que necessito: uma corte de serviçais e dinheiro para alugar uma casa.

E dizendo isso, o Conde tirou de sua bolsa um punhado de diamantes e entregou ao rei, dizendo:

- E, se compraz a Vossa Majestade, aceitai essas pedras como uma pobre oferenda.

O rei arregalou os olhos diante das pedras preciosas e em quantidade em suas mãos.

- Aqui, Majestade, há alguns diamantes que fui capaz de fabricar graças à minha Arte.

Neste ponto da conversa, o gentil conde nos mostrou sua coleção de pedras preciosas. E nós nunca tínhamos visto tantas cores brilhantes reunidas! Eram pedras enormes e perfeitamente lapidadas, lembrando os tesouro da Lâmpada de Aladim!

Vendo nosso espanto e encanto com as pedras, ele simplesmente pegou um punhado e encheu nossas mãos. Olhamos uma para a outra e imediatamente tentamos devolver. Já tinha sido muito que ele nos recebesse em sua casa com tanta gentileza. E achamos também que ele poderia estar sob efeito do vinho e não estar pensando direito. Como se lesse nosso pensamento, ele soltou uma gargalhada e devolveu as pedras, colocando mais um monte em nossas mãos.

- Vou lhes ensinar uma coisa – disse ele. – Algo que príncipes e reis buscaram a vida toda. O segredo da alquimia.

Ele nos levou ao seu laboratório, muito bem equipado e cheio de cristais de todo tipo.

- Vocês precisam ter a *prima materia*. Vocês a encontrarão no tempo certo. É um material ordinário que os adultos desprezam e com que as crianças brincam nas ruas, encontrado em qualquer lugar. Mas não é esse o segredo que vou lhes dar. O verdadeiro caminho para a alquimia é a mudança de dentro. De nada adiantará tentar transformar chumbo em ouro, se dentro de você, o ouro continua sendo chumbo. A mudança deve ocorrer primeiro aqui.

E ele apontou para nossos corações.

- E aqui.

E ele apontou para nossas cabeças.

Dito isso, ele contou como buscou ele mesmo a raiz de todas as coisas, a *essência*. E como estava enganado em tantas questões. E como descobriu a verdade sobre os mistérios da vida e da alquimia.

O dia raiou e nós dormimos. Quando acordamos, pudemos ver a beleza do lugar. Não quisemos ir embora sem nos despedirmos e esperamos nosso anfitrião,

discutindo as conversas que tivemos durante a noite. Quando ele chegou, pareceu feliz em nos ver e nos convidou para ficar mais. Nós, é claro, aceitamos. Durante a tarde, nós saímos e o vimos esbanjar graciosamente ouro e diamantes. Dava-os a quem lhe dava na telha, espalhando alegria e surpresa. Quando alguém o chamou de Marquês, ele reconheceu um velho amigo. Quando se despediu, ele nos contou que tinha muitos nomes. Além de Conde de Saint Germain, como era conhecido na França, era também o Marquês de Montferrat, o Conde Bellamarre ou Aymar em Veneza, Chevalier Schoning em Pisa, Chevalier Weldon em Milão e Leipzig, Conde Soltikiff em Gênova e Legohorn, Graf Tzarogy em Schwakback e Triesdorf. Também foi Prinz Racotsky em Dresden e, por vezes, o Conde Hompesh, o último Grão-Mestre dos Cavaleiros de Malta.

Nos dias que passamos em sua agradável companhia – além de contar casos com muito humor, ele também tocava muitos instrumentos e cantava muito bem – muita coisa aconteceu e muito nos foi dito. Mas somente o tempo nos ajudaria a entender o grande presente que foi conhecer o Conde e ouvir suas palavras. Depois disso, nós nos encontramos ainda uma outra vez e ainda ouvi falar muito do nosso amigo. Suas aventuras e histórias espirituosas alegraram muitas de nossas conversas em tabernas e salões. Dessas histórias e dos segredos da magia do Conde, falarei em outro momento, pois a Lua já vai alta e me chama para seus caminhos.

Transformação com a Chama Violeta

A verdadeira transformação começa de dentro pra fora. Um bom ritual que ele nos ensinou se utiliza de velas violetas para proporcionar uma mudança de situação. Geralmente, quando falhamos em um aspecto de nossas vidas, quando nos sentimos infelizes e frustrados, estamos precisamos mudar de sintonia. Por algum motivo, estamos sintonizados com o que não queremos ao invés de sintonizar com o que queremos. Quando realizamos um ritual, ajudamos a mudar o padrão e ficamos receptivos à ajuda do Universo e todos os seus habitantes invisíveis que arquitetam as coincidências e oportunidades de que precisamos.

Eis o que fazer para mudar uma situação, não importa qual seja (saúde, dinheiro, família, amor, etc...). Note que este não é um ritual para realizar desejos ou alcançar uma conquista, mas para estabelecer uma mudança duradoura na sua vida. É indicado para pessoas que repetem um padrão em determinados aspectos da vida, como a pessoa que está sempre se apaixonando pela criatura errada, ou a pessoa que está sempre endividada.

Numa Lua Nova, vá a um lugar tranquilo e acenda nove velas violetas em círculo. Fique dentro do círculo e feche os olhos. Chame Saint Germain e sua

Chama Violeta, pedindo que, por favor, ajude você a mudar. Numa folha de papel, escreva o que você não quer mais. Mostre o papel para o alto e diga alto:

– Com o poder da Chama Violeta, eu mudo esse padrão a partir de agora. Pelo Fogo Sagrado, eu realizo a sagrada alquimia da alma.

Queime o papel em uma das velas, até que ele vire cinzas. Espalhe as cinzas ao vento (deixe o papel queimar num pratinho que fica mais fácil). Em outro papel, escreva como você quer ser. Mostre este papel e diga:

- Com o poder da Chama Violeta, eu mudo para melhor a partir de agora. Pelo Fogo Sagrado, eu realizo a sagrada alquimia da alma. Obrigado, Saint Germain e todos os alquimistas, magos e bruxas aqui presentes! Eu conto com sua ajuda para ser a pessoa que a Divindade espera que eu seja!

Medita por quanto tempo desejar e depois pode ir embora. É normal ver luzes violetas e sentir uma grande paz e alegria, como num reencontro. Pessoas com vidência também podem ver Saint Germain ou algum de seus representantes. O papel com suas novas metas deve ser guardado debaixo de um vaso de violetas, que você deve cuidar sempre. Se a plantinha morrer, substitua. Ela apenas pegou uma carga muito forte no seu lugar. Lembre-se de que sempre há seres, deste e de outros planos, trabalhando contra a evolução e sempre vão tentar atrapalhar quem desejar crescer e mudar. Sempre que se sentir cansado, acenda uma vela violeta e peça a ajuda da egrégora de Saint Germain.

Sobre o como as palavras se elevam aos céus e descem ao submundo, chegando a todos os mundos inferiores e superiores

Por mais de uma vez ouvi falar das magias de velhas feiticeiras que moravam isoladas em bosques e montanhas. Seus filtros e beberagens eram famosos para curar todo tipo de mal, desde coração partido até sangramentos. Eu cheguei a conhecer duas dessas bruxas e foram experiências... peculiares...

Mas uma coisa que percebi é que elas não usavam tantos encantamentos quanto o povo das *Cidades Secretas*. Este povo, do qual já falei anteriormente, vivia em regiões isoladas, por vezes em montanhas cercadas por neblinas, ou em ilhas cercadas por brumas.

Uma dessas cidades era frequentemente visitada por um cigano, cujas histórias me encantaram em volta de uma fogueira. Este cigano dizia que seu avô, e depois seu pai, vendedores ambulantes, visitavam constantemente uma cidade de homens que podiam se transformar em lobos. A cidade, belíssima, podia ser facilmente confundida com uma próspera cidade francesa. Seu povo era próspero e sua sociedade era rígida e organizada. Nem todos eram ricos, mas todos tinham fartura à mesa, coisa, segundo ele, garantida pela amizade que esses homens-lobo fizeram com o Povo da Gente Antiga, ou Povo Encantado.

Assim, eles tinham conhecimentos de como chamá-los através de encantamentos e pediam favores, que eram pagos depois através de grandes festas ou banquetes. Por vezes, outro tipo de pagamento era feito, mas quando a amizade desses seres era conquistada, eles não exigiam grandes pagas, como fazem verdadeiros amigos. Muito dos conhecimentos da família cigana deste meu amigo vieram deste povo.

Foi então que eu percebi que quando há uma forte ligação com as forças com que você trabalha, a magia acontece simplesmente com palavras. Como o vento que venta lá, venta cá, o mesmo acontece com forças inimigas. Se você tem alguma dúvida, experimente xingar qualquer um na rua!

A partir daí, comecei a prestar atenção nos encantamentos que pessoas encantadas diziam, mas ninguém escutava. Ouvia com atenção... Muitas vezes, um “Que Deus lhe dê em dobro”, dito olhos nos olhos, por uma velha senhora que vivia a esmolar nas ruas sujas de Paris, fazia com que fatos impressionantes ocorressem. Algumas pessoas tinham uma sorte súbita e inesperada. Outras viam seu ouro escapar por entre os dedos durante um encontro igualmente súbito e inesperado com bandidos, pagando por sua sovinice.

Uma vez conheci um jovem que sempre mantinha a postura altiva de um nobre, embora os pais ricos não fossem muito generosos com ele, impedindo-o de esbanjar a fortuna da família. Quando os pais morreram, o jovem ficou rico e seu

comportamento mudou. De altivo, passou a arrogante e presunçoso. Destratava os que o tinham ajudado tantas vezes antes e o consideravam um amigo. Ele realmente achava que o dinheiro aumentava seu poder. Um dia, vendo essa velha senhora a esmolar na rua, deu-lhe rindo um saco que tilintava. Os olhos da senhora faminta brilharam e ela, sorrindo com seus dentes já enegrecidos, lhe disse agradecida:

- Que Deus lhe dê em dobro!

O jovem se afastou e a pobre mendiga, ao abrir o saco de moedas, deparou-se apenas com pregos e pedras. Ao ver seu espanto substituir seu sorriso, o jovem ria com um grupo de amigos bem vestidos numa esquina mais a frente.

Decepcionada, ela chorou. Foi a primeira vez que a vi chorar. Você deve estar se perguntando como pude acompanhar tudo isso de tão perto. Bom, vamos dizer que o aprendizado tem muitos cenários e eu estive, de muitas formas, em muitos deles...

Suas lágrimas caíram sobre o saquinho de coisas inúteis e ela sentou-se na sarjeta do beco escuro, embrulhando-se com seu xale carcomido pelo mesmo tempo que destruía seus dentes. Seria mais uma noite de fome e frio, mas não foi por isso que ela chorou. Também não foi pela decepção de não ter um prato quente e uma cama macia ao menos por uma noite, ou por não ter o que dividir com os amigos pobres das ruas naquela noite. Não, não foi por isso.

Eu me aproximei dela, pela primeira vez desde que eu mesma chegara ao beco, envolta em mantos escuros e rotos que podiam esconder meu rosto. Nessa época, minha amiga Beatrice já não estava comigo, e eu agradei por isso. Não queria que ela estivesse passando pelo mesmo que eu. Minha condição de feiticeira havia sido descoberta por um homem poderoso e muito persistente e eu admito que estava colhendo os frutos que plantara. Meu orgulho me fizera me expor e irritar um inquisidor. De repente, eu perdera minha casa, meus bens, minhas joias e não frequentava mais as altas rodas da sociedade. Ao contrário disso, me escondia com os ratos, bêbados e perdidos da noite em becos mal cheirosos. Foi uma época muito difícil, mas eu me lembrei de que, por vezes, a Divindade escolhe formas estranhas de lhe dar o que você precisa. E eu... Eu precisava exatamente daquilo.

Pois quando me aproximei da velha senhora, meu coração fervia de ódio pelo jovem que ria com os amigos. Lembrei-me de encantamentos que sabia de cor que amaldiçoariam aquele homem e todas as suas gerações futuras, que o fariam viver o inferno, e foi com esse espírito de vingança com que me aproximei dela para consolá-la e dizer-lhe que não se preocupasse, pois ele teria o que merecia.

Mas, quando me aproximei, ela me olhou com seus olhos acinzentados cheios de água. As lágrimas rolavam pelas faces cheias de linhas traçadas de um mapa de quem já viajara muito. E então ela disse:

- Sabe, menina? Não é por mim que choro...

Eu parei. De repente, algo tocou meu coração. Talvez tenha sido o jeito que ela me chamou. Fazia tempo que ninguém me tratava com carinho e, de repente, eu, que fui para consolar, me senti precisando do colo dela.

- Não, não é por mim... – continuou ela. – Choro por aquele jovem...

Nós o olhamos, afastando-se rindo e caminhando na direção da taverna mais próxima.

- Eu sou velha, tive meu tempo e o aproveitei... Não me arrependo de nada, porque tudo que fiz, fiz com o coração. Mas aquele jovem... Aquele jovem tem ainda uma vida toda pela frente e ela será cheia de arrependimentos e remorsos. Sabe, menina? Será uma vida muito triste... Porque ele colocou o valor no lugar errado e deu poder a uma coisa que não tinha nenhum...

Nesse ponto, eu já tinha me esquecido da minha vingança. Estava atordoada. As palavras e os sentimentos eram novos e ao mesmo tempo familiares. Eu ainda tinha algum dinheiro escondido nos meus trapos e disse:

- Tenho umas moedas. Quer jantar comigo?

Ela me sorriu. Eu olhava e via uma luz em volta dela que nunca tinha visto. Enxuguei suas lágrimas e ajudei-a a se levantar. Seguimos, de braços dados pelas ruas de Paris, até uma taverna. O dono nos olhou desconfiado e se preparava para nos expulsar, quando coloquei sobre a mesa uma moeda de ouro. Não se vê uma dessas por aí com facilidade...

- Traga tudo o que tiver. E eu quero tudo do bom e do melhor – disse eu, e aproximando-se e, deixando que ele visse meu rosto, que era muito mais bonito do que se podia esperar de uma mendiga, sussurrei: - E, acredite, eu sei a diferença...

Nós nos sentamos numa mesa de bar e conversamos. Ela me contou seu nome, Madame Bijou, e sua história. Comemos até nos fartarmos e rimos de nossos tropeços. Bebemos e ficamos até que fosse muito tarde e a Lua estivesse bem alta. Quando ficamos em silêncio por um momento, eu resolvi lhe contar meu segredo.

- Sou uma bruxa. Posso dar um jeito naquele homem, se a senhora desejar.

Ela não pareceu se espantar, e perguntou:

- Como assim, dar um jeito?

- Dar um jeito para que ele tenha o que merece.

Madame Bijou riu sonoramente e teve que tomar um gole de vinho pra desengasgar. Achei que ela já estivesse meio bêbada, pois eu mesma já não estava muito sóbria. Então ela disse:

- Minha menina, com o tanto que você andou, você ainda não aprendeu?

Olhei-a intrigada. O que me havia escapado?

- Todo mundo sempre tem o que merece. Exatamente isso – Ela fez um gesto com as mãos. – Nem mais, nem menos.

E então ela olhou pela janela, onde o jovem esbanjava dinheiro com as mulheres da noite e todos os seus amigos inúteis.

- Aquele jovem, porém, terá o dobro.

Muito tempo se passou até que eu retornasse à Paris. Não era seguro que eu ficasse lá, mas eu fiquei por causa de Madame Bijou. Não fiz nenhum feitiço para ganhar dinheiro, nem nenhum amuleto. Apenas fiquei e aproveitei a companhia. Quando Madame Bijou resolveu me deixar, como se soubesse que me prendia àquele lugar, eu, finalmente parti. Voltei anos depois e tanta coisa tinha se passado que pareciam décadas. Eu era outra pessoa. E parte disso era culpa de Madame Bijou.

Ao pisar naquelas ruas novamente, a voz dela me voltou como um eco.

“Dê valor ao que tem valor, minha menina. Se souber reconhecer isso, será uma pessoa sábia e os sábios são pessoas felizes, pois sempre fazem a melhor escolha.”

“Não dê poder a quem não o tem. Ninguém tem poder sobre você, a menos que você permita.”

“Podem quebrar seu corpo, tirar seu dinheiro, mas ninguém lhe tira o que você aprendeu. Aprenda sempre mais! Esse é o verdadeiro tesouro.”

“Não é preciso ter tudo. Só saber amar a si e aos outros.”

“Deus lhe dê em dobro”.

“Cuidado com o que você fala. As palavras têm mais poder do que patentes ou títulos de nobreza.”

“Não importa o que os outros pensem. Pense sempre o melhor.”

Tudo isso me voltava como uma velha canção cuja letra você já tinha esquecido, mas cuja melodia tocara sempre em seu coração. Esses ensinamentos vinham de uma velha pedinte que perambulava pelas ruas de Paris vivendo de restos. Talvez você pense que ela podia não ser o melhor exemplo de alguém de quem se receber conselhos. Mas eu lhe digo uma coisa. Ela não tinha mais do que

podia carregar. Mas estava sempre serena e sorrindo e estar em sua presença dava uma estranha sensação de...alegria. Madame Bijou era feliz. Realmente feliz. Conheci poucas pessoas felizes na minha vida. Conheci pessoas que se alternavam entre emoções, mas nenhuma se mantinha tão serenamente nesse estado de constante contentamento, como se estivesse de bem com o mundo, mesmo que o mundo não fosse de ouro.

Parei enquanto andava. Um burburinho se apresentava logo a frente, mas não foi por isso que eu parei. Parei porque me lembrei do meu encontro com o Conde de Saint Germain, anos antes. Lembro de suas palavras: “O verdadeiro caminho para a alquimia é a mudança de dentro. De nada adiantará tentar transformar chumbo em ouro, se dentro de você, o ouro continua sendo chumbo. A mudança deve ocorrer primeiro aqui”, disse ele, apontando para nossos corações.

O mundo não era de ouro. Madame Bijou era. E como o mundo reflete o que somos, sendo ela uma pessoa de ouro, o mundo em volta dela ganhou seu brilho dourado também. Sorri, pensando em como, mesmo depois de sua partida, ela ainda continuava a me ensinar. E então me lembrei de sua partida, e de suas últimas palavras:

- Menina, você é mais do que parece ser... Mas algumas pessoas não vão gostar disso. Tome cuidado. Não deixe de fazer o que tem que fazer, mas não confie em todos que você ajudar. A gratidão, infelizmente, não é uma lei inquebrantável... Obrigada... Foi bom estar com você. Aqueceu o coração dessa velha...

Ela tossiu e, num suspiro, se foi. Ninguém nunca tinha me agradecido pela companhia. Talvez eu nunca tenha aquecido o coração de ninguém. Ou talvez ninguém tenha percebido que eu o fizera ou, simplesmente, ninguém se lembrara de me dizer isso. A partir daí, agradeci a muitos que aqueceram meu coração. Começando com minha querida amiga, Madame Bijou, cujo rosto cobri com lágrimas quentes naquele amanhecer frio.

Passei um ano vivendo como pedinte, na miséria e humildemente vivendo da bondade alheia. Não permitia que vissem meu rosto ou meu corpo, curvando-me e encenando uma corcunda sob os panos, para evitar ideias impertinentes nos homens, antipatia das cortesãs e propostas que não me interessavam. Beatrice, que reencontrei pouco depois, me perguntou como pude suportar viver um ano daquele jeito, uma vez que tinha o conhecimento para adquirir riquezas quando quisesse. Eu pensei e respondi:

– Porque ela era minha amiga. E ela gostava dali. Era onde ela queria estar. E eu não a deixaria, porque um amigo verdadeiro é um tesouro muito raro. Só um

tolo abandona um tesouro assim.

O burburinho aumentou e eu vi que uma pequena multidão se aglutinava em torno de um homem. Percebi, com um frio na espinha, a presença da Inquisição. Alguém estava sendo punido em nome de Deus. De novo. Um homem nu cambaleava pelas ruas, ouvindo xingamentos e recebendo pedradas. Em volta de sua cintura, um instrumento que eu já vira antes. Era chamado pieti ou Cinturão de Santo Erasmo, um cinturão de metal apertado com pontas de ferro que entravam na carne da vítima ao menor movimento ou mesmo durante a respiração. Era apenas mais uma das mortes lentas e incrivelmente criativas da Inquisição. A pessoa não morria dos ferimentos. Ainda tinha tempo para a infecção, a putrefação e a gangrena. Algumas vezes, acreditando que não era o bastante, colocavam insetos ou vermes carnívoros nos ferimentos.

Sangue escorria por suas pernas e sangue pelo seu rosto. Marcas de chibata nas costas mostrava que o cinturão não tinha sido o começo. A multidão continuava os xingamentos de herege e dizendo-lhe que ele iria para o inferno.

– O que teria feito este homem?... – sussurrei eu.

Um velho vestido em trapos e já sem dentes respondeu:

– Muita gente inocente acaba assim por aqui... Mas este, por este ninguém vai chorar.

E tomou um gole da garrafa de rum que tinha nas mãos. Foi quando olhei melhor e percebi o rosto do homem em seu martírio. Estava mais velho, mais sofrido e tinha barba, e por isso não o reconheci de imediato. Mas aquele era o jovem que dera um saco de pregos e pedras à Madame Bijou. Neste momento, ele passou por mim e fui empurrada pela multidão, sendo obrigada a sair do caminho, assim como o velho sem dentes.

- Este aí, o diabo vai gostar de receber! – tornou o velho. – Nunca tratou ninguém com gentileza... Achou que seu dinheiro lhe permitia tudo. Olhe só onde o dinheiro o levou!

Não demorou muito para que eu juntasse os pontos. Pude ver cenas do que acontecera. Minha vidência ainda se apresentava em rápidas cenas, mas era o bastante para entender a história. Vi que ele magoara muita gente e afastara os amigos verdadeiros. Vi que adotara outros amigos que o invejavam e tramaram contra ele. Vi que fora acusado de herege, não por ser um bruxo, mas por ser judeu.

O homem agonizante, tropeçando e caindo, seguia por seu calvário de humilhação e sofrimento, percebendo-se finalmente sozinho e abandonado. Escolhera o dinheiro como amigo. Escolha errada.

– A Madame não teria um trocadinho para um velho cansado? – me perguntou o homem de ralos cabelos brancos e sujos ao meu lado.

Olhei a garrafa em sua mão e seu sorriso sem dentes. Claro que ele ia comprar bebida. Mas tinha sido uma boa companhia, afinal. Eu lhe sorri e lhe dei uma moeda de valor. Ele sorriu e seus olhos brilharam enquanto pegava a moeda com suas unhas escuras.

- Oh!... Obrigado, bela senhora! Deus lhe dê em dobro!

E se foi correndo para a taverna mais próxima, onde, para minha surpresa, eu o veria logo depois tomando uma bela tigela de sopa com pão. “As coisas nem sempre são o que parecem...”, pensei comigo. “Eis o perigo de julgar...”

– Pregos e pedras... – murmurei. – Que poder têm as palavras!...

Abri meu caderno onde anotava tudo o que aprendia e ele se abriu numa página onde uma flor seca dormia. E li alguns dos encantamentos que aprendi e que jamais deveria esquecer.

Um encantamento de Pedido à Vênus

Este é um encantamento para fazer um pedido que tenha a ver com os espíritos de Vênus, que rege a beleza, o amor, a amizade, a união, o amor próprio e o dinheiro. Mas não um dinheiro qualquer. Apenas o dinheiro que vai ser utilizado para você mesmo. Dinheiro que vai lhe dar prazer, ou embelezar, dinheiro que não será usado com outros. Basta que, numa sexta-feira, numa Lua Cheia, à hora de Vênus, olhe-se para a estrela mais brilhante ao lado da Lua e se recite esse poderoso encanto:

*Aeneadum genitrix, hominum divomque voluptas,
Alma Venus, coeli subter labentia signa
Quoe maré navigerum, quoe terras frugiferentes
Concelebras; per te quoniam genus omne animantum
Concipitur, visitque exortum lumina solis.*

Que quer dizer, literalmente:

“Mãe dos filhos de Enéias, entendimento entre homens e deuses,
Vênus benéfica, tu que sob os signos móveis do Zodíaco,
Animas o mar navegável e a terra frutificante,
Pois é através de ti que todo ser vivo é engendrado e recebe,
Ao nascer, as luzes do sol.”[5]

Os Encantamentos de Merseburg[6]

Encantamento 1: Libertação de prisioneiros

Utilizei este feitiço algumas vezes para escapar de prisões, com grande efeito. Mas descobri que ele serve muito bem para se libertar de qualquer tipo de prisão, como um vício, uma pessoa desagradável e dominadora, um senhor de terras cruel, medo ou qualquer coisa que faça a pessoa se sentir prisioneira. Deve ser recitado com concentração, vendo em sua mente grilhões se partirem e grades e paredes caírem.

*Eiris sazun idisi
sazun hera duoder.
suma hapt heptidun,
suma heri lezidun,
suma clubodun
umbi cuoniouuidi:
insprinc haptbandun,
inuar uigandun.*

Uma vez que as Idisi pousaram aqui,
resolveram aqui e lá.
Algumas prender grilhões,
Algumas obstruir os grupos na guerra,
Algumas afrouxar os vínculos
dos bravos:
Saltem por adiante dos grilhões,
escapem dos grilhões.

Encantamento 2: Cura do Cavalo

Este encantamento serve para curar qualquer tipo de animal e deve ser recitado com as mãos sobre o animal. Esfrega-se as mãos antes com um óleo sagrado até que elas esquentem, para fortalecer o feitiço.

*Phol ende uuodan
uuorun zi holza.
du uuart demo balderes uolon
sin uuoz birenkit.
thu biguol en sinthgunt,
sunna era suister;*

*thu biguol en friia,
uolla era suister;
thu biguol en uuodan,
so he uuola conda:
sose benrenki,
sose bluetrenki,
sose lidirenki:
ben zi bena,
bluot zi bluoda,
lid zi geliden,
sose gelimida sin.*

Sobre o mundo das fadas, seus favores e perigos

Certa vez, conheci um jovem artista em Paris. Ele pintava quadros e era como se tivessem vida própria. Todos os nobres queriam ter ser retratados por ele. Especialmente as mulheres...

Sim, o jovem era de uma beleza singular. Os cabelos eram castanhos e os olhos variavam entre o verde e o castanho, de acordo com a hora do dia. Tinha um ar meigo e maneiras finas e gentis. Não demorou muito para que eu ficasse interessada nele. Eu sabia que havia algo mais...

Nos aproximamos e ele era um amante das palavras, o que tornou tudo muito mais fácil. Conversávamos por horas a fio sobre poesia e os grandes escritores da época. Discutíamos, como todos os intelectuais da época, sobre qual a arte mais relevante, se a pintura ou a literatura.

Mas alguma coisa começou a acontecer com meu jovem amigo. Ele começou a faltar aos nossos encontros. Quando nos vimos novamente, percebi que ele estava mais abatido. Suas obras ainda tinham viço e brilho, mas ele estava cada vez mais enfraquecido.

Um dia, fiz um ritual e saí do meu corpo durante a noite. Segui meu amigo e finalmente descobri de onde ele tirava tanto talento. Ele, por sua beleza, era levado por fadas enquanto dormia. Enquanto seu corpo dormia, ele visitava os reinos desses belos elementais do ar. Por isso, tinha aquela beleza eternamente jovem e seus quadros pareciam brilhar com vida.

Mas algo aconteceu. Algumas fadas negras estavam levando meu jovem amigo para seus reinos, onde sugavam sua energia. Assim, a cada noite ele dormia mais e a cada manhã, acordava mais cansado.

Quando detectei o problema, avisei-o. Ele me chamou de louca, mas dois dias depois me procurou, pedindo ajuda. Consegui livrá-lo das fadas negras a tempo e ele pôde recuperar a saúde. Seus quadros variavam do medíocre ao brilhante, mas ele sabia que nem sempre deveria se deixar levar pelas fadas.

Artistas em geral atraem a atenção das fadas. Elas gostam de música, doces e beleza. Um simples ritual um bolo bonito já as deixa felizes. Elas dão inspiração e leveza no coração, aumentam a beleza e atraem amigos e amores. Mas as fadas mais sombrias são vampíricas e podem sugar a energia de alguém, durante o dia ou durante a noite, simplesmente por ciúme. Nesses casos, é preciso contatar os outros elementais do fogo, terra e água para que haja um equilíbrio e fadas boas afastem as fadas vampiras.

Um ritual para fazer um pedido para as fadas pode ser feito em um belo jardim. Basta se vestir com uma roupa colorida (não pode haver preto) e colocar

flores no cabelo. Entre as flores, a bruxa ou o bruxo deve dançar e cantar o seguinte encantamento da melhor maneira que puder:

*Fadas benfazejas, fadas da beleza,
Fadas da alegria, fadas da harmonia,
Fadas do amor, fadas da amizade,
Eu canto e lhes trago a felicidade!*

Depois de repetir várias vezes a canção, deve-se fechar os olhos e, ao abri-los, podemos ver pontos de luz por toda a parte. Por vezes, podemos ver as fadas fisicamente, mas elas só se mostram quando querem, como a maioria dos seres encantados. Com as fadas presentes, pode fazer seu pedido, que só pode ter a ver com boa sorte, amor, amizade, beleza, inspiração e alegria. De presente para elas, deixe um pedaço de bolo enfeitado com flores, no mesmo jardim.

Sobre como atrair a boa sorte e espantar a má

Todos temos dias de boa sorte. Também temos dias ruins. Faz parte do movimento da Roda da Fortuna que, movendo-se, mantém tudo em equilíbrio. Porém, há pessoas que amargam longos períodos de má sorte e isso é desesperador.

Uma das principais magias que devemos aprender é a que visa a amizade da Boa Sorte. Também podemos espantar a má sorte com simples feitiços.

Houve um dia em que tudo deu errado na minha vida. Não consigo imaginar um jeito daquele dia ter sido pior. Estava andando, cuidando da minha vida, quando, de repente, um raio acertou minha cabeça. Meu cabelo ficou em pé e eu caí no meio da rua, algumas pessoas correram para ver se eu estava viva. Para surpresa de todos, eu estava.

Infelizmente, neste momento, um bando de malfeitores estava assaltando uma casa bem na nossa frente. Os bandidos fugiram, mas me prenderam porque acharam que eu os tinha ajudado, sendo uma distração. Depois de duas horas tentando explicar que era impossível ter planejado um raio, resolveram me acusar de bruxaria e chamaram a Inquisição. Achei que ia ser o meu fim, mas felizmente, assim como a lua, a sorte muda o tempo todo.

Se você está tendo um mal dia, faça o seguinte: pegue um pouco de sal e jogue no chão em forma de uma estrela de cinco pontas. Então, suba em cima dele e faça uma oração. Então diga alto:

Ignis probat ferrum et tentatio hominem iustum.[\[7\]](#)

Compreenda que sua onda de azar foi simples aprendizado e que você não precisa mais passar por isso. Deixe seu azar para trás e saia da estrela, dizendo:

A minha sorte agora é boa e feliz, porque assim foi determinado.

Espalhe o sal do pentagrama com uma vassoura, varrendo sua má sorte para bem longe. A partir de agora, sua sorte será outra.

Sobre os estranhos casos de possessão e como curar doenças

Nos dias de hoje, em toda cidade que chego, há uma comoção em torno de alguma arte aprontada pelo diabo. Essa histeria me fez calar sobre minha verdadeira natureza, pois a última coisa que quero é ser levada à fogueira com um chapéu ridículo e crianças me jogando pedras e gritando “Bruxa!!!”.

De todos os casos que cheguei a acompanhar, o diabo de fato era inocente e só existia como conselheiro dos acusadores, geralmente pessoas mesquinhas e invejosas que ocultavam um desejo escuso. Porém, em outros casos, posso dizer que vi o diabo em pessoa.

Nesses casos, me espantou que a fúria demoníaca se abatesse sobre pessoas santas, de boa índole e até mesmo crianças. Um velho feiticeiro que conheci me disse que o diabo só tem permissão para entrar num corpo em dois casos: em pessoas que já fizeram um acordo com ele em vidas passadas ou em pessoas que se oferecem voluntariamente.

No primeiro caso, a pessoa faz um pacto, geralmente vendendo sua alma. A alma, no entanto, posto que é imortal, não pode ficar na posse das forças inferiores para sempre. Na verdade, se quem vendeu a alma muda de vida e se torna uma pessoa altruísta e verdadeiramente amorosa, sua alma não irá para o inferno. No entanto, quando ela volta em ciclos encarnatórios, o pacto, assim como todos os tratos espirituais que ela fez nas outras vidas, aparece na aura e é aí que espíritos trevosos podem encontrar sua porta para o corpo da pessoa.

O segundo caso acontece quando alguém que ama muito o possuído não suporta mais vê-lo sofrendo e pede que o diabo tome seu corpo, acreditando que poderá brigar com ele, mas é um engano. Essa permissão jamais pode ser dada!

Achei a explicação satisfatória, pois não conseguia compreender o critério do demônio, se é que era ele, para escolher suas vítimas, e porque forças do bem não impediriam. Quando a escolha é nossa, não há muito o que fazer.

Agora, o pior é quando a possessão se desenvolve como uma doença, levando a pessoa ao fim prematuro da vida, onde então sua alma é novamente arrastada pelos seus inimigos. Tanto em um caso quanto em outro, pode-se fazer um exorcismo e retirar o espírito, mandando-o para terras distantes e sombrias como sua essência.

Vi todo tipo de tentativa de exorcismo, tanto de bruxos e feiticeiros, quanto de padres e monges. Alguns apenas sacrificavam a pessoa que já sofria. Outros se mostravam mais eficazes...

Dos rituais que presenciei, um foi feito numa pessoa doente que ficou boa prontamente. A família não tinha mais esperanças, pois a moça em questão não

comia nada há três dias. Participei do ritual com este amigo feiticeiro, um senhor com mais anos do que eu consigo contar.

Seu feitiço foi muito simples até, mas funcionou. Ele pegou uma garrafa e queimou dentro um pouco de alecrim seco, um pergaminho com uma oração poderosa em latim e três gotas de água benta. A garrafa se encheu de fumaça e ele a tampou, enquanto pedia aos quatro elementos que o ajudassem nesse ritual. A garrafa foi então embrulhada num pano preto e ele seguiu para a casa da jovem possuída, onde os familiares já se preparavam para o pior, pois a moça estava na cama sem se mover, olhos fixos no nada, há dias, como já disse.

Quando ele chegou, cercou o aposento com sal e, dentro do círculo, ficou apenas ele, a moça e eu. Então ele disse:

- Pelo poder de Deus, eu chamo os ventos, as ondas, as rochas e as chamas! E pelo poder do mar, do ar, da montanha e do fogo, eu te ordeno que saia, criatura do submundo!

A moça então se contorceu e começou a xingar o velho homem. No começo, eu estava curiosa. Nesse momento, porém, eu fiquei com medo. A voz não era dela, e não era apenas uma. Nunca havia visto nada igual. Ao ver que as criaturas se manifestavam, o mago retirou a rolha e fez a moça cheirar a fumaça.

Eu tive que segurá-la, pois ela adquiriu subitamente uma força sobre-humana. Então o mago disse em tom de ordem:

- Gênios do Mal, eu vos ordeno que entrem agora nessa garrafa, onde ficareis até que eu queira libertá-los! AGLA AGLAIA ON TETAGRAMMATON! ADONAY TETAGRAMMATON!

E eu pude ver uma neblina escura sair da boca da moça e ser puxada para dentro da garrafa. O mago rapidamente tampou a garrafa, em cuja rolha havia um símbolo desenhado. O símbolo, disse-me ele mais tarde, era a Estrela Setenária, muito poderosa para proteção, selamentos e outros fins mágicos. Se não fosse possível usar a Estrela Setenária, ele disse que usasse o pentagrama, igualmente poderoso. Dentro da rolha deve ter um alfinete virgem de aço.

A moça imediatamente começou a falar normalmente, embora enfraquecida pelo longo tempo sob o julgo do mal, e pediu comida e água, pois estava com muita fome. Ela se recuperou em alguns dias e todos disseram que tinha sido um milagre. O velho feiticeiro deixou a cidade logo depois, pois havia muitas suspeitas em cima de quem lidava com as artes ocultas. Quanto à garrafa, o feiticeiro disse ser cruel manter os espíritos presos eternamente, pois o tempo passa lentamente

quando se está preso, seja neste mundo ou em outro. Ele disse que há locais que são portais naturais e nestes lugares deve-se traçar um círculo e, dentro do círculo, um triângulo a alguns metros do mago. Invoca-se os guerreiros espirituais e a guarda élfica e pede-se que guiem esses espíritos ao local de aprendizado, se for da vontade deles. Se não for, que os guiem para as profundezas, de onde não poderão sair. Depois de acender uma vela branca em cada ponta do triângulo, quebra-se a garrafa dentro dele.

Eu era muito jovem e não sabia fazer esse ritual ainda, e ele me tranquilizou, dando-me outra possibilidade. Bastava que eu fosse embora com a garrafa e cruzasse sete rios ou riachos, deixando-o depois no sétimo córrego, pedindo para as ondinas que levassem os espíritos para um lugar de luz e aprendizado quando estivessem prontos. A garrafa só se partirá quando os espíritos ali dentro aceitarem a ajuda espiritual que lhes é oferecida. Mesmo que mudem de ideia, estarão perdidos e desorientados e não encontrarão o caminho de volta para sua vítima ou para o mago.

Da importância da Sabedoria para se ter tudo que se deseja

Houve um tempo em que eu só pensava em dinheiro. Não me julgue! Ter dinheiro parecia, a primeira vista, resolver todos os meus problemas. E os problemas de todos que eu conhecia! Mas percebi que não era o dinheiro que resolveria tudo. Na verdade, aprendi que era a sabedoria.

O mais interessante é que eu nunca me importei em pedir ou conquistar a sabedoria. Parecia algo bonito em sábios e mestres. Eu não era nenhum dos dois. Então, para que buscar sabedoria?

Pois saiba e aprenda com quem já andou mais do que você e tropeçou nos mesmos buracos, só que antes. A sabedoria é o cerne de toda a felicidade. Ela lhe traz dinheiro, saúde, simpatia dos poderosos, bom humor e descobertas fantásticas. Com ela, seu coração é tranquilo e você não vive à mercê das mudanças do mundo para se sentir feliz ou infeliz.

Mas a sabedoria não é encontrada em qualquer esquina. Ela precisa ser conquistada com tempo e dedicação. Não há outra forma de conseguir a sabedoria além de buscar o conhecimento e manter a mente e o coração abertos. A sabedoria é o equilíbrio entre o conhecimento adquirido e a voz da Divindade dentro de você.

Poucos buscam a sabedoria, mas se você quiser esse tesouro que lhe abrirá todas as portas, pode começar com esta magia muito simples: numa quarta-feira pela manhã, pegue um copo com água e deixe-o ao sol durante a primeira hora do nascer do dia. Então, peça aos espíritos de Mercúrio que ajudem você a conquistar o conhecimento e a sabedoria necessários para seu crescimento. Beba essa água e pode começar a ler.

Os livros certos virão às suas mãos, surgirão diante de você e você deve fazer tudo para adquiri-los. As lições lhe serão ensinadas através de situações triviais, então você deve ficar atento. Quando ler certos livros, será acometido certamente por um sono terrível. Isso quer dizer que você está sendo chamado em planos superiores para que um Mestre lhe ensine sobre aquele tema. Durma e quando acordar e voltar a ler o livro, perceberá que será como se estivesse se lembrando de algo que já leu antes.

Sobre como mudar e se transformar em outra pessoa

Por vezes, precisamos mudar. O mundo nos prega peças. Tentamos ser o que os outros esperam e acabamos esquecendo quem somos de verdade. É preciso ter cuidado... Nós nos perdemos com muita facilidade...

Tenho visto muitas damas fingindo felicidade em seus casamentos, muitos homens fingindo que gostam de mulheres, quando na verdade vivem ambos uma triste ilusão. Algumas pessoas, se apegam aos seus títulos de nobreza e insistem em viver o papel que lhes deram, sem perceber que desejam outra coisa. Quando se percebem infelizes, já é tarde demais.

Há um simples ritual para mudar para melhor. A cada dia, decida fazer algo de que gosta e aprender uma coisa nova. Então, pense na pessoa que você quer ser e sinta-se mais perto disso, pois você deu mais um passo. Então diga:

Eadem mutata resurgo. [\[8\]](#)

Essa frase é como uma chave que indica que você está mudando, um passo por vez, procurando se livrar de seus preconceitos e limitações e alcançar as frutas mais altas das árvores.

A Autora:

Eddie Van Feu já nasceu com uma espada na mão, pronta pra lutar por um espaço no concorrido mundo dos livros. Jornalista formada e escritora atuante no mercado editorial há mais de quinze anos, alçou vôo com revistas de Anjos, nos idos de 96. Mas foi com a *Série Wicca*, todo mês nas bancas há dez anos e com mais de um milhão de exemplares vendidos no Brasil e em Portugal, que conquistou seu espaço aéreo. Dentre mais de 150 títulos publicados, a autora também publicou romances, como *O Portal*, *Alcateia – Prateada* e *Alcateia – Lua Carmesim*. Escritora compulsiva, ela também está sempre fazendo artigos e matérias para revistas diversas, além de participar de programas de TV e rádio eventualmente.

Apesar de já contar histórias há muitos anos, foi com *Lua das Fadas* que seus livros de ficção ganharam notoriedade do público e da blogosfera, onde pipocou em dezenas de blogs literários com críticas super positivas, criando até campanhas para que ele vire filme. Eddie já pensa em pegar um ônibus pra “hóliwudi” com o projeto embaixo do braço pra vendê-lo na rodoviária de Los Angeles, junto com algumas cocadas e balas de tamarindo. *O Trono Sem Rei*, continuação de *Lua das Fadas*, também segue o mesmo caminho, despertando a paixão de fãs por todo o Brasil.

Eddie voa por todo o Brasil ministrando aulas e workshops de roteiro e magia, sempre transportando suas experiências e divertida visão do mundo para seus livros e revistas. Criadora da Cadeira de Mangá da Oficina de Desenho Daniel Azulay, criou um curso de quadrinhos para crianças e adolescentes. A apostila do curso foi idealizada por ela.

Eddie está viajando ensinando técnicas de narrativa, dando aulas de magia ou levando pessoas para conhecer o mundo celta em viagens para a Irlanda e Inglaterra, de onde tirou muitas inspirações para seus livros.

Fale com a autora:

E-mail: eddie@eddievanfeu.com

Facebook: www.facebook.com/eddievanfeuoficialu

Twitter: [@eddievanfeu](https://twitter.com/eddievanfeu)

Sites: www.omundodeeddie.com, www.alcateia.com e www.eddievanfeu.com

A Ilustradora:

Alguns acreditam que Carolina Mylius seja uma elfa ou uma fada, mas até o momento, ninguém conseguiu provar nada. Apaixonada por ilustrações com temáticas de fantasia desde criança, ela hoje transformou o sonho em realidade, levando a fantasia para o mundo real através de suas ilustrações inspiradoras.

Formada em Design Gráfico pela Uniritter de Porto Alegre em 2008, começou a trabalhar com ilustrações e coloração digital em 2001, onde prestou serviço para várias agências e editoras nacionais e internacionais. Nessa época, foi responsável pela coloração das capas das versões brasileiras dos mangás Samurai X, Shaman King, Battle Angel Alita, entre outros.

Em 2006, teve a chance de se unir ao time de artistas na desenvolvedora de jogos Southlogic Studios, onde aprendeu muito do que sabe hoje sobre arte conceitual e teve a oportunidade de realizar inúmeros trabalhos de arte conceitual, modelagem 3D e desenvolvimento de mapas de textura para modelos 3D. Três anos depois, uniu-se ao time de artistas dos Estúdios da Ubisoft Brasil, onde foi responsável por boa parte da produção artística dos dois jogos produzidos para Nintendo DS e também pelo conceito e desenvolvimento de *assets* do jogo online “GoneAmazon”, para a rede social *Facebook*.

Atualmente, ela se aventura realizando um velho desejo como artista profissional, trabalhando como designer gráfica e ilustradora *freelancer* para editoras e agências de publicidade. Para entrar em contato e saber um pouco mais sobre o trabalho da moça, é só escrever:

carolmylius@gmail.com.

Ou visitar o site: www.carolmylius.com



[1] [Vulgata, Provérbios 25.18]. *O homem que diz um falso testemunho contra o seu próximo é um dardo, e uma espada, e uma flecha penetrante.*

[2] [Vulgata, Cântico 2.11]. Já passou o inverno, já se foram e cessaram de todo as chuvas.

[3] [Sêneca, Thyestes 304]. O tempo já lhe suavizou os sofrimentos.

[4] [Cícero, Ad Atticum 4.5]. *Já é tempo de eu mesmo ser amado por mim.*

[5] Lucrécia, *De natura rerum*.

[6] (Os Encantamentos de Merseburg, em alemão, *die Merseburger Zaubersprüche*) recebeu este nome por ter sido encontrado em um manuscrito guardado na biblioteca da catedral de Merseburg. São dois encantamentos medievais ou feitiços escritos em alemão na sua forma arcaica. Até o momento, estes são os únicos exemplos conhecidos das crenças germânicas pagãs preservados nesta língua. Em 1841, Georg Waitz os descobriu em um manuscrito teológico de Fulda, escrito no século IX ou X (ainda se discute sobre a data dos encantamentos).

[7] [Tomás de Kempis, De Imitatione Christi 1.13.18]. O fogo prova o ferro, e a tentação prova o justo.

[8] Do latim: “Embora mudado, ressurjo [o mesmo]”

Table of Contents

Agradecimentos:

Prefácio

Capítulo 1

Numa noite de Lua Cheia

Capítulo 2

Sapatos velhos para pés cansados

Capítulo 3

Um homem perigoso

Capítulo 4

A Moeda de Ouro

Capítulo 5

O Dia Seguinte

Capítulo 6

Umas simples garrafas de vinho

Capítulo 7

A Flor e o Desespero

Capítulo 8

A Fuga

Capítulo 9

Caça e Caçador

Capítulo 10

Caçadores

Capítulo 11

A Transformação

Capítulo 12

Mudanças no Inverno

Capítulo 13

A Festa das Fadas

Capítulo 14

Uma esperança na Alvorada

Capítulo 15

Lágrimas e Sangue

Capítulo 16

Um sábio conselho

Capítulo 17

Por ela

Capítulo 18

Um Baile numa Noite de Verão

Do Livro Queimado da Bruxa de Gévaudan

Sobre a Iniciação das feiticeiras dos bosques

Sobre os povos encantados e suas cidades secretas

Sobre a Guerra dos Seres Encantados

Sobre como fazer a verdade aparecer

Sobre métodos de induzir alguém a fazer o que queremos

Sobre como ganhar a simpatia de pessoas importantes

Sobre a maior força da magia e do Universo

A Magia para acalmar o coração e afastar o desespero

Sobre como ficar invisível aos inimigos

Sobre os poderes das sílfides e como obter seus favores

O homem que tudo sabia e nunca morria

Sobre os segredos da vida, da alquimia e da verdadeira transformação

Sobre o como as palavras se elevam aos céus e descem ao submundo, chegando a todos os mundos inferiores e superiores

Sobre o mundo das fadas, seus favores e perigos

Sobre como atrair a boa sorte e espantar a má

Sobre os estranhos casos de possessão e como curar doenças

Da importância da Sabedoria para se ter tudo que se deseja

Sobre como mudar e se transformar em outra pessoa

A Autora:

A Ilustradora: